

An anatomical illustration of a human face, split vertically. The left side shows the skin and underlying muscles in a realistic, slightly desaturated color palette. The right side shows the same face with the skin removed, revealing the intricate network of red and pink muscles. The eyes are a striking blue. The overall background is a light, pale blue.

O Segredo dos corpos
Dr. Vincent Di Maio & Ron Franscell

DARKSIDE



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

**"Quando o mundo estiver
unido na busca do**

**conhecimento, e não mais
lutando por dinheiro e poder,
então nossa sociedade
poderá enfim evoluir a um
novo nível."**



Sumário

Dedicação

Epígrafes

Prefácio: É tudo sobre o quebra-cabeça

1. Uma morte em preto e branco

2. A Incisão do “Porquê”

3. Um Berçário Vazio

4. Bombardeado além do reconhecimento

5. Desenterrando Lee Harvey Oswald

6. Monstros entre nós

7. Segredos e quebra-cabeças

8. Morte, Justiça e Celebridade

9. Os Fantasmas de West Memphis

10. A curiosa morte de Vincent van Gogh

Epílogo: No Fim das Coisas

Agradecimentos

Notas

Fotografias

Também por Ron Franscell

sobre os autores

*Para Dominick J. Di Maio, MD, e Violet Di Maio
Meu pai e minha mãe*

A morte não é um evento individual, mas social. Quando, com um suspiro quase imperceptível, o último suspiro de ar é exalado, o sangue para de pulsar pelas artérias e veias e os neurônios param de ativar o cérebro, a vida de um organismo humano terminou. A morte não é oficial, no entanto, até que a comunidade perceba.

—STEFAN TIMMERMANS

Postmortem: como os médicos legistas explicam as mortes suspeitas

A vida de todo homem termina da mesma maneira. São apenas os detalhes de como ele viveu e como ele morreu que distinguem um homem do outro.

—ERNEST HEMINGWAY

< PREFÁCIO >

É tudo sobre o quebra-cabeça

Por Dr. Jan Garavaglia

As pessoas são fascinadas pela patologia forense. Sim, alguns estão principalmente interessados nos detalhes forenses, mas são as histórias de como e por que os mortos acabaram no necrotério que mais intrigam.

Programas de TV, filmes e romances com representações fictícias de patologistas forenses são fenomenalmente populares, não porque sejam precisos sobre a arte e a ciência da patologia forense, mas porque montam um quebra-cabeça. Mas todos os dias, os patologistas forenses da vida real abrem a cortina para iluminar a verdade sobre o que realmente aconteceu e também explorar os verdadeiros dramas ocultos da condição humana.

Muitos pensam que o tempo do patologista forense é gasto em assassinatos e crimes, mas, na verdade, os assassinatos ocupam menos de 20% do número de casos de um médico legista. Nós nos preocupamos tanto com o mistério de um cadáver não identificado em decomposição encontrado em um lago quanto com o motivo pelo qual uma criança morreu subitamente nos braços de sua mãe. Nossas autópsias e investigações de cena podem ter implicações de saúde ou segurança pública, como identificar uma epidemia emergente de drogas ou doenças. Podemos determinar que uma mulher morreu prematuramente de uma anormalidade genética, o que pode ter profundas implicações para as futuras gerações de uma família. Identificamos cientificamente os queimados, feridos e decompostos além do reconhecimento, se não por outro motivo senão dar dignidade aos mortos.

Depois vem o assassinato. Determinamos se uma morte foi causada pelas ações de outro humano, o que tem enormes implicações se você for um suspeito. Mesmo quando a causa da morte é óbvia, o corpo é meticulosamente examinado em busca de vestígios, ferimentos sutis, ângulos e trajetória das feridas, até mesmo doenças naturais... qualquer coisa que possa esclarecer o que aconteceu.

Infelizmente, apesar da necessidade crucial de mais patologistas forenses, continua a ser a especialidade médica com menos médicos novos. Isso é em parte os negativos percebidos do trabalho. Diariamente, lidamos com ferimentos horríveis, carne em decomposição, cheiros horríveis, violência horrível, fezes e conteúdo gástrico que devem ser meticulosamente examinados (ou pelo menos manuseados). Então devemos confrontar famílias enlutadas e (ocasionalmente) advogados detestáveis.

Apesar desses aborrecimentos, aqueles de nós no campo consideram isso um chamado. Adoramos o desafio de montar os quebra-cabeças para encontrar a verdade. Não podemos nos imaginar fazendo outra coisa.

Isso descreve o Dr. Vincent Di Maio, meu mentor e amigo. Trabalhei com ele por dez anos em San Antonio e nunca me cansei de sua percepção aguçada, sua riqueza de conhecimento e sua coleção aparentemente ilimitada de grandes histórias. Agora, neste livro fascinante e bem escrito, leitores e aficionados forenses também têm o privilégio de ouvir um dos mais respeitados patologistas forenses da América compartilhar alguns de seus casos forenses mais intrigantes e provocativos de uma longa carreira. E você verá que não se trata apenas da perícia. É sobre os quebra-cabeças também.

—Dr. Jan Garavaglia

Dr. Jan Garavaglia – mais conhecido como o “Dr. G”—é o médico legista chefe de Orlando, Flórida, e seus condados vizinhos. Graduada pela Escola de Medicina da Universidade de St. Louis, ela completou sua bolsa em patologia forense no Gabinete do Examinador Médico do Condado de Dade em Miami, e mais tarde trabalhou para o Dr. Vincent Di Maio no Gabinete do Examinador Médico do Condado de Bexar em San Antonio, Texas .

Seu programa de TV a cabo de sucesso, Dr. G: Medical Examiner, é transmitido em todo o mundo e fez dela uma das faces mais reconhecidas da medicina forense. Ela apareceu em CNN, The Oprah Winfrey Show, The Rachael Ray Show, The Doctors e Dr. Oz Show . Ela também testemunhou em alguns casos criminais altamente carregados, como o julgamento de assassinato de Casey Anthony em 2011, e escreveu um livro, How Not to Die (2008, Crown).

Uma morte em preto e branco

Não sei o que há no coração humano.

Eu vi mais do que minha cota de corações, segurei-os em minhas mãos. Alguns eram jovens e fortes; alguns estavam desgastados, surrados, sufocados. Muitos tinham vazado uma vida inteira através de pequenos buracos feitos por balas ou facas. Alguns foram detidos por veneno ou medo. Alguns haviam explodido em mil pedacinhos ou foram despedaçados em algum trauma grotesco. Todos eles estavam mortos.

Mas eu nunca soube realmente o que estava dentro desses corações, e nunca saberei. No momento em que os vejo, quaisquer sonhos, esperanças, medos, fantasmas ou deuses, vergonha, arrependimentos, raiva e amor que possam ter contido já se foram. A vida — a alma — se esvaiu.

O que resta são apenas provas. É aí que eu costumo entrar.

SANFORD, FLÓRIDA. DOMINGO, 26 DE FEVEREIRO DE 2012.

Tracy Martin discou o número do celular de seu filho adolescente e foi direto para a caixa postal.

Era tarde, bem depois das dez, em uma noite escura e úmida de domingo. Tracy e sua namorada Brandy Green ficaram fora a maior parte do fim de semana, deixando Trayvon, de dezessete anos, e o filho de catorze de Brandy, Chad, sozinhos em sua casa no Retreat at Twin Lakes, um bairro fechado no relativamente tranquilo subúrbio de Orlando, de Sanford, Flórida. Tracy e Brandy estavam namorando há dois anos, e não era incomum Tracy e Trayvon virem de carro de Miami, quatro horas em cada sentido, para passar a noite ou um fim de semana.

Não era apenas o romance. Tracy queria desesperadamente que Trayvon ficasse esperto, para fugir da vida de bandido em Miami, e aquelas longas viagens eram sua chance de colocar algum sentido no garoto.

Trayvon não parecia estar ouvindo. De certa forma, ele era um adolescente típico, obcecado por garotas, videogames, esportes e batidas de rap em seus fones de ouvido. Ele adorava Chuck E. Cheese e assistir seriados de TV. Algum dia, ele pensou que gostaria de voar ou consertar aviões. A família também era importante, embora alguns de seus parentes fossem ovelhas negras. Ele costumava alimentar seu tio tetraplégico à mão, assava biscoitos com seus primos mais novos e começou a usar um botão em homenagem a outro primo que morreu misteriosamente após uma prisão por drogas em 2008.

Mas Trayvon não era um escoteiro. Com quase um metro e oitenta de altura, ele podia ser intimidador, e ele sabia disso. Ele flertou com a vida de bandido, fumando maconha e bancando o durão no Facebook. No ano passado, sua escola de Miami o suspendeu três vezes, por atraso, marcação e por ter um saco de maconha na mochila. Tracy, um motorista de caminhão divorciado da mãe de Trayvon desde 1999, começou a atormentar o menino sobre seus amigos, seu comportamento e suas notas.

Ele discou o número de Trayvon novamente, e novamente foi direto para a caixa postal. O filho de Brandy, Chad, disse a eles que Trayvon havia saído por volta das seis da tarde para caminhar até uma loja de conveniência a menos de um quilômetro e meio de distância. Eles pensaram que poderiam assistir ao jogo All-Star da NBA na TV às sete e meia. Antes de sair, ele perguntou a Chad se havia alguma coisa que ele queria. “Skittles,” Chad disse enquanto voltava para seus videogames. Trayvon vestiu seu moletom e saiu. Ele nunca mais voltou.

Talvez o garoto tivesse ido ao cinema com um primo por perto, pensou o pai, ou talvez tenha sido desviado por uma garota ao longo do caminho. Ele fazia coisas assim.

Tracy ligou para o primo, mas não obteve resposta, então ele deu de ombros e foi para a cama. Trayvon ainda estava encontrando seu caminho e se distraiu facilmente. Ele estava sempre testando seus limites, e às vezes ele ia longe demais. Ele tinha acabado de fazer dezessete anos, pelo amor de Deus. Ele apareceria.

Na manhã seguinte, Tracy acordou cedo e discou novamente o número de Trayvon. O telefone ainda estava desligado, ainda jogando-o diretamente no correio de voz. Ele ligou para o primo várias vezes até que ele finalmente atendeu, mas ele não tinha visto Trayvon.

Tracy começou a se preocupar. Por volta das oito e meia, ele ligou para o despachante do xerife para relatar o desaparecimento de seu filho. Ele descreveu Trayvon: dezessete anos, vestindo um moletom cinza com capuz, tênis vermelho-claro e provavelmente calças. Ele disse a ela que ele e Trayvon eram de Miami, mas estavam hospedados na casa de sua namorada em Sanford. Em poucos minutos, outro despachante ligou de volta com perguntas mais específicas, e ela lhe disse que os policiais estavam a caminho da casa. Ele sentiu algum alívio que logo teria alguma ajuda para encontrar Trayvon.

Três carros de polícia pararam do lado de fora. Um detetive sombrio se apresentou e pediu a Tracy uma foto recente de seu filho. Tracy folheou o rolo da câmera em seu telefone e encontrou um.

O detetive rangeu os dentes. Ele disse a Tracy que tinha uma foto para mostrar a ele e queria saber se era Trayvon. De um envelope pardo, ele tirou uma imagem colorida de um jovem negro. Ele estava morto.

Era Trayvon.

Naquele momento, o filho de Tracy estava deitado em uma bandeja no necrotério, pálido e frio, com um tiro no peito.

Aquele instante turvou para Tracy Martin. E seu choque repentino logo evoluiria para um longo e doloroso momento de profunda ansiedade em toda a América.

* * *

A chuva caiu sombria e persistente quando Trayvon deixou a casa. Era uma daquelas noites ambivalentes de fevereiro na Flórida, nem muito frias nem muito quentes, pairando em meados dos anos cinqüenta. Ele puxou o capuz e atravessou o Retiro, passando pelo portão da frente, até a loja de conveniência 7-Eleven na Rinehart Road, a quase um quilômetro e meio de distância.

Dentro da loja, Martin pegou uma lata alta de AriZona Watermelon Fruit Juice Cocktail do refrigerador e um pequeno pacote de Skittles de algumas prateleiras perto da caixa registradora. Ele remexeu nos bolsos de sua calça marrom e colocou alguns dólares e algumas moedas no balcão para pagar os lanches, então saiu. Uma câmera de vigilância da loja o viu sair às 18h24. No caminho de volta para a casa, a chuva aumentou. Trayvon se abrigou sob um toldo sobre as caixas de correio da comunidade e ligou para Chad na casa da cidade para dizer que estava a caminho de casa. Ele também ligou para sua amiga DeeDee, uma garota que ele conheceu em Miami, e com quem ele conversava e mandava mensagens sem parar. Na verdade, eles já haviam passado cerca de seis horas no telefone naquele dia. Desta vez eles conversaram por cerca de dezoito minutos, mas ele ficou sério no final da ligação.

Um cara, “um louco assustador” em um caminhão prateado descolado, estava olhando para ele, Trayvon disse a DeeDee. Ele parecia assustado. Ele pensou em correr pelos fundos da pequena área de caixa de correio e perder o cara branco no labirinto de casas geminadas, mas DeeDee disse a ele para correr de volta para casa o mais rápido que pudesse.

Não, ele não iria correr, ele disse. A casa não estava longe. Ele puxou seu moletom e começou a passar direto pela caminhonete, olhando para o cara enquanto ele continuava andando.

Mas enquanto eles continuavam a falar ao telefone, Trayvon começou a correr. DeeDee podia ouvir sua respiração pesada e o vento soprando

através do minúsculo microfone de seus fones de ouvido.

Depois de menos de um minuto de corrida, ele disse a DeeDee que tinha perdido o cara, e ele diminuiu a marcha novamente. DeeDee pensou ter ouvido medo na voz dele, e também estava com medo por ele. Ela disse a ele para continuar correndo.

Mas o cara branco apareceu de novo, persistente. DeeDee implorou para Trayvon correr, mas ele ainda estava respirando com dificuldade e não conseguia. Depois de alguns segundos, ele disse a ela que o cara branco estava mais perto agora.

De repente, Trayvon não estava mais falando com DeeDee. Ela ouviu a voz dele falando com alguém próximo.

“Por que você está me seguindo?”

Outra voz, não muito longe. “O que você está fazendo por aqui?”

“Trayvon! Trayvon!” DeeDee gritou ao telefone.

Ela ouviu um baque e um farfalhar de grama. Ela ouviu alguém gritar: “Saia! Sai fora!” Ela chamou repetidas vezes para o namorado, mas o telefone ficou mudo.

Frenética, ela ligou de volta para o telefone de Trayvon, mas ninguém atendeu.

* * *

Pouco depois das sete da noite, George Zimmerman deixou sua casa no Retiro em sua picape Honda Ridgeline prata 2008 para suas compras semanais na Target. As noites de domingo geralmente não eram lotadas, e esta noite a chuva manteria ainda mais compradores afastados. Perfeito.

Entre algumas casas, porém, ele viu um adolescente com um moletom cinza escuro, apenas parado nas sombras da chuva. Ele não reconheceu o garoto, que estava apenas andando por aí. Zimmerman tinha uma sensação desconfortável em relação a ele. Um mês antes, George tinha visto um garoto no mesmo local tentando arrombar uma casa, mas escapou.

Portanto, sua suspeita não era sem razão. O Retiro em Twin Lakes foi abalado quando a bolha imobiliária estourou. Os valores das casas despencaram e os moradores subaquáticos foram socorridos. Os investidores abocanharam muitas casas geminadas e começaram a alugá-las. O bairro mudou. Estranhos iam e vinham. Pessoas de baixo custo do lado errado dos portões passaram. Garotos gangsta com calças largas e de cintura baixa e bonés de bola tortos começaram a andar por aí. Então começaram os assaltos e as invasões de casas. Da noite para o dia, esses portões não pareciam tão seguros.

Após três arrombamentos em agosto de 2011, Zimmerman propôs uma vigilância de bairro. A ideia atraiu os ansiosos membros da associação de moradores, então ele convidou um policial de Sanford para explicar como isso funcionaria: voluntários desarmados ficariam de olho no bairro e chamariam a polícia se vissem algo suspeito.

Vigilância sem violência. Parecia bastante fácil. O conselho rapidamente nomeou o atarracado e sério George Zimmerman, de 28 anos, que morava no Retiro por três anos, para coordenar o programa.

Este filho de um ex-magistrado da Virgínia e sua esposa peruana era perfeito para o trabalho que ninguém mais queria fazer. Estudante universitário de meio período que sonhava em ser juiz um dia e auditor de fraudes financeiras em uma empresa privada nas proximidades de Maitland, ele levava a sério seu trabalho não remunerado. Seu próprio temperamento explodiu no passado, deixando o ex-coroinha em apuros modestos, mas seus vizinhos agora o conheciam como um cara amigável, prestativo e sério.

Ele se considerava uma espécie de protetor. Mesmo antes de se tornar o “capitão” da guarda, ele ajudou a capturar um ladrão que roubou alguns eletrônicos de um supermercado local, e agora devidamente “deputado”, ele estava constantemente chamando os despachantes da polícia para relatar cães vadios, velocistas, buracos, pichações, brigas de família e vagabundos suspeitos. Ele era conhecido por bater nas portas para que os moradores soubessem que as portas da garagem estavam abertas. Para alguns, ele era uma dádiva de Deus; para outros, um idiota cheio de distintivos.

Então, nesta noite cinzenta e úmida, esse garoto negro desconhecido em um moletom com capuz naturalmente chamou sua atenção. Zimmerman estacionou seu caminhão e chamou a polícia em seu celular.

"Departamento de Polícia de Sanford", respondeu o despachante.

"Ei, tivemos alguns arrombamentos no meu bairro", respondeu Zimmerman, "e há um cara muito suspeito, uh, [perto] Retreat View Circle, hum, o melhor endereço que posso lhe dar é 111 Retreat View Circle. Esse cara parece que não está tramando nada, ou está drogado ou algo assim. Está chovendo e ele está apenas andando, olhando em volta."

"Ok, e esse cara, ele é branco, negro ou hispânico?"

"Ele parece preto."

"Você viu o que ele estava vestindo?"

"Sim", disse Zimmerman. "Um moletom escuro, como um moletom cinza, e jeans ou calça de moletom e tênis branco... ele estava apenas olhando..."

"Ok, ele está apenas andando pela área", disse o despachante. Não era realmente uma pergunta.

"Olhando para todas as casas", Zimmerman parecia terminar sua frase. "Agora ele está apenas olhando para mim."

Mais ou menos então o adolescente começou a caminhar em direção ao caminhão de Zimmerman, e Zimmerman continuou seu passo a passo com o despachante.

— Quantos anos você diria que ele parece? ela perguntou.

Zimmerman semicerrou os olhos na penumbra e garoa da escuridão.

"Ele tem um botão na camisa. Adolescência tardia."

"Adolescentes atrasados, ok."

Zimmerman estava ficando um pouco nervoso. "Algo está errado com ele. Sim, ele está vindo para me verificar. Ele tem algo em suas mãos. Eu não sei qual é o negócio dele."

"Apenas me avise se ele fizer alguma coisa, ok?"

"Quanto tempo até você ter um oficial aqui?"

"Sim, temos alguém a caminho," ela o assegurou. "Apenas me avise se esse cara fizer mais alguma coisa."

A adrenalina corria nas veias de Zimmerman. "Esses idiotas, eles sempre escapam", disse ele.

Ele tinha começado a dar direções para sua localização quando o garoto começou a correr.

"Merda, ele está correndo", disse o vigia.

"Para que lado ele está correndo?"

"Descendo em direção à outra entrada do bairro... a entrada dos fundos."

Zimmerman praguejou baixinho enquanto colocava a picape em marcha e tentava perseguir o garoto.

"Você está seguindo ele?" perguntou o despachante.

"Sim."

"Ok, não precisamos que você faça isso."

Zimmerman copiou, mas sua perseguição já havia terminado. O garoto havia desaparecido entre dois prédios. Zimmerman saiu de sua caminhonete para procurar uma placa de rua para que pudesse dizer ao despachante sua localização, e esquadrinhou as sombras em busca da figura vestida de escuro. Mas o garoto se foi.

Sete treze. A chamada do vigia para a polícia durou exatamente quatro minutos e treze segundos.

Nos próximos três minutos, Trayvon Martin e George Zimmerman colidiriam em uma luta de vida ou morte.

E um morreria.

O que aconteceu a seguir é obscuro. As contas diferem.

Depois que ele perdeu de vista o adolescente encapuzado, Zimmerman disse que estava voltando para sua caminhonete quando o garoto pareceu se materializar no ar úmido. Ele estava chateado, e palavras raivosas foram ditas.

"Ei, você tem um problema?" o adolescente encapuzado gritou.

"Não, não tenho problema", respondeu Zimmerman.

"Você tem um problema agora," o garoto rosou enquanto socava Zimmerman no rosto, quebrando seu nariz.

Atordoado com o golpe, Zimmerman tropeçou e caiu de costas. Trayvon pulou em cima dele. Zimmerman não conseguiu empurrá-lo, e logo o garoto estava batendo repetidamente com a cabeça de Zimmerman contra a calçada de concreto que corria entre as fileiras de casas geminadas.

Zimmerman gritou muito e alto por ajuda.

Trayvon colocou uma mão sobre o nariz de Zimmerman e a outra sobre sua boca, gritando para ele "cale a boca". No tumulto, a camisa e a jaqueta de Zimmerman foram puxadas para cima, revelando sua pistola Kel-Tec 9mm, no coldre em seu quadril direito.

Trayvon viu.

"Você vai morrer esta noite, filho da puta", disse ele.

Zimmerman gritou novamente por socorro.

Ninguém ajudou, mas várias testemunhas assustadas ligaram para o 911 para relatar o tumulto. No fundo de suas chamadas, os despachantes podiam ouvir uivos humanos desesperados.

"Ele parece ferido para você?" o despachante perguntou a um dos interlocutores.

"Eu não posso vê-lo," a mulher respondeu. "Eu não quero sair por aí. Eu não sei o que está acontecendo, então..."

"Então você acha que ele está gritando 'Socorro'?"

"Sim", a mulher assustada respondeu.

"Tudo bem", disse o despachante calmamente. "Qual é o seu..."

Um único tiro soou.

A gritaria parou às sete e dezesseis.

Um minuto depois, o primeiro policial apareceu em cena.

Um jovem negro estava deitado de bruços na grama molhada, os braços sob o corpo, o capuz puxado para trás. Sem pulso.

Um Zimmerman de olhos vermelhos estava por perto, ensanguentado, mas receptivo. Seu jeans e jaqueta estavam molhados e manchados de grama nas

costas. Ele admitiu que atirou no menino. Ele ergueu as mãos e entregou sua arma ao policial, que o algemou e o colocou em uma viatura.

Mais tarde, ele disse aos investigadores que, na luta, o adolescente pegou sua arma exposta, mas Zimmerman foi mais rápido. Ele pegou sua 9mm e puxou o gatilho. O garoto caiu na grama, olhando para frente, assustado.

"Você me pegou", disse ele. Suas últimas palavras.

O atordoado Zimmerman disse à polícia que se levantou rapidamente e moveu os braços do menino para o lado, para se certificar de que não tinha armas. Ele não podia ver nenhum ferimento, nem o rosto do menino.

Outros policiais logo chegaram, seguidos por paramédicos, que tentaram sem sucesso reviver esse garoto sem nome, embora não tivessem ideia de quem ele era. Ainda sem batimentos cardíacos. Eles o declararam morto exatamente às sete e meia.

Um oficial levantou o moletom de Trayvon e sentiu o peso de uma lata grande e fria — a bebida de suco de melancia AriZona fechada — na bolsa da frente. Ele também encontrou um pacote de Skittles, um isqueiro, um celular, quarenta dólares e alguns trocados, mas nenhuma carteira ou documento de identidade.

Assim, o corpo do adolescente não identificado foi selado em um saco azul e recebeu um número antes de ser levado para o necrotério. Infelizmente, ele estava a apenas cem metros de sua casa.

Os paramédicos examinaram Zimmerman e notaram escoriações na testa, um pouco de sangue e sensibilidade no nariz e dois cortes sangrentos na parte de trás da cabeça. Seu nariz estava inchado e vermelho, provavelmente quebrado.

As feridas de Zimmerman foram limpas na delegacia, ele falou livremente em uma entrevista voluntária e, mais tarde, orientou os detetives sobre seus movimentos naquela noite.

Dias se passaram. A polícia de Sanford acompanhou e ficou genuinamente triste pela família do garoto porque, apesar de seus erros de adolescente, ele parecia estar geralmente apontado na direção certa, mas eles não podiam provar que Zimmerman cometeu nenhum crime. Na verdade, todas as evidências sugeriam que seu relato era verdadeiro.

As coisas comuns nos bolsos de um garoto morto não pareciam especialmente pertinentes à investigação do tiroteio na época, mas a importância de qualquer coisa nem sempre é aparente à primeira vista.

Na manhã seguinte ao tiroteio, o médico legista associado do condado de Volusia, Dr. Shiping Bao, abriu o zíper do saco azul em sua mesa no necrotério de Daytona Beach e começou sua autópsia de Trayvon Martin.

Bao, que tinha cinquenta anos, nasceu e foi criado na China, onde obteve seu diploma de médico e pós-graduação em medicina de radiação. Ele se naturalizou americano e acabou fazendo uma residência de quatro anos em patologia na Universidade do Alabama, em Birmingham. Depois de três anos no Gabinete do Médico Legista do Condado de Tarrant, em Fort Worth, ele veio para a Flórida em busca de mais dinheiro. Ele estava no trabalho há menos de sete meses.

Diante dele agora estava o cadáver de um adolescente negro bonito e bem desenvolvido, nem esquelético nem atarracado. Além do buraco de bala sem sangue em seu peito e o anel fuliginoso de pele pontilhada ao redor, Trayvon Martin parecia em forma, em forma e saudável.

Ah, mas aquele buraco.

A única bala de 9 mm que o matou entrou em seu peito, logo à esquerda do esterno. Perfurou o saco cardíaco, perfurou a câmara inferior direita do coração e passou pelo lobo inferior do pulmão direito, fragmentando-se em três pedaços ao longo do caminho. Ao redor do buraco havia uma auréola de fuligem, uma tatuagem de pó medindo cinco por cinco centímetros.

Seu coração ferido continuou a bombear, e cada contração jorrou sangue em sua cavidade torácica, enchendo-a com 2,3 litros de sangue - mais de dois quartos, ou cerca de um terço do volume total de sangue de uma pessoa normal.

Bao não anotou, mas disse mais tarde que acreditava que Martin havia permanecido consciente por até dez minutos depois de ser baleado e provavelmente estava com muita dor.

Uma coisa é quase certa: Consciente ou não, Trayvon Martin provavelmente viveu muito pouco depois de ser baleado.

A maioria dos ferimentos de bala no coração não são instantaneamente fatais. Na verdade, não importa o que você veja na TV ou nos filmes, apenas ferimentos de bala no cérebro podem ser instantaneamente fatais... e mesmo assim, nem sempre. A inconsciência depende de três fatores: o órgão lesionado, a extensão da lesão e a psicologia/fisiologia da pessoa ferida. Algumas pessoas perdem imediatamente a consciência devido a um pequeno ferimento; alguns são atingidos no coração e continuam. Pode-se ficar consciente por pelo menos cinco a quinze segundos de um tiro no coração.

Mas sabemos com certeza que quando os paramédicos chegaram ao local dez minutos depois, ele estava morto.

Além do ferimento fatal, a autópsia de Bao encontrou apenas uma pequena abrasão recente no dedo anelar esquerdo de Martin, abaixo da junta. Ele não

cortou os nós dos dedos de nenhuma das mãos para procurar hematomas internos ao redor dos dedos que pudessem provar se o garoto havia socado alguém. Pode não ter provado conclusivamente que ele era o agressor, mas pode ter provado que ele estava em uma briga.

O sangue e a urina de Martin também continham baixos níveis de THC – o ingrediente ativo da maconha – mas ninguém sabe exatamente quando ele usou as drogas ou se estava chapado na noite em que foi morto.

Isso atingiu Bao como um caso de tiro de rotina. Ele encerrou seu exame em noventa minutos.

“O ferimento”, escreveu Bao em seu relatório final de autópsia, “é consistente com um ferimento de entrada de alcance intermediário”.

Essas duas palavras — *alcance intermediário* — rapidamente reverberaram na câmara de eco da mídia americana, que não sabia realmente o que significavam, mas apreendeu a frase como algo importante. Se o cano da Kel-Tec de George Zimmerman não estava contra o peito de Trayvon Martin quando ele disparou, a que distância estava? Esse tiro de “alcance intermediário” foi disparado no peito do garoto a uma polegada de distância? Cinco polegadas? Três pés? Diferentes especialistas forenses (e uma série de comentaristas inexperientes) não pareciam concordar com o significado preciso do termo.

Pior, a batida furiosa contra Zimmerman estava se tornando ensurdecadora, e essa única frase – alcance intermediário – só aumentou o volume. Um lado viu “alcance intermediário” como prova de uma execução sumária; o outro lado viu isso como uma validação de autodefesa.

Ambos estavam errados.

Quando o gatilho de uma arma é puxado, o pino de disparo atinge o primer da bala, criando um pequeno jato de chama que inflama o pó em um cartucho. Essa ignição repentina cria uma explosão de gás quente que impulsiona a bala pelo cano da arma. Tudo explode - a bala, gases quentes, fuligem, metais vaporizados do primer e pólvora não queimada - em uma nuvem espetacular e mortal.

A distância que essa nuvem de detritos superaquecidos viaja varia de acordo com a arma, o comprimento do cano e o tipo de pólvora. Resíduos de tiro podem ser encontrados nas roupas e no corpo de uma vítima humana. Pode deixar uma película de fuligem ou tatuar a pele ao redor da ferida com partículas de pólvora não queimadas ou parcialmente queimadas que perfuram a camada superior da pele ou não produzem nada. O padrão desse dano - ou a falta dele - pode nos dizer a que distância o cano da arma estava quando foi disparada.

Essa tatuagem (às vezes também chamada de pontilhado) é a marca registrada de um tiro de distância intermediária. Tiros dentro de um pé ou menos podem deixar resíduos de fuligem. Sem pontilhado, sem fuligem e sem qualquer outro resíduo na pele ou na roupa, um tiro será classificado como distante. Um ferimento de contato, no qual o cano toca a pele quando disparado, deixa um ferimento completamente diferente.

No caso de Trayvon Martin, essa tatuagem ou pontilhado circundava sua ferida em um padrão de cinco centímetros. O examinador também notou fuligem. O padrão me sugeriu que o cano da Kel-Tec estava de cinco a dez centímetros da pele do menino — *distância intermediária* — quando George Zimmerman puxou o gatilho.

Mas enquanto a esfera da mídia discutia sobre o que o pontilhado provou, poucas pessoas notaram um pequeno fato em outro relatório escondido nas profundezas da montanha de documentos que investigadores e promotores despejaram ao público antes do julgamento.

Nesse pequeno detalhe obscuro, todo o caso girou.

* * *

Amy Siewert era especialista em armas de fogo e tiros no laboratório criminal do Departamento de Polícia da Flórida (FDLE). Com um diploma de bacharel em química pelo Instituto Politécnico de Worcester de Massachusetts, ela trabalhou na seção de toxicologia forense do FDLE antes de se transferir para a seção de armas de fogo, onde foi analista por três anos.

Seu trabalho era examinar a pistola Kel-Tec 9mm de George Zimmerman e o moletom cinza claro da Nike do adolescente e o moletom cinza escuro que ele usava por cima. Seu principal trabalho era ligar todos os pontos que provavam que esta era a arma que disparou a bala que penetrou na roupa e perfurou o coração de um garoto de dezessete anos que o mundo conhecia como Trayvon Martin. Ela também examinaria as roupas microscopicamente e quimicamente em busca de resíduos de tiros que pudessem sugerir como o tiro aconteceu.

A primeira coisa que Siewert notou foi um buraco em forma de L no moletom de Martin, cerca de cinco por dois centímetros. Alinhava-se perfeitamente com a ferida do menino. Ela notou fuligem ao redor, tanto por dentro quanto por fora. Fibras desgastadas ao redor do buraco também foram queimadas. Quimicamente, ela descobriu chumbo vaporizado. E uma grande mancha laranja de quinze centímetros cercava tudo — o sangue de Trayvon Martin.

Martin usava um segundo moletom por baixo do moletom. Também estava fuliginoso e chamuscado pela explosão do cano. Seu buraco de bala de cinco centímetros, manchado de sangue, tinha a forma de uma estrela.

Mas o que Siewert não conseguiu encontrar em dois testes separados foi um padrão de resíduos de tiro ao redor e longe dos buracos.

O buraco estrelado, fuligem, chumbo vaporizado e nenhum padrão discernível da pólvora levaram Siewert a apenas uma conclusão possível: o cano da pistola de George Zimmerman estava tocando o capuz de Trayvon Martin quando ele puxou o gatilho. Não apenas perto, mas na verdade contra o tecido.

Mas poucas pessoas, muito menos a mídia nacional, perceberam o significado do breve relatório de Siewert. *O alcance intermediário se encaixa muito melhor na narrativa.* Se eles notaram as descobertas de Siewert, eles não entenderam a distinção forense entre contato e alcance intermediário, ou fizeram a pergunta vital: como o cano de uma arma pode estar tocando um moletom e ainda estar a dez centímetros de distância da pele de alguém? a pessoa que vestiu?

Foi atribuído a uma contradição simples e menor. A mídia rapidamente passou para os eventos mais emocionais em torno da morte de Trayvon Martin.

A pergunta que ninguém estava fazendo forneceria a resposta que ninguém esperava.

* * *

Aquele único tiro na noite colocou em movimento uma tragédia de proporções míticas, silenciosamente no início, mas lentamente se transformando em um barulho ensurdecedor.

Por mais de uma semana, o tiroteio de Trayvon Martin nem chegou a ser uma história. As emissoras de TV locais publicaram artigos curtos sobre isso, o *Orlando Sentinel* publicou dois resumos de notícias e o *Sanford Herald*, duas vezes por semana, publicou apenas 213 palavras. Mas então, em 7 de março, o Reuters News Service circulou uma história de 469 palavras, baseada principalmente em uma entrevista com um advogado da família de Trayvon, que fez parecer mais que um vigilante branco havia caçado propositalmente uma criança negra inocente e desarmada e baleado ele a sangue frio, um assassinato sendo encoberto por policiais locais. Os fios carregavam uma velha foto de infância de Trayvon, fornecida por seus pais, deixando a impressão de que a vítima tinha sido um estudante do ensino médio feliz, inofensivo, com cara de bebê.

Foi o primeiro sangue na água, e a mídia nacional sentiu o cheiro.

Repórteres se aglomeraram em Sanford, cobrindo e cultivando o crescente conflito. Quando os líderes negros começaram a gritar racismo, as apostas ficaram instantaneamente mais intensas; classificações e leitores subiram. As fitas da ligação de Zimmerman para os despachantes foram editadas por uma rede de notícias para fazer parecer que ele usou um insulto racial antes do tiroteio; Os pais de Martin endossaram uma petição no Change.org pedindo a prisão de Zimmerman e obteve 1,3 milhão de “assinaturas”; O reverendo Al Sharpton e o resto do complexo industrial de queixas raciais apareceram para agitar a panela; membros do Novo Partido dos Panteras Negras ofereceram uma recompensa de US\$ 10.000 pela “captura” de Zimmerman; e o mais novo jogo de salão tornou-se “Adivinhe o insulto que George murmurou em sua fita do 911” quando esse insulto não era aparente.

Muitos blogueiros e falantes de TV se tornaram especialistas em cenas de crime de poltrona, oferecendo teorias forenses que vinham mais do capricho de Hollywood do que da faculdade de medicina.

O presidente Barack Obama elevou o caso a uma questão presidencial quando disse: “Trayvon Martin poderia ter sido eu trinta e cinco anos atrás” e “Se eu tivesse um filho, ele se pareceria com Trayvon”, como ele pediu em todo o país “soul -procurando.” Em vez de conter a raiva, o presidente a alimentou.

Comícios furiosos converteram sacos de Skittles em bandeiras de protesto. Hoodies e latas de chá tornaram-se símbolos do racismo americano.

“Ele pode ter sido suspenso da escola na época e tinha vestígios de cannabis no sangue”, escreveu o jornal *Guardian de Londres* , “mas quando você olha para trás da aparência de um adolescente negro ameaçador, dizem os Skittles, você encontra a criança dentro .”

Celebridades, políticos e multidões de pessoas comuns exigiam justiça para Trayvon, mas a única justiça adequada que eles aceitariam parecia ser a prisão, condenação e execução rápida do vil racista George Zimmerman.

* * *

Em 11 de abril de 2012 - mais de seis semanas tensas depois que Trayvon Martin foi morto a tiros e um promotor local não encontrou evidências para apresentar acusações criminais - um promotor especial ordenou que George Zimmerman quase falido fosse preso e acusado de assassinato em segundo grau. Uma nova equipe de defesa se ofereceu: Mark O'Mara e Don West, ambos conhecidos veteranos jurídicos e defensores de primeira linha. Os velhos amigos formavam um bom time: O'Mara era um litigante magistral,

digno e imperturbável; West era um lutador que não se desculpou com ninguém por sentir que o caso contra Zimmerman parecia justiça da máfia. E ambos tinham longa experiência em casos de autodefesa e Stand Your Ground. Na verdade, o enganosamente afável Pensilvânia West deixou seu emprego como defensor público federal em casos de pena de morte para assumir o caso de Zimmerman.

Ele não nasceu ontem. Considerado um dos maiores advogados de defesa criminal do país, ele trabalhou em alguns casos difíceis com clientes ainda mais difíceis. Ele sabia que os réus às vezes mentiam. Ele sabia que as provas nem sempre eram perfeitas. Ele tinha visto como os fatos genuínos em um tiroteio podiam ser distorcidos além do reconhecimento pela mídia. Mas depois de passar um tempo com Zimmerman, ele mal reconheceu a monstruosa caricatura que o público fazia dele.

E logo tanto O'Mara quanto West reconheceram que o clamor público fanático e a política local ameaçavam virar algumas questões legais sérias. Muitos observadores do tribunal esperavam que Zimmerman reivindicasse imunidade sob a chamada lei Stand Your Ground da Flórida, que dizia que uma vítima sob ataque não era obrigada a recuar e poderia legalmente usar força letal em legítima defesa.

Mas para muitos apoiadores de Trayvon que se lembravam da imagem daquela criança sorridente, a possibilidade de George Zimmerman temer por sua vida parecia absurda. Para eles, Stand Your Ground era um cartão "Saia da prisão". Fora do tribunal, este caso era mais sobre raça do que autodefesa, e os negros criticaram abertamente uma lei que acreditavam dar aos brancos carta branca para matar negros. Eles exigiram a revogação imediata do Stand Your Ground, e muitos políticos estavam prontos para acomodar.

Ironicamente, na época do tiroteio em Martin, a lei Stand Your Ground da Flórida havia beneficiado os negros desproporcionalmente. Como os negros pobres que vivem em bairros de alta criminalidade eram as vítimas mais prováveis do crime, a lei tornou mais fácil para eles se protegerem quando a polícia não conseguia chegar rápido o suficiente. Os negros representam apenas cerca de 16% da população da Flórida, mas 31% dos réus que invocaram o Stand Your Ground eram negros, e foram absolvidos com uma frequência significativamente maior do que os brancos que usaram a mesma defesa.

O tumulto não importava. O'Mara e West decidiram contra uma defesa Stand Your Ground simplesmente porque acreditavam que Zimmerman

tinha um sólido caso tradicional de autodefesa: ele estava de costas e não podia recuar da surra cruel de Trayvon Martin. A lei era irrelevante.

Mesmo que Zimmerman tivesse estragado tudo, eles acreditavam que ele não tinha más intenções. Um assassino chamaria a polícia antes de matar alguém?

E também era possível que Trayvon Martin e George Zimmerman temessem por suas vidas, e que ambos escolhessem usar a força para se defender. Se o júri acreditasse que, sob a lei da Flórida, Zimmerman era inocente.

Mas a acusação tinha uma teoria diferente. Zimmerman mentiu sobre tudo, exceto atirar em Trayvon Martin. Zimmerman perseguiu o adolescente desarmado e forçou um confronto violento. Ele não deveria estar armado. Os ferimentos de Zimmerman eram leves e ele não tinha motivos para pensar que poderia morrer. Os gritos de socorro ouvidos nas fitas do 911 vieram de Trayvon Martin, não de George Zimmerman. O vigia do bairro atirou no garoto a sangue frio enquanto ele estava deitado na grama molhada.

O cenário estava montado para uma batalha épica no tribunal.

A cada semana que passava, os protestos cresciam e um evento horrível era simplificado para o consumo em massa: uma criança negra bem-humorada tinha simplesmente ido à loja comprar um doce e uma bebida, apenas para ser espancada por um homem branco racista.

Alguns já estavam chamando Trayvon Martin de Emmett Till moderno. Centenas de ameaças de morte levaram George Zimmerman a se esconder, enquanto os repórteres o descreveram como um “hispanico branco”, parecendo acentuar o subtexto racista da tragédia. Não demorou muito para que os verdadeiros Trayvon Martin e George Zimmerman se perdessem na tempestade retórica da Categoria 5 que assolava raça, armas, perfil, direitos civis e vigilantismo.

O'Mara e West se concentraram nas questões legais, mas não estavam enclausurados pela comoção na rua. Eles sabiam que seus futuros jurados estavam ouvindo.

A equipe de defesa de Zimmerman dividiu a tarefa de forma brilhante. Lutando contra a opinião pública inquieto e saco de areia do Ministério Público enquanto tentava se manter à tona, o O'Mara de fala mansa lidou com a intensa atenção da mídia enquanto West mergulhava nas questões forenses.

Mesmo que a mídia, os racistas e o público em geral já tivessem tirado suas próprias conclusões, a justiça agiu de forma mais deliberada. As questões

legais permaneceram indefinidas. Toda a tragédia — toda a questão da culpa ou inocência de George Zimmerman — se resumia a uma única questão legal: *quem era o agressor no momento em que o gatilho foi acionado?*

* * *

Este foi um caso real com problemas forenses reais, mas para O'Mara e West, foi um pesadelo. O caso já era complicado o suficiente sem um processo de descoberta frustrante. Os promotores foram lentos ou não responderam aos pedidos de provas da defesa. Uma simples foto colorida do rosto de George Zimmerman após o crime levou meses para ser entregue pela promotoria. Exposições importantes, como o arquivo completo do caso do Departamento de Aplicação da Lei da Flórida, foram retidas. O estado alegou que nenhuma evidência foi recuperada do telefone de Martin, mas um denunciante alegou o contrário.

Com quase nenhum dinheiro para a defesa, West iniciou o árduo processo de encontrar especialistas legais que pudessem interpretar as provas, procurando qualquer pista que pudesse ajudar a explicar o que aconteceu. Ele precisava de especialistas em tiros, patologia forense, toxicologia, análise de voz e animação por computador.

Um amigo toxicologista mencionou meu nome como o cara de referência em ferimentos de bala. West já conhecia meu nome e minha reputação. Ele até tinha uma cópia do meu livro sobre ferimentos de bala. Então ele finalmente me procurou em setembro de 2012, dez meses antes do início do julgamento de Zimmerman. Eles podem não ser capazes de me pagar, disse ele, mas era um caso importante que levantava questões importantes para a América.

Eu havia me aposentado seis anos antes como legista chefe no condado de Bexar, Texas, onde construí uma das instalações médicas forenses mais respeitadas do país. Realizei mais de 9.000 autópsias, examinei mais de 25.000 mortes e continuei a prestar consultoria em casos de morte inexplicáveis ou questionáveis em todo o mundo. Agora, a defesa de George Zimmerman queria que eu ligasse os pontos forenses nos últimos três minutos da vida de Trayvon Martin.

Eu conhecia o furor que tomou conta da América. Eu sabia que a política racial havia confundido a questão. Eu sabia que havia fatos que haviam sido mal compreendidos ou negligenciados. Mas eu também sabia que a verdade sobre o que aconteceu estava escondida em algum lugar dentro das evidências.

Eu concordei.

Para simplificar, meu trabalho como médico legista é determinar como e por que uma pessoa morreu. Em termos legais, a *causa* e a *forma* da morte. A causa é a doença ou lesão que o matou — talvez um ataque cardíaco, um ferimento de bala, AIDS ou um acidente de carro. A maneira é uma das quatro maneiras gerais pelas quais um ser humano pode morrer – causas naturais, acidente, suicídio ou homicídio – mais uma quinta irritante: indeterminada.

Nossas determinações impactam mais os vivos do que os mortos. Os mortos já não se importam, mas os vivos podem ir para a cadeia. Vidas podem ser salvas de vírus e germes. A inocência pode ser determinada. Perguntas podem ser respondidas, suspeitas autenticadas. Assim, os médicos legistas carregam um fardo pesado para chegar a uma conclusão científica imparcial, baseada em fatos, não importa o que a família, amigos, inimigos ou vizinhos de uma pessoa morta desejem que seja. A verdade é sempre melhor do que aquilo que meramente desejamos que seja verdade.

Inúmeras vezes dei notícias sombrias a parentes de suicidas, e eles protestaram. As famílias muitas vezes não querem acreditar que um ente querido se sentiu tão mal amado que se matou. Eles querem que seja um acidente de limpeza de armas ou um passo perdido em uma ponte alta. Eles querem que um médico legista declare que foi um acidente para que possam continuar, oficialmente sem culpa.

Já vi até parentes suspirarem de alívio quando lhes conto que um filho ou filha foi assassinado, como se o suicídio fosse o pior caminho a seguir. Não se trata dos mortos, mas dos vivos.

Às vezes, o que eu disse a eles eles não queriam ouvir, e às vezes o que eu disse eles queriam ouvir. Mas isso realmente não importava de qualquer maneira, porque eu estava dizendo a verdade.

Eu não tomo partido. *O que eu sei é vital; como me sinto é irrelevante.* A missão do patologista forense é a verdade. Eu deveria ser imparcial e dizer a verdade. Os fatos não têm qualidade moral, apenas o que projetamos sobre eles.

Os mistérios são, por definição, perguntas sem resposta. Se pudéssemos entendê-los, não apenas deixariam de ser mistérios, mas provavelmente os consideraríamos indignos de serem compreendidos. Humanos são engraçados assim.

Este mundo em si não é razoável. Ansiamos por clareza em todas as coisas, mas muitas vezes abraçamos o obscuro: teorias da conspiração, explicações sobrenaturais e mitologia, entre eles.

Não sou um pensador profundo. Não busco um significado profundo no comportamento dos humanos, nem nas estrelas, nem na alquimia de pequenas coincidências. Às vezes ficamos surpresos com essas coisas simplesmente porque nosso mundo teimosamente se recusa a revelar significados, se é que existem.

A ciência forense não é mágica ou alquimia, mesmo que tecnologia complexa e pesquisas intrincadas possam transformar sangue coagulado, fragmentos de balas, fragmentos de ossos e lascas de pele em justiça. Eu procuro aqueles pequenos pedaços de verdade que a morte deixa para trás. A ciência forense pode ver o que os humanos comuns geralmente não conseguem, mas a ciência não é suficiente. Precisamos de pessoas credíveis e honradas para explicar tudo. Bons homens e mulheres devem interpretar a ciência para que a verdadeira justiça aconteça.

Por quanto tempo um homem com o coração explodido pode falar (ou esperar, sonhar ou imaginar)? Podemos determinar com precisão o momento em que os instintos primitivos de um humano lhe dizem que ele pode morrer? Toda interação humana realmente deixa um rastro?

Cresci com essas perguntas flutuando no ar, e minha carreira foi marinada nelas, como este livro mostrará. Mas as respostas nem sempre satisfazem.

E quando não o fazem, meu telefone toca.

Assim foi com George Zimmerman.

O fato é que a comunidade de médicos legistas é muito pequena — apenas cerca de quinhentos patologistas forenses certificados vivem nos Estados Unidos. Antes de West ligar, eu já sabia alguns detalhes sobre o ferimento e que o buraco de bala no capuz era um tiro de contato. Eu sabia sobre as conclusões do duelo de ferimento de contato versus ferimento de alcance intermediário, mas sabia por que essas observações não eram incompatíveis. Compartilhei meus pensamentos com West, que pareceu surpreso ao ouvi-los. Ele sabia que se eu estivesse certo — e estava — que todo o seu caso factual poderia girar em torno disso.

Portanto, minha tarefa era documentar os ferimentos de Martin, traçar o caminho da bala e seus danos físicos e examinar os ferimentos de Zimmerman para mostrar se todos eram consistentes com o relato de Zimmerman sobre a luta. Eu não fui contratado para inventar uma opinião para ajudar a defesa, mas para oferecer minha opinião de especialista sobre se alguma delas apoiava a conta do atirador. Eu não era um pistoleiro vindo à cidade para fazer o trabalho sujo da defesa. Odeio que os médicos legistas às vezes pareçam dizer o que foram pagos para dizer — e, sem dúvida, alguns podem —, mas não trabalho para a defesa, a acusação, o assassino, a

família da vítima ou a polícia. Eu não cheguei tão longe vendendo minha opinião para o maior lance.

Mas o resto do mundo já havia tomado partido. Sem o benefício dos fatos, muitas pessoas viram essa tragédia pelo prisma de seus próprios preconceitos e chegaram a conclusões inflexíveis. Esta não foi a primeira nem a última vez que isso aconteceu na minha carreira, mas foi uma das mais duras.

Don West me enviou um pen drive contendo todo o material forense que eu precisaria: o relatório da autópsia de Martin, fotos da cena do crime, uma reconstituição em vídeo do tiro que Zimmerman fez com os detetives no dia seguinte, toxicologia, testes de tiro e resíduos, 911 das testemunhas, ligações e declarações, evidências biológicas, de rastreamento e de DNA, registros médicos de Zimmerman e seus dados de celular.

Este foi um caso complicado apenas em termos culturais.

Do ponto de vista forense, não foi nada complicado. Era tragicamente simples.

* * *

O julgamento de assassinato em segundo grau de George Zimmerman começou na segunda-feira, 24 de junho de 2013, quase dezesseis meses depois que o tiro fatal foi disparado.

As observações iniciais da promotoria começaram com um choque calculado.

"Bom Dia. 'Malditos punks, todos esses idiotas vão embora'", disse o procurador do estado John Guy ao júri de seis mulheres. "Estas foram as palavras na boca desse homem adulto enquanto ele seguia esse menino que ele não conhecia. Essas foram as palavras dele, não minhas."

Durante a meia hora seguinte, Guy repetiu os palavrões várias vezes enquanto descrevia o caso da promotoria contra Zimmerman.

"Estamos confiantes de que no final deste julgamento você saberá em sua cabeça, em seu coração, em seu estômago que George Zimmerman não atirou em Trayvon Martin porque precisava", disse Guy. "Ele atirou nele pelo pior de todos os motivos, porque ele queria."

Don West abriu para a defesa com uma piada sem graça que caiu por terra, mas ele rapidamente chegou ao cerne do caso.

"Acho que as evidências mostrarão que este é um caso triste, que não há monstros", disse West. "George Zimmerman não é culpado de assassinato. Ele atirou em Trayvon Martin em legítima defesa depois de ser violentamente atacado".

Zimmerman assistiu da mesa de defesa e os pais de Trayvon Martin sentaram-se na galeria enquanto West sugeria que a arma mortal de Martin era uma calçada de concreto, “não diferente de se ele pegasse um tijolo ou esmagasse a cabeça [de Zimmerman] contra uma parede”.

“Pouco sabia George Zimmerman na época, em menos de dez minutos depois de ver Trayvon Martin pela primeira vez, que ele levaria um soco no rosto, teria sua cabeça socada no concreto e acabaria atirando e matando tragicamente Trayvon Martin”, West disse.

Os primeiros tiros disparados, a guerra de trincheiras começou.

Os promotores reproduziram outras fitas do 911 onde Zimmerman denunciava negros estranhos no bairro... a colega de telefone DeeDee descreveu seus telefonemas com Martin até o ponto do confronto e negou que o termo “cracker” seja racista... o detetive principal disse que não houve grandes inconsistências nos vários relatos de Zimmerman sobre o tiroteio, embora ele provavelmente não tenha sofrido as dezenas de golpes que disse à polícia no local... ” nem mesmo ruim o suficiente para exigir pontos (e não teve resposta quando O'Mara perguntou se a próxima lesão de George Zimmerman poderia tê-lo matado) ... várias testemunhas oculares contaram histórias conflitantes sobre quem estava no topo durante a luta ... A voz gritando por socorro na fita do 911 era de Trayvon... e cinco amigos de Zimmerman alegaram que a voz na fita do 911 era claramente de George.

A questão central — *quem era o agressor quando o tiro foi disparado?* — permaneceu sem resposta dez dias após o julgamento.

Tomei a posição no décimo primeiro dia, apenas um dia antes de a defesa esperar encerrar seu caso. Talvez tenha sido uma bênção que a mãe de Trayvon Martin tivesse saído do tribunal porque a mãe de uma vítima raramente deveria ser forçada a ouvir o que normalmente devo dizer em um julgamento.

Meu testemunho não foi surpresa para os promotores. Eles sabiam em detalhes o que eu ia dizer porque tinham me deposto apenas duas ou três semanas antes. Na verdade, algumas horas antes de eu testemunhar, os promotores me questionaram novamente sobre o que eu estava prestes a dizer. À luz disso, pensei que eles trariam uma testemunha de refutação para discordar de minhas opiniões. Eles não.

Testemunhei que George Zimmerman sofreu vários ferimentos de força contundente no rosto e na cabeça: dois nós inchados na cabeça, alguns cortes e escoriações consistentes com o ataque de bater a cabeça que ele descreveu, um nariz provavelmente quebrado que foi empurrado de volta ao

lugar , e hematomas na testa, onde ele provavelmente foi esmurrado - todos consistentes com a história de Zimmerman. Era possível Zimmerman ter ferimentos graves na cabeça, mesmo com risco de vida, sem nenhum ferimento externo visível, eu disse.

O questionamento continuou. Zimmerman se lembrou de Martin deitado de bruços com os braços abertos após o tiro fatal, mas quando os policiais e os paramédicos chegaram, os braços do adolescente estavam embaixo dele. Para os promotores, isso era evidência de que Zimmerman estava mentindo. West me perguntou se era possível que o mortalmente ferido Martin tivesse rolado sozinho.

“Mesmo que eu agora mesmo estendesse a mão, colocasse minha mão em seu peito, agarrasse seu coração e o arrancasse”, eu disse a West, talvez um pouco colorido demais, “você poderia ficar aí e conversar comigo por dez a quinze segundos ou venha até mim porque o que está controlando seu movimento e sua capacidade de falar é o cérebro, que tem uma reserva de oxigênio de dez a quinze segundos.

“Neste caso, você tem um orifício de passagem no ventrículo direito, e então você tem pelo menos um orifício, se não dois, no pulmão direito”, continuei. “Então você está perdendo sangue, e toda vez que o coração se contrai, ele bombeia sangue pelos dois orifícios do ventrículo e pelo menos um orifício no pulmão. Ele vai estar morto entre um e três minutos depois de ser baleado.”

West virou-se para o ferimento de bala de Martin. Havia alguma coisa nos ferimentos de Trayvon Martin que pudesse nos dizer as posições dos dois homens quando o tiro fatal foi disparado? Eu poderia dizer quem estava por cima e quem estava em suas costas?

Eu poderia.

“Se você se inclinar sobre alguém, notará que a roupa tende a cair do peito”, eu disse. “Se, em vez disso, você estiver deitado de costas e alguém atirar em você, a roupa vai ficar contra o seu peito. Portanto, o fato de sabermos que a roupa estava de 5 a 10 centímetros de distância é consistente com alguém se inclinando sobre a pessoa que está atirando e que a roupa está de 5 a 10 centímetros de distância da pessoa [que é baleada].”

Não havia contradição entre o ferimento de alcance intermediário do médico legista e o tiro de contato do especialista em tiro. O focinho do Kel-Tec tocou o moletom de Trayvon Martin, que pendia de cinco a dez centímetros de seu peito enquanto ele se inclinava sobre George Zimmerman. A gravidade havia puxado a lata de bebida de frutas e o doce

na bolsa da frente do moletom – pesando quase um quilo – ainda mais para baixo.

A evidência forense, eu disse, provou que Martin estava inclinado para a frente, não deitado, quando foi baleado. Isso foi consistente com o relato de Zimmerman de que o menino estava ajoelhado ou de pé sobre ele, batendo nele selvagememente, quando Zimmerman puxou o gatilho.

Se Martin estivesse de costas, seu moletom estaria contra sua pele, sem espaço entre eles. Se George Zimmerman estivesse puxando seu capuz, os buracos de bala não teriam se alinhado tão perfeitamente.

A sala do tribunal estava mortalmente silenciosa. O júri foi rebitado. O interrogatório da promotoria foi na ponta dos pés em torno da minha conclusão, o que parecia fechar a porta para a teoria de que Zimmerman, e não Martin, estava por cima naquela briga.

Fui dispensado do estande, e a filha de Don West me levou diretamente ao aeroporto para pegar um avião para San Antonio. No longo voo, pensei nas duas vidas que se cruzaram em uma noite escura e chuvosa de fevereiro. Não importa quem estava no topo, foi uma tragédia. Vidas foram mudadas, e não apenas para os dois combatentes.

Nenhum de nós estava lá. Não há fotos ou vídeos do momento fatal. Não podemos saber o que realmente aconteceu, e certamente não podemos saber o que havia no coração daqueles dois homens. Mas as evidências científicas contavam uma história que muitas pessoas não queriam ouvir e se recusam a acreditar até agora.

É assim com a verdade. Nem sempre é bem-vindo.

Alguns dias depois, não havia mais nada a dizer. O caso foi para o júri feminino. Enquanto deliberavam, dezenas de manifestantes se reuniram do lado de fora do tribunal, gritando slogans, acenando com cartazes e discutindo entre si sobre o caso. Duas semanas de depoimentos não os silenciaram.

Depois de mais de dezesseis horas, o júri chegou ao veredicto: George Zimmerman não era culpado de nenhum crime no assassinato de Trayvon Martin.

Ele saiu do tribunal como um homem livre, mas provavelmente passará o resto de sua vida olhando por cima do ombro.

Uma absolvição nem sempre é absolvição.

* * *

Mesmo agora, é difícil para muitas pessoas ouvirem isso, mas a questão da morte de Trayvon Martin não foi um erro judicial, mas sim um exemplo dolorosamente perfeito da própria justiça. Nosso sistema funcionou como

planejado. Perguntas foram feitas, cenários explorados, teorias discutidas. É simplesmente a natureza de qualquer homicídio - justificável ou não - que haja vencedores e perdedores quando a questão deve ser resolvida.

A evidência forense é a base da justiça. Ele não muda sua história ou se lembra mal do que viu. Não se acovarda quando uma multidão se reúne nos degraus do tribunal. Não foge nem fica em silêncio por medo. Ela nos diz honesta e abertamente o que precisamos saber, mesmo quando queremos que ela diga outra coisa. Devemos apenas ter a sabedoria de poder vê-lo e interpretá-lo honestamente.

Assim foi com Trayvon Martin.

Como tantas palavras que foram distorcidas além do reconhecimento por políticos, especialistas e outros lojistas modernos, “justiça” não é igual a satisfação ou punição. Deveria ser uma investigação justa dos fatos e uma conclusão razoável e imparcial, mas para algumas pessoas é vingança. Trayvon Martin conseguiu justiça, mas seus entes queridos nunca ficarão realmente satisfeitos. Assim é, também, com os entes queridos de Michael Brown em Ferguson, Missouri, ou Freddie Gray em Baltimore cantando “Sem Justiça, Sem Paz” e prometendo agitar até que seus assassinos sejam punidos. E se a vingança não for justificada?

Não pela primeira vez, e certamente não pela última, as pessoas tiraram conclusões precipitadas antes que os fatos fossem conhecidos. Eles viram toda a tragédia que se desenrolava através dos prismas defeituosos de seus próprios preconceitos e de uma mídia cada vez mais dogmática.

Nós não estávamos lá. Nenhum de nós viu um voluntário de vigilância da vizinhança matar um adolescente negro desarmado até a morte nas sombras de uma noite na Flórida em 2012. , não o que ele sabia. Debates febrilmente o que ninguém viu.

Cada linchamento começa com uma suposição e uma conclusão rápida. Certamente já deveríamos saber, depois de tantos crimes, que começar com uma suposição e encerrar o caso rápido demais é mortal.

Enquanto muitas pessoas defendiam o caso de George Zimmerman sobre preto e branco, era tudo menos preto e branco.

O verdadeiro problema não era a injustiça, mas uma infeliz série de falhas humanas comuns que levaram a uma reação exagerada fatal de ambos os homens. Trayvon Martin não precisava morrer. Um cara branco julgou mal o comportamento de um adolescente negro, que julgou mal o comportamento do cara branco. Eles perfilaram um ao outro. Eles se viam como uma ameaça. E ambos estavam errados.

No final, eu não posso ver em seus corações. Essa questão do homicídio foi resolvida, mas as questões maiores sobre a humanidade vão demorar um pouco mais.

<DOIS>

A incisão do “porquê”

Minha lembrança mais antiga é da morte.

E daquele dia em diante, a morte nunca foi mais íntima de mim. Mantive a morte a uma distância respeitosa. Tornou-se um trabalho que eu fazia em uma sala bem iluminada, não uma ferida que exigia escuridão para cicatrizar. Para alguém cuja própria vida vem da morte de outras pessoas, que entende a morte melhor do que a maioria dos homens entende suas esposas, e que sabe que deve eventualmente experimentá-la, raramente deixo que ela me toque.

E nas poucas vezes que aconteceu, ninguém sabia.

* * *

Um dos prazeres da infância é que você sente algo mais do que entende. Há grandes lacunas em minhas memórias conscientes, eventos que não consigo me lembrar inteiramente, mas que voltam em fragmentos emocionais. Então, há muitas coisas na minha infância que eu não consigo explicar, coisas que ficaram presas sem muita contemplação.

Aqui está uma coisa que ficou: eu sempre quis ser médico. Mesmo na escola primária, quando os outros meninos sonhavam em ser bombeiros, vaqueiros ou detetives, eu só queria ser médico. Eu nunca tive uma discussão comigo mesmo ou com qualquer outra pessoa sobre isso, nunca considerei outra coisa. Meus pais nunca sugeriram que eu me tornasse médico, mas acho que eles presumiram que eu também faria. Não se passou um único dia em que eu pensei que faria qualquer outra coisa. Foi um sentimento, não uma decisão consciente. Eu apenas assumi que eu seria um médico. Antes mesmo de saber o que era um futuro, eu sabia o que estaria fazendo nele. E foi isso.

Talvez estivesse no meu DNA. Meu pai era médico, meu avô materno era médico e, desde 1600, todos os homens por parte de minha mãe — com uma exceção — eram médicos. (A ovelha negra solitária era um magistrado.)

Meus pais eram americanos de primeira geração, filhos de imigrantes italianos que vieram de Nápoles para cá no início do século XX para uma vida melhor. Meus avós não estavam fugindo da pobreza ou da desesperança; eram pessoas educadas e cultas que, no entanto, viam a oportunidade e a possibilidade que a América oferecia. Eles trouxeram as mesmas tradições de trabalho duro, adaptabilidade e risco de recompensa. E

talvez acima de tudo, eles foram movidos pela vontade de se sentirem desconfortáveis.

O pai de meu pai, Vincenzo Di Maio, chegou em 1911 a bordo do navio a vapor *SS Venezia*, de bandeira francesa, vindo de Nápoles. Ele tinha cinquenta dólares no bolso — o mínimo — e o funcionário de Ellis Island notou uma cicatriz em sua testa. Ele era um tenor de ópera italiano que havia desfrutado de uma carreira musical modestamente bem-sucedida no palco, em gravações e talvez até mesmo em um dos primeiros filmes (agora perdidos) antes de abrir uma loja de música no Harlem italiano, onde vendia pianos, fonógrafos, música antiga rolos e discos, e consertava todas as máquinas musicais que entravam pela porta. A esposa de Vincenzo, a ex-Mariana Ciccarelli, era uma parteira popular entre as jovens *grávidas imigrantes*. Ela morreu de tuberculose no ano em que nasci, com apenas cinquenta e três anos, de modo que nunca a conheci.

Domenico Di Maio — Dominick, para todos — nasceu em 1913 no apartamento de Vincenzo e Marianna na Hester Street, no Lower East Side. Marianna foi uma forte mãe italiana e desempenhou o papel dominante na vida de meu pai. Seu inglês nunca foi bom, então ela convocou seu filho de oito anos — meu pai — para lidar com banqueiros em quem não confiava. Meu pai a adorava.

O pai da minha mãe, Pasquale de Caprariis, veio para a América já médico em 1901, mas não veio para a carreira. Ele deixou a Itália por amor. Pouco depois de desembarcar em Ellis Island, casou-se com uma enfermeira italiana de 26 anos chamada Carmela Mostacciolo. Sua mãe queria que ele se casasse com uma mulher de classe alta, mas Pasquale a desafiou. Deserdado, ele veio para a América com Carmela, casou-se com ela, abriu um consultório médico em Manhattan e também começou a atender pacientes em sua casa no Brooklyn.

Entre seus pacientes estava a esposa de Francesco Ioele, também conhecido como Frankie Yale, o chefe da máfia mais temido do Brooklyn durante a Lei Seca. Yale, que deu aos jovens Alphonse Capone e Albert Anastasia seus primeiros empregos, frequentemente reclamava com meu avô que as crianças modernas haviam se tornado muito desrespeitosas e violentas. (Isso é especialmente engraçado quando você considera que o executor mais confiável de Frankie Yale era um cara chamado Willie “Duas Facas” Altieri porque sua marca registrada era matar suas vítimas com duas facas.) Depois que Yale foi assassinado em 1928 (possivelmente por ordem de Capone), milhares de espectadores - talvez incluindo meu avô - assistiram a

um cortejo de quarteirões carregando seu caixão de prata de US\$ 15.000 para um dos funerais mais luxuosos da história do crime.

Durante a Depressão, meu avô às vezes era pago em ovos, legumes e galinhas por moradores do Brooklyn doentes que não tinham dinheiro. Quando criança, ouvindo histórias sobre ele, sempre soube que quando me tornasse médico eu também poderia sobreviver com a carne e os produtos que meus pacientes traziam para minha casa.

E a casa do Dr. Pasquale de Caprariis no Brooklyn é onde Italia Alfonsina Violetta de Caprariis foi entregue por seu pai em 1912, um ano e um dia antes de seu futuro marido nascer.

Dominick Di Maio e Violet de Caprariis se conheceram como calouros na Universidade de Long Island em 1930. Eles namoraram por alguns anos antes de ficarem noivos, um noivado que se estendeu por sete anos na Depressão. Eles geralmente se juntavam aos jantares de domingo depois da igreja na casa de Vincenzo e Marianna, acompanhados pela irmã mais velha de minha mãe.

Depois da faculdade, ainda no aperto sufocante da Grande Depressão, meu pai foi para a faculdade de medicina na Marquette University em Milwaukee, onde se tornou patologista clínico em 1940.

E minha mãe fez algo ainda mais extraordinário: ela estudou direito na St. John's University. A verdade silenciosa era que ela adorava história e queria fazer pós-graduação em Columbia para se tornar professora universitária, mas o governo federal só pagaria por sua pós-graduação se ela estudasse direito. Em 1939, ela era uma das quatro mulheres em sua turma de formandos.

Quando Dominick e Violet se casaram em junho de 1940, minha mãe nunca mais praticou direito. Naqueles dias, esperava-se que as jovens esposas italianas tivessem filhos e fossem a cola que mantinha uma família unida – mesmo que ela fosse formada em direito. Mas minha mãe não era especialmente apaixonada por direito de qualquer maneira. Tinha sido apenas uma maneira de obter sua educação. Ela elaborou documentos legais ocasionais para familiares e vizinhos, mas depois que se casou, ela nunca ganhou muito dinheiro com a lei. Esse não tinha sido seu objetivo. Ela preferia ler livros de história, o que fez vorazmente pelo resto da vida.

Quase onze meses depois, nasci na casa de meu avô médico no Brooklyn, com meu pai e meu avô presentes. Fui entregue por um advogado nas mãos de um médico. Um bom presságio.

Durante a guerra, quando aprendi a engatinhar, meu pai serviu como médico da Marinha nos postos do Serviço Marítimo dos Estados Unidos em

toda a área metropolitana de Nova York. Um benefício inesperado: poucos dias após o fim da guerra, desenvolvi uma terrível infecção no ouvido médio. Eu estava entre os primeiros civis americanos a receber um novo antibiótico chamado penicilina – que até então era usado apenas por soldados. Isso me curou.

Depois da guerra, meu pai voltou suas energias prolíficas para sua carreira e para criar uma família no Brooklyn.

Aqui está outra coisa que simplesmente ficou: minha lembrança mais antiga é de ver minha avó Carmela, mãe da minha mãe, morta na mesa da sala de jantar. Nas suaves cores pastel de uma visão antiga, lembro-me de entrar em uma sala por uma porta de muitos painéis. A mesa estava no centro da sala, e ela ficou ali durante o velório, imóvel. Caminhei até a mesa e simplesmente sabia que ela estava morta, embora eu não consiga entender como eu sabia o que era a morte. Não me lembro de mais nada, nem de um funeral, nem da tristeza de ninguém.

E não me lembro de nada antes daquele dia. Eu tinha apenas cinco anos e não entendia a morte, nem os velórios, nem os funerais, nem a eternidade. Eu sabia apenas que nunca tinha visto minha avó em cima da mesa, e nunca tão quieta. Não me lembro de estar triste. É apenas um instantâneo que ficou na minha memória jovem, e seu único significado é o que lhe dou hoje, cerca de setenta anos depois.

Mas eu poderia ter sabido, mesmo assim, não chorar.

* * *

O Brooklyn da minha infância não é o Brooklyn da cultura moderna, real ou imaginária. O atrito racial ainda não havia tomado o centro do palco, os Dodgers eram uma pedra de toque e o crime não era desenfreado. O bairro era uma mistura de famílias de classe média e trabalhadora. Médicos e advogados eram vizinhos de lojistas, estivadores e motoristas de ônibus. Nosso vizinho na Fourth Street dirigia um caminhão.

Mas os vizinhos não eram nossa rede principal. A família era muito mais próxima, muito maior e mais confiável. Eu tinha uma tia e um tio no mesmo quarteirão, e todos, exceto um dos meus parentes, moravam no Brooklyn — eu tinha um tio em Long Island. Nos reunimos na maioria dos feriados. Para nós, “família” era uma coisa viva real que você podia tocar, e poderia tocar em você. Os filhos de Dominick e Violet Di Maio foram criados para honrar nossa família, para não envergonhá-la, desapontá-la, machucá-la ou desonrá-la.

Como a maioria dos italianos naquele lugar e época, éramos católicos romanos estritos. Todos íamos à igreja juntos todos os domingos, embora

minha mãe assistisse à missa na Igreja Católica Romana Santa Rosa de Lima duas ou três vezes por semana. Ela era devota o suficiente para dar a uma filha o nome de sua padroeira, Santa Teresa Martin. Na mesinha de cabeceira de minha mãe havia uma pequena estátua de cerâmica da Mãe Santíssima, mas em sua escrivaninha havia uma figura muito grande de Santa Teresa Martinho, um presente de meu pai, que todo dia 3 de outubro – S. O dia de Teresa na Igreja Católica até recentemente deu a Violet uma rosa vermelha.

Esperava-se que eu guardasse os sacramentos e me confessasse, mas a religião não era uma força motriz ou conspícua em nossa casa. Cresci acreditando no destino e no destino, em uma espécie de justiça suprema e na vida além. Para mim, a morte é a prova de que temos almas. Vejo os humanos como uma espiga de milho, com uma casca externa descartável e um núcleo interno de grãos – as sementes da própria vida. Quando vejo um cadáver, é apenas uma casca. A alma se foi.

Eu não faço autópsias em pessoas. Eu autópsia corpos. Uma pessoa é algo vivo, vibrante e diferente. Corpos são apenas o que eles deixam para trás.

As pessoas são naturalmente curiosas sobre o meu trabalho (e sobre qualquer pessoa que trabalhe com os mortos). Alguém uma vez me perguntou sobre o corpo de uma mulher que em vida tinha sido linda. Ela tinha sido bonita, também, na morte?

"Não", eu respondi. "Eu nunca vi um corpo bonito, apenas uma coisa sem vida que parece uma pessoa, mas não é. A parte bonita se foi."

* * *

Morávamos em uma casa de três andares construída em nossa rua arborizada em 1930. O quintal não era grande o suficiente para as crianças brincarem - ou para qualquer outra coisa - mas tínhamos a rua, que era um lugar mais fascinante. parque infantil de qualquer maneira.

Lá fora, as crianças levavam uma vida diferente de seus pais. Cresci naqueles dias primitivos em que as crianças eram mandadas de manhã para brincar, voltavam para casa para almoçar e mandavam de volta ao mundo até o jantar. E depois do jantar, nas noites de verão, você geralmente ficava livre até que as luzes da rua piscassem. Como outras crianças, eu jogava stickball na rua, jogava cartas, andava de bicicleta e fazia as travessuras de menino de sempre.

Mas eu era uma criança reservada, mais inclinada à leitura do que aos esportes. Muitas vezes eu andava dez quarteirões até a biblioteca pública, pegava uma pilha de livros e depois os trazia para casa, onde eu deitava em uma rede em nossa varanda enorme e consumia vorazmente cada palavra.

Esse foi outro dos hábitos da minha mãe que ficou. Nada me distraiu de minhas viagens às Termópilas, Belleau Wood, Waterloo e milhares de outros lugares que meus livros me levaram.

Eu era um bom aluno, mas não adorava a escola, então fiz o melhor que pude. Majoritariamente. Meu primeiro dia de aula refletiu como eu me sentiria em relação às salas de aula pelo resto dos meus dias: a professora se apresentou e virou as costas para escrever no quadro-negro. Eu vi minha chance. Saí da sala de aula e corri todo o caminho para casa. Minha mãe me levou de volta, e talvez por respeito à minha mãe, passei os próximos dezenove anos da minha vida em algum tipo de sala de aula.

Quando chegou a hora, meus pais me mandaram para uma escola particular católica de ensino médio só para meninos, a St. John's Prep, em Bedford-Stuyvesant. Em nosso pequeno mundo paroquial da década de 1950 chamado Brooklyn, era tão distante que poderia muito bem estar em um estado diferente, mas, na realidade, eram apenas cerca de oito quilômetros em linha reta. Eu andava cinco quarteirões e pegava dois trens e um ônibus para a escola e voltava todos os dias. Eu não poderia praticar esportes, mesmo que quisesse, e não trabalhava depois da escola porque simplesmente não tinha tempo entre todos os ônibus e trens. Todos os meus colegas de classe moravam fora do meu bairro, e nenhum dos meus amigos do quarteirão foi para St. John's, então o ensino médio foi um período solitário para mim.

Porque eu nunca cheguei a conhecer nenhum dos outros garotos da escola – minha natureza introvertida e meu cabelo que começou a ficar prematuramente grisalho aos 13 anos tiveram um grande papel nisso – eu passava muito tempo na vasta biblioteca da escola, lendo. Meu assunto favorito era história... até descobrir a seção sobre armas. Eu não tinha uma arma, e além de atirar latas de pequeno calibre em saídas ocasionais com meu pai, eu não tinha passado muito tempo com eles. Mas fiquei fascinado por essas máquinas – como funcionavam, como eram feitas e o que podiam fazer.

Minha primeira arma, uma espingarda .22 Remington Modelo 513S, foi um presente de um dos colegas de meu pai, um grande caçador que a enviou quando soube do meu interesse em armas. Eu ainda tenho isso.

Eu não sabia naquela época o quão importante as armas seriam para o resto da minha vida.

Em casa, nossas vidas não eram necessariamente o que você poderia esperar de uma casa chefiada por um médico e um advogado. Com o tempo, minhas três irmãs mais novas apareceram e nossa casa fervilhava de

atividade constante. Minha mãe comandava a criação dos filhos como o general Patton, enquanto meu pai fugia para lutar em diferentes guerras.

Meu pai frugal sempre entregava seus contracheques para minha mãe igualmente frugal, que administrava todas as finanças. Éramos uma família solidamente de classe média alta, mas não parecíamos assim para o resto do mundo. Minha mãe deplorava a ostentação. Calma, austera e muito inteligente, até se vestia com simplicidade. Ela não gostava de joias, mas em ocasiões especiais usava pérolas. Ela não se achava bonita e nunca usava maquiagem, aliança ou relógio. Ela manteve o cabelo curto.

Nossa casa estava cheia de livros, no entanto. Minha mãe lia sem parar, especialmente livros de história, e ela acreditava que isso também era a chave para o sucesso de seus filhos. Se ela tivesse que escolher entre comprar um livro ou se entregar a um vestido novo, não havia competição. Sempre o livro.

Outra coisa que me lembro dela: nunca a vi chorar em público, mesmo quando seus pais e irmãos morreram. Ela acreditava que chorar em público era indigno e mostrava fraqueza, e castigava a todos nós quando choramos. É engraçado, às vezes, as coisas que grudam.

* * *

Dominick Di Maio vivia em movimento perpétuo. Ele sempre voltava para casa para jantar, mas muitas vezes voltava depois e nos fins de semana. Ele trabalhou em empregos de meio período em todos os pequenos hospitais particulares de Brooklyn e Queens, indo de um para o outro, sete dias por semana e doze horas por dia. Nenhum tinha patologistas na equipe, então ele aparecia, examinava os relatórios de laboratório do dia, fazia seus diagnósticos e passava para o próximo. Em um ponto, ele trabalhou em cinco empregos diferentes simultaneamente. Na mesma época, ele também conseguiu um emprego de meio período, apenas US\$ 4.500 por ano, fazendo autópsias para o legista de Nova York.

Em seu trabalho, ele era um investigador obstinado com uma mente afiada. Embora fosse inegavelmente um italiano de Nova York de sangue puro, raramente exibia a paixão extravagante estereotipada. As poucas vezes que ele realmente explodiu em uma raiva total tendiam a ser quando seu senso de justiça tinha sido traído, e isso era mais frequentemente quando uma criança inocente estava morta.

Particularmente, ele tinha uma personalidade extrovertida, mas nunca dominava a sala. Ele não fez muitos amigos porque estava sempre trabalhando, mas o mais importante, ele também não fez muitos inimigos. Ele não se agitava facilmente, não podia ser intimidado e se lembrava de

desrespeitos. Ele colecionava selos. Ele adorava relaxar nadando, então costumava ir à praia e nadar. Filho de um cantor de ópera italiano que também escrevia música, meu pai tocava piano de ouvido, principalmente jazz e coisas de Big Band. Ele já adorava pescar e passear de barco, mas desistiu deles quando começaram a interferir em seu trabalho.

Meu pai também era um capataz que tinha um interesse especial pelos estudos de seus filhos. Ele esperava que eu brilhasse na sala de aula, mas não esperava menos de suas três filhas. Ele acreditava que eles eram iguais em todos os sentidos e poderiam alcançar tanto. E eles fizeram: todos eles se tornaram médicos também.

Mas o trabalho nunca foi verdadeiramente separado. Em nossa casa coexistiam a morte e a vida. A morte era apenas algo com que vivíamos.

Ele desenvolveu um interesse em patologia forense antes mesmo de ser uma especialidade reconhecida. Casos de abuso infantil o enervaram particularmente, muito antes de o abuso infantil se tornar uma causa célebre na mídia moderna.

E quando ele começou sua carreira médica em 1940, a medicina forense tinha muito menos ferramentas do que hoje. Eles tinham impressões digitais, tipagem sanguínea, comparação dentária, raios X e toxicologia comparativamente primitiva. As melhores ferramentas eram um bisturi, um microscópio e os próprios olhos de um médico.

Papai começou a trabalhar meio período para o legista-chefe de Nova York em 1950, e foi contratado em período integral em 1957 para ser o vice-ME do Brooklyn, o mais populoso dos bairros e, portanto, a divisão mais movimentada do necrotério.

Meu pai arrastou a mim e minhas três irmãs mais novas para hospitais e necrotérios ainda jovens. Ele não queria que tivéssemos medo da morte. Foi em parte porque ele apenas assumiu que todos seríamos médicos algum dia, mas também porque seu próprio relacionamento com a morte era casual. Ele queria que respeitássemos a tragédia de morrer, mas também fôssemos atraídos por seu mistério. Ele considerava seu trabalho sombrio uma busca para salvar vidas, um sistema de alerta precoce contra epidemias, assassinos e a simples tendência humana de julgar sem o benefício dos fatos.

Ele não precisava ter se preocupado conosco. Nós, crianças, muitas vezes roubávamos olhares clandestinos para a cena do crime horrível de papai e fotos do necrotério, que ele mantinha em arquivos em seu armário. Nós vasculhamos suas estantes em busca de vislumbres sub-reptícios de cadáveres e feridas fatais. Mais de uma vez, nos disseram para ficar no

carro quando ele foi chamado para inspecionar um corpo fresco, e nos esforçamos muito para vê-lo.

Para mim, era apenas a vida. Era um lado triste da realidade, mas era a realidade.

Lembro-me de um piquenique em Staten Island quando eu tinha dez anos. Na época, meu pai era o médico legista adjunto do bairro predominantemente rural ao sul de Manhattan, e naquela época seu necrotério era cercado por campos abertos e terrenos subdesenvolvidos. Nos fins de semana, toda a família costumava pegar a balsa para Staten Island — a ponte Verrazano-Narrows ainda não havia sido construída — para que meu pai enérgico pudesse trabalhar um pouco mais. Depois, estacionávamos em algum lugar sombreado atrás do necrotério, abríamos as janelas do carro e ouvíamos rádio enquanto almoçávamos e brincávamos no que parecia para mim, um garoto do Brooklyn, ser um vasto deserto.

Neste dia em particular, estacionamos atrás do necrotério e saímos para outro passeio glorioso. Meu pai abriu o baú para pegar a cesta de piquenique e bem ao lado dela, como uma bagagem comum, estava uma caixa aberta contendo um esqueleto humano.

Ele não pensou em nada disso. Mas o mais importante, o garotinho ao lado dele – eu – não pensou nisso também.

* * *

Quando se tornou o quarto legista-chefe da cidade de Nova York, em 1974, meu pai tinha um telefone especial embaixo da cama para chamadas de emergência. Os policiais apareciam na porta da frente a qualquer hora para levá-lo ao último andar de matança.

Todas as noites, ele andava pelos corredores mais profundos e escuros do necrotério para expulsar intrusos que frequentemente se esgueiravam para emoções macabras. Ele até descobriu uma garota de programa secreta e uma rede de jogos de azar que funcionava no escritório do legista à noite. E mesmo administrando o maior e mais político necrotério do mundo, ele ainda realizou mais do que autópsias ocasionais ao lado de seus 129 médicos legistas, assistentes de necrotério, investigadores, motoristas e secretários. Tudo por apenas US\$ 43.000 por ano, o que era baixo mesmo naqueles dias, especialmente para o melhor detetive forense em uma cidade que nunca dorme e nunca para de morrer. (Como vice-chefe médico legista em Dallas na época, eu ganhava significativamente mais do que meu pai.)

Nova York estava falida, e o escritório do legista estava se deteriorando lentamente. Era subfinanciado, com falta de pessoal e consanguíneo. Meu pai não se intimidou. A morte não tirou férias.

Ainda indo a um quilômetro por minuto, ele dava aulas de investigação médico-legal na Brooklyn Law School, tem privilégios de funcionários em vários hospitais locais e lecionou na St. John's University.

Por tudo isso, sua compaixão e sua frieza sob fogo permaneceram intactas. Poucas pessoas sabiam que sempre que ele ganhava um casaco ou um par de sapatos novos, ele não jogava fora os velhos. Ele os levou para “The Basement” e os entregou aos diners mal pagos, aos atendentes do necrotério e aos assistentes de autópsia – diener sendo um termo derivado da palavra alemã *Leichendiener*, que significa “servo cadáver” – que faziam o trabalho mais sujo para a menor recompensa.

Meu pai não jogava bem os jogos políticos. Na verdade, ele quase não jogou. Ele não recuou de uma luta, mas ele não os escolheu. E ele não correu para o *New York Times* com todas as mortes de alto nível.

E houve a morte. Sempre a morte. Muito disso. Meu pai desempenhou um papel em alguns dos maiores casos de morte na história da cidade de Nova York. Ironicamente, muitos de seus casos ecoariam em minha carreira décadas depois.

Em 1975, ele reabriu uma investigação sobre o bizarro suicídio do cientista da CIA Frank Olson, que experimentou várias armas biológicas para o governo. Em 1953, agentes da CIA deram secretamente LSD a Olson, e nove dias depois ele mergulhou para a morte da janela do décimo terceiro andar de seu hotel em Manhattan. A CIA disse à polícia que Olson sofreu um colapso nervoso e, em uma névoa delirante e paranoica, ele cometeu suicídio. Com base na investigação policial, meu pai, então apenas ME assistente, declarou suicídio. Caso encerrado.

Não exatamente. Quando meu pai soube, vinte e dois anos depois, dos experimentos com drogas ilícitas da CIA, ficou furioso. A família Olson processou o governo federal e meu pai deu uma nova olhada no caso, o que abriu a porta para uma eventual exumação em 1994. Embora nenhuma conclusão definitiva pudesse ser alcançada quarenta anos após a morte de Olson, muitos especialistas forenses acreditam que Frank Olson estava assassinado por agentes americanos sombrios que nunca foram levados à justiça.

Durante as quatro décadas em que meu pai trabalhou no escritório do ME, mortes bizarras e violentas eram comuns. O serial killer conhecido como Filho de Sam paralisou a cidade. Ele examinou vários restos que se acredita serem Jimmy Hoffa (eles nunca foram). Acertos da máfia aconteciam com uma regularidade frustrante. Malcolm X foi assassinado no Audubon Ballroom. O famoso estilista Michael Greer foi assassinado em seu

apartamento na Park Avenue durante um encontro homossexual anônimo, um caso de 1976 que permanece sem solução até hoje. Então, como agora, celebridades como a colunista de fofocas Dorothy Kilgallen, o poeta Dylan Thomas e o ator problemático Montgomery Clift ganharam manchetes quando apareceram mortos em seus quartos de hotel, brownstones ou apartamentos no Upper East Side. Meu pai trabalhou em muitos deles.

E ele resolveu alguns mistérios também. Veja a estranha morte em 1954 de Emanuel Bloch, famoso advogado de defesa dos espiões atômicos Julius e Ethel Rosenberg, encontrado morto em sua banheira de Manhattan aos 52 anos, apenas alguns meses após a execução dos Rosenberg. Bloch, o guardião dos dois filhos pequenos do falecido casal, tinha feito seus ossos defendendo figuras impopulares. Portanto, não foi o primeiro nem o último dos casos de morte do meu pai em que a mídia e o público não esperaram por provas antes de borbulhar com rumores de guerra fria sem fôlego. Enquanto a mídia inventava teorias da conspiração anticomunistas, meu pai determinou que Bloch havia morrido de uma parada cardíaca comum. As manchetes pararam mais rápido do que o coração do Sr. Bloch.

No verão de 1975, os corpos dos irmãos gêmeos Cyril e Stewart Marcus – ambos proeminentes ginecologistas, solteiros e gênios peculiares que compartilhavam uma próspera clínica em Manhattan – foram encontrados mortos no chão de seu luxuoso apartamento no East Side. Eles estavam mortos há uma semana. Suas vidas paralelas e inseparáveis terminaram exatamente como haviam começado quarenta e cinco anos antes: juntos.

Sem nenhum sinal de jogo sujo, os detetives adivinharam que era um duplo suicídio. Alguns culpavam uma overdose simultânea de drogas, e a mídia tinha suas próprias teorias fantasiosas.

Mas meu pai revelou a verdadeira resposta. Os gêmeos Marcus eram viciados em barbitúricos, um segredo mantido por seus associados mais próximos. Quando sua dependência gêmea ameaçou vazar, eles decidiram ir “peru frio”, apenas abandonando uma das drogas mais poderosas do mundo que alteram o comportamento.

O problema é que a retirada de barbitúricos é um assassino. É pior do que a abstinência de heroína. Um viciado sofre convulsões e delírio, e seu coração literalmente colapsa. Foi assim que os gêmeos Marcus morreram. A história deles alertou a América para o problema dos médicos viciados em drogas e inspirou o filme de David Cronenberg de 1988, *Dead Ringers*.

Então aconteceu algo que para a maioria de nós seria inimaginável, mas não para meu pai. Não foi causado por um vírus misterioso, uma catástrofe

natural, terroristas ou um serial killer especialmente prolífico, mas colocou meu pai no centro de uma carnificina indescritível.

Em um tempestuoso 24 de junho de 1975, um 727 da Eastern Airlines caiu ao se aproximar do Aeroporto Internacional John F. Kennedy, no Queens. A um quilômetro e meio da pista, o voo 66 de Nova Orleans subiu inesperadamente em uma gigantesca corrente ascendente, depois caiu violentamente em uma microexplosão, cortando sua asa esquerda em uma fileira de postes de luz e caindo aos pedaços em uma desintegração espetacular.

Cento e treze pessoas morreram no acidente de fogo (embora onze pessoas tenham sobrevivido milagrosamente). Foi o terceiro pior desastre aéreo da América na época.

Os mortos carbonizados e desmembrados estavam espalhados por toda parte. Em instantes, um telefone especial tocou no escritório de meu pai em Manhattan, e ele correu para o local para supervisionar a coleta e o exame dos restos mortais. Um lento desfile de vagões do necrotério, cheios de caixas de pinho cheias de pedaços e partes humanas, encheu o escritório do ME e um necrotério temporário no local do acidente até transbordar. Trabalhando durante a noite e no dia seguinte, meu pai e sua equipe identificaram os mortos, notificaram os parentes mais próximos e prepararam todas as 113 vítimas para serem transportadas para seus locais de descanso final ao redor do mundo.

E por que não teria sido inimaginável para meu pai? Não foi seu primeiro desastre com vítimas em massa. Não era nem o terceiro ou quarto dele. Ele esteve no local da colisão no ar de 1960 de dois jatos de passageiros sobre Nova York que matou 134 pessoas, incluindo seis no solo. Ele também trabalhou com os restos mortais de 95 pessoas mortas no acidente de 1959 de um Boeing 707 que mergulhou de nariz na Baía da Jamaica. E o acidente de trem em Kew Gardens, em 1950, que matou 78 passageiros. E o voo 663 da Eastern Airlines, que matou 84 pessoas quando caiu no mar ao largo de Long Island em 1965.

Se ele não tivesse visto todas as maneiras pelas quais um humano pode morrer, restavam muito poucas para ele ver.

Um dos casos mais notáveis de meu pai, no entanto, ocorreu depois que ele se aposentou como legista-chefe em 1978 e, ironicamente, não envolveu nenhuma morte.

Três dias antes do Natal de 1984, um vendedor de eletrônicos nebbisy chamado Bernhard Goetz, que era branco, foi cercado por quatro adolescentes negros em um metrô de Manhattan. Eles queriam dinheiro de

Goetz, que começou a carregar uma Smith & Wesson .38 de cinco tiros depois de ter sido violentamente assaltado no metrô alguns anos antes.

Temendo ser roubado pelos jovens, Goetz se levantou, sacou sua arma e começou a atirar. Ele esvaziou sua arma e feriu todos eles. Darrell Cabey, de dezenove anos, levou um único tiro no lado esquerdo, e a bala cortou sua medula espinhal, paralisando-o quando ele caiu em um assento do metrô.

O crime em Nova York estava em alta e as relações raciais estavam perto de uma baixa histórica quando a mídia apelidou Goetz de “Vigilante do Metrô”. Goetz deu ao mundo seu caso seminal de “mantenha sua posição”. Uma pergunta obcecou o público: Goetz disparou em legítima defesa ou foi um ato racista deliberado?

Foi a mesma pergunta que ecoou nos tiroteios assustadoramente semelhantes de Trayvon Martin na Flórida e Michael Brown em Ferguson, Missouri, décadas depois. E, assim como nesses casos posteriores, a nação explodiu de raiva por causa de Goetz, dividida principalmente por linhas raciais. Ambos os lados se decidiram antes que os fatos fossem coletados.

No julgamento de Goetz por tentativa de homicídio, os promotores argumentaram que Cabey estava sentado quando foi baleado e, portanto, não era uma ameaça. A defesa contratou meu pai para examinar os ferimentos de Cabey e a cena do crime, e ele deu uma opinião controversa: Cabey estava de pé quando foi baleado. A trajetória da bala era lateral e plana, não para baixo, disse meu pai. Cabey não poderia ter recebido o ferimento sentado a menos que Goetz de 1,80m tivesse se ajoelhado ao lado dele — o que ele não fez.

O júri de sete homens e cinco mulheres, incluindo dois afro-americanos, estava convencido. Absolveu Goetz das acusações de assassinato e agressão, mas o condenou por posse ilegal de arma. Ele cumpriu pouco mais de oito meses de prisão. Cabey mais tarde processou e ganhou uma sentença civil de US \$ 43 milhões contra o falido Goetz (que concorreu sem sucesso para prefeito de Nova York em 2005).

Para os nova-iorquinos, Goetz havia cometido outro crime grave: ele possuía uma arma. Apenas policiais e criminosos possuíam armas na cidade de Nova York, e os prefeitos da cidade consideravam todos os outros burros demais para serem confiáveis com armas de fogo.

Em 1978, meu pai se aposentou aos 65 anos, mas sua experiência ainda era extremamente necessária e ele ainda tinha uma energia enorme. Ele continuou a prestar consultoria em muitos casos de morte em todo o país, e juntou-se a mim para escrever um livro de 1992 chamado *Patologia*

Forense, que se tornou uma das referências mais proeminentes da ciência e continua sendo impresso até hoje.

Em 11 de setembro de 2001, Dominick Di Maio era um aposentado de 88 anos que morava na Henry Street, em Brooklyn Heights, do outro lado do East River de Manhattan. Em dias normais, ele podia ver as Torres Gêmeas do World Trade Center pairando sobre o Distrito Financeiro, a pouco mais de um quilômetro e meio de distância. Ele era um nova-iorquino orgulhoso ao longo da vida, e ele os viu subir.

Naquele dia, ele os viu descer.

Em mais de trinta anos como legista, ele nunca havia testemunhado um assassinato, muito menos um assassinato em massa, mas ali estava acontecendo diante de seus olhos.

Ele já sabia que carnificina horrível eles encontrariam. Ele já sabia que horrores o homem poderia causar a seus semelhantes. Ele já sabia que não haveria mistério sobre como todas aquelas pessoas morreram.

Mas ele nunca falou uma palavra sobre isso para mim.

Esse era meu pai. Ele nunca quis deixar a morte saber que o tocou, e ele nunca chorou.

Isso também pegou.

Cresci tão obstinado quanto ele. Depois que comecei a faculdade de medicina e comecei a trilhar meu próprio caminho, muitas vezes entramos em conflito profissionalmente. Não acriminosamente nem com raiva, mas vigorosamente. Nossas discussões podiam ser épicas e talvez um pouco barulhentas, mas nunca deixei de acreditar em meu pai. Ele estabeleceu um padrão que eu ainda aspiro. Eu ainda vivo com suas expectativas de mim.

Levamos nossas infâncias adiante, mesmo que não nos lembremos delas perfeitamente ou mesmo como elas realmente eram. Coletamos as coisas que grudam e as transportamos pela ponte da adolescência até a idade adulta. Quando verifico minha bagagem, encontro a energia de meu pai, seu senso de justiça, seu fascínio pelo mistério, sua tendência a trabalhar longe dos holofotes, sua capacidade de controlar suas emoções. Também encontro a austeridade de minha mãe, seu pragmatismo, seu amor pelos livros e pela história.

E seu estoicismo.

* * *

Quando entrei no St. John's College em Queens, Nova York, no outono de 1958, não tinha a angústia típica de um adolescente sobre para onde estava indo. Eu sabia o meu propósito desde o início. Eu ia ser médico.

Eu não achei a faculdade tão difícil ou estressante. Comecei como estudante de química, depois mudei para biologia, mas a parte mais difícil da minha graduação foi o trânsito entre minha casa e o campus.

A maioria das pessoas não sabe que algumas faculdades de medicina admitirão alunos após o terceiro ano de graduação se tiverem concluído com êxito as aulas de pré-medicina necessárias. Assim, durante meu primeiro ano em St. John's, me inscrevi em duas faculdades de medicina de Nova York. Um me dispensou, dizendo que só eram necessários graduados universitários; o outro, o Downstate Medical Center, da Universidade Estadual de Nova York, no Brooklyn, a menos de cinco quilômetros de onde cresci, deixou a porta ligeiramente aberta. Foi todo o incentivo que eu precisava.

Então, aos dezenove anos, passei no Medical College Admission Test (MCAT), enviei minha inscrição e até fui à SUNY para uma entrevista nervosa com algum administrador da faculdade de medicina.

Durante uma nevasca em fevereiro de 1961, saí para comprar um jornal para minha mãe. Quando voltei, com frio e molhado, entreguei-lhe o papel, e ela me entregou uma carta da SUNY.

Eu tinha sido aceito na faculdade de medicina sem um diploma universitário. Eu deveria começar naquele outono.

No primeiro dia de aula de medicina, o corpo docente reuniu todos os novos alunos em uma sala de aula para uma conversa estimulante. “Não se preocupe em se formar,” eles disseram suavemente enquanto entregavam estatísticas sérias sobre as taxas de graduação. Quanto mais nos asseguravam, mais nos preocupávamos. Imagine alguém lhe dizendo: “É totalmente seguro voar em um avião; apenas um em cada dez de vocês morrerá em um acidente de fogo.” Foi quando eu soube que não seria um passeio no parque, mas o fracasso não era uma opção. Eu não podia ser nada além de um médico.

Verdade seja dita, eu detestava a faculdade de medicina. Foram quatro anos de acampamento de fuzileiros navais, mas não tão agradáveis.

Os primeiros dois anos envolveram privação contínua de sono. Todos os dias fazíamos cerca de vinte e seis horas de estudo - não é um erro de impressão - em seis horas de sono. Os próximos dois anos envolveram a mesma privação de sono e estudo, mas adicionaram procedimentos práticos. De repente, nos vimos fazendo coisas que nunca pensamos que poderíamos (ou faríamos).

Jatos de líquido amniótico da vida real arruinaram meus sapatos. Fui para casa à noite com manchas de sangue e vômito em minhas roupas. Descobri

que os pacientes muitas vezes mentem. Eu vi que era realmente muito difícil matar alguém. E aprendi a dormir em pé, encostado nas paredes durante as rondas ou com os olhos bem abertos enquanto um professor dava aula. Até hoje, quando devo esperar, seja no aeroporto ou no corredor do tribunal, tento dormir.

Mas também aprendemos a manter a calma, não importa a situação. Sempre pensei que os médicos seriam bons em combate por sua frieza sob fogo.

Todos que foram aceitos na SUNY certamente eram inteligentes o suficiente para obter um MD. A falta de intelecto não os eliminou. Os que saíram simplesmente não tiveram a coragem, a persistência ou a determinação de sobreviver ao fogo cruzado dos professores. Levei alguns anos para perceber o que eles estavam fazendo. Eles estavam fazendo lavagem cerebral em nós, ensinando-nos a pensar como médicos. Nem advogados, nem contadores, nem corretores da bolsa. Os médicos pensam diferente. Estávamos começando a adotar uma certa distância emocional, aprendendo a não ficar tão perto dos pacientes que não podíamos fazer nosso trabalho ou tão longe deles que não podíamos ouvir o que eles tinham a dizer sobre sua dor e medo.

Nem todas as lições estavam em um livro didático. Aprendemos a pensar logicamente, a nem sempre aceitar o que nos disseram e a questionar o que parece óbvio. Os não-médicos muitas vezes saltam de A para D, mas um bom médico vai de A para B para C para D. Deve-se tentar acumular todos os fatos.

Meus colegas também eram fascinantes. Havia Barbara Delano, que adorava discutir política comigo naqueles dias inebriantes de meados da década de 1960, enquanto os Estados Unidos se inclinavam para os piores dias do Vietnã, conflitos raciais e revolta no campus em uma mudança tectônica de nossas placas culturais. Uma vez ela me acusou de ter noções políticas do século XIII. “Não,” eu a corrigi bruscamente, “eles são definitivamente do século X.” (Mais tarde, ela presidiu a Escola de Saúde Pública de Downstate.)

E havia Chester Chin, que era tão magro que as enfermeiras do campus tentavam engordá-lo com shakes de chocolate diários. Não funcionou, e ele passou a detestar a faculdade de medicina (e provavelmente shakes de chocolate). Após a formatura, ele se tornou um cirurgião ortopédico e se recusou a retornar, mesmo para reuniões.

Mas o primeiro de nós a ficar famoso — infame, na verdade — foi Stephen H. Kessler. Um cara brilhante, mas problemático, ele se formou em Harvard e entrou na faculdade de medicina em Downstate comigo. Em pouco tempo,

ele começou a se comportar de forma irregular. Um dia ele foi pego jogando bisturis como dardos nos cadáveres no laboratório de anatomia. O reitor o obrigou a tirar uma licença após seu primeiro ano, e ele se internou em um hospital psiquiátrico.

Kessler acabou voltando para a faculdade de medicina, mas foi expulso novamente quando foi pego dando LSD aos pacientes.

Circularam rumores de que Kessler deveria retornar para uma terceira tentativa quando uma notícia surpreendente foi divulgada em abril de 1966: Kessler havia esfaqueado violentamente sua sogra de 57 anos até a morte em seu apartamento no Brooklyn. (Coincidentemente, meu pai fez sua autópsia e contou 105 ferimentos separados.) Kessler afirmou que estava viajando com LSD na época, então a mídia o apelidou de “Assassino do LSD”. Descobriu-se que ele estava drogado com álcool e pílulas de laboratório e sofria de esquizofrenia paranóica, então ele acabou sendo considerado inocente por motivo de insanidade. Ele desapareceu no asilo em Bellevue e nunca mais se ouviu falar dele.

Durante aqueles dias frenéticos na escola de medicina, eu costumava visitar meu pai no necrotério do Brooklyn. Eu já tinha visto cadáveres antes, mas esses não eram os slides no armário do meu pai, ou fotos em um livro de medicina, ou mesmo os cadáveres limpos que cutucamos e cutucamos na aula de anatomia. Eram recém-mortos, pessoas reais, pálidas ou azuis, com ferimentos reais de bala, cortes de faca ou nenhum ferimento visível.

Fiquei fascinado principalmente pelos mafiosos que pareciam entrar pelas portas do necrotério do meu pai com regularidade no final dos anos 1960. As guerras da máfia de Nova York vieram e se foram, mas os ataques nunca pararam. Os mortos da máfia estavam sempre bem vestidos, com sapatos de crocodilo, roupas íntimas de seda, mãos bem cuidadas. Eu nunca tinha visto um homem usando esmalte de unha transparente até examinar aqueles espertinhos mortos na laje do meu pai.

À medida que o fim da faculdade de medicina se aproximava, tive que escolher minha especialidade. Quais foram as escolhas? Havia um ditado a considerar: “Os internistas sabem tudo, mas não fazem nada; os cirurgiões não sabem nada, mas fazem tudo; os psiquiatras nada sabem e nada fazem; e os patologistas sabem tudo e fazem tudo, mas é tarde demais”.

Havia mais. Eu tinha aprendido na faculdade de medicina que (como meu pai) eu não tinha modos à beira do leito e que não conseguia dominar os nós complexos que um cirurgião deve conhecer. Percebi que seria melhor com pacientes que não precisassem de segurança e operações que não

precisassem de nós que salvassem vidas. A patologia foi perfeita. Os patologistas eram os médicos dos médicos.

Após meu estágio de patologia de um ano no Duke University Hospital em Durham, Carolina do Norte – onde finalmente decidi me dedicar à patologia forense – comecei minha residência de três anos no Kings County Medical Center, no Brooklyn. Durante esse tempo, comecei a realizar autópsias para o Gabinete do Médico Legal no Brooklyn sob o olhar atento de meu pai. Quando terminei minha residência, já havia feito mais de cem autópsias antes de trabalhar um único dia como patologista forense certificado.

Minha residência mudou minha vida de outra maneira, mais significativa, quando uma de minhas supervisoras me apresentou a sua secretária, Theresa Richberg, que no momento estava curvada sobre sua máquina de escrever, seus longos cabelos loiros obscurecendo seu rosto. Quando ela olhou para cima, eu estava atordoado. Ela era bonita. Calculei que ela estivesse em seus vinte e poucos anos, e quando ela falou, ouvi uma mulher articulada que parecia ser tão inteligente quanto bonita. E entre as primeiras coisas que ela me disse com aquela voz confiante, perfumada apenas com um aroma tentador do Brooklyn, foi que ela estava noiva. Ela mostrou um anel de diamante para provar isso.

Fui esvaziado, mas não derrotado. Nos dias seguintes, fiz questão de falar com Theresa sempre que passava pelo escritório dela. Em nossas conversas de bebedouro, aprendi que ela costurava suas próprias roupas, o que me parecia o auge da moda de Nova York. Ela riu do meu humor seco, o que nem todo mundo fazia. Ela era brilhante, obstinada, teimosa e às vezes argumentativa – meu tipo de mulher.

E quando eu disse a ela que tinha apenas vinte e seis anos, seu queixo caiu. Ela pensou que eu era apenas mais um cavalheiro de óculos, distinto, de cabelos grisalhos na casa dos quarenta, nada como os garotos italianos arrogantes e rudes em seu quarteirão. Eu tinha aula, ela disse.

Algumas semanas depois de nos conhecermos, ela veio trabalhar sem o anel. Ela me disse que havia rompido o noivado. (Na verdade, o anel estava em sua bolsa e ela ainda não havia revelado ao noivo que ele havia sido chutado.) No dia seguinte eu a convidei para sair.

Ela também soltou outra bomba: ela tinha apenas dezoito anos, embora uma dezoito anos muito inteligente e sofisticada. Aparentemente nenhum de nós parecia nossa idade.

Em um dos nossos primeiros encontros, peguei Theresa para ir ao cinema. Ela viu um grande pote no banco de trás. Era a pele descascada de uma mão humana flutuando em formaldeído.

Em outra ocasião, combinamos de nos encontrar no necrotério do Brooklyn antes do nosso encontro, mas Theresa se recusou a entrar. Então eu disse a ela para esperar na porta dos fundos por mim. Enquanto ela estava lá, uma carroça do necrotério parou. Dois atendentes puxaram um cadáver das costas e o colocaram em uma maca — depois colocaram a cabeça do morto em seu peito.

Depois disso, eu não a culparia se ela fugisse gritando e nunca mais me visse, mas dentro de algumas semanas, ela oficialmente rompeu seu noivado com o outro cara.

Um ano depois de começarmos a namorar, Theresa e eu nos casamos na venerável Igreja Católica St. Blaise, no bairro de East Flatbush, no Brooklyn. Choveu até a chegada de Theresa, depois parou, supostamente um presságio de boa sorte. Todos os nossos parentes italianos estavam lá, havia muita comida e a recepção parecia uma cena do filme *Goodfellas*.

Naquela época, éramos apenas um casal feliz à beira de nossas carreiras, mas eu havia me casado com uma mulher renascentista. De muitas maneiras, seu futuro foi ainda mais brilhante do que o meu: ela acabaria deixando seu emprego de secretária e iria para a faculdade, onde se formou em artes plásticas, se tornaria uma designer de loja da Neiman Marcus, trabalharia como designer de interiores designer e vende suas joias feitas sob medida para a Saks Fifth Avenue. Ela criou dois filhos que cresceram para se tornar um médico e um promotor. Incrivelmente, nos próximos anos, ela voltaria para a faculdade para um bacharelado em enfermagem, trabalharia como enfermeira psiquiátrica, seria treinada como enfermeira forense e coautora de um livro, *Excited Delirium Syndrome*, sobre um complexo coquetel de problemas mentais e físicos. condições que se revelaram subitamente fatais em muitas prisões policiais. Seu trabalho lançou uma nova luz sobre a síndrome e levou, em parte, à sua adoção como um diagnóstico aceito pelo American College of Emergency Physicians e pelo National Institute of Justice.

E, oh, ela também é uma excelente cozinheira.

Infelizmente, nos divorcíamos brevemente em anos posteriores. Casei-me com outra mulher que, num acesso de raiva, disparou quatro tiros em mim. Quase me tornei cliente do necrotério. Ela perdeu, felizmente. É uma experiência muito interessante, ser baleado (e perdido). Eu recomendo isso como uma forma de esclarecer sua mente. Você não ouve a arma disparar. Eu vi, mas não consegui ouvir.

De qualquer forma, nós nos divorcíamos rapidamente, e eu imediatamente me reconectei com Theresa, por quem eu nunca tinha realmente perdido o

amor. Nós nos casamos novamente depois de um distanciamento de quase dez anos, e sou abençoado por tê-la novamente ao meu lado.

Aprendi muito durante esse período intermediário da minha vida. O mais significativo, talvez, é que quando uma mulher aponta uma arma para você, nunca diga: “Você não ousaria atirar”.

Mas naqueles primeiros dias, antes desses problemas, Theresa e eu estávamos felizes por ter um ao outro. Eu estava preso aos rigores de me tornar médica e ela estava se descobrindo, mas tínhamos um ao outro e formamos uma boa equipe.

Nós ainda fazemos.

* * *

Os médicos resolvem crimes há muito tempo, mesmo que a medicina não tivesse nome para eles até meados do século XX.

Dois mil anos atrás, em 44 aC, Júlio César foi esfaqueado até a morte por senadores romanos no assassinato de maior destaque da história. Um médico chamado Antistius foi convocado para examinar o cadáver do imperador. Ele relatou que César havia sido esfaqueado vinte e três vezes no rosto, barriga, virilha e braços, mas apenas um ferimento - um golpe para cima sob o ombro esquerdo que provavelmente perfurou seu coração - foi fatal. O ataque foi tão frenético que muitos dos pretensos assassinos também foram cortados. Antístio acreditava que, se César não tivesse morrido de um coração cortado, ele teria sangrado em poucos minutos enquanto jazia desacompanhado no chão do Senado, aos pés da estátua de Pompeu.

Foi a primeira autópsia registrada da história.

Mil anos depois, na Inglaterra medieval, o rei nomeou comparsas locais sem nenhum treinamento médico para representar seu interesse financeiro em todos os casos criminais (assim como ouvir confissões, investigar naufrágios, perdoar criminosos e confiscar peixes reais). Também entre os deveres desses funcionários estava inspecionar os cadáveres em todas as mortes não naturais e registrar suas observações em um “inquérito”. O dever do nomeado de “guardar as súplicas da coroa” – em latim, *custos placitorum coronae* – naturalmente levava ao seu título de “coroador” ou “legista”.

Leonardo da Vinci e Michelangelo dissecaram cadáveres para melhorar sua arte, mas também ficaram fascinados com as irregularidades que viram. O Papa Clemente VI ordenou que os cadáveres das vítimas da peste fossem abertos para ver o que havia dentro.

Por volta de 1600, a Era do Iluminismo, os avanços científicos e uma nova consciência social deram nova vida às investigações de mortes e crimes. E no final de 1800, a impressão digital revolucionou a ciência forense.

Em 1890, Baltimore deu a dois médicos o título de médico legista e os encarregou de realizar todas as autópsias ordenadas pelo legista do condado. Muitas grandes cidades americanas seguiram o exemplo e, eventualmente, deram a responsabilidade por todas as investigações de morte aos médicos, embora nosso sistema de legistas eleitos, que muitas vezes não têm nenhum treinamento médico, permaneça firmemente enraizado na América hoje.

O primeiro verdadeiro sistema médico legista foi estabelecido na cidade de Nova York em 1918, quando a cidade abandonou seu sistema legista.

Portanto, temos dois tipos de sistemas médico-legais na América: o legista e o médico legista. O sistema legista, que remonta à Inglaterra do século X, ainda prevalece em cerca de 40% dos 3.144 condados dos Estados Unidos, com 2.366 escritórios. Nesses locais, o legista é praticamente sempre eleito e quase nunca médico. Mesmo quando o legista eleito é um médico, ele (ou ela) geralmente não é um patologista forense.

Os requisitos do trabalho? Ah, ter um endereço local, não ser um criminoso, ter pelo menos dezoito anos. É sobre isso. Mas isso não é problema. Uma vez eleito, o vendedor de carros que virou legista magicamente adquire o conhecimento médico e forense necessário para resolver mortes extraordinariamente complicadas. E isso deixa tempo para o trabalho mais importante que qualquer político tem: ser reeleito.

Os legistas eleitos geralmente são agentes funerários de cidades pequenas ou trabalhadores de cemitérios cujo contato diário com a morte torna mais fácil para os eleitores supor (incorretamente) que eles são perfeitamente adequados para as tarefas sombrias de autópsias, exames de sangue, manipulação de corpos e exumação ocasional. Mais adiante neste livro, contarei uma história sobre um agente funerário que se gabava de que sua principal qualificação para ser o legista era que ele era o único cara na cidade que tinha um carro grande o suficiente para transportar adequadamente um cadáver.

A maioria dos sistemas de legistas produz um trabalho pobre e inconsistente; a maioria dos médicos legistas trabalho bom e consistente. Em um livro de 2009 intitulado *Strengthening Forensic Science in the United States: A Path Forward*, o Conselho Nacional de Pesquisa defendeu a eliminação total do sistema legista, uma ideia que vinha sendo cogitada desde 1924.

Até hoje, nada foi feito. O que foi bom para o século X aparentemente ainda é bom para o século XXI. E mesmo nos Estados Unidos hoje, quando temos muito mais ferramentas forenses do que meu pai tinha quando se tornou médico em 1940, as chances de um assassino inteligente escapar impune de um assassinato são maiores na jurisdição de um legista eleito do que em qualquer jurisdição com um médico legista.

Apesar da imperfeição e inadequação do antigo sistema legista, as autópsias resolveram milhares de crimes americanos em 1959, quando a patologia forense foi reconhecida pela primeira vez como uma disciplina distinta pelo Conselho Americano de Patologia. Em um grande momento em que a patologia forense foi finalmente legitimada, meu pai — na época vice-legista-chefe da cidade de Nova York — estava entre os primeiros dezoito patologistas forenses certificados nos Estados Unidos.

Essa primeira classe de detetives médicos compreendia alguns dos leões da medicina forense.

O Dr. Milton Helpern, chefe de meu pai na cidade de Nova York de 1954 a 1973, foi apenas o terceiro médico legista desde que a cidade desmantelou seu sistema legista em 1918. Ele disse uma vez: “Não existem crimes perfeitos. Existem apenas investigadores destreinados e desajeitados, médicos legistas descuidados”. Seu nome ainda enfeita o prêmio concedido à mais alta honraria para qualquer médico legista, o Milton Helpern Laureate Award, que recebi em 2006.

Dr. Russell Fisher foi o médico legista chefe de Maryland e construiu a melhor equipe forense da América e instalações em Baltimore. Tal era sua reputação que em 1968, pouco antes de eu trabalhar para ele em meu primeiro emprego fora da faculdade de medicina, ele liderou o chamado Painel Clark ao concluir que a autópsia do morto John F. Kennedy – a autópsia do século – foi tão mal feito que “deixou dúvidas onde deveria haver apenas certeza absoluta”.

O Dr. Angelo Lapi foi o primeiro médico legista de Denver e depois se mudou para o necrotério de Kansas City. Abençoado com uma memória fotográfica, ele fazia parte de uma equipe de elite que ouvia sobreviventes de campos de extermínio nazistas e estalags de prisioneiros de guerra descrevendo matança desenfreada, desenterrando os corpos em decomposição e coletando evidências contra seus assassinos para os julgamentos de crimes de guerra de Nuremberg.

Como patologista chefe do legista de Cleveland, o Dr. Lester Adelson foi uma testemunha chave contra o Dr. Sam Sheppard, um osteopata acusado de assassinar sua esposa grávida. Condenado em seu primeiro julgamento e

absolvido dez anos depois em seu segundo, o caso de Sheppard foi um fenômeno de mídia que inspirou inúmeros artigos, livros, o programa de TV *The Fugitive e vários filmes*. Após trinta e sete anos de carreira e mais de oito mil autópsias de assassinatos, Adelson se aposentou para ensinar e escrever *A Patologia do Homicídio*, um dos textos padrão para os patologistas forenses.

Todos esses homens tinham histórias para contar. Eles viram a morte em todas as suas cores violentas. Eles eram os melhores e mais brilhantes em uma nova disciplina.

Mas a patologia forense não era e também não é agora perfeita.

A carreira de meu pai e minha abrange toda a era moderna da ciência forense, desde uma época em que impressões digitais e tipagem sanguínea básica eram as ferramentas forenses mais “high-tech” disponíveis, até o perfil de DNA de hoje e os enormes bancos de dados de computador. Mas acredito de todo o coração que se pudéssemos magicamente colocar um médico legista dos anos 1940 em um necrotério moderno com uma tarde de treinamento na nova ciência, ele funcionaria muito bem. Por quê? Porque as melhores ferramentas de um bom patologista forense ainda são seus olhos, seu cérebro e seu bisturi. Sem isso, toda a ciência do universo não ajuda.

Hoje, existem apenas cerca de 500 patologistas forenses trabalhando e certificados pelo conselho nos Estados Unidos – aproximadamente o mesmo número de vinte anos atrás. O problema é que precisamos de até 1.500 para acompanhar o desfile cada vez maior de mortes inexplicáveis.

Por que, no auge da popularidade da profissão, graças a programas de TV como *CSI* e *NCIS*, há uma escassez de patologistas forenses?

Porque não é tão glamoroso quanto a TV faz. Um em cada cinco novos patologistas forenses desiste logo após o treinamento e, em um período de dez anos, perdemos 10% a mais desses novos médicos-detetives.

As razões são simples. Por um lado, o trabalho é complicado. Para se tornar um patologista forense, são necessários quatro anos de faculdade, quatro anos de faculdade de medicina e até cinco anos de treinamento extra após a faculdade de medicina. Deve-se treinar primeiro como patologista anatômico, no mínimo, antes de se tornar um patologista forense.

Mas os patologistas do hospital ganham o dobro do dinheiro em um trabalho muito menos confuso. Um jovem médico com US\$ 200.000 em empréstimos estudantis é facilmente seduzido por um salário maior (e não precisa explicar um salário menor para um cônjuge confuso). Para piorar a situação, alguns patologistas forenses aceitam salários do governo que são péssimos, mesmo para PFs mal pagos.

E a realidade final é que o trabalho não é tão glamoroso quanto a TV o torna.

Eles nunca mencionam como você pode acordar com o cheiro de um corpo em decomposição em suas roupas ou em seu cabelo na manhã seguinte. Eles não mostram as larvas caindo sobre você. Eles certamente nunca mostram autópsias que não conseguem encontrar a causa da morte.

A TV não está interessada na verdade científica, apenas um mundo que ela pode imaginar pode ser verdade... talvez. Mas isso é compreensível porque os espectadores também não estão interessados na verdade científica. Ninguém realmente quer ver no horário nobre as entranhas pulverizadas de um bebê que foi espancado até a morte, ou uma cabeça que foi cortada ao meio como uma abóbora por uma espingarda.

Assim vai. Você vai para casa e simplesmente esquece. Você não pode viver esperando que todos sejam sociopatas ou psicopatas – eles não são. Apenas 1 ou 2 por cento de nós são. Você fica bravo, talvez, porque as pessoas fazem essas coisas. Você apenas balança a cabeça e segue com sua vida. Outro mistério vai rolar pela porta do necrotério a qualquer minuto.

* * *

Quando chegou a hora de fazer minha bolsa de um ano - um último ano de treinamento após a residência - meu pai me desencorajou a fazê-lo em Nova York. Outrora o paradigma da excelência forense quando meu pai começou lá na década de 1940, o Gabinete do Médico Legal da cidade de Nova York havia decaído. Mesmo nos últimos anos do grande Milton Helpern como chefe, o maior consultório médico legista do mundo carecia de equipamentos de última geração, o moral era fúnebre, tornara-se difícil demitir alguns trabalhadores entrincheirados e a corrupção havia se infiltrado em torno de as bordas.

Baltimore, disse meu pai, era a melhor. O Dr. Russell Fisher havia recrutado a melhor equipe de médicos legistas do país e estava no processo de construir a instalação forense mais avançada já concebida.

Com um empurrãozinho de meu pai, o Dr. Fisher me contratou e, em 1º de julho de 1969, aos 28 anos, comecei minha bolsa no Gabinete do Médico Legal de Maryland com grandes esperanças.

Mas o necrotério ultramoderno do Dr. Fisher não estava pronto quando cheguei. Em vez disso, comecei em um dos dias mais quentes de um verão abafado no prédio do século XIX na Fleet Street, perto do porto, que abrigava o escritório do legista desde o assassinato de James Garfield. Antigamente, quando as pessoas comuns estavam mais familiarizadas com

a morte, corpos não identificados eram apoiados na janela do lado da rua do necrotério na esperança de que um transeunte pudesse reconhecê-los.

O antigo necrotério de tijolos rebaixado estava virtualmente ligado à estação de tratamento de esgoto da cidade, possivelmente por prefeitos que queriam todos os mecanismos malcheirosos do município em um só lugar. Pior, não tinha ar condicionado, e a sala de autópsia ficava insuportavelmente quente no verão, então os autópsias abriam as velhas janelas de guilhotina e esperavam que as telas estivessem intactas para que as moscas-cadáver famintas não entrassem para se banquetear e depositar seus ovos de larvas. nossos convidados."

Em Baltimore, comecei a ver como outras pessoas ficavam blasé sobre a morte.

O necrotério de Baltimore tinha apenas duas áreas principais, a sala de autópsia e os escritórios administrativos na frente. Antes do amanhecer, todas as manhãs, os comensais arrumavam os cadáveres do dia nas mesas da pequena sala de autópsia sem ventilação, prontos para os médicos legistas espalhá-los sob lâmpadas implacáveis e quentes que deixavam manchas escuras nos cantos. Antes que o resto da cidade tomasse café da manhã, o lugar já parecia um matadouro bem organizado.

No meio da manhã, as secretárias e escriturários chegavam para trabalhar, e o caminho mais fácil para os escritórios públicos a partir do estacionamento era direto pela úmida e fétida sala de autópsia.

A maioria desses funcionários administrativos eram meninas recém-saídas do ensino médio — talvez dezessete ou dezoito anos. Vestidos com suas saias de verão e blusas extravagantes, eles se enfiavam entre as mesas de autópsias cheias de cadáveres, carregando seus lanches, conversando e rindo como se os cadáveres não estivessem lá.

Mesmo assim, eu aceitava minha própria indiferença em torno de pessoas mortas como uma qualidade profissional, mas parecia estranho para mim quando pessoas “normais” se destacavam em torno de cadáveres.

Baltimore era uma cidade violenta na época, tanto quanto é agora. O desfile de cadáveres nunca parou, mesmo quando nos mudamos alguns meses depois para o novo necrotério palaciano do Dr. Fisher na Penn Street, onde o ar era resfriado e purificado, nosso corte estava escondido, as luzes iluminavam cada detalhe e o escritório as meninas já não dançavam entre os mortos.

Eu estava no trabalho há menos de três meses e ainda tinha apenas 28 anos quando um dos casos mais fascinantes e importantes da minha vida pousou na minha mesa na forma frágil de um bebê morto.

< TRÊS >

Um berçário vazio

Um bebê morre sem sonhos ou lembranças.

É por isso que a morte de uma criança é tão trágica. Desejamos que eles saibam o que sabemos sobre a vida, sobre nós. Eles ainda não se perguntaram por que existem estrelas, cantaram uma música ou riram de verdade. Desejamos que eles tenham a chance de serem mais felizes do que nunca. Investimos essas novas e minúsculas vidas com esperança.

Então aquele bebê — aquela esperança — morre, e perdemos um pouco de esperança.

Muitas vezes me perguntam se é mais difícil examinar uma criança morta, mas para ser honesto, seria mais difícil desviar o olhar.

BALTIMORE, MARYLAND. DOMINGO, 21 DE SETEMBRO DE 1969.

Perto do final de um fim de semana de outono, o telefone em nosso pequeno apartamento suburbano de Baltimore tocou. Do outro lado estava Walter Hofman, que também era membro do Gabinete do Médico Legal de Maryland.

"Vince, eu preciso de um favor", disse ele. "Yom Kippur começa hoje à noite e vou partir amanhã. Você cobriria meus casos? Não há muito. O único que conheço com certeza é um menino vindo de Hopkins."

Hofman não sabia muito mais sobre o caso, exceto que a criança teve várias internações, mas ninguém realmente sabia o que o matou. Eu só teria que olhar a papelada do hospital.

"Claro," eu disse. "Não deve ser nenhum problema."

* * *

A criança nasceu em 9 de fevereiro de 1969, de uma menina solteira de treze anos de Maryland. Sua gravidez foi sem intercorrências, mas seu filho nasceu pélvica, o que significa que ele saiu com os pés ou nádegas primeiro, apresentando alguns riscos quando a cabeça e o cordão umbilical espremidos através do canal de parto juntos. Por sorte, o parto foi rotineiro, e um bebê saudável, de 2,8 quilos, respirou pela primeira vez em um domingo em meio a uma páscoa assassina.

Sem nome e indesejado, o pequeno mas saudável recém-nascido caiu diretamente da mesa de parto nas mãos frias do governo. Uma família adotiva temporária o acompanhou durante seus primeiros cinco meses, durante os quais ele não teve nenhuma doença. Sua mãe adotiva relatou que ele era um bebê feliz que raramente era irritável. Em menos de cinco meses, seu peso dobrou e ele não apresentava nenhum defeito.

Naquela primavera, uma família perfeita apareceu. O sargento do exército Harry Woods, sua esposa Martha e sua filha adotiva de dois anos, Judy, foram recentemente transferidos para o Campo de Provas de Aberdeen, em Maryland, onde os militares dos EUA testaram armas químicas e outros equipamentos.

Harry era um cozinheiro de refeitório e Martha uma dona de casa. Cada um deles cresceu em famílias grandes em Columbus, bairro operário de Bottoms, em Ohio, onde se conheceram em 1958, depois de ambos terem fracassado no primeiro casamento. Eles se casaram em 1962, pouco antes de Harry embarcar para a Coreia, enquanto Martha ficou para trás. Nos anos seguintes, Harry foi para o Vietnã e para a Alemanha enquanto Martha entrava e saía de casas em Columbus, Ohio; Forte Gordon, Geórgia; e Fort Carson, Colorado - onde adotaram a criança que chamaram de Judy Lynn em 1967 - antes de serem transferidos para o Campo de Provas de Aberdeen do Exército.

Martha, agora com quarenta anos, perdera três filhos naturais e sofrera quase uma dúzia de abortos espontâneos. Ela queria desesperadamente outro filho, de preferência um menino que pudesse nomear com o nome de seu irmão mais novo, Paul, que havia perdido um bebê onze anos antes. A criança poderia ser física ou mentalmente deficiente, ela disse à senhora do escritório de adoção, mas devido a seus desgostos passados, ela preferia não ter um filho fisicamente insalubre. Ela precisava de uma nova chance para provar que era uma boa mãe.

Sem bandeiras vermelhas. Uma típica família de militares itinerantes. Uma mãe ansiosa. Um pai constantemente empregado. Um irmão mais velho saudável. Harry e Martha foram aprovados.

Então, no início de julho, um oficial de adoção do condado telefonou inesperadamente. Ela disse aos Woods que um garotinho estava disponível. Eles poderiam vê-lo e, se quisessem, levá-lo para casa. Em êxtase, eles apressadamente enfiaram um berço no quarto de Judy em seu bangalô de dois quartos do Exército, compraram algumas roupas de bebê e deram as boas-vindas ao novo filho - Paul David Woods - em 3 de julho.

Martha tinha o que queria: uma nova chance.

Um mês depois, em 4 de agosto, um paramédico levou Paul para a sala de emergência do Kirk Army Hospital, com Martha preocupada logo atrás.

Martha disse ao médico do pronto-socorro que, um pouco depois da hora do almoço, Paul estava brincando com Judy em um cobertor estendido no chão da sala quando sua cabeça se arqueou para trás de forma não natural e ele tombou. Ele parou de respirar e ficou azul ao redor da boca, nariz e olhos.

Martha o pegou no colo e começou a respiração boca a boca enquanto discava freneticamente para uma ambulância.

Quando a ambulância chegou ao hospital da base, a apenas um quilômetro e meio de distância, o pequeno Paul havia se recuperado. O médico o descreveu como alerta, ativo e não em perigo. O médico pediu um raio-X para ter certeza de que o bebê não havia aspirado um brinquedo, mas suas vias aéreas estavam desobstruídas. Talvez a criança tivesse sofrido algum tipo de convulsão leve, ou talvez a mãe tivesse exagerado, mas nada parecia errado. Vinte minutos depois que eles chegaram, o médico os mandou para casa.

Poucas horas depois, Paul foi levado às pressas de volta ao pronto-socorro de Kirk, consciente, mas pálido, flácido e cianótico — o termo médico para a coloração azulada da pele causada pela falta de oxigênio no sangue. Martha disse a um novo médico que tinha voltado do hospital e deitou Paul em seu berço para um cochilo. Depois de um tempo, ela ouviu ruídos ofegantes e engasgados e descobriu que o bebê havia parado de respirar novamente.

Desta vez, Paulo foi admitido. Os médicos ainda não tinham ideia do que poderia ter causado seus feitiços. Durante três dias, eles fizeram exames — radiografias de tórax e crânio, eletrocardiograma, exames de sangue completos, urinálise e até uma punção lombar —, mas todos mostraram que o bebê estava completamente normal. E durante esses três dias, ele não mostrou sinais de problemas respiratórios. Talvez mais para acalmar os nervos de uma mãe ansiosa, o médico atribuiu tudo a uma infecção respiratória superior, embora não tenha visto nenhum sinal real disso. Assim, o hospital liberou Paul um pouco antes do meio-dia de 7 de agosto. Ele não ficou muito tempo fora.

Na tarde seguinte, 8 de agosto, Martha disse aos médicos que Paul estava brincando em uma cadeira inflável enquanto ela falava com um vizinho através de uma janela aberta quando Paul de repente engasgou e ficou rígido. Mais uma vez ele parou de respirar e novamente ficou azul. Novamente Martha chamou a ambulância. E novamente Paul estava alerta e ativo quando chegou ao hospital.

Médicos intrigados admitiram Paul para uma nova rodada de testes - todos os quais não mostraram nada de errado, e Paul não teve mais crises de respiração no hospital. O médico assistente atribuiu o episódio a “prender a respiração”. Paul deixou o hospital quatro dias depois, 12 de agosto, feliz e animado.

Mas em menos de vinte e quatro horas, ele estava de volta. Desta vez, Martha relatou que ele se enrijeceu em uma espécie de ataque, convulsionou, então parou de respirar completamente enquanto ela o segurava em seus braços. Harry estava a poucos metros de distância quando Paul começou a ficar azul. No hospital, os médicos injetaram nele um medicamento anticonvulsivo chamado paraldeído e, em poucas horas, Paul estava novamente alerta e ativo. Um exame neurológico e outro da coluna não mostraram nenhum problema.

Seus médicos no pequeno hospital do correio ficaram confusos, então, no dia seguinte, transferiram Paul para o Walter Reed Medical Center, o principal hospital do Exército dos EUA em Washington, DC, onde teriam mais recursos para resolver esse mistério.

Mas depois de cinco dias de exames cerebrais, eletroencefalogramas, mais radiografias de crânio e tórax e uma bateria de outros exames sofisticados, os médicos de Walter Reed também ficaram perplexos. Eles decidiram que Paul sofria de “um distúrbio convulsivo de etiologia indeterminada” e o mandaram para casa em 19 de agosto com uma receita de fenobarbital.

Paul Woods passou a maior parte de seus seis meses na Terra em hospitais que não conseguiam entender por que ele estava lá.

E ele não terminou.

Na tarde seguinte, 20 de agosto, Paul foi levado às pressas para o Kirk Army Hospital. Ele estava em parada cardíaca e pulmonar - sua respiração e coração pararam. Trabalhando furiosamente, os médicos de emergência injetaram adrenalina diretamente em seu coração sem vida, enfiaram um tubo em sua pequena garganta e restauraram sua respiração, mas ele estava em coma e não respondeu a nenhum estímulo doloroso. Ele foi rapidamente transferido para o Johns Hopkins Hospital de Baltimore, um dos melhores hospitais do mundo. Seu prontuário trazia uma narrativa simples: “Digno de interesse é o fato de o bebê nunca ter apresentado nenhuma dificuldade no hospital, mas sempre em casa e menos de vinte e quatro horas após a alta”.

Martha disse aos médicos do Johns Hopkins que ela havia colocado Paul em seu berço depois do almoço. Enquanto preparava Judy para seu cochilo, ela notou que Paul não estava respirando. Seus lábios e rosto estavam azuis. Ela soprou pequenas respirações em sua boca, mas ele não respondeu. Ela correu para fora e gritou para alguém ajudar. Um vizinho levou-os às pressas para o hospital.

Os médicos questionaram Harry e Martha, que juraram que Paul não havia sofrido nenhum trauma físico, nem havia ingerido nenhum veneno. Mas os pais levantaram uma possibilidade diferente, quase como uma reflexão

tardia e certamente nunca mencionada antes: algo tóxico no ar. “Gases nervosos” estavam sendo testados no campo de testes, disseram eles, e a baía ao lado de sua casa havia sido fechada porque “todos os peixes estavam morrendo por causa de alguns produtos químicos derramados”.

De repente, os médicos tinham uma pista. Eles enviaram amostras da urina e do sangue de Paul para um laboratório que identificou “algo anormal”, uma substância estranha que o laboratório disse que poderia (ou não) ser um organofosforado conhecido como diazinon – um inseticida. Enquanto tratavam de Paul por possível envenenamento por diazinon, eles também descobriram que o Exército borrifava rotineiramente dois outros inseticidas no poste, embora as datas não correspondessem a nenhum dos feitiços de respiração de Paul, e os testes subsequentes do sangue de Paul foram inconclusivos.

Então um choque. Em 9 de setembro, vinte dias depois que Paul entrou em coma, sua irmã adotiva Judy foi internada no Johns Hopkins. O Dr. Douglas Kerr, residente pediátrico e novo pai, trabalhou no pronto-socorro naquela tarde e descobriu que Judy era uma criança animada. Nenhum sinal externo de qualquer dificuldade.

Mas Martha disse a Kerr que Judy, de dois anos e meio, desmaiou, parou de respirar e ficou azul por alguns minutos. Depois que ela começou a respirar novamente, ela permaneceu flácida e sonolenta, então Martha a trouxe para ser examinada.

Martha parecia a Kerr inteligente, carinhosa e experiente, mesmo quando Harry parecia submisso e um pouco estúpido. Ela falou a maior parte da conversa, mas foi cooperativa e cortês quando ele perguntou sobre o histórico médico surpreendentemente extenso de Judy, que incluiu pelo menos cinco episódios respiratórios semelhantes em que ela foi levada às pressas para o hospital depois de ficar azul desde que veio para o Woodses como uma criança de cinco dias. -bebê velho.

Mas Kerr sentiu uma relutância em Martha em relação à sua própria história médica — três filhos natos que morreram ainda bebês de vários defeitos, um bebê natimorto, dez abortos espontâneos e diversas outras doenças. Ele achava que a Martha de meia-idade poderia ficar desconfortável falando sobre coisas tão pessoais.

Kerr ficou surpreso ao saber que o irmão mais novo de Judy estava em coma na UTI do Johns Hopkins, alguns andares abaixo. Quando ouviu falar da teoria do inseticida, ficou ainda mais curioso. Judy e Paul dormiam no mesmo quarto. Se o ar deles estivesse envenenado, não era razoável pensar que ambos sofreriam os mesmos sintomas?

Quanto mais ele aprendia sobre os testes em andamento sendo solicitados pelos médicos de Paul, mais Kerr suspeitava de uma história mais sombria. Os especialistas não encontraram inseticida na casa dos Woods; os médicos não encontraram nenhum no sangue de Judy. Uma equipe de entomologistas até coletou carcaças de insetos na área e não encontrou toxinas incomuns. Os dutos da casa não estavam vazando monóxido de carbono ou qualquer outro gás. As explicações ambientais estavam diminuindo.

O mistério obcecava Kerr. Ele aprendeu mais sobre os três primeiros filhos mortos de Martha. Ele visitava Judy todos os dias. Ele se debruçou sobre a trágica e improvável história reprodutiva de Martha. Ele pediu mais testes e fez mais perguntas. Se tivesse tempo livre, pensava em Judy. Ele não conseguia dormir. Alguns dos médicos mais velhos zombavam da paixão juvenil de Kerr; eles pararam de perder tempo com mortes no berço. Mas até que ele descobrisse o que estava fazendo com que essas crianças parassem de respirar, não era seguro deixar Judy ir para casa. Ele segurou a pobre menina perto de uma espécie de custódia protetora.

O intestino de Kerr doía.

O jovem pediatra entrou em contato com os Serviços de Proteção à Criança com uma teoria assustadora. Os históricos médicos de Judy e Paul, e as próprias palavras de Martha, sugeriam algo mais horrível do que a pulverização de inseticida.

Finalmente, em uma reunião desconfortável, ele revelou suas suspeitas a Harry e Martha. Ele lhes disse coisas que eles não queriam ouvir. Eles contestaram tudo. Eles ficaram com raiva e empurraram para trás. "Deixe a grama crescer e nós vamos cortá-la", Harry rosnou, e Kerr temeu que fosse uma ameaça.

Dez dias depois que Judy foi internada, funcionários do bem-estar infantil secretamente a tiraram do Johns Hopkins e a levaram embora. Quando Martha foi para o quarto de Judy e Judy tinha ido embora, ela murchou em um apagão depressivo. Ela sabia que nunca mais veria Judy.

Harry e Martha também foram proibidos de ver Paul.

O menino continuou a definhar. Apenas uma máquina o mantinha vivo. Seus membros minúsculos estavam sacudindo com espasmos involuntários, sua respiração ficou tão difícil que os médicos abriram um buraco em sua garganta para facilitar, e seu corpo ferveu de febre enquanto seu cérebro decaía.

Dois dias depois, no domingo, 21 de setembro de 1969, sete meses e doze dias depois de ter nascido, e um mês depois de ter sido internado em coma,

Paul David Woods morreu sozinho.

E o jovem Dr. Douglas Kerr não tinha ideia de que a história sombria que o assombrava ficaria ainda mais sombria.

* * *

Quando cheguei ao escritório do legista chefe no centro de Baltimore na segunda-feira de manhã, Paul estava esperando por mim. A carroça do necrotério o entregara na noite anterior, e agora ele estava deitado sob as brilhantes luzes fluorescentes da minha mesa.

Eu tinha visto bebês mortos. Eu já tinha feito mais de cem autópsias forenses antes de começar minha bolsa em Baltimore. Não fiquei triste nem com raiva. Minha fé e meu treinamento me protegeram. O que tenho na bandeja não é uma pessoa, mas um corpo. Apenas uma casca. A pessoa, a alma, se foi.

Neste caso, eu sabia que um pediatra da Johns Hopkins suspeitava de abuso. Eu sabia que a mãe tinha outros filhos que morreram em circunstâncias questionáveis. Eu conhecia a teoria do inseticida. Eu sabia que esse garotinho tinha ido ao hospital muitas vezes com ataques respiratórios inexplicáveis. E eu sabia que uma irmã tinha experimentado feitiços semelhantes. Era hora de deixar essa criança falar por si mesma.

Examinei Paul, por dentro e por fora, por algumas horas. Ele tinha vinte e sete polegadas de comprimento e pesava quinze quilos. Não havia sinais externos de abuso físico, embora sua última hospitalização tivesse deixado suas próprias marcas dolorosas. Seus olhos estavam claros. Seu nariz e garganta estavam desobstruídos. Vi um menino de sete meses, bem desenvolvido, bem nutrido, cujos primeiros dentes ainda não haviam nascido.

Eu removi os órgãos de Paul, um por um, examinando-os de perto antes de fazer lâminas microscópicas de seus tecidos. Eu estava especialmente interessado em seu cérebro e pulmões, o que revelaria mais de sua história, mas olhei para cada parte dele de uma forma que nenhum de nós jamais vê (ou quer ver) outro humano. Na maioria das vezes, ele não tinha infecções, nem venenos, e seu coração estava bom.

Não encontrei nada que explicasse os muitos ataques respiratórios de Paul. Nenhuma coisa. Ele não tinha alergias aparentes. Ele era mais velho do que a maioria das mortes no berço, que atingem o pico em três a quatro meses. A apresentação e a sequência de seus sintomas não combinavam com nenhum processo de doença que eu conhecia. Sua morte me intrigou, especialmente porque tantos médicos não encontraram absolutamente nada

de errado com ele. É impossível para qualquer pessoa, muito menos para uma criança, prender a respiração por tempo suficiente para morrer.

Mas ele estava morto. Meu trabalho era determinar o porquê.

Seu cérebro estava morto há cerca de um mês, sem oxigênio. Suas lesões cerebrais datavam do momento de sua última admissão – o momento de seu último episódio de respiração. Ele estava morto antes mesmo de chegar ao Johns Hopkins, mas seu coração revivido continuou a bater e seus pulmões ressuscitados continuaram a respirar por um mês. Com o passar dos dias, certas funções controladas pelo cérebro cessaram. Seus pulmões entupiram com fluido, e o sangue se acumulou em seus outros órgãos até que ele morreu trinta e um dias depois.

Causa da morte: Paul James Woods morreu de broncopneumonia relacionada à morte cerebral.

À luz das outras mortes infantis na história de Martha Woods, e sabendo que os sintomas de Paul eram consistentes com asfixia temporária deliberada que não deixou marcas ou pistas, minha conclusão sobre a forma da morte de Paul era rara na época. E foi apoiado por meu chefe, Dr. Russell Fisher, um dos mais respeitados médicos legistas de sua época.

“É nossa recomendação”, disse o relatório, “que o homicídio seja considerado seriamente neste caso”.

Eu acreditava que Paul Woods tinha sido assassinado, possivelmente por alguém de sua família, mas naquele momento eu não tinha ideia de como a morte desse garotinho iria desvendar um crime infernal maior do que todos nós.

* * *

Poucos dias depois, Paul Woods foi enterrado na seção Babyland, na borda oeste do Harford Memorial Gardens, perto de Aberdeen. Harry, Martha e uma das irmãs de Martha observaram o pequeno caixão ser baixado no chão. Ninguém mais veio. O estado pagou por seu marcador de bronze em forma de coração com apenas seus nomes e datas. O que mais havia?

Muito em breve, Judy Woods foi adotada por uma família mórmon amorosa, e seus ataques respiratórios pararam completamente.

Mas as suspeitas não diminuíram, embora ninguém realmente soubesse o quão grande esse caso poderia ser. Como o possível assassinato de Paul havia acontecido em um posto militar, o FBI ficou com o caso, mas em seus primeiros dias era tragicamente simples: alguém matou um bebê.

Não ficou simples. Seu assassino tinha cometido um grande erro. Paul morreu de uma interrupção do fluxo de oxigênio para seu cérebro. Ele foi sufocado. A falta de oxigênio no cérebro causou morte cerebral no

momento em que ele foi agredido. O ataque foi cometido em uma reserva do governo para um civil (Paul). Isso significava que o caso estava sob a jurisdição do FBI, que tinha o tempo e os fundos necessários para uma investigação abrangente.

Quanto mais agentes do FBI cavavam, mais profunda, sombria e doente a história se tornava. Eles desenterraram décadas de registros mofados de tribunais de pequenas cidades, vasculharam memórias de família, entrevistaram amigos e vizinhos distantes e perseguiram pistas que iam e voltavam por todo o país. Uma imagem arrepiante entrou em foco. O que começou como uma *questão* de abuso rapidamente se tornou uma *probabilidade* de assassinato.

E todas as evidências apontavam para a mulher que só queria que todos soubessem que ela era uma boa mãe: Martha Woods.

* * *

Martha nasceu em casa em 20 de abril de 1929, a décima de treze filhos de William e Lillie May Stewart, motorista de caminhão e sua dona de casa especialmente fértil. Nascida na véspera da Grande Depressão, Martha cresceu principalmente em uma família extensa de dezessete pessoas espremidas em um aluguel de US \$ 15 por mês de dois quartos com muito pouco de tudo. Uma desistente do ensino médio, ela trabalhou em alguns empregos braçais, em lanchonetes, lavanderias e fábricas de sapatos, mas nunca por muito tempo.

Pouco antes do Dia de Ação de Graças de 1945, com apenas dezesseis anos, Martha Stewart engravidou de um menino da vizinhança. Ela tinha muito pouco a agradecer. Justamente quando ela deveria estar frequentando bailes do ensino médio e namorando, ela era uma mãe adolescente solteira e sem qualquer renda.

Um mês antes da data prevista para o parto, Martha entrou em trabalho de parto. Um menino nasceu prematuro, pesando pouco mais de quatro quilos. Ela o chamou de Charles Lewis Stewart, em homenagem a dois de seus irmãos mais velhos, um dos quais se afogou no rio Mosela, na Alemanha, durante os últimos dias da Segunda Guerra Mundial. Mas ela apenas o chamava de Mikey.

Mikey ficou em uma incubadora de hospital por onze dias, mas quando finalmente foi liberado, ele ainda lutava. Mikey dormiu com Martha no quarto do andar de cima que ela dividia com a irmã, um sobrinho e vários filhos menores. Ele mal comeu nada, disse Martha, e quando comeu, vomitou. A certa altura, a mãe de Martha estava alimentando Mikey com um conta-gotas, mas não adiantou muito.

Então, um dia, de repente, Mikey simplesmente parou de respirar e ficou azul enquanto Martha o segurava. Seus pais levaram mãe e filho para o Hospital Infantil de Columbus. Os médicos determinaram que ele estava gravemente desnutrido. Mikey foi admitido e, nos sete dias seguintes, ele se animou e ganhou surpreendentemente meio quilo. Ele foi mandado para casa com algumas vitaminas e uma nova fórmula.

Dois dias depois, em 23 de agosto, Mikey morreu. Bem desse jeito. Ele estava deitado no sofá da sala quando parou abruptamente de respirar e ficou azul. A ambulância da polícia correu para a casa, mas era tarde demais. O legista veio e levou o cadáver de Mikey em sua pequena bolsa médica preta.

Mikey não foi autopsiado, mas seu atestado de óbito culpou um timo aumentado (um diagnóstico típico para bebês mortos na década de 1940) e “status lymphaticus” (um termo alto para morte no berço que é equivalente a um encolher de ombros médico, significando absolutamente nada) .

Com apenas um mês e quatro dias de idade quando morreu, Mikey foi enterrado não muito longe de seu tio herói de guerra e xará no Cemitério Wesley Chapel, nos arredores de Columbus.

Não demoraria muito para que a sepultura de outra criança fosse cavada ao lado dele.

Quatro meses depois, no Natal de 1946, quatro crianças daquela casinha claustrofóbica adoeceram. Um deles era o gorducho sobrinho de três anos de Martha, Johnny Wise, filho de sua irmã Betty, que também era mãe solteira e adolescente. Johnny estava brincando na neve no dia de Natal, e no dia seguinte a criança normalmente alegre reclamou de dor de cabeça e dor de garganta.

Naquela noite, Martha colocou Johnny em sua própria cama no andar de cima enquanto Betty tomava banho. Alguns minutos depois, Betty gritou e correu escada abaixo com o corpo flácido de Johnny. Ele havia parado de respirar e estava ficando azul. A ambulância chegou tarde demais para salvá-lo, mas a casa ficou em quarentena por três dias quando as autoridades de saúde temeram um surto de difteria, uma infecção respiratória altamente contagiosa que estava se tornando mais rara na década de 1940. No quarto dia, a quarentena foi suspensa e a família enterrou Johnny ao lado de seu falecido primo Mikey no chão congelado do Wesley Chapel Cemetery.

Uma autópsia foi feita, mas os órgãos do pescoço da criança não foram removidos e examinados – tudo o que é necessário para diagnosticar a

difteria. Em vez disso, a morte foi certificada como difteria com base apenas nas outras doenças da casa, não em nada que o autópsia tenha visto.

* * *

No início de 1947, Martha, de dezessete anos, foi presa por falsificação e enviada para um reformatório por um ano. Quando ela saiu em 1948, ela passou por alguns trabalhos de garçoneiro até que uma namorada a apresentou a um trabalhador de 22 anos chamado Stanley Huston. Dentro de alguns meses, ela estava grávida novamente, então ela se casou com Stanley em uma cerimônia apressada em janeiro de 1949 e morou em uma série de apartamentos e bangalôs. Infelizmente, em meio ao caos, Martha teve o primeiro de dez abortos espontâneos, segundo suas próprias contas.

Mas ela logo concebeu novamente. Mary Elizabeth Huston nasceu prematuramente em 28 de junho de 1950 e ficou no hospital por três semanas antes que Martha pudesse levá-la para sua nova casa, um bangalô alugado de 150 metros quadrados. Uma semana depois, Mary, de um mês, de repente parou de respirar e ficou azul. Martha correu com ela para o hospital, onde os médicos não encontraram nada de errado e a liberaram após dois dias de observação.

Oito dias depois, Mary estava de volta ao hospital. Inexplicavelmente, enquanto Martha a embalava, ela parou de respirar e ficou azul. Martha a reviveu com boca a boca, mas os médicos não conseguiram encontrar a causa do episódio respiratório. Eles tocaram sua espinha, raspavam sua cabeça e colocaram agulhas em seu couro cabeludo, mas não encontraram nada. Durante três dias, eles observaram o bebê, que não apresentava sinais de doença. No final, eles culpavam uma infecção respiratória desconhecida e mandaram o bebê de volta para casa.

Na manhã de 25 de agosto — menos de duas semanas após sua internação — Mary novamente parou de respirar e ficou azul nos braços de Martha. Novamente Martha a ressuscitou e a levou para o hospital. Mais uma vez, os médicos descobriram que o bebê estava alerta e vigoroso e a liberaram.

Naquela mesma tarde, Marta deu banho em Maria e a alimentou antes de deitá-la no berço para um cochilo. Em poucos minutos, Mary parou de respirar e estava ficando azul. Quando ela chegou ao pronto-socorro, o bebê estava morto. Ela viveu apenas um mês e vinte e sete dias, a maioria deles em uma cama de hospital.

Mary Elizabeth Huston foi enterrada em um terreno familiar em grande parte vago no Cemitério Beanhill, um cemitério rural perto da cidade natal de seu pai na zona rural de Vinton County, Ohio. Nenhuma autópsia foi

feita, mas seu atestado de óbito disse que ela engasgou com um tampão mucoso que nunca foi encontrado.

* * *

Mais um aborto espontâneo e dezesseis meses depois, Carol Ann Huston nasceu em 22 de janeiro de 1952. A gravidez havia sido difícil, e o bebê nasceu de cesariana com apenas sete meses. Ao nascer, ela pesava apenas cerca de dois quilos, então ela ficou no hospital cerca de três semanas antes de ir para casa em uma nova casa alugada em West Jefferson, uma pequena cidade a oeste de Columbus. Martha a visitava quase todos os dias.

Pela primeira vez na maternidade de Martha, um bebê prosperou por alguns meses seguidos sob seus cuidados. Mas não duraria.

Em maio, Carol Ann pegou um resfriado persistente e desenvolveu uma tosse persistente. Na manhã de 12 de maio, antes de sua visita ao hospital, um médico local foi até a casa e deu a ela uma injeção de penicilina.

Uma hora depois, o bebê estava morto. Martha disse que Carol Ann simplesmente engasgou e ficou azul. Ela morreu antes da chegada da ambulância.

Com base no que Martha disse a ele, o médico assinou o atestado de óbito sem autópsia e declarou que a causa da morte era epiglotite, uma condição perigosa que ocorre quando uma epiglote infectada – um pequeno “aba” de cartilagem que cobre a traqueia – incha e bloqueia fluxo de ar para os pulmões. Mais tarde, ele admitiu que não havia observado tal infecção, mas baseou sua conclusão puramente no que Martha lhe disse.

Carol Ann vivera apenas três meses e vinte e um dias, a vida mais longa dos três filhos naturais de Martha. Ela foi enterrada ao lado de sua falecida irmã no Cemitério Beanhill, onde hoje eles compartilham uma lápide.

Martha caiu em uma depressão tão grave que tentou se matar. Em uma manhã no início de dezembro, depois que Stanley foi trabalhar, ela puxou uma de suas armas do armário. Ela escolheu um incomum, um rifle de cano duplo “over-under” que atirava cartuchos de calibre .22 de um cano e cartuchos de espingarda .410 do outro. O atirador alternava entre eles apertando um pequeno botão.

Ela deitou na cama e segurou o cano contra o peito enquanto puxava o gatilho. A arma rugiu, mas milagrosamente ela ainda estava viva, com apenas um arranhão no ombro esquerdo de uma bala .22. Ela correu para fora gritando até que um vizinho a levou ao hospital, onde os médicos simplesmente esfregaram sua pele queimada com anti-séptico e enfaixaram sua ferida superficial com uma fita adesiva. Martha disse aos médicos que

achava que estava apertando o botão de segurança quando, na verdade, havia trocado o mecanismo de disparo de espingarda para .22.

Martha assustou Stanley. Ela estava louca. Ele a levou diretamente da sala de emergência para o Hospital Estadual Columbus, onde a internava involuntariamente por quase dois meses.

Sozinha em casa na primavera de 1953, depois que o asilo a liberou, Martha precisava de distração. Ela conseguiu um emprego como empregada doméstica na Columbus State School (que só recentemente mudou seu nome de Institution for Fraeble-Minded Youth). Lá, ela cuidava de crianças com deficiência mental, de seis a nove anos, oito horas por dia, cinco dias por semana. O trabalho perfeito para uma mãe experiente como Martha.

Um dia, Martha estava embalando uma criança retardada no colo quando ela alegou que ele teve um ataque epilético. Ele apertou os dentes em seus dedos quando ela tentou impedi-lo de engolir a língua. Ele então simplesmente parou de respirar e ficou azul. Seus chefes elogiaram Martha por salvar sua vida.

Outra vez, um de seus jovens protegidos foi levado em uma maca... inconsciente, sem respirar, azul ao redor da boca e do nariz. Ele teve sorte de Martha estar lá.

A vida continuou, dia após dia. Era um lugar estranho para pessoas estranhas, então ninguém prestava muita atenção nas coisas estranhas que aconteciam com crianças retardadas.

* * *

Em junho de 1954, Stanley foi convocado para o Exército dos EUA. Quando Stanley partiu para a Alemanha naquele outono, o casamento estava em suporte de vida.

Martha, de 25 anos, dormiu brevemente na fazenda dos pais de Stanley em Vinton County. Um dia, enquanto ela estava lá sozinha, Martha viu fumaça saindo do celeiro, então ela correu para salvar todos os animais dentro pouco antes da estrutura queimar no chão.

Embora seus sogros elogiassem Martha como uma heroína corajosa, ela logo voltou para a casa de seus pais em Columbus. Quando seu divórcio foi finalizado em agosto de 1956, ela alugou uma pequena casa geminada que dividia com sua irmã adolescente solteira Margaret, que já tinha dois filhos pequenos. Laura Jean era uma criança e Paul Stanley era um recém-nascido. Um dia, o pequeno Paul parou de respirar de repente e ficou azul. Uma Margaret histérica ligou para seu namorado, um jovem mecânico de automóveis chamado Harry Woods, que estava prestes a se juntar ao

Exército dos EUA. Harry correu com todos eles para o hospital em seu carro, com Martha gritando o caminho todo para ir mais rápido.

Na sala de emergência, uma enfermeira colocou o bebê mal respirando em uma mesa ao lado de uma mangueira de oxigênio montada na parede, mas não conseguiu encontrar uma máscara pequena o suficiente para caber na criança. Quando saiu da sala para procurar um, Martha pegou um copo de papel, enfiou uma tesoura no fundo e inseriu o tubo de oxigênio. Depois que ela pressionou sua máscara de oxigênio improvisada sobre o nariz e a boca de Paul, ele rapidamente começou a respirar com mais facilidade. Mais uma vez, Martha, de raciocínio rápido, evitou uma catástrofe e salvou a vida de um bebê.

Ela também acabou roubando o namorado de sua irmã, Harry Woods. Eles começaram a flertar mais tarde naquele ano, pouco antes de Harry ser enviado para a Coreia por dois anos.

Em maio de 1958, Martha estava morando sozinha em um apartamento eficiente, onde dormia em um sofá-cama ao lado da cozinha. Na época, a única renda de Martha era de US\$ 108 por mês de uma indenização trabalhista após um ferimento na cabeça que encerrou sua carreira em uma briga na escola estadual. Ela disse aos médicos que estava tendo dores de cabeça terríveis e até vinte convulsões ou desmaios todos os dias, e eles concluíram que ela devia ter epilepsia. (Esses sintomas magicamente desapareceram completamente quando o Estado de Ohio pagou Martha com uma quantia de US\$ 2.800 em 1959.)

Sempre a irmã obediente, ela convidou seu irmão desempregado Paul Stewart, sua esposa e sua filha de quatorze meses Lillie Marie para morar com ela até que Paul pudesse encontrar trabalho. Quatro pessoas enfiadas em um apartamento sem quarto seria apertado, mas a família de Paul poderia dormir no sofá de Martha e ela se deitaria em uma cama emprestada na copa.

Em 18 de maio, todos foram dormir cedo. Pouco antes da meia-noite, Martha levantou-se para ir ao banheiro, mas ouviu um ruído de asfixia no escuro. Era o bebê. Marta gritou.

Os pais assustados de Lillie Marie acordaram para ver Martha nas sombras, segurando seu bebê flácido. Então ela correu escada abaixo e rua abaixo, a dois quarteirões da casa de seus pais, onde chamaram uma ambulância.

Mas era tarde demais. Lillie Marie Stewart não respirava há vários minutos e seu rosto estava azul. Ela estava morta quando os médicos chegaram.

Nenhuma autópsia foi realizada, mas os médicos atribuíram sua morte súbita e inexplicável à pneumonite aguda, o termo geral para uma

inflamação pulmonar que eles nunca viram.

E ela foi enterrada no Cemitério Wesley Chapel ao lado de seus primos Mikey e Johnny, que morreram de forma semelhante. O terreno da família estava se enchendo rapidamente de pequenas sepulturas.

Tudo uma coincidência de partir o coração, disse a família.

A morte no berço deve correr em nosso sangue, disse a família.

E a pobre, pobre Martha tentou corajosamente salvá-los a todos, disse a família.

* * *

Depois de namorar regularmente por alguns anos, Martha e Harry se casaram no escritório do pastor da igreja de sua mãe em Columbus em 14 de abril de 1962, uma semana antes do aniversário de 34 anos de Martha. Eles moraram com os pais de Martha brevemente antes de Harry embarcar para a Coréia por um ano, e então no início de 1964, Harry voltou para os Estados Unidos para Fort Carson, Colorado. Ele e Martha alugaram um aconchegante chalé de um cômodo entre dois amigos de Harry nas proximidades de Colorado Springs.

Martha fez amizade com as outras jovens esposas do Exército. Tão rápido que ela mal tinha desempacotado suas caixas de mudança quando a esposa de um mecânico militar que morava no chalé atrás dos Woods pediu a Martha que tomasse conta enquanto ela trabalhava. Martha ficou feliz em ajudar.

Marlan Rash tinha apenas um ano de idade em 10 de janeiro, um dia de inverno excepcionalmente quente no Colorado. Martha estava sozinha com ele na casa quando Marlan de repente parou de respirar, desmaiou e ficou azul.

Martha administrou boca a boca e levou Marlan às pressas para o hospital do Exército próximo. Ele estava consciente quando eles chegaram, mas letárgico. Os médicos o cutucaram e cutucaram por cinco dias, testando seu líquido espinhal, sangue e urina, radiografando seu crânio e tórax, examinaram seus padrões cerebrais... e não encontraram nada de errado com a criança. Eles atribuíram sua respiração a um ataque epiléptico e o mandaram para casa.

Aconteceu novamente alguns meses depois, 3 de maio. Desta vez Martha disse que encontrou o pequeno Marlan deitado no quintal, inconsciente, febril, convulsionando, sem respirar, azul. Novamente ela fez respiração boca a boca e levou-o às pressas para o hospital, e novamente a criança foi submetida a quatro dias de testes que não mostraram nada. Mais uma vez,

médicos perplexos o mandaram para casa com um diagnóstico vago de “faringite aguda e convulsões”.

De volta para casa em 7 de maio, após outra exaustiva internação, a mãe de Marlan o deixou novamente aos cuidados de Martha e foi trabalhar. O bebê chorou quando ela foi embora, mas Martha o deixou no berço para chorar até dormir. Apenas alguns minutos depois, ela alegou ouvir um ruído borbulhante e encontrou Marlan levantando a cabeça para trás, engasgando e ficando com o rosto azul. Ela tentou respirar em sua boca, mas não funcionou. O pequeno Marlan Rash, com apenas dezoito meses, morreu em seus braços.

Sua autópsia disse simplesmente: “Morte, repentina, causa desconhecida”. Quando ele foi enterrado alguns dias depois no Cemitério Evergreen, Martha atendeu obedientemente para apoiar sua mãe enlutada.

* * *

Harry embarcou para o Vietnã em 1965 e Martha voltou para Columbus para cuidar de sua mãe viúva e doente. Em 1966, sua mãe morreu, Harry voltou para casa da guerra e eles voltaram para Fort Carson, onde acabaram na mesma casa onde Marlan Rash havia morrido.

Mas agora eles tinham novos vizinhos, os Thomas, outro amigo do exército de Harry, sua esposa e dois filhos. Um dia, enquanto a sempre prestativa Martha cuidava do filho de dezoito meses do casal, Eddie, a criança engasgou no berço e ficou azul. Martha o reviveu no jardim da frente, desalojando o que ela chamou de um grande tampão mucoso de sua garganta, depois o levou para o hospital. Depois, ela se ofereceu para mostrar à mãe de Eddie o tampão mucoso na grama, mas não conseguiu encontrá-lo. Os cachorros devem ter comido, supôs Martha.

Eddie sobreviveu e Martha continuou a tomar conta dele e de seus irmãos por quase um ano, enquanto Harry e Martha se candidatavam para adotar um filho. O sonho de começar sua própria família se tornou realidade em julho de 1967, quando um bebê de cinco dias entrou em suas vidas. Ela tinha nascido de uma adolescente solteira em Denver. Eles a chamaram de Judy Lynn.

Quase desde o início, Judy entrou e saiu do hospital do Exército com resfriados, infecções e problemas respiratórios. Em dezembro, Judy, de cinco meses, foi hospitalizada por uma semana depois de desmaiar no berço e ficar azul. Então aconteceu novamente no próximo mês de março. Duas vezes.

Durante aqueles primeiros meses, outras coisas estranhas aconteceram com a nova pequena família. A casa da família pegou fogo duas vezes, mas nas

duas vezes Martha salvou Judy. E então uma mulher estranha começou a ligar quase todos os dias depois que Harry saiu para o trabalho, exigindo que Martha entregasse Judy ou morresse. Martha relatou os telefonemas assustadores para a polícia militar e policiais civis, mas eles continuaram por meses.

Um dia, quando Martha estava sozinha em casa com Judy, um homem moreno ameaçador apareceu na janela de sua sala. Ele queria Judy. Quando ele ameaçou Martha, ela pegou a arma de Harry e atirou no homem através da tela. Ele fugiu ferido, disse Martha mais tarde à polícia, e entrou em um carro dirigido por uma mulher.

O incidente abalou Harry e Martha, então eles pediram ao Exército que os transferisse para fora do Colorado, fora do alcance dessas pessoas estranhas que queriam levar Judy embora. O Exército obedeceu, arrancando-os de Fort Carson e colocando-os em novos quartéis no Campo de Provas de Aberdeen, Maryland.

Mas não funcionou. Em poucos dias, as ligações recomeçaram. Então Martha relatou que o homem moreno que ela havia ferido no Colorado estava de volta à sua porta em Aberdeen, exigindo Judy. Ela o afugentou novamente – possivelmente salvando a vida de Judy novamente – e novamente relatou o incidente à polícia militar.

Desta vez, os detetives do Exército disseram a Martha que colocariam uma “armadilha” em seu telefone para pegar os culpados. As ligações e visitas assustadoras pararam. Anos depois, os policiais admitiram que nunca grampearam o telefone de Martha.

Com a ameaça atrás deles, Harry e Martha procuraram adotar outra criança. Eles se candidataram às autoridades do condado, submeteram-se a entrevistas e discutiram abertamente a perda dos três bebês de Martha.

Eles deixaram todo o resto de fora. Nada sobre Johnny Wise. Ou Lillie Marie Stewart. Ou Marlan Rash. Ou Eddie Thomas. Ou aqueles dois garotos retardados. Ou os feitiços de Judy. Ou os incêndios. Ou os chamadores misteriosos.

E certamente nada sobre quantas crianças chegaram ao alcance do braço de Martha Woods e pararam de respirar tempo suficiente para ficarem azuis.

A matemática é grotesca, mas simples. Ao longo de vinte e três anos, pelo menos sete crianças morreram e pelo menos cinco outras sofreram ataques respiratórios perigosos sob os cuidados de Martha. Todos eles tinham pais diferentes, moravam em lugares diferentes, tinham histórias diferentes, mas suas mortes eram estranhamente semelhantes. E uma pessoa sempre estava lá: Martha Woods.

O FBI já tinha visto o suficiente. Em novembro de 1970, mais de um ano após a morte de Paul Woods, Martha Woods foi indiciada por um grande júri federal por onze acusações, incluindo o assassinato em primeiro grau de Paul e a tentativa de assassinato de Judy.

Martha se declarou inocente de tudo.

* * *

O caso foi atribuído a um jovem advogado assistente dos Estados Unidos chamado Charles Bernstein, recém-saído da faculdade de direito da Universidade de Maryland. Ele era um jovem corajoso que trabalhava para um juiz durante o dia para pagar suas aulas noturnas.

Até Bernstein me ligar, eu tinha esquecido Paul Woods. Eu não sabia que seu caso tinha ido mais longe, muito menos que sua mãe havia se tornado a principal suspeita de seu assassinato. Minha bolsa em Baltimore havia terminado e agora eu era major do Exército dos Estados Unidos. Eu estava prestes a me tornar o novo chefe da Seção de Balística de Ferimentos do Instituto de Patologia das Forças Armadas, o escritório que estudava ferimentos de guerra fatais para todos os ramos das forças armadas — ainda um lugar movimentado naqueles anos de declínio do Vietnã.

Quando fiz a autópsia de Paul, acreditei que havia cerca de 75% de chance de ele ter sido assassinado. Uma boa chance, mas muitas dúvidas razoáveis para um júri absolver qualquer acusado de assassinato.

Quando li o histórico médico completo de Judy, minha certeza aumentou para cerca de 95%. Quase uma coisa certa, embora ainda haja espaço para uma dúvida legal.

Mas quando vi a pilha de bebês mortos espalhados no rastro de Martha nos últimos vinte e três anos, e como eles morreram, soube *sem dúvida* que Martha Woods havia matado aquelas crianças.

Casos de assassinatos federais eram raros quando o arquivo de Martha Woods foi parar na mesa de Bernstein. Para ser honesto, ele achava que ela estava louca como uma louca e provavelmente estava indo direto para um quarto acolchoado no hospital psiquiátrico de St. Elizabeth. Mas os psiquiatras que examinaram Martha no Walter Reed durante a hospitalização de Paul e Judy não encontraram sinais de insanidade. Na verdade, eles acharam Martha extremamente sã, forçando o Dr. Kerr a encontrar outro motivo para remover Judy de casa.

No entanto, a sanidade de Martha foi uma questão central em seu julgamento. Seu advogado nomeado pelo tribunal ofereceu uma defesa incomum: ela não matou Paul (ou qualquer outra criança), mas se o fez, ela estava louca.

O argumento de Bernstein não era menos incomum: ele não podia provar que a morte de Paul, por si só, foi assassinato, nem poderia provar que as mortes das outras seis crianças, separadamente, foram assassinatos. Somente quando essas mortes inexplicáveis em três décadas foram consideradas em conjunto, o padrão sinistro emergiu. Só então a verdadeira culpa de Martha Woods ficou aparente.

O problema é que, desde o direito consuetudinário britânico, os tribunais proibiam “atos maus anteriores” como prova da culpa do réu. O fato de outras crianças terem morrido de forma semelhante sob os cuidados de Martha — especialmente se ela não tivesse sido acusada dessas mortes — não poderia ser usado como prova de que ela assassinou Paul.

Bernstein enfrentou uma batalha legal difícil. Ele nunca tinha processado um assassinato. O advogado de defesa de Martha era um veterano de mente afiada e língua afiada chamado Robert Cahill. O réu de Bernstein era uma senhora de fala mansa e maternal que não parecia uma assassina. Suas principais testemunhas foram um jovem pediatra e um jovem médico legista, ambos mal tendo começado suas carreiras. E um dos conceitos mais monolíticos da jurisprudência americana se interpunha entre ele e um veredicto de culpado.

Bernstein tirou a pena de morte da mesa, temendo que pudesse ser um último e intransponível obstáculo para os jurados hesitantes. Na pior das hipóteses, Martha enfrentou a prisão perpétua.

As apostas eram altas. Se Martha fosse absolvida ou considerada inocente por motivo de insanidade, ela se afastaria como uma mulher livre. Na época, a lei federal não previa a internação de pessoas delirantes que cometiam crimes. Eles simplesmente não foram responsabilizados pelos danos que causaram.

Mas Martha jurou que não era culpada e também não era louca. Ela ansiava por seu dia no tribunal. Ela acreditava que poderia convencer um júri de sua inocência, assim como tantas vezes convencera amigos e parentes de que era uma heroína, não uma assassina.

Em 14 de fevereiro de 1972 - Dia dos Namorados - o julgamento começou, com o juiz distrital dos EUA Frank A. Kaufman dizendo ao júri de quatro homens e oito mulheres que esperava que o caso durasse apenas cerca de três semanas. Enquanto ele falava, Martha mexia nos botões de seu casaco de pano simples, seu marido amoroso Harry ao lado dela na mesa da defesa. Todos os dias, durante o resto do julgamento, Harry trabalhava em seu horário de serviço no início da manhã e dirigia até Baltimore para se sentar com Martha no banco dos réus.

Logo no início, a linda mãe mórmon que adotou Judy Woods testemunhou que Judy não sofreu mais crises de respiração desde que chegou em sua casa e estava provando ser uma criança normal e ativa. (Fora do tribunal, ela contou a Bernstein como a pequena Judy uma vez tentou acalmar um bebê chorando apertando seu nariz e mantendo sua boca fechada. Onde uma garotinha aprenderia uma coisa dessas?)

Uma série de testemunhas reuniu o sombrio número de mortos, de Mikey em 1946 a Paul em 1969, em uma nevasca de termos médicos alienígenas. Mesmo que os jurados não entendessem as palavras, eles sabiam em seus corações que não se tratava de uma infeliz série de acidentes. Eles tiveram que se perguntar: quantos bebês eu vi engasgar e ficar azul? Quantos bebês eu vi morrer? Quantos deles eu estava segurando em meus braços?

A defesa do inseticida também desmoronou rapidamente, pois especialistas, inclusive eu, disseram que não existiam evidências de que Paul (ou Judy) estivesse envenenado.

A defesa de insanidade, baseada em grande parte em uma alegação de defesa de que Martha sofreu ataques epiléticos durante os quais coisas terríveis podem acontecer (não que eles tenham admitido que essas coisas terríveis realmente aconteceram, veja bem), foi prejudicada pela própria Martha: ela não achava que tinha epilepsia e negou veementemente que ela fosse louca.

Dois psiquiatras, dois psicólogos, dois neurologistas e um médico concordaram com ela.

“Um tema crucial é a tremenda importância que ela atribui a ser uma boa mãe, um papel que parece constituir grande parte de sua identidade”, disse um psiquiatra que examinou Martha. “Para ela, ser uma boa mãe parece envolver ser superprotetora de uma criança totalmente dependente... ela descreveu a dor que sentiu quando uma criança mostrou os primeiros sinais de autonomia, como rolar sem ajuda.”

Martha sufocou aqueles bebês quando eles mostraram os primeiros sinais de não precisarem dela, ou eles eram simplesmente os mais fáceis de matar? Eles certamente não reagiram e não puderam testemunhar contra ela, e matá-los foi tão simples que não deixou marcas. Mas seu motivo permanecia indescritível.

Testemunhei por uma semana sobre a autópsia de Paul, minha crescente certeza de que o caso de Paul era um homicídio, os outros casos e a improbabilidade médica de uma família ter várias mortes no berço. (O termo “síndrome da morte súbita infantil” estava entrando no léxico e não era amplamente utilizado na época.)

O advogado de defesa de Martha brigou com minha teoria, citando o caso de uma família da Filadélfia que havia perdido oito de seus dez filhos de 1949 a 1968 por mortes inexplicáveis no berço (os outros dois morreram de causas naturais conhecidas). A extraordinária tragédia da família Noe foi até apresentada em um artigo da revista *Life* de 1963 que apelidou a matriarca Marie Noe de “a mãe mais enlutada da América”. Naquele momento, nenhum de nós conhecia o segredo obscuro da família Noe.

A testemunha mais fascinante foi a própria Martha. Ela testemunhou por uma semana inteira. Com uma memória extraordinária para datas, lugares, endereços e nomes, ela narrou sua vida, amores, lares, empregos, doenças, contracheques, conversas e mortes que observou, às vezes até corrigindo advogados de ambos os lados quando tropeçavam. Ela falou tão baixinho que o juiz teve que pedir várias vezes para ela falar. Ela permaneceu fria na tribuna, enxugando os olhos com um lenço na maioria das vezes quando falava sobre Paul ou Judy.

Quando confrontada com testemunhos incriminadores ou conflitantes de parentes, amigos e até mesmo de seu marido, ela afirmou em sua voz serena que eles simplesmente não estavam se lembrando corretamente.

Um dia, durante um intervalo, Martha estava do lado de fora do tribunal, abraçando o bebê de uma amiga. Bernstein ficou horrorizado com o que considerou uma façanha aberta, mas o juiz não podia ordenar que ela — uma mulher presumida inocente no momento — evitasse bebês.

Por mais de trinta horas de depoimento, Martha Woods foi o epítome da sanidade, mesmo que Bernstein a visse cada vez mais como uma sociopata brilhante.

Uma grande questão pairava no ar: se ela havia matado aquelas crianças, qual era o motivo dela? Milhões de palavras foram ditas neste julgamento, mas ninguém sabia.

O julgamento, que deve durar três semanas, se arrastou por cinco meses. Ao longo do caminho, quatro acusações relacionadas ao ataque de Judy foram retiradas, concentrando o veredicto inteiramente na morte de Paul Woods.

Em seu encerramento, o advogado de defesa Cahill atacou o Dr. Kerr e a mim como novatos ineptos (e se ele pudesse ter escapado com isso, ele poderia ter dito o mesmo sobre o promotor Bernstein). Todo o caso de Bernstein, disse Cahill, era um “castelo de cartas” construído sobre suposições, suposições e má ciência.

“Suponho, senhoras e senhores”, disse Cahill, “que o Dr. Di Maio deveria acrescentar outra especialidade ao seu currículo, que é meteorologista,

porque ele dá opiniões como um meteorologista... uma chance de setenta a setenta e cinco por cento [de assassinato]...”

O promotor Bernstein revidou, respondendo aos ataques de Cahill ponto a ponto. Então ele se desculpou, de certa forma, por mais de cinco meses de tagarelice triste, grossa, trágica, desconfortável, nauseante, às vezes contenciosa.

"Alguém não está sendo ouvido, senhoras e senhores", disse ele. "São essas crianças que foram mortas, que foram atacadas antes de aprenderem a falar... Quem fala por Paul Woods? Não há advogado aqui para ele. Quem fala por Judy? Quem fala por Charles Stewart? Para Carol Anne? Para Maria Isabel? Para John Wise? Para Lillie Marie? Para Marlan Rash?

"A resposta é, senhoras e senhores, sim. Eles gostariam de ter alguma justiça."

O júri levou quase dois dias para chegar ao veredicto: Martha Woods era culpada em todas as acusações.

"Eu não machuquei a criança", disse Martha soluçando em sua sentença um mês depois, quando o sempre leal Harry a abraçou. "Se eu não quisesse a criança, não teria ido buscá-la."

Ela também ofereceu um acordo estranho ao juiz: se ele não a mandasse para a prisão e devolvesse Judy para ela, ela deixaria seu irmão criar a garotinha e ela nunca mais se associaria com crianças.

"Eu não quero ficar perto de um bebê," ela disse, chorando. "Toda a minha vida, tudo o que eu queria era uma família. Agora eu não quero um. Eu não quero filhos. Não quero ficar perto deles."

O juiz Kaufman a condenou à prisão perpétua federal, além de outros setenta e cinco anos nas acusações menores. Ela não seria elegível para liberdade condicional até 2003.

Martha foi diretamente para o Campo Prisional Federal de Alderson, uma prisão de segurança mínima para mulheres que ficava no sopé pitoresco de Allegheny, na Virgínia Ocidental. Construído em 1928 para se assemelhar a um campus universitário, Alderson foi apelidado de "Camp Cupcake" quando uma Martha Stewart diferente foi encarcerada lá em 2004.

Agora com quarenta e poucos anos, Martha Woods era mais velha do que a maioria das detentas e reservada para si mesma. Ao longo dos anos, ela impressionou seus guardas como sendo matrona, cooperativa, ansiosa para agradar e uma delatora. Ela também era rápida em reclamar de várias doenças, reais e imaginárias, para obter vantagens especiais.

Harry se mudou para West Virginia para ficar perto dela e se aposentou do serviço militar em 1980. Ele a visitava fielmente todas as semanas, e eles se

sentavam juntos na sala de jantar da prisão conversando por horas.

Em 1975, a pretensa assassina Sara Jane Moore, que atirou no presidente Gerald Ford e errou, veio para Alderson. Ela tinha mais ou menos a mesma idade de Martha, e elas se sentiram atraídas imediatamente. Eles permaneceram próximos até que Moore escapou brevemente em 1979 e foi transferido para outra prisão. Ela foi libertada em 2007.

“Sendo uma assassina de bebês em uma prisão cheia de mulheres, ela teve uma luta difícil de superar”, lembrou Moore recentemente.

O recurso de Martha foi negado. Em uma decisão por 2 a 1, o Tribunal de Apelações do Quarto Circuito dos EUA manteve o argumento de que, neste caso extraordinário, seus “atos anteriores ruins” eram admissíveis.

Martha permaneceu desafiadora. Dezesesseis anos de prisão perpétua, ela disparou uma carta furiosa de seis páginas ao tribunal, alegando que foi condenada por um “grave erro judiciário” e pedindo para ser libertada imediatamente da prisão. Ela condenou a mim e a outras “supostas testemunhas especialistas”, o governo, seu próprio advogado, até mesmo o juiz. Ela alegou que, no final, nenhuma evidência concreta de assassinato foi mostrada em nenhuma das mortes dos bebês. O pedido dela foi negado.

Em 1994, Martha, de 65 anos, foi transferida para o Carswell Federal Medical Center, um hospital prisional em Fort Worth, sofrendo de endurecimento das artérias do coração e doença pulmonar obstrutiva crônica (DPOC). Os médicos administraram seus sintomas, com contratempos frequentes, nos oito anos seguintes.

Pouco antes do amanhecer de 20 de abril de 2002, no hospício da prisão, Martha Woods parou de respirar e morreu. Ela tinha setenta e três anos.

Seu último desejo era ser enterrada no Cemitério Wesley Chapel, no mesmo jazigo da família onde seus pais, irmão herói de guerra, filho Mikey, sobrinho Johnny e sobrinha Lillie Marie jaziam. Mas o terreno não tinha mais sepulturas vazias - em parte porque Martha ajudou a preenchê-las -, então Harry levou o corpo de volta para sua casa na Virgínia Ocidental, onde ela foi enterrada em um cemitério particular em Madams Creek. E embora Harry tenha se casado novamente após a morte de Martha, ele foi enterrado ao lado dela em seu uniforme militar completo quando morreu em 2013.

Ele nunca deixou de acreditar que ela era inocente.

* * *

O assassinato de uma criança por um adulto, especialmente um pai, é um dos crimes mais difíceis de entender. Tais assassinatos geralmente são cometidos no calor da paixão ou da insanidade. Muito mais raro,

felizmente, é o assassinato deliberado e sistemático de crianças por um longo período de tempo sem motivo aparente.

Na época do sufocamento de Paul Woods, não havia diagnóstico como a síndrome de Munchausen por procuração, um distúrbio psicológico definido pela primeira vez no final da década de 1970. Ainda hoje, o ceticismo persiste. Não está listado como um comportamento específico no *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM)*, embora a literatura médica moderna cite mais de dois mil casos de Munchausen por procuração em todo o mundo. Mas o psiquiatra de St. Elizabeth que examinou Martha não precisava de um nome chique: “Não vou testemunhar isso, mas [Martha] está ganhando algo com isso”, disse ela a Bernstein em particular. “Ela gosta de atenção.”

Tampouco tínhamos o termo “serial killer” – não amplamente usado até a década de 1980 – quando Martha Woods foi condenada. O público é ingênuo sobre o potencial humano de matar. Eles esperam que assassinos sejam demônios facilmente detectáveis, mas não são. Woods era um psicopata que não tinha problemas para matar crianças e nunca pensou duas vezes sobre isso. Ainda assim, seu nome aparece em poucas listas de assassinos em série americanos, embora ela tenha matado mais pessoas do que psicopatas americanos infames, como “Filho de Sam” David Berkowitz, Aileen Wuornos, Gary Heidnik, Ed Gein e Westley Allan Dodd. Em 1974, Charles Bernstein e eu escrevemos sobre os crimes de Martha Woods no *Journal of Forensic Sciences*. “Um caso de infanticídio” tornou-se um artigo divisor de águas que mudou radicalmente a forma como os médicos legistas e promotores analisavam os casos de múltiplas “mortes no berço” em uma família.

O caso foi importante por duas razões, médicas e legais. Um tipo peculiar de serial killer – um tipo que não era tipicamente reconhecido e processado na época – foi desmascarado por evidências médicas e forenses.

Mas depois de Woods, promotores e patologistas tiveram uma nova ferramenta. O caso mudou a forma como a lei olha para “atos maus anteriores”, especialmente nesses casos em que uma série de eventos aparentemente comuns se somam a uma calamidade terrivelmente extraordinária. Martha Woods estabeleceu um precedente involuntário, especialmente em casos de infanticídio: mortes semelhantes no passado podem ser usadas como prova contra um acusado de assassinato, mesmo que as mortes anteriores não sejam acusadas.

Também ganhamos uma nova máxima na patologia forense. Em 1989, escrevi em meu livro *Forensic Pathology*: “Uma morte infantil

inexplicável em uma família é SMSI. Dois é suspeito. Três é homicídio.”

Lembre-se da família Noe que o advogado de defesa Cahill apresentou como um exemplo de várias mortes no berço em uma família? Em 1998, Marie Noe, de setenta anos, foi presa em sua casa na Filadélfia e acusada de sufocar deliberadamente oito de seus filhos naturais entre 1949 e 1968.

Todos nasceram saudáveis, mas morreram de causas inexplicáveis em casa. Nenhum viveu mais de quatorze meses. Em cada caso, eles estavam sozinhos com a mãe.

Marie confessou ter matado quatro de seus filhos, mas alegou que não conseguia se lembrar do que aconteceu com os outros. Marie não pagou o mesmo preço que Martha Woods: ela conseguiu apenas vinte anos de liberdade condicional, cinco dos quais em prisão domiciliar. (A sentença extraordinariamente leve veio em um acordo judicial de 1999. Como nenhuma evidência física direta ligava Noe às mortes, e o caso se baseava apenas em autópsias insuficientes e sua confissão sobre eventos de décadas, os promotores temiam que ela fosse embora. O acordo poderia servir mais de encerramento do que de justiça.)

Então havia Marybeth Tinning. Seus nove filhos saudáveis morreram subitamente entre 1972 e 1985, antes de completarem cinco anos. Todos morreram em casa em Schenectady, Nova York... tudo sozinhos com a mãe. Em 1987, Tinning foi condenada por sufocar sua filha de três meses e sentenciada a vinte anos de prisão perpétua. No momento em que escrevia, ela ainda estava encarcerada, mas vinha a cada dois anos para liberdade condicional.

A princípio, não compreendi o alcance do caso de Martha Woods, mas com o tempo fiquei com raiva por três motivos. Primeiro, se o FBI não estivesse envolvido, nenhuma agência policial local teria gasto tempo e dinheiro para desenterrar o passado sórdido de Martha Woods. Ela teria continuado matando crianças.

Segundo, ela poderia ter sido detida mais cedo com investigação forense e autópsias adequadas, mas os sistemas médico-legais em muitas partes do país são lixo, especialmente onde os legistas são eleitos por votos populares e podem não ter treinamento forense real.

E, finalmente, estou com raiva por ainda não saber seu verdadeiro número de mortos. Há grandes lacunas em sua história. Anos. Não temos ideia de quantas crianças ela matou ou feriu. Apenas a dúzia de casos que encontramos me deixou doente.

Houve outras vítimas? Provavelmente. A investigação do FBI sobre o passado de Martha foi eficiente, não profunda. A agência foi

sobrecarregada no início dos anos 1970 com agitação anti-guerra e racial, terror doméstico, chicana política e medo de mais assassinatos. Uma dona de casa desalinhada não era uma alta prioridade. Encontrar mais vítimas de Martha poderia ter respondido às perguntas de algumas outras famílias, mas poderia levar mais um ano ou mais. Queríamos Martha Woods andando livre durante esse tempo? Lamentavelmente para quaisquer outras possíveis vítimas, o governo teve que ir com o que tinha.

* * *

Hoje, ninguém que já embalou Paul James Wood, que se lembra dele rindo ou chorando, que o viu sorrir, ainda está vivo. Em sua curta vida - apenas sete meses - ele caiu aos cuidados de ninguém que o valorizasse o suficiente para cuidar de sua memória, muito menos de sua saúde. Sua mãe biológica o entregou a uma mulher que queria apenas matá-lo e a um sistema que falhou com ele.

Alguns de nós o conheciam apenas na morte, o que não é uma maneira justa de ser lembrado, mesmo que sua morte tenha revelado os crimes de Martha Woods. E estamos esquecendo isso também.

O Office of the Chief Medical Examiner de Maryland arquivou o arquivo da autópsia de Paul com um nome diferente, e o cemitério onde ele foi enterrado perdeu todos os registros dele. Assim, toda a memória de Paul James Woods está agora contida em uma lápide de bronze em forma de coração e quatro caixas de papelão raramente vistas em um cavernoso armazém federal, onde estão armazenados os registros incompletos do julgamento de Martha Woods.

Talvez estivéssemos destinados a algum dia esquecê-lo completamente, mas parece muito cedo. Se estivesse vivo, seria um homem de quarenta e poucos anos hoje, não muito mais velho do que Martha Woods quando ela foi condenada por sufocá-lo. Deus sabe o que ele poderia ter se tornado. Admito que raramente penso nele. Raramente penso em vidas não vividas, não porque sou apática e fria, mas porque ficaria sobrecarregada.

Ainda assim, eu me pergunto o que aconteceu com Judy Woods. Ela sabe que foi resgatada de um assassinato quase certo? Me disseram que ela continuou a entrar em contato com Harry Woods de tempos em tempos até sua morte em 2013, e que ele pode tê-la ajudado com dinheiro de vez em quando. Após o funeral de Harry, ela ligou para o necrotério para perguntar se ele havia deixado algo em seu testamento, mas eles não sabiam.

Não importa como a vida de Judy acabou, ela era uma sortuda.

De todas as crianças condenadas que viviam sob o teto de Martha Woods ou foram confiadas aos seus cuidados, pelo menos Judy saiu viva.

Bombardeado além do reconhecimento

Pelo que você morreria?

Nosso mundo não é feito de mocinhos e bandidos, como policiais e ladrões. Somos apenas humanos desnorteados, propensos a mal-entendidos e medos, impregnados de ódio, despertados por nosso interesse próprio, fazendo o que sentimos ser melhor para nós mesmos e para nós mesmos. O mundo é um lugar bagunçado. E todos nós fazemos parte disso, às vezes fazendo as coisas certas pelas razões erradas.

Ou as coisas erradas pelas razões certas.

Então, talvez a pergunta deva ser: Por que você mataria?

BEL AIR, MARYLAND. SEGUNDA-FEIRA, 9 DE MARÇO DE 1970.

Como o cara menos veterano do quartel, apenas um ano fora da academia, o policial estadual de Maryland, Rick Lastner, tirou a gota d'água: ele era o único policial estadual em serviço de patrulha comum no turno do cemitério. Todos os outros tinham uma tarefa maior.

Tudo estava quieto, uma daquelas noites frias de março em Maryland, onde a escuridão caiu cedo e drenou a cor de Bel Air. Perto da meia-noite, apenas postes de luz, luzes da varanda e o carro ocasional que passava iluminavam as ruas silenciosas. Entre a lasca de uma lua e a relativa calma de uma noite de segunda-feira, esta cidade agrícola era um silêncio em preto e branco.

Mas a escuridão tinha olhos. Um grande julgamento começou no dia seguinte. O notório militante negro H. Rap Brown, que assumiu o controle do outrora pacífico Comitê de Coordenação Estudantil Não-Violenta (SNCC) e declarou “Vamos incendiar a América”, enfrentaria um júri por incitar violentos motins raciais que quase destruíram a cidade vizinha de Cambridge, Maryland.

Rumores circularam pela cidade de que havia mais violência pela frente em Bel Air, para onde o julgamento de Brown foi transferido. À medida que se aproximava e manifestantes barulhentos agitavam a cidade em um frenesi, o governador mobilizou a Guarda Nacional, voluntários foram substituídos às pressas e policiais locais ficaram em alerta máximo, todos temendo uma tempestade de fogo. Bel Air estava no limite.

Esta noite, sentado nas sombras da rua lateral, um delegado do xerife observou um Dodge Dart 1964 branco e sujo circular lentamente o tribunal de tijolos vermelhos antebellum algumas vezes, depois desaparecer na noite. Ele pensou ter visto duas figuras no banco da frente, talvez homens,

mas estava escuro demais para distinguir qualquer detalhe, incluindo a placa do carro. Talvez nada, pensou. Ninguém o seguiu.

Na Rota 1, o soldado Lastner passou por Bel Air em direção a Baltimore, que brilhava fracamente no céu claro da noite meia hora ao sul. Estava quieto demais, pensou. *O maldito rádio provavelmente apagou de novo.* Os tubos dos rádios mais antigos queimavam ocasionalmente. Ele pode ser cortado de todos os outros.

Lastner não era o tipo de cara que perdia a calma. Ele cresceu no centro da cidade e se juntou ao Corpo de Fuzileiros Navais logo após o ensino médio. Antes de completar vinte anos, ele foi enviado para o Vietnã. Ele serviu na zona mais quente, I Corps, que os grunhidos apelidaram de Indian Country. Antes de ser ferido, ele viu coisas que ninguém deveria ver. Outros garotos de sua idade estavam na faculdade, mas ele carregava os restos mortais de seus companheiros mortos em ponchos, vendo-os sangrar na selva. Agora era o rapaz de vinte e cinco anos mais velho que conhecia. Seu treinamento o manteve calmo; suas memórias o mantinham cauteloso.

Para testar seu rádio, Lastner sabia clicar no microfone e retransmitir uma sequência de teste de volta ao despacho. Havia apenas um carro na estrada à sua frente, então ele o contornou. Ele olhou casualmente para ele enquanto passava. Um Dodge Dart branco. Alguns caras, ambos na frente. Não acelerando ou desviando. Exceto pela hora da noite, nada mais parecia errado. Não há razão para suspeitar. Mal se registrou com ele. Ele só queria chegar a algum lugar para testar seu rádio.

O soldado acelerou. Quando ele estava em segurança mais de um quarteirão à frente, ele pegou seu microfone de rádio para testá-lo.

Enquanto ele ligava seu microfone, a noite irrompeu atrás dele em uma enorme bola de fogo laranja.

O Dodge Dart vaporizou.

Atordoado com a explosão, Lastner pisou no freio e girou sua viatura enquanto a dianteira do carro desintegrado e sem motorista passava por ele. Ele olhou de volta para os destroços rosnados. Uma cratera fumegante com 30 centímetros de profundidade no meio da rodovia marcou o epicentro da explosão. Montes de metal retorcido estavam espalhados por cem metros em todas as direções. Pedacos de espuma e algodão do estofamento demolido do Dart flutuaram como neve.

Ele saltou de seu carro e pisou em algo macio. Era um pedaço de carne humana do tamanho de um bife. O ar fedia com o fedor acobreado de uma chama acesa, mas não havia fogo nem sons. Morto quieto.

Nada que se assemelhasse a um carro permaneceu, muito menos os dois humanos dentro.

Lastner viu dois corpos mutilados no asfalto — na verdade apenas os restos maiores de dois corpos — fumegando na noite fria. Eles foram arremessados a quase trinta metros na detonação. Um era apenas um torso com tocos onde seus membros e cabeça deveriam estar. O outro estava em pedaços, mas pelo menos ainda parecia vagamente humano.

Quando ele finalmente comunicou pelo rádio que havia uma explosão com duas mortes na Rota 1, o despachante ficou inicialmente incrédulo, depois o repreendeu por transmitir fatalidades sem o código 10.

Mas eles estavam inquestionavelmente mortos.

Logo sirenes soaram ao longe. Lastner ficou parado no meio do caos escuro, silencioso e fétido e esperou a chegada da cavalaria.

Era o Vietnã de novo.

* * *

Ouvi a notícia no rádio do meu carro enquanto dirigia para o trabalho na manhã seguinte

Faltavam apenas alguns meses para eu terminar minha bolsa de um ano no Gabinete do Médico Legal de Maryland. Em julho, eu literalmente começaria minha próxima missão — como quase todos os médicos faziam na época — como major do Corpo Médico do Exército. Minha primeira tarefa foi chefiar a Seção Médico-Legal do Instituto de Patologia das Forças Armadas em Washington, DC. No ano seguinte, fui designado para a Seção de Balística de Ferimentos, onde finalmente tive a chance de ver, de perto e em grande escala, os efeitos desastrosos que armas e balas têm no corpo humano.

Mas no momento, os dois cadáveres em nossas mesas – ou mais precisamente, os pedaços de dois cadáveres – não foram mortos por balas ou mísseis. Eles morreram em uma explosão, provavelmente uma bomba, menos de doze horas antes. Eu não sabia muito mais na manhã seguinte, quando vi seus restos despedaçados pela primeira vez.

O vice-legista-chefe Werner Spitz designou meu colega Dr. Irvin Sopher e eu para autópsiar nossos dois cadáveres não identificados. Mas nossa missão habitual — quem eram eles e como morreram? — de repente ficou mais urgente do que nunca.

Antes que todas as suas infelizes peças fossem retiradas da cena, já circulavam rumores de que um deles era o próprio H. Rap Brown, e que ele havia sido assassinado por uma bomba jogada no carro ou plantada

embaixo dele. Dentro de uma hora da explosão, ainda de madrugada, o FBI estava exigindo respostas, rápido.

A paisagem americana já estava em chamas com a agitação anti-guerra e racial. Nos quatorze meses anteriores à explosão de Bel Air, mais de 4.300 bombas foram detonadas por grupos militantes como os Panteras Negras e o Weather Underground, e outras 1.000 foram desarmadas, falharam ou explodiram prematuramente. Milhares de ameaças de bomba todos os dias fecharam prédios governamentais, escritórios de companhias petrolíferas, grandes fábricas, escritórios de alistamento e arranha-céus em uma América nervosa.

Se o militante Brown tivesse sido assassinado, os agentes federais temiam que seus seguidores violentos pudessem desencadear uma reação infernal. Uma América já purulenta pode se transformar em uma guerra racial. Faria os tumultos em Watts e a anarquia nacional após o assassinato de King parecerem vigílias de oração.

Menos de 24 horas após a explosão de Bel Air, enquanto trabalhávamos para identificar as vítimas, uma bomba de dinamite em um banheiro feminino abriu um buraco de nove metros no tribunal do condado de Dorchester, onde o julgamento de H. Rap Brown havia sido originalmente programado antes de ser transferido para Bel Air. Uma mulher branca foi vista correndo e nunca foi pega.

O relógio estava correndo. E cada minuto parecia ser marcado por um rugido ensurdecedor.

Nossa tarefa era sombria, mas tínhamos que estar certos e tínhamos que ser rápidos. Ninguém precisava nos lembrar das consequências do fracasso.

Dr. Sopher teve o trabalho fácil.

Em sua mesa estava um negro razoavelmente intacto de cerca de trinta anos, seu rosto ainda reconhecível. Um bigode e cavanhaque bem aparados emolduravam sua boca. Totalmente vestido com calças rasgadas e camisa, ele estava rígido com rigor mortis.

Ele foi encontrado caído na estrada ao lado de um meio-fio a 25 metros da cratera da explosão, jogado para o lado do motorista do carro. Ele ainda cheirava fortemente a gasolina não queimada, carne queimada e cabelo fumegante.

Ele carregava uma carteira e carteira de motorista, mas os investigadores encontraram documentos de identificação carbonizados de várias pessoas nos escombros. Não podíamos ter certeza de que o nome na carteira de motorista era de fato o homem morto deitado à nossa frente, embora houvesse uma semelhança com esta foto.

Quando suas roupas esfarrapadas foram removidas, o Dr. Sopher notou uma única cicatriz deliberada sobre seu mamilo esquerdo: um diamante de cinco por cinco centímetros ao redor da letra K – semelhante ao logotipo da Kappa Alpha Psi, uma fraternidade universitária tradicionalmente negra. Ele tinha sido marcado.

Seus ferimentos estavam confinados ao lado direito de seu corpo. Os ossos de sua perna direita mutilada haviam sido quebrados em pedacinhos, deslocados completamente no joelho, a pele e os músculos rasgados. A pele de sua perna esquerda e o pouco que restava em sua perna direita estava queimada e preta de fuligem.

Os ossos do antebraço e da mão direita, como a perna direita, foram esmagados em pedaços, mantidos juntos apenas pela pele carbonizada.

Mas seus ferimentos na parte inferior do corpo terminaram em uma linha bizarra no meio da coxa, exatamente vinte e sete polegadas da sola de seus pés. Não havia danos — queimaduras, cortes ou qualquer outra coisa — nas costas e nas nádegas, e muito pouco no torso frontal. Os raios X não mostraram estilhaços nele, e a toxicologia não encontrou álcool ou drogas.

Dr. Sopher o abriu e encontrou danos catastróficos em seus corações e pulmões. Eles tinham hemorragia profusamente na explosão. Foi uma lesão vista comumente durante a blitz de Londres na Segunda Guerra Mundial, quando a concussão da explosão de bombas nazistas matou pessoas que podem não apresentar ferimentos externos graves. Seus órgãos vitais foram literalmente esmagados pelo choque da explosão.

O mesmo acontecia com os ossos do lado direito do rosto da vítima. Seu cérebro parecia ter levado um soco gigantesco.

Por causa de onde o corpo foi encontrado (no lado do motorista dos destroços, perto de onde o volante caiu) e os ferimentos no lado direito de seu corpo, determinamos que a vítima era o motorista e que a explosão tinha vindo de baixo no lado do passageiro do carro. Seu torso e coxas relativamente intactos foram protegidos da explosão pelo assento do carro.

Mas talvez o mais preocupante não tenha sido o que encontramos dentro do corpo, mas em seus bolsos.

Era uma espécie de manifesto, meio bilhete de suicídio e meio aviso. Foi grosseiramente escrito e datilografado:

Para Amerika: Eu estou jogando um assassinato heads-up. Quando o negócio for fechado eu vou estar de pé no seu peito gritando como Tarzan e o perdedor paga a parte. Dinamite é minha resposta à sua justiça. Armas e balas são minhas respostas para seus assassinos e opressores e a vitória é meu sermão em sua morte. Para o meu povo eu vou persegui-lo em um

poço do inferno com os dois barris fumegando e talvez o melhor ganhe e Deus abençoe o perdedor. Poder do que paz.

Amigos que correram para o local alegaram que reconheceram o homem, e mais tarde parentes o identificaram positivamente no necrotério. Impressões digitais finalmente confirmaram isso. Ele era Ralph E. Featherstone, um homem de trinta anos com endereço em Washington.

Quem foi Ralph Featherstone? Investigadores estaduais rapidamente confirmaram que Featherstone fundou e administrou a Drum and Spear Bookstore no centro de Washington, especializada em livros de e sobre negros e era um ponto focal para uma política racial cada vez mais militante. Quando o incendiário H. Rap Brown assumiu o controle do SNCC, ele fez de Featherstone um de seus principais tenentes. Juntos, eles transformaram à força o SNCC de um grupo de integração não-violento para um movimento de poder negro de pleno direito que promovia a violência contra a sociedade branca racista.

Featherstone começou como um militante improvável. Formado pela Faculdade de Professores do Distrito de Columbia, ele ensinou “correção de fala” em várias escolas primárias locais. Em 1964, ele participou do histórico Projeto de Verão do Mississippi para registrar eleitores negros e abriu cerca de quarenta “Escolas da Liberdade”, onde deu aulas de alfabetização, direitos constitucionais e história negra para cerca de três mil alunos. Os amigos o lembravam como quieto, estudioso e contemplativo.

Ele foi preso em Selma, Alabama, durante as marchas pela liberdade de 1965, e passou oito dias dormindo no chão de concreto da cadeia do condado, comendo feijão e pão de milho em todas as refeições e ficando cada vez mais irritado.

Mas dentro do recém-radicalizado SNCC de Brown, “Feather” (como foi apelidado) também se tornou beligerante e amargo. Ele admirava Ernesto “Che” Guevara e Karl Marx. Ele passou a ver todos os negros como escravos do século XX que devem se revoltar contra seus senhores brancos e criar um estado afro-americano autônomo, com poder absoluto sobre todos os aspectos de suas vidas. Ele se tornou um separatista negro sem remorso.

Ele não sabia, mas o FBI começou a vigiar Featherstone em 1967. À medida que o SNCC ficou mais ousado, os federais ficaram mais interessados em Feather. O arquivo de J. Edgar Hoover sobre ele já tinha algumas centenas de páginas em março de 1970. Eles sabiam que ele havia viajado para a Tchecoslováquia comunista em 1968, depois voou para Havana para comemorar o aniversário da revolução cubana de Castro.

Apenas algumas semanas antes de morrer, Featherstone havia se casado com uma professora que também era ativa no movimento. Ainda uma noiva recém-casada, agora também era viúva. Um mês após a explosão fatal, ela espalharia suas cinzas em Lagos, na Nigéria.

Em vida, Featherstone tinha sido um herói para a comunidade negra em Washington. Na morte, ele foi um mártir. Poucas horas após o incidente, antes que qualquer detalhe fosse conhecido, o SNCC emitiu um comunicado de imprensa furioso naquela manhã, chamando as mortes de “assassinatos cruéis”. Os bairros negros ao redor da Rua Quatorze começaram a fervilhar. *Pena foi assassinada pelo homem branco*, murmuraram. Eles planejaram vingança, mas a família de Featherstone pediu moderação, uma calmaria antes de qualquer tempestade.

Mas uma tempestade estava definitivamente se formando.

Hávamos identificado uma das vítimas, Ralph Featherstone, mas ainda não sabíamos como e por que uma bomba poderia ter explodido dentro ou perto de seu carro.

Se havia alguma boa notícia em meio a essa severidade, era que nossa primeira vítima não era H. Rap Brown. Mas nossa segunda vítima, cujo dano foi muito pior, era um quebra-cabeça forense muito mais difícil e perigoso.

E não tivemos um bom pressentimento. H. Rap Brown não era visto desde a noite anterior e não podia ser encontrado em lugar nenhum.

* * *

Não sobrou muito do corpo na minha mesa.

A explosão amputou ambas as pernas abaixo dos joelhos. O antebraço direito e a mão esquerda também estavam faltando. Seu braço direito tinha uma fratura feia da qual o úmero se projetava em um ângulo peculiar. Suas coxas foram cortadas como peixes até a virilha, as artérias, pele e músculos cortados em tiras pela explosão. Seus genitais tinham desaparecido.

Suas nádegas e pélvis foram literalmente explodidos, dividindo a parte inferior de seu corpo ao meio.

Uma ferida irregular se estendia da região púbica até o esterno, expondo seus intestinos purê e músculos do peito desgastados, mas uma estranha faixa de pele intacta de três a cinco polegadas esticada em sua barriga. Seu pescoço, braços e peito apresentavam cortes ainda mais profundos, embora a pele de suas costas estivesse intacta.

Sua mandíbula, pescoço e faringe eram uma polpa sangrenta. Seu rosto estava achatado e desmoronado; o que restava de seu crânio estava em cem pedaços sob a pele, como bolinhas de gude quebradas em um saco de papel

rasgado. Seus globos oculares haviam estourado nas órbitas e secado em cascas crocantes.

Por dentro, o coração e os pulmões desse homem sofreram hemorragias ainda piores com a explosão. Seu cérebro era mingau.

A maior parte do dano foi na frente do corpo deste homem.

Como Featherstone, essa infeliz vítima não tinha álcool ou drogas em seu sistema, mas os raios X mostraram algo mais intrigante: um objeto metálico embutido na parte de trás de sua boca provou ser uma bateria de mercúrio de 1,5 volt. Os filmes também mostravam partes metálicas espalhadas - uma mola, vários rebites, dois fios de meia polegada de comprimento e muitos outros fragmentos de metal não identificáveis - em seu peito e abdômen.

E em uma última investigação forense, encontrei seu pênis e uma palma de sua mão nos intestinos confusos do homem.

Esta vítima foi encontrada a cerca de 20 metros dos restos do lado do passageiro do Dart, na direção oposta do motorista Featherstone. Levando em conta esta localização e a natureza e distribuição de seus ferimentos, deduzimos que era o passageiro.

Enquanto isso, os especialistas do FBI concluíram que a bomba tinha sido cerca de dez bananas de dinamite conectadas a uma bateria e um despertador Westclox com chave. Eles identificaram o relógio a partir de pequenas peças encontradas no local. A explosão foi tão imensa que abalou casas a três quilômetros de distância.

Estávamos começando a ver o que acontecia.

A bomba não podia estar no porta-luvas, embaixo do painel de instrumentos ou embaixo do assento porque isso não combinava com a natureza dos ferimentos dos dois homens. Tinha que estar em algum lugar perto das tábuas do assoalho do lado do passageiro.

Não poderia ter sido plantado sob o carro porque o padrão de explosão, os danos ao chassi e o ângulo dos ferimentos sugeriam que estava dentro do carro.

Não poderia ter sido jogado no carro, disseram especialistas em cena do crime, porque todas as janelas estavam fechadas e o policial Lastner não tinha visto nenhum outro veículo na estrada naquela noite.

Só havia uma explicação: a bomba estava no chão do lado do passageiro, entre as pernas de nossa vítima não identificada. Seus ferimentos graves sugeriam que ele estava inclinado sobre ela, possivelmente com as mãos sobre ela, quando explodiu.

Como sabíamos? Seus ferimentos eram simétricos, provando que a explosão estava bem na frente dele. Aquela estranha faixa de pele em sua barriga estava protegida porque ele havia sido dobrado para frente, criando uma dobra de pele em seu abdômen. Seu queixo e pescoço haviam absorvido a maior parte da explosão. E a força tinha soprado sua mão e genitais para cima em seu corpo.

Quando a bomba explodiu, a mão direita de Featherstone estava no volante, e seu lado direito suportou o impacto da explosão.

Tudo resultou em uma coisa: Featherstone e seu passageiro ainda sem nome sabiam que estavam carregando um pacote letal. Eles não poderiam ter perdido.

Agora sabíamos o nome do motorista; também sabíamos que a bomba estava dentro do Dodge Dart. Acreditamos firmemente que esses dois homens estavam transportando conscientemente a bomba quando ela detonou prematuramente. Eles pretendiam explodir o tribunal de Bel Air, mas ficaram assustados com a enorme presença policial lá? Ainda não sabemos até hoje, mas é uma boa teoria.

Ansiosa para evitar acusações de encobrimento, a polícia do estado de Maryland revelou publicamente o que sabíamos sobre Featherstone e a localização da bomba, e a reação foi imediata.

“Quase antes que os destroços fossem legais”, respondeu o representante dos EUA John Conyers Jr., um democrata negro de Michigan, em uma carta assinada por vinte dos maiores nomes do movimento pelos direitos civis, “as autoridades de Maryland estavam certas de que tinham as respostas. Ralph Featherstone, diziam, estava brincando com explosivos. Aqueles de nós que o conheceram estão suficientemente convencidos de sua sensatez para desejar uma melhor explicação de sua morte.”

Mas um dia depois, ainda não sabíamos quem era a Vítima nº 2.

O FBI estava captando conversas sobre novas violências relacionadas ao bombardeio de Bel Air. O advogado de Brown, William Kunstler, defensor das causas esquerdistas, questionou publicamente se o FBI ou qualquer outra agência do governo poderia investigar essa tragédia com justiça.

“Sempre desconfio da história oficial”, disse Kunstler ao *Washington Post*. Militantes acusaram abertamente as autoridades de assassinar americanos inocentes. Uma mídia faminta já começava a perguntar: “Onde está H. Rap Brown?”

O tempo estava se esgotando.

* * *

Trabalhamos a noite toda para identificar o homem sem nome em nosso necrotério.

Sua própria mãe não teria reconhecido seu rosto obliterado. Além do dano óbvio, ele não tinha cicatrizes de identificação, deformidades ou tatuagens. Suas mãos se foram, então não havia impressões digitais. Tínhamos alguns dentes, mas sem a menor ideia de quem ele era, não teríamos registros dentários para comparar. Nós solicitamos arquivos dentários para o desaparecido H. Rap Brown, mas até agora, nenhum foi encontrado.

Para piorar a situação, os investigadores vasculhando os destroços encontraram duas carteiras de identidade diferentes com nomes diferentes (CB Robinson e WH Payne), documentos de dispensa da Marinha para William Payne, um cartão da biblioteca para alguém chamado Will X. e três fotografias com três nomes diferentes – mas todos mostrando machos negros adultos consistentes com nosso cadáver desconhecido. (E nenhum era H. Rap Brown.)

Brown estava fugindo da acusação com novas identidades? Ou nosso morto era um dos vários amigos de Featherstone que o FBI não conseguiu encontrar? Não sabíamos nada.

Enquanto a polícia vasculhava meticulosamente o local da explosão em busca de mais pistas e começava a rastrear os documentos, o Dr. Sopher começou uma tarefa difícil: reconstruir o rosto do homem morto com seus próprios tecidos, na esperança de criar uma cópia precisa o suficiente para que alguém pudesse reconhecê-lo.

Os documentos forneceram nossa primeira pista.

Os documentos militares diziam que William H. Payne havia se alistado em Covington, Kentucky, e agora estaria na casa dos vinte, o que era consistente com nosso morto. O Departamento de Registros Médicos da Marinha dos EUA nos enviou o histórico médico de 1961 de Payne e rapidamente vimos que seu tipo sanguíneo (O+) correspondia ao cadáver.

Mas os registros dentários não combinavam. As radiografias dentárias da Marinha mostraram claramente cinco cavidades preenchidas na boca do jovem marinheiro. Nosso cadáver tinha apenas um.

Rasgamos Payne da nossa lista de possibilidades.

O problema era que estávamos chegando a becos sem saída em nossa busca por CB Robinson e, sem registros que incluíssem ou excluíssem H. Rap Brown, estávamos mortos na água.

A reconstrução facial do Dr. Sopher foi nossa melhor aposta. Usando fio de cobre e uma furadeira, ele puxou os ossos estilhaçados do rosto do cadáver de volta ao lugar e enrolou o rosto esfolado em volta deles. Tiramos fotos

do novo rosto (sombreando as áreas mais danificadas) e nos preparamos para divulgar as fotos na mídia, esperando que alguém se apresentasse com uma identidade.

Mas a reconstrução macabra forneceu um benefício inesperado: de repente, notamos uma linha de cabelo frontal estranhamente irregular e manchas calvas aleatórias no cabelo preto grosso cortado rente do homem.

Comparando a linha do cabelo do nosso morto com fotos recentes de Brown, vimos diferenças significativas. E quando comparamos a forma distinta da orelha esquerda do cadáver com as fotos da orelha esquerda de Brown, elas não combinavam.

Então H. Rap Brown não morreu na explosão de Bel Air. Isso aliviou muita gente, mas a Vítima nº 2 ainda era alguém e era nosso trabalho determinar quem.

Na segunda manhã depois que a bomba explodiu, fizemos uma pausa. Um pesquisador encontrou duas pequenas manchas de pele na cena que pareciam pontas de dedos. Junto com a pele de palma esfarrapada que retirei da barriga do cadáver, os analistas de impressões digitais do FBI chegaram a uma conclusão perturbadora.

Os dois pedaços de pele eram na verdade o polegar direito e o dedo mindinho esquerdo de um homem.

E eles pertenciam a William H. Payne.

* * *

Estávamos mistificados. Como as impressões digitais e os registros dentários do mesmo homem podem ser diferentes? Um ou ambos podem estar errados? Precisávamos de mais provas antes que pudéssemos dizer que um homem chamado William H. Payne havia sido feito em pedaços em Bel Air, possivelmente por uma bomba terrorista que ele pretendia plantar em um local muito público.

Os papéis pessoais dos destroços continham a chave.

As duas carteiras de identidade diferentes não continham pistas óbvias. O de CB Robinson tinha uma foto, o de WH Payne não. As datas de nascimento eram semelhantes, mas não iguais.

O cartão da biblioteca de Will X também não continha pistas óbvias.

Mas no verso de uma das fotos, alguém havia rabiscado o nome “Minnie” com um número de telefone do Alabama.

Os detetives da polícia ligaram e Minnie atendeu. Ela não conhecia ninguém chamado CB Robinson ou WH Payne, mas admitiu ter dado a fotografia a seu amigo Will X. vários meses antes. Ela disse que Will sempre usava um brinco de ouro na orelha furada. Minnie não sabia onde

Will poderia estar agora, mas deu aos policiais um número de telefone de Detroit onde ele poderia ser encontrado.

O número de Detroit era do empregador de Will, que confirmou que Will estivera lá mais cedo naquele mesmo dia. Algumas horas depois, Will ligou para o Instituto Médico Legal com uma nova peça do quebra-cabeça. Ele conhecia WH Payne, que havia visitado apenas algumas semanas antes. E o cartão da biblioteca e a foto de Minnie estavam em sua carteira, que ele perdeu na época em que Payne estava visitando.

Quando solicitado a descrever seu amigo Payne, Will disse que suas únicas peculiaridades físicas eram “uma linha de cabelo engraçada na testa” e “manchas de calvície”. Não apenas observamos a linha irregular do cabelo e a alopecia do cadáver, mas a foto na carteira de identidade de CB Robinson mostrava uma linha similar... mas Will X. não conhecia ninguém chamado CB Robinson e nunca tinha ouvido Payne mencionar alguém com esse nome.

Finalmente, tínhamos alguém que poderia identificar visualmente nosso cadáver. Acreditávamos que CB Robinson e William H. Payne eram provavelmente a mesma pessoa, mas até que Will X. olhasse a foto de Robinson ou o rosto do homem morto, não teríamos provas sólidas.

Nos dias anteriores ao e-mail ou mesmo às máquinas de fax comuns, tínhamos que ser criativos. Pedimos a um repórter de jornal que nos ajudasse a enviar uma foto para uma estação de TV de Detroit, onde, em horário combinado com Will X., a foto seria transmitida. Will X. recebeu instruções para dar uma olhada e nos ligar o mais rápido possível.

Bem, tudo desmoronou em uma enxurrada de dificuldades técnicas, mas a foto foi publicada na manhã seguinte nos jornais de Detroit, e Will X. identificou positivamente a foto da carteira de identidade de CB Robinson como seu amigo William Payne.

Mais tarde naquele terceiro dia desde a explosão de Bel Air, a família de Payne correu para Baltimore de Kentucky. Eles também reconheceram a foto de CB Robinson antes de olhar para o rosto reconstruído para uma identificação mais conclusiva. Era definitivamente seu filho e irmão de 26 anos, William H. Payne.

* * *

Payne e Featherstone foram membros-chave da facção que liderou um golpe na liderança do SNCC em 1966. Embora não tão proeminente no movimento quanto Featherstone, Payne desempenhou um papel nos bastidores como um dos tenentes mais confiáveis de Brown, um de seus capangas de braço forte.

A história de Payne era paralela à de Featherstone. Ele cresceu o quarto de oito filhos em uma família de classe média baixa e frequentou a Universidade de Kentucky e a Universidade Xavier em Cincinnati. Quando ele abandonou Xavier em seu primeiro ano, ele passou dois anos na Marinha antes de se juntar ao SNCC como trabalhador de campo no sul profundo.

Amigos o descreveram como tendo “uma antipatia geral pelos brancos”. Em uma recente manifestação em Washington, Payne interrompeu os oradores e gritou: “Vamos para casa e pegar nossas armas – chega dessa conversa!”

Sua militância lhe rendeu o apelido de Che, em homenagem ao violento revolucionário Che Guevara, mas nem todos o viam assim.

“Ele não era mais militante do que qualquer um deles”, disse sua mãe a um jovem repórter *do Washington Post* chamado Carl Bernstein – ainda alguns anos antes de sua reportagem sobre Watergate – quando Payne foi identificado publicamente como o segundo homem-bomba. “A maioria dos meninos e meninas de cor são militantes agora. Eles simplesmente não estão engolindo o que os velhos engoliram.”

Alguns dias antes da explosão, Payne havia chegado de Atlanta a Washington para o julgamento de H. Rap Brown. Amigos disseram à polícia que ele havia combinado de se encontrar com Featherstone e Brown em Bel Air naquele fim de semana.

Payne passou a maior parte da segunda-feira, 9 de março, com Featherstone na Drum and Spear Bookstore. Por volta das duas da tarde, Featherstone pegou emprestado um carro de seu vizinho, também amigo do SNCC, mas ele não disse para onde estava indo e ela não perguntou. Pouco depois das oito da noite, Featherstone fechou a livraria e saiu com Payne.

A última vez que alguém os viu vivos foi alguns minutos depois, quando Featherstone parou brevemente na casa de seu pai na Tenth Street NW.

Quatro horas depois, ambos jaziam em pedaços no asfalto fora de Bel Air.

Concluimos, oficialmente, que Ralph E. Featherstone e William H. Payne (também conhecido como CB Robinson) morreram quando uma bomba que estavam transportando detonou prematuramente às 23h42 de 9 de março de 1970, na Rota 1 ao sul de Bel Air, Maryland. . A causa da morte em ambos os casos foi um trauma maciço de uma explosão de dinamite. A forma da morte foi um acidente, não um homicídio.

A discrepância entre os registros dentários da Marinha e os dentes na boca do cadáver nunca foi resolvida. Presumimos que os registros militares

tivessem sido misturados, o que não era incomum naqueles dias, mas nunca resolvemos esse mistério.

E os especialistas em bombas do FBI nunca identificaram por que a bomba explodiu. Um Payne nervoso acidentalmente acionou quando um policial estadual passou inesperadamente no meio da noite? Foi programado para disparar no tribunal, mas nunca colocado por causa da presença da polícia e nunca totalmente desarmado? Um poderoso pulso eletrônico do rádio policial do soldado Lastner acionou o detonador? Ainda não sabemos e nunca saberemos.

Alguns dias depois, a família de William H. Payne levou seu corpo arruinado para casa. Ele foi enterrado em um pequeno cemitério nos arredores de Covington, Kentucky, onde a cada Memorial Day seu túmulo é marcado como o de todo veterano, decorado com a bandeira de um país que ele queria derrubar.

* * *

Mas onde estava H. Rap Brown, o indescritível incendiário que desencadeou essa tragédia e manteve os Estados Unidos à beira do caos por vários dias? Ele tinha escapado de seu alcance novamente?

Quase dois meses depois, em 5 de maio de 1970, o FBI adicionou Brown à sua lista dos dez mais procurados. Cartazes dos correios alertavam que ele provavelmente estava armado e era perigoso. “Onde está Rap?” tornou-se um grito de guerra entre os radicais negros enquanto os policiais em todos os Estados Unidos procuravam o rebelde incendiário.

Mas Brown não estava nos Estados Unidos. Ele fugiu secretamente para a Tanzânia, para onde muitos expatriados da SNCC foram.

Dezoito meses depois, um policial de Nova York atirou em um homem afro-americano em um telhado após um assalto a um bar do West Side. O homem ferido se identificou como Roy Williams.

Mas as impressões digitais de Roy Williams combinavam com Hubert Gerold Brown, mais conhecido como H. Rap Brown. Acusado de assalto à mão armada e tentativa de assassinato de um policial, Brown se declarou inocente. Ele foi condenado após um julgamento de dez semanas e enviado para a prisão de Attica, em Nova York, onde se converteu ao islamismo e mudou seu nome para Jamil Abdullah Al-Amin.

Libertado em 1976 de Attica, Al-Amin mudou-se para Atlanta, onde abriu uma pequena mercearia. O SNCC se dissolveu e os antigos militantes morreram, passaram para novas questões ou simplesmente desistiram. E H. Rap Brown, também conhecido como Al-Amin, alegou ser um homem mudado também. Ele literalmente seguiu os passos de seu herói Malcolm

X, fazendo uma peregrinação a Meca. Ele disse a um repórter de jornal que Alá não muda as sociedades até que os indivíduos mudem a si mesmos. Ele escreveu sobre a revolução através da oração e do caráter, bem diferente de seu livro anterior, *Die, Nigger, Die!*

Logo ele cofundou uma mesquita no West End de Atlanta, um enclave majoritariamente negro onde morava. Por meio de programas de “regeneração espiritual”, ele foi creditado com a criação de patrulhas de bairro, iniciando programas para jovens, resgatando usuários de drogas e quase limpando o bairro da prostituição. Ele aparentemente evoluiu de um extremista feroz para um líder espiritual meramente apaixonado.

Mas nem todos foram rápidos em aplaudir. O FBI ficou de olho em Al-Amin, acumulando um arquivo de 40.000 páginas sobre ele. Os policiais locais suspeitavam secretamente de assassinato, tráfico de armas e pelo menos um assalto.

Em 16 de março de 2000, um vice do xerife do condado de Fulton foi morto e outro ferido em um tiroteio no West End enquanto tentava cumprir um mandado de Al-Amin por uma multa por excesso de velocidade não paga. Ele fugiu brevemente antes de ser preso. Em 2002, ele foi condenado por assassinato em primeiro grau e doze outras acusações, e condenado à prisão perpétua sem possibilidade de liberdade condicional.

A Geórgia entregou o assassino de alto perfil problemático às autoridades federais. Hoje ele está na casa dos setenta, encarcerado na prisão federal ADX Florence Supermax nas planícies do Colorado com terroristas, chefões de cartéis, assassinos da máfia e assassinos em série como Richard Reid e Zacarias Moussaoui, da Al Qaeda, Unabomber Ted Kaczynski e Oklahoma City. bombardeiro Terry Nichols.

H. Rap Brown pode ter mudado de posição, mas no fundo, ele continuou sendo o sociopata que gerou uma onda de terror doméstico que reverberou por mais de quarenta anos.

E não posso deixar de pensar que Ralph Featherstone e William Payne, entre outros, morreram por seus pecados.

< CINCO >

Desenterrando Lee Harvey Oswald

É possível que adoremos nossas teorias da conspiração porque elas quase sempre explicam a tragédia como um ato intencional de pessoas que são mais inteligentes e poderosas do que nós. É perversamente reconfortante de alguma forma. Sejam os helicópteros negros, os Illuminati, Roswell, o pouso na lua, o colapso do World Trade Center ou o assassinato do presidente Kennedy, simplesmente não queremos acreditar que estamos errados ou azarados, que o destino às vezes trabalha contra nós, ou que punks solitários, iludidos e lunáticos podem mudar o curso da história humana.

DALLAS, TEXAS. DOMINGO, 24 DE NOVEMBRO DE 1963.

Noventa minutos depois que o mundo assistiu Jack Ruby atirar em Lee Harvey Oswald, o suposto assassino jazia morto em uma mesa de operação ensanguentada no Hospital Parkland de Dallas, a poucos passos da sala onde o presidente Kennedy foi declarado morto dois dias antes (e na mesma sala cirúrgica onde O próprio Ruby morreria pouco mais de três anos depois).

A bala calibre 38 de Ruby havia entrado na parte inferior do peito de Oswald logo abaixo do mamilo esquerdo e se alojado em um caroço perceptível sob a pele do lado direito de suas costas. Perfurou quase todos os principais órgãos e vasos sanguíneos de sua cavidade abdominal - estômago, baço, fígado, aorta, diafragma, veia renal, um rim e a veia cava inferior, uma veia principal que transporta sangue desoxigenado das extremidades inferiores de volta para o coração. Oswald sangrou muito rapidamente através de uma dúzia ou mais de buracos. Os cirurgiões de trauma derramaram quinze litros de sangue nele e apertaram manualmente seu coração vacilante para reanimá-lo, mas ele simplesmente parou de vez às 13h07, horário local.

Oswald chegou para sua autópsia já uma bagunça. O suposto assassino suportou dois dias brutais desde que o presidente foi baleado. Seu olho esquerdo estava machucado e seu lábio partido ao resistir à prisão. Suas entranhas foram mortalmente despedaçadas por uma bala disparada à queima-roupa em seu peito. Os cirurgiões de emergência tentaram salvá-lo através de um corte aberto de trinta centímetros em sua barriga e outro corte longo perto da ferida de entrada.

O médico legista do condado de Dallas, Earl Rose, iniciou sua autópsia menos de duas horas depois que Oswald foi declarado morto. Ele já estava

frio ao toque. O sangue, não sendo mais bombeado por seu coração morto, estava se acumulando naturalmente nas cavidades do cadáver. Além dos ferimentos dos últimos dois dias, o exame externo de Rose não encontrou nada de notável: o homem de estatura média, cabelos ondulados e um pouco calvo na laje de Rose tinha olhos azul-ardósia, higiene bucal decente, algumas cicatrizes antigas, nenhum sinal de abuso de álcool ou drogas, um peito raspado e região pubiana, e estava em boa forma física, se você não contar estar morto.

Rose serrou o crânio de Oswald para encontrar um cérebro completamente normal. Além de suas entranhas esfarrapadas e um coração maltratado por seus pretensos salva-vidas, os outros órgãos vitais de Oswald pareciam normais. Até suas entranhas ficaram milagrosamente intocadas pela bala. Então Rose selou todas as suas partes cortadas em um saco plástico bege do tamanho de um saco de supermercado e colocou-o na cavidade abdominal de Oswald antes de enviá-lo para ser preparado para um enterro apressado no dia seguinte.

A autópsia levava menos de uma hora.

Na Funerária Miller's em Fort Worth, o agente funerário Paul Groody não podia perder tempo. Com o palpite de que Oswald um dia seria exumado, ele injetou uma dose dupla de fluido de embalsamamento no corpo e vestiu-o do cabide particular da funerária: cueca boxer branca estampada com pequenos diamantes verdes, meias escuras, camisa clara, gravata preta fina e um terno marrom-escuro barato cujas calças eram apertadas na cintura não por um cinto, mas por um elástico. Mantendo um costume típico, o cadáver não usava sapatos. A família foi cobrada \$ 48 para a roupa de despedida.

O cabelo de Oswald estava lavado e penteado, seus hematomas visíveis estavam escondidos com maquiagem e seus olhos e lábios selados para a eternidade.

Então Groody colocou dois anéis nos dedos de Oswald. Uma era uma aliança de casamento de ouro e a outra um anel menor com uma pedra preciosa vermelha.

O corpo, parecendo apresentável novamente, foi colocado em um caixão de pinho de US\$ 300 com uma tampa curva. Várias fotos foram tiradas, um túmulo foi reservado, US\$ 25 em flores encomendadas, e o funcionário de Groody digitou uma fatura de US\$ 710, com vencimento em dez dias.

O enterro do assassino - programado deliberadamente para o dia seguinte no mesmo momento em que o funeral do presidente televisionado nacionalmente e os serviços sombrios do oficial JD Tippit para desencorajar

qualquer luto público - contou com a presença apenas da família pequena, destituída e em estado de choque de Oswald, um punhado de repórteres e um pastor local que não conhecia Oswald, mas acreditava que nenhum homem deveria ser enterrado sem uma oração. Como ninguém mais veio, seis repórteres foram convocados como carregadores de caixão no momento para carregar seu caixão de pinho barato para uma pequena elevação sarnenta em Rose Hill.

O elogio do reverendo Louis Saunders fora dolorosamente breve, em parte porque dois outros ministros se recusaram no último minuto com medo de que fossem assassinados por um franco-atirador. Ele recitou passagens do Salmo 23 e João 14, depois acrescentou apenas:

"Sra. Oswald me conta que seu filho, Lee Harvey, era um bom menino e que ela o amava. Não estamos aqui para julgar, apenas para comprometer o enterro de Lee Harvey Oswald. E hoje, Senhor, entregamos seu espírito ao Teu cuidado divino".

Sua viúva Marina, com os olhos vermelhos e inchados de chorar por três dias seguidos, aproximou-se do caixão lacrado e sussurrou algo que ninguém conseguiu ouvir antes de ser baixado no buraco úmido. Todos foram embora e a sepultura foi preenchida por toda a eternidade.

Mas a eternidade é para os poetas. Os teóricos da conspiração não são tão pacientes.

* * *

Michael Eddowes não era um escriba de tablóides de Fleet Street ou um caçador de bruxas paranóico. Em vez disso, ele era um distinto e educado cavalheiro que jogou tênis em Wimbledon e críquete nas ligas menores da Grã-Bretanha. Ele se formou na venerável Uppingham School, mas abandonou seu sonho de frequentar Oxford para ajudar no escritório de advocacia londrino de seu pai doente, onde se tornou um advogado de pleno direito. Quando ele vendeu a empresa em 1956, ele abriu uma cadeia de restaurantes populares de luxo e se interessou pelo design de carros esportivos.

Uma espécie de homem renascentista, Eddowes também era fascinado pela injustiça. Em 1955, ele escreveu um livro, *The Man on Your Conscience*, que explorou o caso de um trabalhador galês chamado Timothy Evans, que havia sido enforcado em 1950 por assassinar sua esposa e filho pequeno. Ele provou como os promotores esconderam evidências no caso profundamente falho. Eddowes afirmou que Evans não poderia ter sido o assassino... e ele estava certo. Um serial killer que morava no andar de baixo no mesmo prédio confessou mais tarde. A reportagem de Eddowes

foi creditada por ajudar a abolir a pena de morte na Inglaterra dez anos depois.

Eddowes tinha sessenta anos quando John F. Kennedy foi assassinado nos Estados Unidos em 1963. Ele acabou se mudando para Dallas para ficar mais perto da história, e ficou intrigado com os rumores que ouviu sobre a deserção de Oswald para a União Soviética depois que ele deixou os fuzileiros navais. em 1959.

Em 1975, ele publicou *Khrushchev Killed Kennedy*, no qual alegava que um agente soviético “semelhante” havia matado Kennedy, não Oswald. Eddowes acreditava que o Departamento 13 da KGB — seu esquadrão de sabotagem e assassinato — havia treinado um dublê chamado Alec para assumir a identidade de Oswald. Esse agente (não Oswald, diz Eddowes) conheceu a jovem Marina Prusakova em um baile em Minsk, casou-se com ela seis semanas depois e retornou aos Estados Unidos em 1962 com sua esposa e filha pequena. Ele era uma campainha tão morta para Oswald, “Alec” foi capaz de enganar a própria mãe de Oswald.

Sua missão: misturar-se, esperar o momento certo, matar o presidente e morrer no caos que se seguiu.

Evidência da troca? Eddowes lista várias “inconsistências” específicas entre os registros médicos do Corpo de Fuzileiros Navais de Oswald e seu relatório de autópsia.

Eddowes não estava sozinho em suas suspeitas. Por mais estranho que pareça, o próprio diretor do FBI J. Edgar Hoover e outros funcionários do governo temiam em 1960 que os russos pudessem tentar substituir o desertor Oswald por um impostor mortal.

Em 1976, Eddowes publicou outro livro, *Nov. 22: How They Killed Kennedy*, na Inglaterra (mais tarde intitulado *The Oswald File* quando foi lançado nos Estados Unidos) . Seu timing foi perfeito: o novo Comitê Seletor da Câmara sobre Assassinatos reacendeu o interesse americano pelo assassinato de JFK.

Eddowes dobrou. Ele propôs que o corpo de Oswald fosse exumado para provar que o homem enterrado no cemitério Rose Hill de Fort Worth não era Oswald, mas seu substituto soviético doppelgänger, Alec.

A busca de Eddowes começou com o Dr. Feliks Gwozdz, então médico legista do condado de Tarrant, Texas, onde Oswald foi enterrado. Quando o Dr. Gwozdz se recusou a desenterrar Oswald, Eddowes entrou com uma ação para forçar a exumação, mas foi arquivada rapidamente.

Enquanto apelava da decisão, Eddowes abordou a Dra. Linda Norton, então legista assistente em Dallas, sugerindo que o Gabinete do Médico Legal do

Condado de Dallas reafirmasse sua jurisdição original sobre o corpo de Oswald.

Norton ficou intrigado. Depois de consultar seu chefe, Dr. Charles Petty, médico legista do condado de Dallas, ela pediu uma cópia dos registros médicos e dentários de Oswald ao Centro de Registros de Pessoal Militar. Eles seriam cruciais para qualquer identificação porque eram datados antes da deserção de Oswald para a URSS e, portanto, continham dados de identidade autênticos do “verdadeiro” Lee Harvey Oswald.

"Acho que seria do melhor interesse público realizar a exumação", disse Norton ao *Dallas Morning News* . “Se há uma pergunta e uma pergunta razoável que a ciência pode resolver, então esse é o nosso negócio.”

Em outubro de 1979, o Dr. Petty solicitou formalmente que seus colegas forenses de Fort Worth exumassem Oswald e o levassem a Dallas para ser examinado. Eles hesitaram. O legista do condado de Tarrant queria a aprovação de sua promotora e viúva Marina Oswald antes de desenterrar o assassino.

Enquanto os dois MEs brigavam em 1980, os oponentes se reuniam. Jornais indignados editorializaram. A comunidade forense resmungou. E G. Robert Blakey, ex-assessor-chefe do recentemente dissolvido Comitê Seletor de Assassinatos da Câmara, criticou a teoria de Eddowes.

“Eu li o livro dele e é um lixo”, disse Blakey. “Toda essa questão é uma não-questão. O comitê examinou cuidadosamente a chamada teoria dos dois Oswalds... não há nada nisso.”

E Earl Rose, o legista de Dallas que fez a autópsia original de Oswald, disse aos repórteres que tinha certeza de que o “verdadeiro” Oswald foi enterrado em Rose Hill porque ele comparou pessoalmente as impressões digitais.

A confusão toda pareceu se dissipar quando o condado de Tarrant entregou a jurisdição ao legista de Dallas em agosto de 1980. Mas o Dr. Petty chocou a todos quando deu de ombros, dizendo que não via necessidade de desenterrar Oswald.

Eddowes não se intimidou. Prometendo pagar todas as despesas, ele convenceu Marina Oswald - que suspeitava que o túmulo estava vazio - a consentir com uma autópsia particular pelo Dr. Petty. Marina foi assombrada por uma visita em 1964 a agentes do governo que lhe pediram para assinar uma pilha de papéis do cemitério sem explicação. Com apenas um conhecimento básico de inglês, Marina passou a acreditar que os restos mortais de seu falecido marido haviam sido perturbados de alguma forma. Ela ficou com uma suspeita mórbida de que ele havia sido removido secretamente.

Mas surgiu um novo obstáculo. As notícias da exumação iminente levaram o irmão mais velho de Oswald, Robert, um ex-fuzileiro naval, a obter uma ordem de restrição temporária.

A disputa legal abalou os comissários do condado de Dallas. Temendo “publicidade adversa”, eles proibiram o uso de qualquer instalação do condado para a autópsia.

Mesmo antes que o caminho legal fosse aberto para o possível ressurgimento de Oswald no mundo, a Dra. Norton foi escolhida como patologista forense chefe da exumação por causa de sua familiaridade com o caso, e ela montou uma pequena equipe, incluindo dois dos melhores odontologistas forenses do país e Eu. Ela queria se mover rapidamente quando chegasse a hora.

Eu já havia trabalhado com o Dr. Norton antes. Depois que meu serviço militar terminou em 1972, entrei para o Gabinete do Médico Legal do Condado de Dallas sob o comando do Dr. Petty. Agradável e reservado, o Dr. Petty construiu silenciosamente outro dos melhores escritórios de ME do país. Comecei como legista assistente júnior, mas dentro de alguns anos, eu era o vice-chefe. Trabalhei lá durante a maior parte da controvérsia de Oswald até fevereiro de 1981, quando me tornei o legista chefe do condado de Bexar, Texas, em San Antonio. Então o Dr. Norton me conhecia e confiava em minhas habilidades.

A batalha no tribunal pelos restos mortais de Oswald durou alguns meses depois que eu deixei Dallas, até agosto de 1981, quando uma frustrada Marina processou seu ex-cunhado Robert. Um mês depois, um tribunal do Texas decidiu que Robert não tinha legitimidade para impedir a exumação de seu irmão contra a vontade de Marina, e Robert retirou sua oposição.

À meia-noite de 3 de outubro de 1981, a ordem de restrição de Robert expirou.

Antes do nascer do sol em 4 de outubro, estávamos na sepultura aberta do assassino. Naquela manhã estranhamente abafada, desenterramos Lee Harvey Oswald – ou alguém – só para ter certeza de que a América havia enterrado o homem certo em 1963.

* * *

Ironicamente, quase ninguém prestou atenção quando Oswald caiu no chão, e agora uma multidão de repórteres se aglomerava do lado de fora dos portões do cemitério e meia dúzia de helicópteros de notícias sobrevoavam como moscas-cadáver enquanto o tirávamos.

Para ter certeza, não havia muita dúvida na época. As impressões digitais do cadáver de Oswald tinham sido feitas no necrotério, e as autoridades

estavam convencidas de que o ex-fuzileiro naval de 24 anos que desertou para a URSS de 1959 a 1962, o trabalhador que trabalhava no Texas School Book Depository, o atirador cuja palma A impressão digital havia sido encontrada no suspeito fuzil do assassinato e nas caixas perto do poleiro do atirador, o fugitivo mal-humorado que havia sido preso no Texas Theatre e o suspeito mortalmente ferido por Jack Ruby eram todos o mesmo homem: Lee Harvey Oswald.

E quase dezoito anos depois, eu também não esperava surpresas. Do ponto de vista forense, sempre fui ambivalente sobre o assassinato de JFK. Foi um caso de tiro descomplicado que se envolveu em milhares de agendas diferentes. Tal como aconteceu com tantos casos históricos e dignos de notícia antes e depois, as pessoas rapidamente passaram a acreditar no que queriam acreditar, malditos sejam os fatos. Eu estava inicialmente relutante em me juntar a essa equipe de exumação, sabendo que nossas descobertas seriam apenas alimentadas no moedor de carne da conspiração. Quaisquer perguntas que pudéssemos responder apenas gerariam novas perguntas.

Segundas autópsias como esta são muitas vezes uma perda de tempo. Muitas vezes, eles não são motivados por novas evidências, mas por lucro, curiosidade e lenda urbana. Uma segunda autópsia do presidente Kennedy poderia ter respondido definitivamente a perguntas que não foram respondidas em sua primeira inábil, mas desenterrar Oswald para satisfazer o desconforto de uma viúva com a especulação da mídia fazia pouco sentido médico ou legal.

E não era ciência de foguetes. Qualquer patologista forense — e talvez até alguns médicos legistas do interior — poderia ter feito isso. Isso prometia ser uma tarefa simples que eu tinha feito milhares de vezes: identificar um homem morto. Tínhamos radiografias dentárias e outros registros médicos suficientes do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA para nos ajudar a provar, de uma forma ou de outra, se Lee Harvey Oswald foi enterrado no túmulo de Lee Harvey Oswald. [1](#)

Mas a história me sugou. A simplicidade do desafio foi superada pela importância do papel desse assassino morto nos eventos humanos. No final, não pude resistir a dar uma última olhada em um homem que mudou o curso da história, não importa quem ele possa ser.

* * *

A exumação real levou muito mais tempo do que o esperado.

Tínhamos planejado simplesmente levantar todo o cofre reforçado com aço de 2.700 libras para fora da cova e abri-lo em outro lugar, mas o cofre - garantido para durar para sempre, eles disseram - havia rachado, permitindo

que a água penetrasse. O caixão apodrecido dentro tinha crescido quebradiço e estava manchado com manchas e bolor. Suas alças de metal estavam muito corroídas. Parte da tampa sobre a parte superior do corpo do cadáver já havia desmoronado e vislumbramos, pelo menos, que o túmulo de Lee Harvey Oswald não estava vazio.

Tanto para os melhores planos e garantias eternas. Imediatamente, os coveiros abriram uma vala paralela à abóbada defeituosa, que seria removida para que pudessem deslizar cuidadosamente o caixão delicado e em ruínas sobre uma plataforma de madeira improvisada na vala. Ao todo, uma operação que deveria ter levado menos de uma hora durou quase três horas.

E, nesse meio tempo, uma grande multidão de repórteres e curiosos se reuniram ao nosso redor. A situação estava ficando lotada e um pouco caótica. Eu estava nervoso. Tínhamos que tirar o caixão de lá o mais rápido possível e começar nosso trabalho com segurança.

Assim que conseguimos fazer isso sem derramar um cadáver no gramado na frente de uma centena de câmeras de notícias famintas, o caixão em ruínas de Oswald foi retirado da terra mofada e deslizado para um carro funerário à espera. A equipe de exumação e os observadores oficiais, incluindo Marina Oswald, Michael Eddowes, um fotógrafo contratado, os agentes funerários originais e quatro advogados representando Marina, Eddowes, o irmão de Oswald, Robert, e o Cemitério Rose Hill, chegaram ao local do exame em carros particulares.

A imprensa começou a murmurar que a segunda autópsia seria feita no Southwestern Institute of Forensic Sciences, em Dallas. Uma conclusão lógica, uma vez que Marina havia insistido publicamente para que o corpo de seu falecido marido não saísse da área de Dallas-Fort Worth, e o DIFS – casa do médico legista da cidade e do condado de Dallas e meu antigo local de trabalho – era um necrotério de alto nível e exclusivamente equipado para esse tipo de trabalho.

Mas sem que o público soubesse, os comissários do condado de Dallas se recusaram a sediar a segunda autópsia de Oswald no instituto. Tivemos que procurar um novo espaço de autópsia na região metropolitana e tínhamos poucas opções.

Acima de tudo, precisávamos de uma instalação altamente segura. Marina temia a possibilidade de que fotos horríveis e não autorizadas do necrotério de seu falecido marido vazassem, como aconteceu após a autópsia de 1963. Tínhamos que ser capazes de controlar quem entrava e o que eles podiam fazer.

Felizmente, a sala de autópsias do Baylor University Medical Center em Dallas se encaixava em nossa conta. Tinha o layout e todo o equipamento que precisávamos. Mais importante, tinha apenas uma porta. Em certo ponto, cerca de duas dúzias de pessoas — a maioria delas meros observadores — se espremiavam no minúsculo laboratório.

Então, quando nosso cortejo sombrio saiu pelos portões do Cemitério Rose Hill, um carro funerário acelerou para o leste em direção a Dallas. Era um chamariz, e funcionou. A multidão da mídia correu trinta quilômetros à frente até o Instituto de Ciências Forenses do Sudoeste para estar lá esperando quando chegássemos — enquanto nos desviamos com um segundo carro funerário secreto para o Hospital Baylor praticamente despercebidos.

Dentro, o caixão coberto de papelão foi enrolado em uma maca por um labirinto de corredores do porão e corredores estreitos até nosso necrotério improvisado. Os enfermeiros o levaram para a extremidade do laboratório apertado, onde já havíamos nos preparado para a autópsia. Se tudo corresse como planejado, não demoraria muito para confirmar se havíamos desenterrado Lee Harvey Oswald ou outra pessoa.

Tudo o que precisávamos era a cabeça dele.

* * *

Sempre odiei o fedor de corpos em decomposição. Isso pode ser uma falha profissional ou apenas uma reação humana natural, mas nunca me acostumei tanto a isso que não percebesse. Felizmente, um septo severamente desviado entorpeceu meu olfato durante a maior parte da minha carreira. Algumas doenças dão sorte.

A tampa decadente do caixão de Oswald, provavelmente danificada quando os coveiros removeram o cofre rachado, se soltou completamente em nossas mãos quando o abrimos. O cheiro de terra mofada, madeira mofada e carne podre emanava da caixa em uma nuvem invisível. Os patologistas forenses na sala não podiam ignorá-lo; os civis recuaram e cobriram o nariz.

O interior do caixão estava uma bagunça. As laterais de madeira de uma polegada de espessura estavam manchadas de água e esponjosas. Parte do forro de tecido mofado havia se soltado da tampa, cobrindo o cadáver por baixo. Nós removemos cuidadosamente os restos de tecido e lá estava ele, deitado em uma esteira de palha podre.

Estávamos finalmente cara a cara com o que restava do homem enterrado no túmulo de Lee Harvey Oswald, ou pelo menos o que parecia ser uma bolha de queijo creme preto em forma de homem em um terno marrom barato.

Ele não usava sapatos e seus pés estavam parcialmente esqueletizados. Os músculos de suas pernas haviam desaparecido há muito tempo e um pergaminho frágil de pele havia enrugado em torno de seus ossos secos.

Suas mãos, também esqueléticas, estavam educadamente cruzadas sobre a barriga em uma clássica pose fúnebre. Em seu dedo mindinho esquerdo, dois anéis se destacaram em meio à decadência sombria e fétida: uma aliança de casamento de ouro e um anel menor com uma pedra vermelha, que Marina confirmou ter pedido à funerária para colocar na mão de seu falecido marido em 1963.

O embalsamador original de Oswald, o agente funerário Paul Groody, foi admitido na exumação como um elo crucial para o enterro original. Agora ele espiou dentro do caixão e estudou o homem por completo, embora o rosto do cadáver não fosse identificável. Depois de alguns segundos, Groody, agora com sessenta e poucos anos, declarou que era o homem que ele havia cuidadosamente embalsamado e vestido dezoito anos antes, então saiu depois de estar na sala menos de um minuto. [2](#)

Agora começou o trabalho sujo.

Primeiro, tiramos os anéis do dedo do cadáver e os entregamos a Marina, que estava por perto. Sua presença era incomum — a maioria das viúvas não assiste a exumações e autópsias de seus maridos — mas ela não parecia abalada com a natureza macabra do momento. Enquanto trabalhávamos, ela flutuou entre os espectadores, falando baixinho, e nunca desmoronou de forma alguma. Talvez as degradações de sua criação na Rússia do pós-guerra a tenham endurecido contra o grotesco da morte, ou talvez ela simplesmente tenha ficado dura nas ferozes tempestades pessoais após o assassinato, não sei. Mas eu a via como uma verdadeira sobrevivente.

Nós quatro médicos legistas cercamos o caixão enquanto eu gentilmente abria a aba do paletó e expunha a carne por baixo – ou o que restava dela. A maior parte da pele havia desaparecido, substituída por cera de sepultura. As costelas ficaram tão quebradiças que desmoronaram ao menor toque. Quase não havia como identificar o ferimento de bala fatal.

Quase toda a carne abdominal havia se desintegrado, expondo um chumaço de enchimento de embalsamador que criava a ilusão de um torso saudável para o funeral, e a bolsa de órgão bege, que agora continha apenas uma pequena quantidade de uma pasta bronzeada congelada que já havia sido seus órgãos vitais.

O corpo e as roupas não apresentavam sinais de mutilação, embora estivessem manchados com áreas de mofo multicolorido. Não encontramos

larvas ou insetos rastejantes, e o próprio corpo era mantido unido principalmente por um tecido de carne seca e decomposta.

Em sua autópsia de 1963, Lee Harvey Oswald foi medido em 1,60 m, embora os fuzileiros o tenham listado duas vezes como 1,75 m (mais evidências para o autor da conspiração Eddowes de que Oswald era de fato dois homens diferentes). Então, enrolamos a perna da calça do cadáver e medimos sua tíbia direita, um osso na perna que se correlaciona de perto com a altura viva de um humano. Tinha cerca de 38 centímetros, ou 15 polegadas de comprimento, sugerindo que este homem tinha cerca de 174 centímetros de altura, ou pouco menos de 1,70m. Isso não provava que tínhamos o homem certo, mas também não provava que tínhamos o homem errado.

No final, não retiramos o corpo do caixão, nem mesmo o viramos. Estava simplesmente longe demais para suportar qualquer manuseio, e Marina havia pedido que não fizéssemos mais danos ao corpo do que o absolutamente necessário para identificá-lo. Mas não nos diria o que viemos descobrir de qualquer maneira.

Precisávamos apenas da cabeça.

Nosso plano era radiografar, fotografar e criar moldes de gesso dos dentes do cadáver para comparação com dois conjuntos de radiografias dentárias tiradas durante os dias do Corpo de Fuzileiros Navais de Oswald. A primeira teria sido tirada quando Oswald se apresentou ao USMC Recruit Depot em San Diego em 25 de outubro de 1956; o segundo veio de um checkup militar de rotina em 27 de março de 1958.

Esses dois conjuntos combinavam, então se nossos raios X se alinhassem com eles, saberíamos que tínhamos Lee Harvey Oswald, certo?

Não necessariamente. Primeiro, tivemos que determinar se os registros dentários do Corpo de Fuzileiros Navais eram autênticos e se algumas inconsistências óbvias nos prontuários de Oswald podiam ser explicadas. Por exemplo, dentistas militares relataram que Oswald estava sem um molar direito, mas na verdade ele simplesmente nunca havia crescido e ainda estava escondido em sua mandíbula, fora da visão normal do raio-X. Em outro caso, as anotações do dentista simplesmente listavam uma obturação no dente errado. Infelizmente, esses erros de mapeamento são comuns nas forças armadas, onde um soldado pode consultar vários médicos diferentes e nunca construir uma história com nenhum deles.

Nossa equipe – incluindo os renomados odontologistas forenses Irvin Sopher e James Cottone – estudou os registros do Corpo de Fuzileiros Navais de Oswald e estava confortável com o fato de que os pontos

relativamente pequenos podiam ser facilmente explicados e que os raios X eram autênticos.

Agora a parte bagunçada.

Podíamos ver os dentes e a mandíbula, mas a Dra. Linda Norton já havia determinado que não poderíamos tirar nossos raios X sem remover a cabeça, que estava coberta com pedaços de carne mumificada e cera de túmulo. As cristas da testa eram definitivamente masculinas. O calvário — aquele osso do crânio em forma de cúpula às vezes chamado de brainpan — estava praticamente livre de quaisquer tecidos moles, mas um topete de cabelo preto acastanhado, talvez dez centímetros de comprimento, ainda se agarrava teimosamente à linha frontal direita do cabelo.

Com um bisturi, cortei vários músculos apodrecidos e tendões ressecados no pescoço enrugado e separei o crânio da coluna no segundo interespaço cervical, a parte superior do pescoço. Com muito pouca força, puxei a cabeça para longe da coluna.

Cortamos o fio de um embalsamador que mantinha a boca do cadáver fechada para o funeral, e o maxilar caiu na minha mão. Enquanto Sopher e Cottone retiravam o tecido velho com água quente e uma escova, examinei o crânio mais de perto.

Podíamos ver claramente onde a Dra. Rose havia serrado o crânio, mas o tecido mumificado mantinha a calota craniana firmemente no lugar, como cola. Decidimos não cortar ou forçar a abertura do crânio e olhar para dentro, especialmente com Marina por perto. Não provaria nada. Estava vazio.

Mas este crânio desencarnado continha as chaves para outros mistérios.

* * *

Em fevereiro de 1946, quando Lee Harvey Oswald tinha seis anos, sua mãe o levou ao Hospital Harris de Fort Worth com uma dor de ouvido dolorosa e persistente. Lá, um médico o diagnosticou com mastoidite aguda, uma infecção no ouvido que se espalhou para o processo mastóide, uma protuberância óssea logo atrás da orelha esquerda. Um novo antibiótico de guerra chamado penicilina ainda não era comumente usado em hospitais civis, então a única outra cura era um médico cortar a pele atrás da orelha de uma criança, então raspar ou perfurar um buraco do tamanho de uma borracha no osso para remover a pus.

Os tratamentos para infecções de ouvido naquele dia nos fazem estremecer agora. Quando criança, na década de 1940, tive uma infecção grave no ouvido médio que acumulava pus lenta e dolorosamente. Meus pais não me levaram para o hospital. Em vez disso, meu tio sentou em mim enquanto

meu pai médico furava meu tímpano com uma agulha. Doeu como o inferno por alguns segundos, mas não tão ruim quanto uma orelha latejante cheia de pus.

A cirurgia de Oswald foi muito mais tranquila, e ele deixou o hospital quatro dias depois com uma cicatriz de sete centímetros atrás da orelha esquerda. No ensino médio, ele alegou ter um tímpano anormal, mas quando se juntou aos fuzileiros navais em 1956, aos dezessete anos, seu exame físico listou a cicatriz, mas nenhum outro defeito físico. A cicatriz foi notada novamente quando Oswald deixou os fuzileiros navais em 1959. Mas a cicatriz não foi notada na autópsia de Oswald em 1963. O Dr. Earl Rose listou várias cicatrizes menores, mas nenhuma atrás da orelha. Anos depois, o jornalista britânico Michael Eddowes pegou o que poderia ter sido um descuido comum, até mesmo compreensível, em uma autópsia comum e o transformou na arma fumegante no assassinato do milênio. No homicídio mais analisado da história humana, aquela pequena cicatriz foi transformada em um grande ponto de interrogação: se um legista veterano não viu uma cicatriz de sete centímetros na autópsia de Lee Harvey Oswald, é possível que um impostor sem cicatriz tenha matado? JFK e foi liquidado por Jack Ruby em uma trama de proporções maquiavélicas?

Bem, as teorias da conspiração sempre parecem mais críveis em livros e filmes do que na vida real.

Ao examinarmos o crânio, o pequeno orifício no processo mastóide esquerdo saltou. Suas bordas artificiais eram arredondadas e lisas, curadas, mas não naturais. Era uma lesão antiga que não podia ser falsificada. Nosso morto e Lee Harvey Oswald haviam passado por uma mastoidectomia no passado distante.

Portanto, tínhamos outro ponto forte de identificação, embora muitas crianças da época da Segunda Guerra Mundial tivessem a mesma cicatriz. Mais uma vez, as evidências não descartavam a possibilidade de estarmos segurando a cabeça de Lee Harvey Oswald em nossas mãos.

A prova final viria de sua própria boca.

* * *

O primeiro dentista forense da América foi Paul Revere.

Sim, o patriota por excelência não era apenas um mestre ourives, mas também um dentista amador que criava dentaduras especiais de trabalho com dentes de animais e depois as colocava nas bocas desdentadas de outros moradores de Boston. Quando a Guerra Revolucionária eclodiu em 1776, o amigo de Revere, Dr. Joseph Warren, foi baleado no rosto na Batalha de Bunker Hill por uma bala de mosquete e não pôde ser

identificado. Meses depois que Warren foi enterrado em uma vala comum com muitos dos outros 114 rebeldes mortos, seus irmãos o procuraram. Mas qual dos cadáveres em decomposição ele era?

Revere conseguiu identificar o corpo de seu amigo a partir de um conjunto de dentaduras de marfim únicas que ele havia feito para Warren a partir de uma presa de hipopótamo apenas um ano antes. Warren teve o funeral de um herói e a odontologia forense americana nasceu.

Duzentos anos depois, em 1981, a odontologia forense havia se tornado uma ciência indispensável. Como os dentes são mais resistentes à destruição e à cárie do que os ossos ou a carne, e porque podem apresentar características únicas, eles podem nos ajudar a identificar pessoas de forma confiável em condições difíceis. Simplificando, os odontologistas forenses identificam os mortos pelos dentes e, no caso de marcas de mordida, às vezes podem dizer quem (ou o que) mordeu.

A odontologia forense desempenhou um papel fundamental na confirmação de que os rumores da sobrevivência de Adolf Hitler eram muito exagerados, ao provar que o serial killer Ted Bundy havia mordido uma de suas vítimas e na identificação de vítimas de desastres em massa, como o atentado de 11 de setembro ao World Trade Center, o incêndio do Ramo Davidiano em Waco e o acidente de 1975 do voo 66 da Eastern no aeroporto JFK de Nova York, que matou 113 pessoas — a maior catástrofe na carreira de meu pai como legista-chefe da cidade de Nova York.

Agora estávamos usando isso para determinar se o homem enterrado no túmulo do reputado assassino Lee Harvey Oswald era de fato Lee Harvey Oswald.

Mas esta não seria a primeira vez que a odontologia forense ajudaria a identificar os restos mortais de um assassino presidencial.

Depois de atirar no presidente Lincoln em 14 de abril de 1865, John Wilkes Booth foi atropelado em uma fazenda da Virgínia, onde foi morto por soldados americanos - embora, como com Oswald, os teóricos da conspiração do século XIX afirmassem que não era Booth, mas um olhar - semelhante que morreu naquela noite. No entanto, o próprio dentista de Booth identificou positivamente os restos ao abrir sua boca para encontrar uma formação de mandíbula distinta e duas obturações de ouro que ele havia inserido recentemente.

Em 1869, o suposto cadáver de Booth foi desenterrado de uma cova anônima em um posto militar de Washington e devolvido à sua família. Naquela época, o irmão de Booth examinou o corpo de perto - incluindo

"um dente peculiarmente entupido" - e disse aos repórteres que sem dúvida era John Wilkes Booth.

Booth foi enterrado na trama de sua família em Baltimore, mas as teorias da conspiração não. Até hoje, muitas pessoas acreditam que Booth escapou da justiça apenas para morrer sem um tostão em um hotel de Oklahoma e se tornar uma famosa múmia de espetáculo. Sabíamos que não importa quem encontrássemos enterrado no túmulo de Lee Harvey Oswald, as teorias da conspiração nunca morreriam. Eles apenas sofreriam mutações.

Por sorte, tínhamos dois “homens dos dentes” de primeira linha em nossa equipe. Meu antigo colega de Baltimore, Dr. Irvin Sopher, agora Chefe Médico Legal da Virgínia Ocidental, era na verdade tanto dentista quanto médico, e havia escrito um livro muito conceituado sobre odontologia forense. O Dr. James Cottone era um dentista aposentado da Marinha que chefiava a seção de odontologia forense do Centro de Ciências da Saúde da Universidade do Texas em San Antonio (e mais tarde trabalharia por nove anos identificando restos mortais de soldados desconhecidos nos laboratórios forenses do Comando de Contabilidade do Joint POW/MIA em Havaí).

A boca humana normal é cheia de traços únicos. Cada um de nosso complemento normal de trinta e dois dentes tem cinco superfícies distintas, todas com traços naturais bem definidos, como cavidades, fendas, saliências e fachadas. Nossos dentes podem crescer em ângulos ou girar levemente em seus soquetes. A vida acrescenta seus próprios danos, e os dentistas deixam vestígios óbvios quando extraem, perfuram, obturam e endireitam os dentes. Os dentistas forenses podem ver semelhanças reveladoras em fragmentos de dentes, bem como em mandíbulas inteiras.

Equipamos nosso laboratório Baylor com tudo o que precisávamos para fazer moldes das mandíbulas superior e inferior do cadáver, fotografá-las, depois filmar e revelar filmes de raios X para comparar com as imagens do Corpo de Fuzileiros Navais.

Sopher e Cottone mergulharam no trabalho. Eles imediatamente viram vários traços dentários incomuns e distintos na boca do cadáver.

Primeiro, quase nenhum dos dentes de Oswald se alinhou. Ele tinha uma mordida cruzada bilateral, um desalinhamento relativamente raro dos dentes da frente e de trás, normalmente visto em menos de três em cada cem pessoas.

Em segundo lugar, seus dois dentes superiores da frente estavam ligeiramente afastados um do outro, em vez de crescer verdadeiramente lado a lado, como tábuas em uma cerca.

Em terceiro lugar, seu canino superior direito, ou dente do olho, exibia uma cúspide proeminente conhecida como tubérculo, normalmente não vista na frente de um dente normal.

Os dois detetives dos dentes mapearam cuidadosamente cada um dos trinta e um dentes do morto (um havia sido arrancado). Quando compararam os raios X do cadáver com os filmes militares de Oswald, encontraram pelo menos três dentes e obturações idênticos, mais quatro muito semelhantes.

Este homem não era nenhum substituto soviético, nem mesmo um gêmeo malvado há muito perdido.

“Com base na consistência dos prontuários dentários, nas radiografias dentárias, nos registros dentários e na falta de itens inexplicáveis e inconsistentes”, os dentistas forenses determinaram que o humano em decomposição diante deles era inegavelmente e confiável Lee Harvey Oswald.

* * *

Todo o exame levava menos de cinco horas, mas levava mais de seis anos para ser feito. A Dra. Linda Norton fez uma breve e enfática declaração à imprensa para uma multidão de repórteres que se reuniram.

“Nós, de forma independente e em equipe, concluímos sem sombra de dúvida, e quero dizer sem *dúvida*, que o indivíduo enterrado sob o nome de Lee Harvey Oswald no Cemitério Rose Hill é de fato Lee Harvey Oswald”, disse ela.

Naquele momento, os restos mortais de Oswald estavam sendo recombobulados em um novo caixão de aço calibre 20 no valor de US\$ 800 – mais do que todo o seu funeral de 1963 custou. O autor Eddowes pagou a conta de US\$ 1.500 para o novo enterro, mais as despesas consideráveis da exumação, como deveria.

Marina pairou. Um grande peso foi tirado de seus pequenos ombros. No dia seguinte, ela disse a um repórter de jornal que a confirmação dos restos mortais de seu falecido marido havia sido um “remédio de limpeza”.

“Estou andando por aqui com um sorriso no rosto”, disse ela. “É como se livrar de uma doença.”

Também sinalizou o início de uma nova vida.

“Agora tenho minhas respostas”, disse Marina, que se casou novamente com um texano chamado Kenneth Porter, a outro repórter, “e de agora em diante só quero ser a Sra. Porter”.

A princípio, Eddowes admitiu publicamente que estava totalmente errado, mas logo conseguiu uma nova explicação: a KGB havia ajudado o dentista de Oswald a trocar os registros dentários de Lee e Alec, ampliando

exponencialmente a conspiração. Mas ninguém estava mais ouvindo Eddowes. Ele foi amplamente considerado um dos mais malucos dos malucos de JFK. Ele morreu em 1992, mas todas as outras coisas maravilhosas que ele fez em sua vida aparentemente morreram quando confirmamos que Lee Harvey Oswald estava exatamente onde ele havia sido plantado.

* * *

De volta à sala de autópsia, antes que o novo caixão de Oswald fosse fechado e ele voltasse para a terra úmida de Rose Hill, Marina agradecida deu ao Dr. Norton um presente estranho: o anel de pedra preciosa vermelha que tiramos do dedo mindinho do cadáver algumas horas antes de. Era sua maneira de agradecer pelo trabalho da equipe.

Mas Linda estava visivelmente desconfortável com essa recompensa mórbida. Assim que Marina saiu da sala, ela discretamente o colocou na minha mão. Ela não queria isso.

Nem eu. Por mais bem-intencionado que seu gesto pudesse ter sido, era uma lembrança sórdida de uma tarefa sombria e de uma história ainda mais sombria. Eu desejei por isso... por Oswald... por Kennedy... pela memória ruim... que toda aquela bagunça miserável fosse enterrada de uma vez por todas.

Então, pouco antes de eles selarem o caixão de Lee Harvey Oswald para sua próxima eternidade, eu coloquei o anel na caixa com ele e depois dirigi para casa em San Antonio no escuro.

‹ SEIS ›

Monstros entre nós

As pessoas não mudaram em cinco mil anos. Eles ainda são movidos por dinheiro, sexo e poder. Algumas são pura e inexplicavelmente más, outras são pura e inexplicavelmente boas. O resto flutua como folhas no riacho, esbarrando no bem e no mal até o mar.

Eu continuo chocado com pessoas que se recusam a acreditar em monstros. Eles não percebem que há pessoas por aí que cortariam suas gargantas só para ver se a faca estava afiada?

KERVILLE, TEXAS. TERÇA-FEIRA, 24 DE AGOSTO DE 1982.

Muitas mães em Kerrville ficaram empolgadas quando a nova clínica de pediatria abriu na Water Street, a apenas um quarteirão da Main Street, literalmente a poucos passos do rio Guadalupe. E, melhor ainda, a nova médica era uma mulher, Dra. Kathy Holland. E sua enfermeira, Geneve Jones, era uma estrela, recrutada na UTI pediátrica de um hospital de San Antonio. Até agora, era difícil conseguir uma consulta com o único pediatra local de Kerrville, e os sérios problemas de saúde das crianças exigiam uma viagem de uma hora à cidade grande.

Com certeza, a nova clínica foi uma dádiva de Deus para Petti McClellan, mãe de três filhos que morava com o marido e três filhos em um trailer em uma área rural a oeste da cidade.

A caçula, Chelsea, de quatorze meses, nasceu prematuramente e imediatamente fugiu de Kerrville para San Antonio, onde passou suas primeiras três semanas na UTI pediátrica com pulmões subdesenvolvidos. Meses depois, ela foi levada às pressas para o hospital de San Antonio novamente quando parou de respirar e ficou azul. Depois de cinco dias de testes, nenhuma anormalidade respiratória óbvia foi encontrada e Chelsea foi mandada para casa, onde mais tarde ela experimentou alguns "feitiços" menores de respiração irregular e fungadelas habituais de uma criança. Nada que exigisse hospitalização, mas por causa dos dias assustadores após o nascimento de Chelsea, cada respiração incerta, cada soluço, cada noite silenciosa sacudia Petti.

Petti era secretária e seu marido era eletricitista da cooperativa elétrica local, então eles não tinham tempo para visitar médicos em San Antonio, muito menos despesas com viagens de rotina, que exigiam a maior parte do dia. . A nova clínica foi uma bênção para eles.

No início da manhã do segundo dia da clínica, Petti McClellan ligou para marcar uma consulta para Chelsea, que estava resfriada. Eles chegaram por

volta de uma da tarde e a Dra. Holland os levou direto para seu consultório para obter o histórico médico de Chelsea.

Enquanto conversavam, Chelsea loira de olhos azuis se contorceu no colo de sua mãe e agarrou qualquer coisa solta na mesa do Dr. Holland. Assim, a genial enfermeira do Dr. Holland, Genene, ofereceu-se para levar Chelsea à sala de tratamento para brincar com uma bola. Genene pegou a criança e saiu.

Alguns minutos depois, o Dr. Holland ouviu a voz de Genene no corredor: *Não vá dormir, querida. Chelsea, acorde!*

Então, um momento depois, a enfermeira chamou no corredor. “Dr. Holanda, você viria aqui?”

Chelsea estava flácida na mesa de exame enquanto Genene rapidamente colocava uma máscara de oxigênio em seu rostinho. Eles estavam jogando, disse a enfermeira, quando Chelsea caiu inconsciente. Ela não estava respirando. Ela estava começando a ficar azul em torno de seus lábios. Quando o Dr. Holland inseriu um IV no couro cabeludo da criança, seu pequeno corpo foi subitamente atormentado por convulsões. O médico receitou um anticonvulsivante, depois correu para dizer a alguns carpinteiros do prédio que chamassem uma ambulância.

De volta ao consultório, o Dr. Holland disse a Petti que Chelsea teve uma convulsão, e ela correu para ver seu bebê esparramado sobre a mesa, completamente imóvel. A ambulância chegou e Genene foi com a criança ao pronto-socorro do hospital Kerrville, a dois minutos de distância. Quando chegaram, Chelsea começou a respirar sozinha novamente.

Após dez dias de testes na UTI, os médicos não conseguiram encontrar nada que explicasse o ataque e as convulsões de Chelsea, mas ela rapidamente recuperou a coragem no hospital. Os agradecidos McClellans acreditavam que o novo médico e sua enfermeira haviam salvado a vida de sua filhinha e disseram a todos os pais que conheciam para levar seus filhos ao novo pediatra da cidade.

Então, quando o irmão de três anos de Chelsea, Cameron, adoeceu com gripe algumas semanas depois, Petti ficou encantado em levá-lo para ver o fabuloso Dr. Holland, que a aconselhou a trazer Chelsea também para um check-up de rotina. Ela estava animada desde o episódio angustiante do mês anterior, mas não faria mal para o médico examiná-la, pensou Petti.

Petti e seus dois filhos chegaram para a primeira consulta no dia 17 de setembro, por volta das dez e meia. Enquanto não estava bem, Cameron estava sentado em silêncio, a criança animada Chelsea deu risadinhas e correu para cima e para baixo no corredor, uma garotinha feliz em seu

pequeno vestido de guingão e renda. O Dr. Holland deu-lhe uma rápida olhada no chão da sala de espera, depois sugeriu duas vacinas de rotina, uma para sarampo, caxumba e rubéola, a outra para difteria e tétano — vacinas comuns para crianças pequenas. O médico sugeriu que Petti não observasse, para que não ficasse chateada com a injeção, mas Petti havia se tornado protetor. Ela queria segurar Chelsea, apenas para afastar um pouco do medo e da dor.

De volta à sala de emergência, a sorridente enfermeira Genene já havia enchido as seringas.

Enquanto Petti segurava Chelsea no colo, Genene empurrou a primeira agulha na coxa esquerda roliça de Chelsea. Em alguns segundos, a respiração de Chelsea vacilou. Ela tentou dizer alguma coisa, mas as palavras congelaram dentro dela.

"Pare!" Petti gritou. "Faça alguma coisa! Ela está tendo outra convulsão!"

Genene consolou Petti. Chelsea estava apenas reagindo à picada da agulha, ela disse. Petti se acalmou enquanto Chelsea relaxava.

Genene injetou a segunda agulha na coxa direita de Chelsea. Desta vez, Chelsea parou de respirar completamente, entrou em pânico e de repente caiu. Estava acontecendo de novo.

Uma ambulância chegou rapidamente. Genene carregou Chelsea nos braços e, antes de chegarem ao hospital de Kerrville, ela inseriu um tubo de respiração na garganta do bebê. Mas Holland queria levar Chelsea para um hospital maior, onde pudessem fazer exames neurológicos, então Genene e Chelsea voltaram para a ambulância e correram para San Antonio, com a Dra. Holland seguindo em seu carro e os McClellans no deles.

Oito milhas de Kerrville, Chelsea em linha reta. A ambulância foi para o acostamento da rodovia. Jones deu várias injeções em Chelsea enquanto o Dr. Holland entrava e começava a ressuscitação cardiopulmonar, tentando bravamente reiniciar o coraçãozinho de Chelsea.

Mas Chelsea nunca recuperou a consciência. Quando o motorista da ambulância parou em uma pequena clínica na pequena cidade de Comfort, Chelsea McClellan estava morta.

Genene embrulhou o corpo do bebê em um cobertor e o entregou a Petti, que caiu em uma névoa de negação. *Chelsea estava apenas dormindo*, ela disse, *e ela vai acordar em breve. Ela já passou por isso antes*.

Mas Chelsea nunca acordou.

Todos voltaram para o hospital de Kerrville, onde Genene levou o corpo da criança para o necrotério do porão, depois voltou ao trabalho enquanto o Dr. Holland providenciava uma autópsia.

Chelsea foi enterrada em uma tarde de segunda-feira, vestida com um vestido rosa e um laço rosa no cabelo, com um cobertor para mantê-la aquecida e sua boneca favorita para fazer companhia. Ela usava brincos minúsculos em forma de estrela nas orelhas e um pingente de coração em uma corrente de prata em volta do pescoço.

Petti estava uma bagunça. Ela se recusou a acreditar que Chelsea estava morta. Ela vagou em uma névoa triste. Quando ela viu pela primeira vez o caixão de fibra de vidro branco em miniatura contendo o corpo de sua filha, ela gritou: “Você está matando meu bebê!” como ela desmoronou em uma pilha.

Eles enterraram Chelsea sob uma lápide de bronze – “Our Little Angel” – na Babyland no cemitério de Kerrville. Semanas depois, a autópsia culparia a morte por SMSI, um termo de lixeira aplicado à morte de qualquer criança quando a causa real não é conhecida. Resumindo, a autópsia não tinha ideia do que a matou.

Os McClellans compraram um anúncio no jornal de Kerrville alguns dias depois do funeral, agradecendo àqueles que ajudaram a enterrar Chelsea, enviaram flores, cartões ou trouxeram comida. “Agradecimentos especiais” foram estendidos à Dra. Kathy Holland e Genene Jones – as duas únicas pessoas mencionadas em todo o anúncio – por manterem Chelsea viva por tanto tempo.

Uma semana depois do funeral, uma Petti enlutada de alguma forma foi ao Cemitério Garden of Memories para colocar flores no túmulo de Chelsea. Para sua surpresa, ao se aproximar, ela viu a enfermeira Genene Jones ajoelhada na sepultura fresca, balançando para frente e para trás, chorando e repetindo um nome várias vezes: *Chelsea. Chelsea. Chelsea.*

“O que você está fazendo aqui?” Petti perguntou baixinho, observando de longe, mas a enfermeira não pareceu notá-la.

Sem responder, Jones se levantou do túmulo e foi embora em uma espécie de transe estranho.

Depois que Genene saiu do cemitério, Petti viu que ela havia deixado um pequeno buquê de flores no marcador de Chelsea, mas também notou que a enfermeira enlutada havia pegado algo, uma linda reverência.

Que estranho, pensou Petti.

* * *

Apenas dezoito meses antes da morte de Chelsea McClellan, eu havia aceitado o cargo de legista chefe do condado de Bexar, Texas. Nossa sede em San Antonio ficava a cerca de uma hora de carro da pequena cidade de

Kerrville, alguns condados a noroeste da cidade, embora no momento eu não soubesse nada sobre a morte de Chelsea McClellan.

Nos nove anos anteriores, eu tinha subido a vice-chefe médico legista sob o lendário Dr. Charles Petty em Dallas, mas mesmo quando ele atingiu a idade de aposentadoria, Petty não podia deixar de ir. Simplesmente não estava em sua natureza desistir.

Eu ainda estava na casa dos trinta, mas tinha aprendido ciência forense com o melhor Dr. Russell Fisher em Baltimore, Petty, e meu próprio pai. Eu estava ansioso para administrar minha própria operação, mas não seria em Dallas. Em março de 1981, assumi o cargo de chefe em San Antonio, que havia se tornado o primeiro consultório médico legista do Texas vinte e cinco anos antes.

Antes de 1950, enquanto muitas grandes cidades e outros estados estavam convertendo seus antigos sistemas legistas em médicos legistas, o Texas hesitava. Não foi até 1955 que a legislatura estadual aprovou uma lei permitindo que qualquer condado do Texas com mais de 250.000 pessoas abandonasse o legista do condado e abrisse um escritório do legista em todo o condado. A reação do público foi um imediato... bocejo. Nada aconteceu. Mas os ventos mudaram quando a tragédia aconteceu.

No final da noite do início de dezembro de 1955, um motorista bateu seu carro a apenas quatro quarteirões da casa de um juiz de paz do condado de Bexar, um dos vários funcionários eleitos que desempenhavam as tarefas de legista em seus distritos. A polícia levou o homem para o hospital, onde ele foi declarado morto na chegada.

Os policiais chamaram o juiz de paz onde aconteceu o acidente, mas ele se recusou a realizar um inquérito porque acreditava que a polícia não deveria ter removido o corpo do local. Então os policiais chamaram o juiz de paz cuja delegacia cobria o hospital; ele recusou porque não tinha sido chamado primeiro. Um terceiro juiz de paz finalmente convocou um inquérito, mas a essa altura, o morto estava no hospital por um longo tempo inapropriado.

Os jornais locais cobriram as brigas entre os egoístas juízes de paz, e os cidadãos finalmente acordaram. Em sua próxima reunião, os comissários do condado de Bexar estabeleceram o primeiro consultório médico legista do Texas. Por US\$ 14.000 por ano, a comissão contratou o Dr. Robert Hausman, um patologista forense nascido na Holanda que era então o diretor do laboratório de um hospital de Atlanta. Coincidentemente, antes de começar o trabalho, Hausman passou um mês ao lado de meu pai, recebendo uma rápida atualização forense com o médico legista de Nova York, Dr. Milton Helpert. Eu tinha apenas quatorze anos na época e

certamente não poderia imaginar que um dia lideraria o escritório que Hausman fundou em San Antonio.

A morte não demorou. Duas horas depois que o primeiro ME do Texas foi empossado em 2 de julho de 1956, seu primeiro caso — um suicídio — chegou. Ele tinha apenas um assistente e uma secretária, mas inaugurou uma nova era na perícia forense do Texas quando foi chamado a uma suíte no nono andar de um hotel no centro de San Antonio, onde um homem branco de 48 anos se matou com um tiro. coração com uma pistola semiautomática calibre .32 de fabricação espanhola.

O caso nº 1 (como foi oficialmente rotulado) era bastante simples do ponto de vista forense - a sala havia sido trancada por dentro e o único tiro foi ouvido quando um mensageiro bateu na porta às onze da manhã. era muito mais complexo: o morto era Joseph Cromwell, o único filho de um pioneiro do petróleo de Oklahoma e herdeiro da vasta fortuna de seu falecido pai. Descendente de nona geração do Lorde Protetor inglês Oliver Cromwell, ele morava no extenso rancho da família nas proximidades de San Marcos. Quando jovem, ele se formou em um prestigioso colégio militar e o secretário de guerra de Hoover, um amigo da família, o comissionou pessoalmente como segundo-tenente. As festas no imenso rancho da família eram lendárias, e os últimos dez anos da vida hedonista de Joe foram bêbados, gulosos e sem rumo. No final, o dinheiro estava quase todo acabado.

Joe Cromwell deu entrada no hotel uma semana antes com apenas algumas mudas de roupa e sem objetos de valor. A polícia o encontrou deitado em sua cama em sua camiseta, boxers e meias cinza-azuladas, seu rosto sem barba por alguns dias. Ele deixou instruções detalhadas para o gerente do hotel, a polícia e seu filho em uma série de notas de suicídio na mesa de cabeceira.

Seria apenas uma coincidência que a primeira vítima no primeiro dia de Hausman não fosse uma morte comum? Bem, nenhuma morte é comum se você é quem está morrendo. E descobri que a maioria das pessoas “comuns” tem algumas histórias extraordinárias em algum lugar do livro de suas vidas.

O trabalho de um médico legista é determinar a causa e o modo da morte (neste caso, uma única bala no coração em um suicídio), mas um humano senciente quer saber o que às vezes é incognoscível, o porquê mais profundo. A verdadeira razão pela qual Joseph Cromwell tirou a própria vida nunca foi discutida por sua família e agora é esquecida, se é que chegou a ser conhecida, mas eu sei que o Dr. Hausman manteve as notas de

suicídio em sua mesa por alguns dias. No entanto, com um desfile interminável de mortes suspeitas ou não atendidas começando naquele primeiro dia histórico, ele teve que deixar a casca de Joe Cromwell ir.

Todos nós fazemos.

Quando cheguei a San Antonio, ninguém do escritório do ME foi às cenas de morte. Mudei tudo isso quando comecei a enviar meus próprios investigadores – que haviam recebido todos os relatórios por telefone – para os lugares reais onde as pessoas morriam. Preocupe-me a princípio que os policiais pudessem se irritar, sentindo como se não confiasse neles para fazer seu trabalho. Esse não era o caso; os investigadores forenses estão simplesmente procurando por pistas diferentes das dos policiais. Felizmente, a maioria dos meus investigadores tinha antecedentes policiais e meu investigador-chefe era um detetive aposentado de San Antonio conhecido pelos repórteres como Sr. Homicídios. Enquanto escrevo isso, seu sobrinho, também um ex-detetive de homicídios, também é o investigador-chefe do ME do condado de Bexar.

Estar no local era importante. Quanto mais informações pudermos reunir nos primeiros momentos após uma morte inexplicável, mais chances teremos de explicá-la. Eu queria que meus investigadores e patologistas forenses examinassem o maior número possível de mortes, mesmo quando a causa parecesse aparente. Por quê? Porque o que é aparente nem sempre é verdade.

Naqueles dias, como agora, a polícia local relatava rotineiramente mortes suspeitas, mas os hospitais nem sempre eram rápidos ou ansiosos para chamar o médico legista. A lei não exigia que os hospitais relatassem as mortes de pacientes diretamente sob os cuidados de um médico se o médico pudesse certificar sem dúvida por que seu paciente morreu, mas um amplo espectro de mortes questionáveis caiu na área cinzenta da lei. Os hospitais naturalmente querem evitar más reputações, processos judiciais e até mesmo perguntas desconfortáveis, por isso muitas vezes fingem que qualquer morte em seus leitos hospitalares foi completamente natural. Médicos assistentes, não querendo adivinhações, muitas vezes assinam atestados de óbito sem a certeza que a lei exige.

E não é assim que devemos tratar a morte.

Em meu primeiro ano como chefe em San Antonio, minha frustração cresceu com hospitais teimosos que se recusavam a relatar todas as mortes questionáveis – especialmente no Bexar County Hospital, uma instalação do condado usada como centro de ensino para o Centro de Ciências da Saúde da Universidade do Texas em San Antonio. Antônio. No outono de

1982, eu não estava tão quieto. Eu sabia que algumas mortes inexplicáveis não estavam sendo relatadas ao ME, então eu chacoalhei o máximo de jaulas que pude para forçar os hospitais a serem mais responsáveis. Até me demiti do corpo docente do Centro de Ciências da Saúde em protesto, mas ninguém me deu ouvidos. Eu alienei totalmente os chefes da Universidade do Texas, que não fizeram nada. Era uma missão tola bater nos portões de uma cultura fortificada que era arrogante, gananciosa e opaca.

E seja por providência ou acidente, foi quando o trágico caso da pequena Chelsea McClellan se materializou para mim, literalmente em um sussurro. Em janeiro de 1983, depois de um discurso para os patologistas de San Antonio, minha legista assistente Corrie May iniciou uma conversa com um velho amigo da faculdade de medicina local. O médico, um neuropatologista, mencionou que a promotoria de Kerrville estava investigando a morte inexplicável de uma garotinha. O promotor, ela confidenciou, suspeitava de um médico e uma enfermeira que haviam trabalhado recentemente no Hospital do Condado de Bexar.

E, ela sussurrou, houve algumas mortes suspeitas de bebês no centro médico também. O hospital vinha investigando silenciosamente por conta própria há alguns anos, disse ela.

Quando Corrie May me contou, fiquei chocada e com raiva. Eu vinha batendo os tambores sobre mortes não relatadas no hospital há meses, e agora aqui estava a evidência de que minhas suspeitas eram válidas. Mas eu não tinha ideia de que a realidade poderia ser ainda pior do que eu imaginava.

Na manhã seguinte, entrei no escritório do promotor para entregar o rumor assustador: Alguém pode estar matando bebês no hospital do condado.

* * *

De fato, o Hospital do Condado de Bexar estava preocupado. Pelo menos uma enfermeira se apresentou mais cedo com suspeitas. Pelo menos um médico expressou dúvidas sobre a morte de um bebê que ele não conseguiu explicar. A taxa de mortalidade na UTI pediátrica foi maior do que deveria. E se isso foi anômalo ou deliberado, tudo seria um enorme constrangimento se fosse divulgado.

Duas investigações internas não produziram conclusões firmes, mas surgiu um fio condutor: o nome da enfermeira Genene Jones não parava de aparecer. Um retrato escuro começou a surgir.

Genene Jones nasceu em San Antonio em 13 de julho de 1950 e foi imediatamente dada para adoção. Ela cresceu baixinha e gordinha, se sentia feia e tinha poucos amigos porque era uma rainha do drama que mentia

cronicamente, gritava muito e era desagradável estar por perto. Ao longo de sua vida, ela ocasionalmente contou histórias de abuso sexual e físico quando criança, embora as histórias sempre fossem um pouco confusas, e depois de uma série interminável de mentiras, ninguém a levou a sério de qualquer maneira. Ela também começou a fingir doença como forma de chamar a atenção.

Aos dezesseis anos, seu irmão mais novo foi morto quando uma bomba caseira explodiu em seu rosto. Um ano depois, seu pai um pouco sombrio morreu de câncer. Conhecidos dizem que ela ficou arrasada, embora Genene gostasse de dizer que ela cresceu indesejada e não amada. Sua mãe adotiva tornou-se sua única apoiadora.

Após o colegial, Genene supostamente fingiu estar grávida para forçar seu namorado preguiçoso a se casar com ela. Mas em poucos meses, ele se juntou à Marinha e, entre os casos com uma série de homens casados, Genene teve aulas de beleza.

Quando seu marido voltou da Marinha, eles tiveram um filho, mas se divorciaram após apenas quatro anos de casamento. Logo ela estava genuinamente grávida, então começou a procurar um emprego melhor que pagasse mais do que ganhava como esteticista (e aliviasse seu medo não natural de contrair câncer por produtos químicos no cabelo).

Ela já trabalhou em um salão de beleza de hospital e desenvolveu uma atração especial por médicos. Uma lâmpada acesa. Genene largou o filho na mãe e se matriculou em aulas para se tornar uma enfermeira profissional licenciada. Logo após a formatura em 1977, ela teve outro filho, que também foi deixado aos cuidados de sua mãe, e Genene começou sua nova carreira.

Surpreendentemente, Genene provou ser uma enfermeira muito boa, embora ela odiasse ser apenas um corte acima de uma stripper de doces. Ela acreditava profundamente que deveria estar no comando. Ela ficou obcecada em diagnosticar pessoas, mesmo que não fosse seu trabalho.

Agora com 27 anos, ela perdeu seu primeiro emprego no Hospital Metodista de San Antonio depois de apenas oito meses, quando foi demitida por ser muito mandona, muito áspera e muito ansiosa para tomar decisões que estavam bem acima de seu salário. Seu próximo trabalho, no pequeno e privado Hospital Comunitário em San Antonio, também foi breve.

Em 1978, ela foi contratada para trabalhar na unidade de terapia intensiva pediátrica do Bexar County Hospital, uma instalação relativamente nova que atendia em grande parte os cidadãos mais pobres da décima quinta

maior cidade dos Estados Unidos na época. Mas o trabalho não começou bem. A tendência de Genene de mandar nas pessoas — embora ela fosse a mais baixa no totem em classificação e experiência — irritou. Além de ser seu eu abrasivo, ela habitualmente duvidava e desrespeitava as ordens dos médicos. Ela também gostava de se gabar de suas conquistas sexuais, que ela frequentemente descrevia em detalhes lúgubres. Para piorar as coisas, ela era atrevida e abertamente libidinosa com médicos do sexo masculino.

No início, ela implodiu com o primeiro filho que morreu sob seus cuidados, deixando outras enfermeiras perplexas com um tipo excessivo e bizarro de luto público. Ela arrastou um banquinho para o cubículo do bebê morto e olhou para o corpo por um longo tempo. Outras vezes, ela insistia em escoltar os corpos dos bebês mortos para o necrotério do hospital, cantando para eles no caminho... ir.

Embora seu trabalho normalmente fosse fornecer cuidados básicos à beira do leito, Genene desenvolveu um talento para inserir agulhas. Ela também parecia extraordinariamente interessada em várias drogas e seus efeitos. Tudo parecia natural, até louvável, para um cuidador querer saber essas coisas.

Logo após o Natal de 1981, Rolando Santos, de quatro semanas, chegou à UTI com pneumonia e foi imediatamente colocado em um respirador. Três dias depois, ele começou a ter convulsões inexplicáveis. Dois dias depois disso, seu coração parou enquanto ele sangrava por várias agulhas em seu corpo. Quando o sangramento recomeçou alguns dias depois, um teste mostrou que ele havia sido injetado com heparina, um medicamento anticoagulante para pacientes cardíacos.

Quando o sangramento recomeçou, foi estancado com um medicamento destinado a reverter os efeitos da heparina, e o médico desconfiado de Rolando imediatamente transferiu Rolando para fora da UTI, embora ainda estivesse muito doente. A UTI era aparentemente muito perigosa para a criança.

Em quatro dias, Rolando Santos se recuperou o suficiente para voltar para casa.

Armado com evidências sólidas de que alguém havia administrado uma overdose de heparina a uma criança que não precisava da droga, um funcionário do hospital descreveu a “desventura intencional da enfermagem” em um memorando ao reitor da faculdade de medicina. Ele prometeu ficar de olho na tendência sombria e perturbadora da UTI em mortes inexplicáveis e episódios quase fatais.

Genene Jones preocupou algumas pessoas na UTI, mas ela não foi imediatamente suspeita no caso de Rolando Santos, ou em qualquer um dos outros casos questionáveis que estavam se acumulando. Em seus quatro anos no andar da UTI, ela provou ser uma figura divisiva, mas nunca foi demitida, embora alguns de seus colegas tenham levantado várias bandeiras vermelhas sobre o número de tragédias inexplicáveis.

E esses números não pareciam bons. Durante o tempo de Jones na enfermaria pediátrica do hospital, quarenta e dois bebês morreram. Trinta e quatro deles — quatro de cada cinco bebês mortos do hospital — morreram enquanto Jones estava de plantão. Outras enfermeiras começaram a chamar a turnê de três às onze de Jones de “turno da morte”. A própria Jones se preocupou em voz alta que ela seria conhecida como a “enfermeira da morte”. E talvez por um bom motivo: no geral, a taxa de mortalidade infantil do hospital quase triplicou durante seu mandato lá.

No entanto, apesar da crescente preocupação do hospital, ninguém jamais relatou nenhuma morte questionável para mim, o médico legista do condado cujo trabalho era determinar como e por que as pessoas morrem.

Em 1982, incapaz de provar nada e sem vontade de detonar um espetáculo público, o hospital literalmente cortou suas perdas em um brilhante golpe de relações públicas. Anunciou um plano para “atualizar” sua equipe de UTI pediátrica com enfermeiras registradas mais experientes e discretamente demitiu duas enfermeiras: a enfermeira vocacional licenciada Genene Jones e a enfermeira que expressou suspeitas de que Jones estava matando bebês.

Armada com boas recomendações de seus chefes, Genene foi rapidamente recrutada pela Dra. Kathy Holland, que acabara de terminar sua residência no Bexar County Hospital, para trabalhar em uma nova clínica de pediatria em Kerrville, Texas.

Assim, alguns meses depois, uma das ex-enfermeiras do hospital de San Antonio (e, no momento, um dos médicos treinados) se envolveu em uma investigação de morte em Kerrville, a promotoria de San Antonio estava bisbilhotando outras mortes. , e eu estava pressionando a administração do hospital para ser mais transparente. Uma tempestade perfeita destrutiva estava prestes a estourar.

Mas mesmo depois da morte de Chelsea McClellan, as crianças continuaram a ter episódios inexplicáveis e assustadores de convulsões, insuficiência respiratória e inconsciência na clínica do Dr. Holland em Kerrville. Incrivelmente, na tarde após a morte de Chelsea, outra criança caiu em um feitiço semelhante após uma injeção de Jones, que trabalhava

sozinho na clínica enquanto o Dr. Holland estava ocupado organizando a autópsia de Chelsea.

Quando a criança flácida foi levada às pressas para o hospital de Kerrville, um anestesista reconheceu os sintomas reveladores da succinilcolina, uma droga de ação rápida que paralisa todos os músculos do corpo. Ele relatou suas suspeitas ao administrador do pequeno hospital, que eventualmente as compartilhou com o promotor de Kerrville, Ron Sutton.

De repente, a suspeita se concentrou na Dra. Kathy Holland, sua enfermeira Genene Jones e uma droga chamada succinilcolina.

* * *

Usado desde a década de 1950, a succinilcolina – comumente chamada de “sux” pelo pessoal médico – é uma droga parálitica sintética frequentemente usada para relaxar os músculos cerrados da garganta ao inserir tubos respiratórios de emergência. Faz efeito em segundos, mas dura apenas alguns minutos, tempo suficiente para intubar um paciente em dificuldades.

O corpo humano rapidamente o decompõe em subprodutos naturais normalmente encontrados dentro de nós, mesmo quando não fomos injetados com a droga. Uma autópsia de rotina não perceberia. Até o início da década de 1980, a única química ligeiramente anormal do sangue era facilmente ignorada e, mesmo quando suspeitava de seu uso, não deixava evidências claras para basear uma acusação de assassinato. Assim, o famoso advogado de defesa F. Lee Bailey uma vez chamou o sux de “a arma do crime perfeita” porque desaparece sem deixar vestígios.

Uma overdose de succinilcolina é uma maneira ruim de morrer. A vítima desafortunada estará completamente consciente quando todos os músculos de seu corpo – incluindo o coração e o diafragma – se contraírem. A respiração pára e ele sufoca.

Esse veneno perfeito é encontrado em salas de emergência e cirurgias, e é usado quase exclusivamente por anesthesiologistas e médicos de emergência, pelo menos quando não faz parte do coquetel de três drogas usado em injeções letais de assassinos condenados. Pessoas comuns não têm acesso ao sux. Quase não há razão para ser encontrado na prateleira de uma clínica pediátrica de uma cidade pequena, a menos que um médico espere que uma criança de repente caia e precise de intubação de emergência. Não é uma probabilidade.

No início da investigação de Kerrville, a suspeita se afastou do Dr. Holland, que agora estava ajudando os promotores a ligar todos os pontos em uma linha horrível que apontava diretamente para sua enfermeira, Genene Jones.

A clínica do Dr. Holland tinha dois frascos de succinilcolina, e Genene Jones tinha a responsabilidade principal de encomendar os produtos farmacêuticos do consultório. Um desses frascos desapareceu brevemente após a morte de Chelsea, mas quando Genene Jones relatou encontrá-lo, ele havia sido aberto e duas perfurações de agulha eram visíveis em seu selo de borracha. No entanto, ambos os frascos pareciam cheios.

O Dr. Holland demitiu Jones logo após o incidente com a succinilcolina. A médica ficou abalada ao ver marcas de agulhas no lacre de um dos frascos, mesmo nunca tendo receitado para nenhum de seus pacientes. Mais tarde, uma análise química mostrou que o frasco aberto havia sido diluído com solução salina.

Ao mesmo tempo, o Hospital do Condado de Bexar, em San Antonio, estava intensificando sua terceira investigação sobre o número mais alto do que o normal de mortes em sua UTI pediátrica durante o tempo da enfermeira Genene Jones lá. E um grande júri de San Antonio estava examinando separadamente os registros de mais de 120 mortes de crianças na UTI entre 1978 e o início de 1982 – o período de emprego de Jones.

Em última análise, o grande júri concentrou-se em cerca de uma dúzia dessas mortes questionáveis, todas pacientes de Genene Jones e apenas uma foi reportada ao consultório do meu médico legista. As autópsias foram feitas por alunos da faculdade de medicina e todas foram certificadas como óbitos assistidos. Basta dizer que nenhuma evidência suspeita foi encontrada em nenhum deles, muito menos succinilcolina.

Mas em 1983, tínhamos uma nova ferramenta. O renomado toxicologista sueco Dr. Bo Holmstedt, que ajudou a selecionar vencedores do Prêmio Nobel na Academia Real de Ciências, desenvolveu um novo método para detectar succinilcolina em humanos mortos. O problema era que seu método ainda não havia sido testado em nenhum tribunal em nenhum lugar. Como suspeitávamos que Genene Jones fosse uma enfermeira assassina que poderia estar usando succinilcolina para matar crianças inocentes, procuramos o Dr. Holmstedt, que estava ansioso para ajudar. Mas ele tinha uma condição: não testemunharia no tribunal se o Estado do Texas pedisse a pena de morte para a enfermeira.

Diante de deixar um possível assassino em liberdade ou buscar uma penalidade menor, DA Sutton aceitou o último. Ele concordou com o acordo de Holmstedt. Se Genene Jones fosse eventualmente indiciado, a pena de morte estaria fora de questão.

Mas uma grande questão permaneceu antes que qualquer acusação pudesse ser apresentada: uma garotinha poderia falar conosco do túmulo?

* * *

Em uma manhã calma e clara de sábado, 7 de maio de 1983, exumamos Chelsea McClellan.

Antes que o coveiro desenterrasse seu pequeno caixão, enterrado a apenas um metro de profundidade, montamos nosso necrotério improvisado – uma barraca de lona – ao redor do próprio túmulo para bloquear a visão de curiosos e pessoas da mídia que se aglomeraram do lado de fora dos portões do cemitério. Seus pais haviam permitido a exumação, mas não queriam saber nada sobre isso. O pensamento disso revirou seus estômagos, mas eles sabiam que poderia ser nossa única chance de conseguir justiça para Chelsea.

Não deveríamos estar aqui. Sua autópsia original, feita nos fundos da casa funerária de Kerrville, não havia sido realizada por um patologista forense, mas por um laboratório particular de patologia e um médico da Faculdade de Medicina da Universidade do Texas em San Antonio – o mesmo neuropatologista que primeiro contou a Corrie May sobre este caso e que conhecia pessoalmente Genene Jones. Todos ficaram perplexos. Eles não encontraram nada e suas amostras de tecido não foram preservadas o suficiente para evitar cavar o túmulo de uma criança. Mas aqui estávamos nós, cavando o túmulo de uma criança.

Eu sabia disso: SIDS provavelmente não matou Chelsea McClellan. Ela era muito velha e as circunstâncias não se encaixavam. Normalmente, a SMSL descrevia a morte inexplicável no berço de uma criança com menos de um ano de idade, e essa morte geralmente acontecia durante o sono. Chelsea, de quinze meses, morreu em um consultório médico durante um período de atividade vigorosa. Após uma injeção. Por uma enfermeira.

Agora ela estava deitada dentro de seu caixão exatamente como o mundo a tinha visto pela última vez oito meses antes, bonita em seu vestido rosa, com seu cobertor de tricô e um brinquedo por perto. Com um laço cor-de-rosa no cabelo louro, ela estava bem conservada, como uma delicada boneca de porcelana, e parecia uma pena perturbá-la com nossos negócios sombrios.

Apenas uma casca, eu me lembrei.

Depois que o agente funerário da funerária identificou Chelsea positivamente, eu a despi e examinei suas pernas de perto em busca de marcas de agulhas, mas não surpreendentemente, não encontrei nenhuma. Cortei uma pequena amostra do músculo em cada uma de suas coxas onde ela poderia ter sido injetada com a succinilcolina. Depois de tirar os dois rins e pedaços do fígado, bexiga e vesícula biliar, fechei-a. O agente

funerário a vestiu e gentilmente a colocou de volta em seu caixão, onde ela foi novamente envolta em seu cobertor e reunida com sua boneca enquanto eu fazia uma pequena oração por sua alma.

Apenas uma casca.

Tudo durou menos de uma hora.

Congelei as amostras e, para manter a cadeia de evidências, elas foram escoltadas por um toxicologista até o Dr. Holmstedt em Estocolmo, a mais de oito mil quilômetros de distância. Onze dias após a exumação, recebemos o relatório de Holmstedt: Seus novos exames haviam encontrado vestígios de succinilcolina nos tecidos de Chelsea.

O pivô no caso contra Genene Jones havia se encaixado. Em 25 de maio, ela foi indiciada por um grande júri em Kerrville por uma acusação de assassinato e sete acusações de ferir crianças, incluindo Chelsea, em vários incidentes quase fatais na clínica. Cada acusação alegava que Genene Jones havia injetado nas crianças succinilcolina ou uma droga semelhante – embora seu motivo permanecesse obscuro.

Jones foi presa em Odessa, onde ela e um novo marido estavam visitando parentes. Ela se declarou inocente e um juiz estabeleceu sua fiança em US\$ 225.000 antes de designá-la como defensora pública. Algumas semanas depois, ela pagou fiança e ficou livre até o início do julgamento.

Se condenada, ela pode pegar de cinco anos a prisão perpétua em cada uma das oito acusações.

Agora começou a parte difícil.

* * *

Em 19 de janeiro de 1984, quase um ano e meio após a morte de Chelsea McClellan, sete mulheres e cinco homens se sentaram sombriamente em um júri em Georgetown, Texas. Eles decidiriam se a enfermeira Genene Jones era uma assassina de bebês a sangue frio ou um bode expiatório falsamente acusado de médicos ineptos. Chelsea McClellan foi assassinada ou morreu tragicamente de causas naturais?

Repórteres de toda a América, incluindo o *New York Times*, tinham ido a este subúrbio histórico de Austin para um julgamento que prometia alguma cópia gráfica. Por quase um ano, os americanos roubaram breves vislumbres dessa história sensacional e angustiante na mídia à medida que se aproximava do julgamento, e eles tinham muitas perguntas. Não eram apenas os detalhes desagradáveis do infanticídio que eles queriam. Eles ainda não sabiam como ou por que qualquer humano poderia matar um bebê, muito menos dezenas.

O caso de Kerrville DA Ron Sutton foi em grande parte circunstancial, mas como ele disse ao júri em sua declaração de abertura incomumente breve, “há uma enorme quantidade de circunstâncias aqui”. Sem a costumeira somatória das testemunhas que ouviriam, ele prometeu apenas entregar todas as peças de um quebra-cabeça “estranho e complexo”.

As testemunhas da primeira semana estabeleceram a triste narrativa da promotoria: a enfermeira do pronto-socorro do hospital de Kerrville, que havia atendido Chelsea depois de suas duas visitas traumáticas ao consultório do Dr. Holland; o anestesiolegista que achava que os movimentos desajeitados do bebê lembravam a recuperação da succinilcolina; o motorista da ambulância que achava que tudo estava indo bem até que Genene Jones deu uma chance à garotinha; e o patologista da autópsia original, que admitiu abertamente que Chelsea não se encaixava no perfil de uma morte por SMSI, mas até ouvir sobre a succinilcolina, ela não tinha ideia do que matou a menina.

Ao depor naquele primeiro dia, lembrei-me de Martha Woods. Doze anos se passaram, mas aqui estávamos discutindo a SMSI e a morte de outra criança nas mãos de outra mulher que também testemunhou um número extraordinário de bebês morrendo. A história estava, de certa forma, se repetindo.

“A criança era muito velha [para SIDS]”, disse ao júri, acrescentando: “SIDS é uma maneira elegante de dizer que não sabemos por que a criança morreu”.

Eles se sentaram impassíveis como eu descrevi, em termos higienizados, a exumação. Eles pareciam ver isso como eu: uma indignidade horrível, mas necessária.

Depois veio Petti McClellan, a mãe de 28 anos de Chelsea. Tensa e chorosa desde o início, ela descreveu a vida de Chelsea desde o nascimento até a morte, apenas quinze curtos meses, às vezes tão suavemente que o juiz pediu algumas vezes que ela falasse.

O tribunal estava em um silêncio mortal enquanto ela descrevia a primeira respiração de Chelsea no consultório do Dr. Holland. Ela contou como Chelsea choramingou fracamente, seus olhos cheios de medo quando Genene Jones disse que o bebê estava “apenas louco” por ter tomado uma injeção.

“E o que Genene fez depois que ela disse isso?” Sutton perguntou a Petti.

“Deu a ela outra chance.”

“E então?”

“Ela ficou mole como uma boneca de pano”, Petti chorou. “Ela era como uma boneca de pano.”

Sutton a guiou pela última e fatal visita à clínica e a desesperada viagem de ambulância que terminou, inesperadamente para Petti, no estacionamento de uma clínica de cidade pequena, onde seu marido conversou com o motorista da ambulância e tentou prepará-la para o pior. notícias que ela jamais ouviria.

"Eu disse a ele que Chelsea não poderia morrer de jeito nenhum", ela contou dolorosamente. “Não teve jeito. Ela não estava doente. Ela não estava doente!”

No interrogatório, a defesa enfatizou delicadamente que o Chelsea havia nascido prematuramente e tinha outros problemas de saúde, mas Petti era forte. Sim, Chelsea começou a vida mais fraca, disse ela, mas estava em perfeita saúde na manhã em que morreu. Ela nem deveria estar no consultório médico naquele dia.

Petti era o coração emocional do caso da promotoria, mas tudo girava em torno da ciência do Dr. Holmstedt. O único problema era que seu novo teste para uma droga difícil de detectar nunca havia sido publicado, muito menos usado em um caso criminal de vida ou morte. Em uma audiência amarga longe do júri, ambos os lados lutaram sobre a admissibilidade das conclusões de Holmstedt.

No final de um longo dia, o juiz permitiu. Assim, o avô Holmstedt, com seu forte sotaque sueco, apresentou as provas mais contundentes contra Genevieve Jones quando disse que havia encontrado vestígios de succinilcolina nos tecidos de Chelsea.

Durante todo o processo da promotoria, a enfermeira acusada sentou-se impassível – até mesmo entediada – na mesa da defesa. Ela escrevia cartas, rabiscava, mascava chiclete e geralmente parecia desinteressada. Ela estava convencida de que seria absolvida, uma confiança que seus advogados não compartilhavam. A certa altura, ela queria levar uma cópia do romance de terror de Stephen King *Pet Sematary* ao tribunal para ler, mas seus advogados a convenceram de que não iria refletir bem sobre ela com os membros do júri, que muitas vezes olhavam para ela como os dias passado. Entre as últimas testemunhas contra Genevieve Jones estava sua ex-chefe e amiga, Dra. Kathy Holland. A pediatra passou de suspeita a uma das testemunhas mais fortes da acusação... e o pior pesadelo de sua enfermeira. Ao longo de alguns dias, Holland descreveu como havia contratado Genevieve e como eles trabalhavam juntos. Ela contou os episódios repentinos com Chelsea e as outras crianças. Ela contou ao júri como encontrou marcas de

agulha em um dos frascos de succinilcolina, que parecia cheio, mas depois provou estar diluído. E ela surpreendeu o tribunal quando lembrou como Genene Jones havia deixado um bilhete durante uma tentativa de suicídio desanimada, pedindo desculpas a “você e as sete pessoas cuja vida eu alterei”. Parecia ser uma admissão clara.

O comportamento de Genene mudou. Ela ficou com raiva e declarou não tão silenciosamente que Holland estava mentindo e traíndo ela. Sob interrogatório, Holland admitiu que mudou de opinião sobre a morte de Chelsea, mas foi o suficiente?

Mais uma vez, como no caso Martha Woods, o juiz teve que decidir se os “atos ruins” do passado eram relevantes para provar a “assinatura” de Genene Jones. No final, ele permitiu que várias testemunhas falassem sobre crianças que tiveram encontros assustadores com a enfermeira. Como Sutton havia prometido, todas as peças do quebra-cabeça estavam se encaixando.

Quando acabou, a promotoria apresentou quarenta e quatro testemunhas e sessenta e quatro provas, todas apontando claramente para a culpa de Genene Jones.

A defesa apresentou seu próprio caso vigoroso, principalmente com um fluxo de especialistas médicos para refutar as evidências da promotoria. Eles também aconselharam Genene a não testemunhar, sabendo que ela seria exposta como uma mentirosa arrogante muito rapidamente. Depois de alguns momentos tensos em que ela aparecia, ela ignorava os conselhos deles - assim como tantas vezes ignorava as ordens dos médicos na UTI - e testemunhava de qualquer maneira, ela hesitou.

Um mês depois de começar, o *State of Texas vs. Genene Jones* estava chegando ao fim. Restavam apenas as alegações finais.

Nick Rothe, um promotor assistente de San Antonio que estava ajudando Sutton por causa de um segundo caso pendente contra Jones na quase morte do pequeno Rolando Santos, resumiu o caso da promotoria em uma apresentação emocional de duas horas.

“O que precisamos fazer é voltar ao que se trata”, Rothe começou. “É sobre uma garotinha morta, essa aqui.”

Ele levantou uma foto de Chelsea McClellan.

Ele os lembrou das evidências que ouviram, das visitas aos médicos que terminaram em morte ou emergências assustadoras. Ele implorou ao júri que considerasse os padrões enquanto dirigia sua atenção para um grande calendário em um cavalete. Uma bonequinha de pano marcava a data de cada ataque relatado no consultório do Dr. Holland.

“Há bonecas de pano em todo o calendário”, disse Rothe.

Então ele apontou uma semana no calendário em que nenhuma convulsão foi relatada. Os dias estavam em branco. Por quê?

“Essa é a semana em que Genene Jones estava no hospital”, disse ele. “Não há bonecas de pano naquela semana porque a enfermeira não estava lá.”

Silêncio.

A defesa resumiu seu caso: Chelsea morreu de causas naturais. Genene Jones era um bode expiatório inocente. E o Dr. Holland era muito desconfiado para ser ignorado.

“Eles fizeram tudo ao seu alcance para desviar sua atenção dos fatos deste caso”, disse o advogado de Jones, “em uma tentativa de esconder a verdade de você, confundi-lo, deixá-lo em pânico e intimidá-lo a devolver um veredicto de culpado”.

Após uma breve refutação de DA Sutton, o juiz entregou o caso ao júri pouco depois das duas da tarde de 15 de fevereiro de 1984.

“Você pode simplesmente se acalmar e pegar um bom livro para ler”, disse o juiz ao seu repórter do tribunal, esperando uma longa e difícil deliberação. Mas ele estava errado. O júri levou menos de três horas para chegar ao veredicto. Fiquei surpreso quando a emissora de TV local invadiu um programa com um boletim de que o júri estava de volta.

Culpado.

Um pequeno grupo de manifestantes carregando cartazes do lado de fora explodiu em aplausos. Parentes das vítimas de Jones no tribunal se abraçaram e choraram. O veredicto foi agridoce para os McClellans; não traria sua filha de volta, mas seu assassino passaria o resto de sua vida atrás das grades.

“Podemos finalmente enterrá-la”, disse a avó de Chelsea a um repórter, “e eles não podem mais desenterrá-la”.

Uma Jones abalada, tão confiante de que seria libertada, chorou enquanto os oficiais de justiça a levavam para uma viatura da polícia e a levavam para a prisão.

Poucos dias depois, ela foi condenada a noventa e nove anos pela injeção letal de Chelsea McClellan. Alguns meses depois, ela também foi condenada por ferir deliberadamente Rolando Santos, e pegou mais sessenta anos, para ser cumprido ao mesmo tempo que sua outra pena de prisão. A justiça foi feita. (Na época, o promotor de San Antonio disse a um repórter *do Washington Post* : "Não haverá acusações adicionais de Genene Jones. Nenhum propósito útil será servido. Acho que [ela] passará o resto de sua vida na prisão".)

Mas no auge do momento, ninguém antecipou uma armadilha escondida na punição que não apareceria por algumas décadas.

E quando isso acontecesse, seria como se estivéssemos desenterrando aquela garotinha de novo.

* * *

Por que ela fez isso?

Ninguém realmente sabe. Como Martha Woods, alguma forma de síndrome de Munchausen por procuração é provável. Os promotores dizem que Genene Jones tinha um complexo de herói, uma necessidade patológica pela atenção que recebeu quando resgatou uma criança (cuja morte iminente ela causou). É possível, eles disseram, que ela nunca pretendeu matá-los, mas apenas queria arrastá-los à beira da morte para poder salvá-los. Outros dizem que ela apreciou o poder que extraiu de desempenhar o papel central em um drama de vida ou morte. Ou talvez ela apenas gostasse da excitação e da admiração que recebia dos médicos, a quem ela reverenciava como semideuses desejáveis. Ou talvez ela estivesse representando seus próprios supostos abusos de infância.

Nós simplesmente não sabemos, e ela não está contando.

Como foi o caso de Martha Woods, acredito que os motivos de Genene Jones eram complicados além da compreensão racional. Não importa o que eles fossem, cabe a outra pessoa, aqui na terra e além, saber. Minha primeira obrigação não é com ela, mas com Chelsea McClellan e quaisquer outras crianças cujos caminhos possam ter terminado nos braços de Genene Jones.

Dois vilões surgiram nesta tragédia. Um deles foi Genene Jones, um serial killer psicopata cujo verdadeiro número de mortos talvez nunca seja conhecido. A outra era uma cultura política hospitalar que cobria o próprio traseiro em vez de enfrentar a verdade.

Genene Jones pode ter assassinado até quarenta e seis bebês e crianças sob seus cuidados, mas o número exato nunca será conhecido porque após sua primeira condenação, o Hospital do Condado de Bexar (agora Centro Médico Universitário) destruiu quase trinta toneladas de registros hospitalares que cobriam o período de emprego de Jones, destruindo qualquer evidência documental potencial contra ela. O hospital disse que a trituração era rotina; os promotores supuseram que isso foi feito para proteger o hospital de qualquer responsabilidade legal adicional e má imprensa.

Alguns bons pais perderam seus filhos. Algumas pessoas boas perderam suas carreiras. Mas os políticos, advogados e médicos saíram ilesos, como

sempre fazem.

Não aprendemos nada com a matança de inocentes de Genene Jones.

Nenhuma coisa.

* * *

Em 2014, o Texas Parole Board negou a liberdade de Genene Jones pela nona vez. Nos primeiros dias, os manifestantes sempre apareciam para se opor à sua libertação; com o passar dos anos, os protestos ficaram menores e mais silenciosos, até recentemente. Agora, aos sessenta e quatro anos, ela implorou por compaixão, alegando estar morrendo de doença renal no estágio quatro. Três décadas se passaram desde que ela foi para a prisão por assassinar Chelsea McClellan. Sua foto de rosto não retrata mais uma mulher de trinta e poucos anos de olhos frios, mas uma carrancuda, flácida e desleixado, mais uma merendeira do que um serial killer.

Ah, mas Genene Jones ainda é perigoso.

Quando ela foi condenada a 99 anos na década de 1980, o Texas tinha leis de liberação obrigatória destinadas a aliviar a superlotação das prisões. Não importa o quão malvado ou violento, cada detento foi creditado com três dias de serviço para cada dia de bom comportamento atrás das grades. Mais de mil criminosos presos no Texas entre 1977 e 1987 ainda estão presos e podem ser liberados compulsoriamente, e centenas deles são assassinos. A lei foi alterada mais tarde, mas ainda se aplica no caso de Jones.

Por mais de trinta anos, Genene Jones manteve o nariz limpo. Então, em vez de morrer na prisão como deveria, agora ela está programada para ser libertada em 1º de março de 2018. Uma mulher livre.

O escritório do promotor público em San Antonio - onde Jones pode ter matado dezenas de crianças em pelo menos um hospital local - se esforçou para encontrar um novo caso contra Jones entre os muitos bebês mortos que ela deixou em seu rastro.

Nós consideramos exumar os pequenos corpos de possíveis vítimas, mas a probabilidade de encontrar qualquer evidência forense sólida neste momento é pequena. Se Jones injetasse em suas vítimas a extraordinariamente difícil de detectar succinilcolina ou simplesmente as sufocasse, seus restos provavelmente não dariam pistas definitivas.

Mais recentemente, antigos registros do júri de 1983 vieram à tona. Eles podem conter cópias suficientes de documentos antigos do hospital para registrar novas acusações, mas pode ser o último suspiro na missão desesperada de manter Genene Jones na prisão, onde ela pertence. O tempo vai dizer.

Se algo não acontecer, e se Genevieve Jones sobreviver por tempo suficiente, ela sairá de uma prisão do Texas como uma mulher livre em 2018. E pela primeira vez na história do crime e punição americana, teremos conscientemente e propositalmente liberado um serial killer cativo de volta à sociedade.

Suas vítimas podem ter passado de cuidados, mas os vivos merecem melhor.

Segredos e quebra-cabeças

Estamos todos enredados nos quebra-cabeças da vida. Aceitamos que há mistérios aos quais não podemos responder, mas mesmo assim procuramos respostas. Então juntamos as peças do quebra-cabeça infinitamente, depois as desmontamos infinitamente. Nós sempre temos, e sempre teremos. A morte também nos oferece muitos quebra-cabeças, mas acho que o mistério da morte está no que podemos ver, não no que está oculto. As pistas estão sempre lá para encontrarmos as respostas que procuramos. Não é antinatural olhar e se perguntar... é antinatural ir embora.

TERRA DO TRIGO, WYOMING. QUINTA-FEIRA, 5 DE JULHO DE 1984.

Martin Frias passou o dia seguinte à Quarta completamente sozinho, com dores no corpo e no espírito.

Uma discussão com sua namorada havia começado alguns dias antes, e ainda estava fervendo. Ela não queria ficar perto dele, então ela levou as crianças para o parque na cidade naquela tarde, só para não ter que aturar a porcaria dele. Ele caiu em um funk, meio arrependido, meio chateado.

Martin havia se infiltrado nos Estados Unidos vindo do México em 1979, à procura de trabalho. Ele encontrou o caminho para Wyoming, onde havia muitos empregos e um homem podia se esconder à vista de todos. Em 1981, conheceu Ernestine Jean Perea, recém-divorciada e agora criando sozinha a filha de quatro anos. Ambos tinham vinte e poucos anos e procuravam desesperadamente um lugar seguro para pousar.

Eles alugaram um trailer verde e branco de largura simples em uma estrada de terra, do outro lado dos trilhos da ferrovia, no ermo a sudoeste de Wheatland, Wyoming, uma cidade agrícola da pradaria. Martin encontrou um bom emprego em uma pedreira local. Ele era um cara trabalhador, de fala mansa e sério. Embora ele tivesse apenas cerca de 1,70m, ele era magro e forte. Ele até foi um promissor arremessador de beisebol quando menino no México.

O chefe de Martin gostava dele, e quando ele estava trabalhando — quando o dinheiro estava chegando — a vida era boa.

Mas as coisas não estavam bem por alguns meses, desde que o braço direito de Martin quase foi arrancado por um triturador de pedra. A primeira cirurgia em seu braço havia corrido mal, e agora ele estava desenhando apenas comp de operário enquanto sua cirurgia corretiva curava.

Seu braço direito era inútil na tipóia, o dinheiro era escasso e ele não podia fazer nada além de ficar sentado no trailer, beber cerveja barata e assistir

TV o dia todo enquanto Ernestine cuidava de seus três pré-escolares indisciplinados. Ele reclamou da bebida dela. Ele reclamou da comida dela. Ele reclamou dos amigos dela. Ele reclamou de tudo. Isso a deixou louca e ela jogou tudo de volta para ele, com a mesma hostilidade. Seu temperamento muitas vezes explodia, como muito antes de Martin, quando ela esfaqueou seu ex-marido com uma chave de fenda. Desta vez, Ernestine disse à mãe que planejava levar as crianças e se mudar. Na verdade, ela já havia guardado alguns de seus pertences na garagem Cheyenne de sua mãe. Então, depois do 4 de julho, ainda fervendo, Ernestine levou as crianças para o parque da cidade, onde encontrou alguns amigos para um piquenique. Alguém trouxe muita cerveja. A bebida atenuou a fúria de Ernestine e logo ela não sentiu mais dor. Ela finalmente se sentiu livre enquanto lutava de brincadeira com alguns dos rapazes na grama e esqueceu de Martin por algumas horas. Ela gostou, mas brincou com as amigas que haveria uma grande discussão quando ela finalmente voltasse para casa.

Ernestine não sabia que Martin a tinha seguido e assistido de sua caminhonete. Enfureceu-o vê-la com aqueles homens, rindo e brincando. Ele foi embora e ficou bêbado.

Naquela noite, por volta das nove e meia, depois que as calçadas da cidadezinha se fecharam, Martin chegou em casa e encontrou um trailer escuro. Quando Ernestine e as crianças chegaram mais tarde, Martin ajudou a colocar as crianças na cama em seus quartos separados. Sem dizer uma palavra, Ernestine foi para seu quarto, onde dormira sozinha nas últimas noites, e fechou a porta atrás de si.

O dia longo e triste de Martin terminou em silêncio. Ele apagou a luz e se enrolou na cama escondida onde estava dormindo desde que Ernestine o banuiu do quarto. Inquieto depois de um dia turbulento que terminou sem resolução, ele acabou adormecendo.

Mas ele não estava dormindo por muito tempo quando foi acordado por um baque, como se alguém lá fora tivesse chutado a lateral do trailer. Talvez o vento tenha soprado alguma coisa contra o revestimento de lata, ou talvez um cachorro de rua estivesse se aninhando. Ele se levantou e deu uma olhada nos quartos das crianças e olhou para a escuridão lá fora. Nenhuma coisa. Ele ficou acordado no sofá por um tempo, ouvindo, mas não ouviu de novo e voltou a dormir.

Algumas horas depois, por volta da uma da manhã, Martin acordou novamente com o choro de um bebê.

Atordoado e ainda um pouco bêbado, ele cambaleou no escuro em direção ao som dos gritos, que pareciam vir do quarto de Ernestine.

Ele abriu a porta e acendeu a luz, mas levou um momento para compreender o que viu: Ernestine estava deitada de costas no chão, sangrando de uma ferida aberta na barriga. Sua filha soluçou incontrolavelmente enquanto tentava levantar a cabeça da mãe. Sangue e pedaços de carne foram pulverizados na parede ao lado da porta. E o rifle de caça .300 Weatherby Magnum de Martin estava entre as pernas de Ernestine.

Ela não se moveu. Ou respirar.

Ernestine Perea estava morta, faltando apenas três semanas para seu vigésimo oitavo aniversário.

Horrorizado, Martin pegou a criança e correu para a cozinha para discar 911. Seu inglês não era bom e ele não conseguia fazê-los entender como chegar ao seu trailer, então ele marcou um encontro com a polícia em um café na cidade e conduzi-los de volta.

* * *

Os socorristas — um policial da cidade, um delegado do xerife e o agente funerário da pequena cidade da pradaria, que também atuava como legista do condado — não encontraram sinais de luta ou intruso no pequeno quarto apertado. A julgar pela posição do corpo, a localização do rifle ao lado de sua perna esquerda (imediatamente movida por um policial, que verificou sua câmara em busca de balas vivas), seu enorme ferimento na barriga e os respingos de sangue, tripas e fragmentos de ossos na parede e a porta fechada atrás de Ernestine, eles rapidamente concluíram que ela havia se matado em um suicídio confuso e trágico.

Mas quando eles olharam mais de perto, eles começaram a se perguntar. Seus jeans estavam rasgados ao longo do zíper, como se alguém tivesse tentado arrancá-los dela. E quando rolaram o corpo dela, também encontraram um pequeno buraco de bala, não maior do que um dedo mindinho, nas costas de Ernestine.

Sua teoria mudou rapidamente. Eles sabiam que as feridas de entrada são geralmente menores do que as feridas de saída. Então, como o ferimento nas costas de Ernestine era menor do que o ferimento na barriga, eles calcularam que ela deveria ter sido baleada por trás e a bala saiu de sua barriga em uma rajada espetacular (e fatal), pulverizando a parede a apenas dois ou três metros de distância com sangue.

Este foi o primeiro assassinato no condado de Platte em cinco anos, mas o próprio Barney Fife poderia ter resolvido esse mistério. Ernestine não

poderia ter dado um tiro nas costas com um rifle de caça de alta potência, ou qualquer outra arma. Isso parecia claro.

Menos de doze horas depois, um patologista clínico da Universidade de Wyoming examinou o corpo rechonchudo e descalço de Ernestine, ainda vestindo sua regata de algodão listrada azul e jeans. Ela tinha um metro e oitenta e dois, cento e quarenta quilos, com longos cabelos negros. Ele notou um nome tatuado na mão esquerda dela — ARCENIO — com um X cercado de estrelas, talvez um ex-namorado ou ex-marido. Ele também encontrou hematomas inexplicáveis no peito de Ernestine e um nível de álcool no sangue impressionante de 0,26 por cento, mais que o dobro do limite legal para dirigir em Wyoming na época.

E embora as entranhas de Ernestine estivessem uma bagunça sangrenta, ele confirmou rapidamente o que os policiais lhe disseram: um ferimento de entrada oval de um centímetro de comprimento no meio das costas de Ernestine que cortou sua medula espinhal, e um ferimento de saída irregular em sua barriga - mais de dez centímetros no seu mais largo - de onde agora se projetavam pedaços de suas entranhas. A bala passou de trás para frente, de acordo com o relatório da autópsia.

Assim, o patologista que realizou a autópsia e os técnicos do laboratório criminal do estado concluíram rapidamente que a bala entrou nas costas de Ernestine e se partiu em dois pedaços quando esmagou sua coluna. Os fragmentos então passaram perfeitamente horizontalmente por seu abdômen, perfurando sua aorta, fígado, rins, diafragma, intestinos e baço antes de sair de sua barriga. Dois grandes pedaços do núcleo e da jaqueta da bala alojados na parede do quarto. O caminho da bala era paralelo ao chão, sugerindo que o rifle não estava a mais de vinte centímetros acima do chão quando foi disparado.

Dado o caminho da bala e a distância até a parede, os especialistas do estado deduziram que Ernestine estava ajoelhada ou agachada quando foi baleada, e seu atirador também estava muito baixo no chão.

Assim, o legista do condado de Platte — um agente funerário peculiar e tagarela que fez campanha para o cargo dizendo que era o único cara na cidade com um veículo grande o suficiente para transportar um cadáver — considerou a morte de Ernestine um homicídio.

As impressões digitais de Martin foram encontradas na coronha de seu rifle e na caixa de munição, e as impressões digitais de Ernestine estavam na mira e no cano do rifle, mas nenhuma de suas impressões digitais foi encontrada no gatilho, no ferrolho ou em qualquer outro lugar da arma

grande. Óleo vegetal e partículas de grafite foram encontrados na mão esquerda de Ernestine e no cano do rifle.

Mas nenhum sangue ou tecido humano apareceu no focinho, e os técnicos criminais do estado não encontraram nenhum resíduo de tiro na camisa de Ernestine, sugerindo que o tiro havia sido disparado a pelo menos um metro de distância.

Martin jurou que nunca ouviu um tiro, embora dormisse no final do corredor, no pequeno trailer. Impossível, disseram os policiais. Ele deve estar mentindo. Aquela .300 Weatherby Magnum — uma pequena arma para elefantes, na verdade — despertaria os mortos.

Amigos disseram aos policiais que Martin e Ernestine tinham um relacionamento tempestuosa e cheia de álcool. A mãe contou-lhes que Ernestine ameaçava deixá-lo. Mas para cada circunstância que sugeria a culpa de Martin, outra a contradizia.

Sim, Ernestine havia flertado com o suicídio talvez uma dúzia de vezes antes — várias cicatrizes anormais em seus pulsos foram notadas casualmente em sua autópsia —, mas ela estava de bom humor apenas algumas horas antes, festejando naquele dia com amigos do sexo masculino. Afinal, Martin a tinha visto brincando com um deles no parque horas antes do tiroteio. Ela não parecia suicida para os amigos que a viram naquele dia.

Sim, Martin estava dormindo no sofá depois de uma discussão alguns dias antes, mas seu braço recém-quebrado em uma tipoia tornava improvável carregar, armar e disparar um rifle de alta potência.

Sim, policiais foram chamados para disputas domésticas no trailer meia dúzia de vezes antes, e Ernestine até implorou para que eles apreendessem o rifle de caça de Martin, mas repetidas vezes em interrogatórios brutais após o tiroteio, Martin insistiu firmemente que não matou dela. Ele tinha sido tão útil quanto podia o tempo todo, e as palavras dos mentirosos de costume estavam faltando.

Portanto, não se somou perfeitamente, mas os investigadores e promotores acreditavam que tinham o suficiente para provar que Ernestine morreu em um homicídio, não em um suicídio.

A teoria deles, completamente circunstancial: Martin ciumento e Ernestine bêbada brigaram no quarto deles. Ele a agarrou violentamente o suficiente para rasgar o zíper e abrir o botão de sua calça jeans, então a jogou no chão. Quando ela se levantou de costas para ele, ele pegou seu rifle debaixo da cama e atirou nas costas de sua posição ajoelhada, espirrando sangue e sangue na parede. Ernestine então se contorceu ao cair de costas, eles

argumentaram. Martin então colocou o rifle entre as pernas dela para fazer parecer um suicídio e chamou a polícia.

Cinco dias depois de um único tiro fatal no escuro, Martin Frias foi preso pelo assassinato em primeiro grau de sua esposa Ernestine Perea, e o Estado de Wyoming apreendeu seus filhos. Ele foi preso com uma fiança impossível de meio milhão de dólares.

* * *

Os processos judiciais em Wyoming não são longos. Martin Frias foi a julgamento cinco meses depois, mal entendendo o que todos diziam sobre ele.

Seu advogado nomeado pelo tribunal, Robert Moxley, acabara de passar no exame da Ordem alguns anos antes e foi designado para o escritório do pequeno e sonolento defensor público em Wheatland, onde os casos de assassinato eram raros. Quando seu próprio investigador acreditou na teoria da promotoria de que Martin havia atirado em Ernestine pelas costas, as coisas pareciam sombrias. Moxley colocou todo o seu esforço em uma defesa de dúvida razoável: sem testemunhas ou provas forenses sólidas de que Martin premeditou o assassinato de Ernestine e puxou o gatilho, o menor fragmento de dúvida existia. Moxley cruzou os dedos e torceu para que o júri absolvesse.

Moxley calculou mal.

A promotoria apresentou um caso convincente, embora inteiramente circunstancial. Testemunha após testemunha pintou golpe após golpe no retrato emergente de Martin Frias como um namorado raivoso e ciumento que era capaz de matar por raiva. As únicas outras pessoas no trailer naquela noite eram três pré-escolares. E o status indocumentado de Frias só o fez parecer mais culpado.

Testemunhas de acusação também descreveram como um tiro de teste do grande rifle dentro do trailer soou como uma buzina ou uma britadeira, lançando sérias dúvidas sobre a afirmação de Frias de que ele nunca ouviu um tiro.

Moxley só conseguiu desviar. Ele não tinha motivos para contestar a autópsia do estado e não tinha muito orçamento, então não tinha especialistas médicos para refutá-la. Sobre o melhor que ele podia oferecer era uma tentativa vã de lançar a culpa em outro lugar.

Um terapeuta que se encontrou com a filha de quatro anos de Ernestine relatou que a criança primeiro alegou ter atirado na mãe.

“Eu atirei nela pelas costas. Eu atirei nela pelas costas. Eu atirei nas costas dela”, a criança teria dito ao terapeuta.

“Você conversou com sua avó sobre o que conversamos?” o terapeuta perguntou mais tarde.

"Uh-hum."

“O que a vovó disse sobre isso?”

A criança apenas disse: “Shhhhh!” depois saiu do escritório para comprar um refrigerante em uma máquina no corredor, cantando: “Não posso te contar, não posso te contar, não posso te contar, não posso te contar, não posso te digo...”

De maneira assustadora, um psiquiatra que também examinou a criança a descreveu como muito agressiva, com sintomas de privação e dupla personalidade. A certa altura do exame, a criança pegou um bloco de notas e passou-o várias vezes no pescoço do psiquiatra. “Eu cortei seu pescoço,” ela disse a cada vez.

Um técnico criminal testemunhou que as mãos de Martin foram esfregadas em busca de resíduos de tiro, mas inexplicavelmente os cotonetes que poderiam ter ajudado a provar sua culpa ou inocência nunca foram testados. Outras testemunhas de defesa testemunharam que teria sido quase impossível para Martin ter disparado o grande rifle, especialmente de uma posição ajoelhada, porque seu braço destruído estava em uma tipoia e quase inútil. Um técnico criminal admitiu que tentou engatilhar e atirar no rifle grande com um braço, mas não conseguiu. A promotoria rapidamente respondeu com um médico que disse que Martin poderia ter disparado a arma.

Finalmente, o ex-diretor do laboratório criminal do estado testemunhou que, com base em sua avaliação da evidência forense do estado, nenhuma evidência inculpatória ou exculpatória substancial havia sido encontrada. Ele não encontrou nada que pudesse provar (nem refutar) o que aconteceu naquela noite terrível.

No final, nada pegou para Moxley.

Após sete dias de depoimentos, o júri de sete homens e cinco mulheres levou menos de cinco horas para condenar Martin Frias pela acusação menor de assassinato em segundo grau. Pouco antes do Natal de 1985, o juiz o sentenciou a 25 a 35 anos na Penitenciária Estadual de Wyoming.

Seus filhos e sua liberdade foram tirados, seu amante estava morto e Martin Frias seria um homem velho quando saísse. Ele não conseguia entender a maior parte do que aconteceu.

A América não era o que ele esperava.

* * *

Enquanto Moxley se preparava para seu apelo no auge do inverno de Wyoming, ele teve uma pausa inesperada. Um técnico de laboratório criminal mencionou durante o café com o investigador de Moxley que as fotos infravermelhas da camiseta ensanguentada de Ernestine podem mostrar algo que eles perderam. Surpreendendo a todos da equipe de defesa, as imagens subsequentes mostraram o que ninguém tinha visto a olho nu: um enorme clarão de resíduo de pólvora do tiro de contato... na frente da blusa.

De repente, novas evidências sugeriam que Martin Frias poderia estar dizendo a verdade.

O obstinado Moxley não parou por aí. Ele procurou os especialistas que agora sabia que deveria ter chamado antes do julgamento. Ele pediu à proeminente especialista em respingos de sangue Judith Bunker para dar uma olhada nas evidências, e ela, por sua vez, sugeriu que Moxley me ligasse também. Ele fez.

Era o tipo de telefonema que eu recebia rotineiramente como legista chefe do condado de Bexar: um jovem advogado de defesa desesperado, mas sério, com um caso fútil, agarrando-se a canudos forenses que não existiam. A maneira como ele descreveu seu caso, parecia uma chance desesperadamente pequena.

Eu o desencorajei sobre suas chances de encontrar uma absolvição forense para seu cliente, mas mencionei que, por sorte, eu deveria falar em uma convenção de aplicação da lei em Cheyenne, Wyoming, em apenas algumas semanas. Talvez eu desse uma olhada, mas estava ocupado e não tinha muito tempo a perder... À sua maneira de Wyoming, Moxley deixou todos os detalhes soltos e desligou.

Eu nunca esperei ouvir falar do pobre rapaz novamente.

* * *

Janeiro em Wyoming é bestial. Eu voei de San Antonio para Denver e aluguei um carro para uma viagem de duas horas pelo vento e pelo gelo até Cheyenne para conversar com um bando de policiais sobre ferimentos de bala. Eu estava com frio o caminho todo.

Os organizadores do workshop me colocaram no mesmo hotel onde falei. Depois de um dia de comida de convenção, eu ansiava por algo mais substancial, então fui até o restaurante temático do Velho Oeste do hotel, onde eu esperava que eles soubessem como cozinhar um bom bife grande. Sentei-me sozinho em uma cabine e uma garçonete anotou meu pedido. Comi minha salada e, depois de alguns minutos, ela me entregou um bife

grosso e escaldante. Eu estava prestes a cortar quando senti alguém em pé na minha mesa, e não era a garçonete.

“Dr. Di Maio?”

Olhei para cima para ver um rapaz, prematuramente careca, óculos de aro de metal, mais amarrotado do que deveria para sua idade. Ele segurava uma pasta de papel manilha.

"Sim." Talvez minha resposta tenha sido mais pergunta do que resposta.

“Sou Robert Moxley. O advogado de Martin Frias. Conversamos por telefone...”

Demorou um pouco, mas eu me lembrei dele. O advogado desesperado que perdeu o caso. Ele me encontrou. Eu admirava sua persistência, mas estava mais focado no meu bife no momento.

Ainda assim, ele jogou sua pasta parda na mesa.

“Estas são as fotos da cena do crime. Eu só quero que você olhe para eles e me diga se você vir alguma coisa. Nada mesmo.”

Durante o jantar?

"Eu não tenho certeza se posso ajudá-lo..." Eu disse a ele. Novamente.

"Se você apenas der uma olhada, doutor, eu realmente ficaria agradecido."

Peguei a pasta e folheei as fotografias coloridas. Na minha carreira eu tinha visto milhares, talvez milhões, exatamente como eles. Um cadáver ensanguentado no chão. Uma arma nas proximidades. Fotos em close — intimamente próximas — de feridas, roupas rasgadas, dedos mortos. Todas as cores violentas da morte.

Parei um pouco mais sobre uma imagem de uma grande ferida esfarrapada na barriga de uma jovem.

“Ela foi baleada com um rifle de caça. Essa é a ferida de saída,” Moxley me informou.

Olhei mais de perto, apenas alguns segundos. Mas eu tinha visto mais buracos de bala do que um batalhão de cirurgiões M*A*S*H. Eu escrevi o primeiro livro sobre ferimentos a bala. Eu sabia exatamente o que estava olhando.

"Não, eu disse. “Isso não é uma ferida de saída.”

Ele me olhou engraçado, como se eu tivesse acabado de dizer que ele era adotado.

“Desculpe, mas esse não é o seu ferimento de saída,” eu repeti. “Isso é uma ferida de *entrada* .”

* * *

É um dos grandes mitos da ciência forense que as balas sempre fazem buracos menores quando entram e buracos maiores quando saem. É

perpetuado pela nossa mídia, que quase nunca retrata os ferimentos de bala de forma autêntica.

Por exemplo, quando um humano é baleado em Hollywood, ele quase sempre é arremessado para trás de forma sensacional, às vezes vários metros, às vezes através de uma janela de vidro, às vezes através das paredes. Na vida real, porém, uma bala simplificada concentra sua incrível energia cinética em uma área muito pequena em sua ponta, de modo que não tem o poder de empurrar um corpo humano para trás. Ele penetra, não perfura. A bala está indo tão rápido quando atinge uma massa razoavelmente inerte de carne que simplesmente passa e o corpo se desfaz no local. A vítima cai direto.

Depois, há o mito de pequenas feridas de entrada e grandes saídas. O fato é que geralmente é verdade que uma bala geralmente faz um buraco menor quando entra em um corpo; então ele cai e se fragmenta dentro, fazendo um grande buraco quando sai em uma onda de metal, sangue e tecido. Mas certamente não é verdade em todos os casos.

E no caso de Ernestine Perea, não era verdade. E as pistas estavam todas escondidas à vista de todos nas fotografias de Moxley.

Quando você dispara uma arma, não é apenas uma bala que sai do cano. Há uma chama que queima até 1.500 graus, seguida de gases quentes, fuligem, pólvora em chamas e a bala, é claro.

Se você pressionar o cano de uma arma contra a pele, essa chama queima a pele, a fuligem é depositada ao redor da borda da ferida e os gases têm seus próprios efeitos.

Lá nas fotos de Moxley do que ele acreditava ser uma ferida de *saída*, eu vi tudo. Queimaduras e fuligem nas bordas de sua ferida abdominal. Isso significava que o cano estava contra sua pele quando a arma foi disparada. Aqueles pequenos mas inconfundíveis sinais me diziam que era uma ferida de entrada, não uma saída.

Da mesma forma, o pequeno ferimento em suas costas não mostrava nenhuma queimadura ou fuligem. Era claramente o caminho de saída de uma bala (ou pedaço de bala).

E havia outra coisa. O zíper rasgado e o botão faltando no jeans de Ernestine foram presumidos pelos investigadores como sinal de luta. Mas eles não eram.

Lembre-se de todo aquele gás quente do focinho? Com o cano contra sua pele, tudo explodiu nela, inflando temporariamente seu abdômen com força suficiente para rasgar seu jeans e abrir a ferida de entrada. Os gases do focinho expandiram brevemente sua cavidade abdominal com uma força de

três mil libras por polegada quadrada, tão forte que seu jeans foi rasgado e o cóis ficou impresso em sua pele.

O trabalho policial ruim e uma autópsia original ruim feita por um médico com pouco ou nenhum treinamento forense levaram à conclusão errada. Seu salto errôneo para a conclusão de que o ferimento de entrada era sempre menor do que o de saída apoiava uma teoria de acusação falha que mandava um homem para a prisão.

Isso significava que Martin Frias não encostou a arma na barriga de Ernestine e puxou o gatilho? Por si só, não. Mas os outros especialistas de Moxley estavam examinando outras evidências e rapidamente chegando à conclusão de que Ernestine havia cometido suicídio — exatamente como parecia à primeira vista aos investigadores e consistente com o relato de Martin.

A promotoria alegou que Ernestine havia sido baleada por trás, depois se virou para cair de costas. Mas a especialista em respingos de sangue Judy Bunker não viu como Ernestine poderia ter se contorcido com uma espinha quebrada. E mesmo que tivesse, ela teria jogado sangue em um semicírculo ao cair. Não havia sinal disso.

Usando um microscópio eletrônico de varredura, o químico forense Dr. Robert Lantz determinou que resíduos de tiro viajaram da frente de Ernestine, através de seu abdômen, e pelas costas... não o contrário. A promotoria argumentou que o resíduo na frente da camisa pode ter sido depositado ali depois de soprar o corpo de Ernestine pelas costas.

E os promotores acharam absurdo que, se Ernestine tivesse se suicidado, Martin não tivesse ouvido o disparo do rifle de caça. Mas o Dr. Harry Hollein, um especialista em acústica, mostrou como Martin pode ter perdido o estrondo estrondoso do Weatherby. Um rifle semelhante disparado no corpo de um cavalo morto a vários metros de distância emitia até 120 decibéis, o equivalente a um show de rock ao vivo ou a menos de um metro de uma serra elétrica. Mas quando o cano foi colocado contra a pele e disparado, houve apenas um baque abafado, semelhante a alguém chutando a lateral de um trailer. Todo o som era absorvido pelo corpo, que agia como um silenciador.

Um baque.

Exatamente o que Martin Frias disse que ouviu no escuro naquela noite.

Tudo fazia mais sentido agora, pelo menos para Moxley. Os fatos forenses eram consistentes com a história de Martin, e Ernestine provavelmente se matou sentada ou ajoelhada no chão de seu quarto, puxando o cano do

Weatherby de cabeça para baixo contra a barriga e empurrando o gatilho com o polegar.

Quatro meses depois de interromper meu jantar de bife em Cheyenne, Robert Moxley estava convencido de que havia encontrado a verdade que libertaria Martin Frias. Ele pediu ao tribunal de primeira instância um novo julgamento, baseado em sua descoberta de novas evidências, apoiadas por uma série de cientistas forenses que examinaram as evidências.

O juiz rejeitou seu recurso.

Então ele levou seu caso à Suprema Corte de Wyoming com um argumento único e corajoso. Martin Frias, disse ele, deveria ter um novo julgamento porque novas evidências provaram que o tiro de Ernestine não aconteceu da maneira que a promotoria disse, e porque Frias claramente tinha um advogado ruim.

Os juízes da Suprema Corte do estado se recusaram a conceder a moção de Moxley em novas evidências. Por quê? Ele teve todas as chances de pegá-lo antes do julgamento de Frias. Não é uma evidência “nova” se ele simplesmente falhou em procurá-la.

Mas, ironicamente, seu fracasso em procurar essa evidência em primeiro lugar provou que o advogado de Martin Frias - Robert Moxley - havia sido ineficaz. Por isso, disseram, Frias deveria fazer um novo julgamento.

* * *

Com um novo julgamento concedido, Moxley tinha uma última chance de salvar Frias e não queria estragar tudo novamente. Desta vez ele reuniria todas as evidências médicas que ele havia perdido na primeira vez.

A primeira ordem do dia: exumar Ernestine. Eu queria comparecer à segunda autópsia, mas minha agenda não permitia, então, em meu lugar, a defesa contratou meu amigo, o renomado patologista forense Dr. William Eckert, para observar a nova autópsia. Eckert já concordou comigo que os ferimentos de bala de Ernestine foram mal interpretados.

O Dr. Eckert era um patologista forense nascido em Nova Jersey que se tornara um vice-legista em Nova Orleans e Kansas antes de se tornar um consultor muito procurado na aposentadoria. Quando Bobby Kennedy foi assassinado em 1968, o legista do condado de Los Angeles, Thomas Noguchi, procurou o conselho de Eckert, que conhecia as questões jurisdicionais que atormentavam a investigação da morte de JFK cinco anos antes. Ele disse a Noguchi para não deixar Washington roubar o caso, e ele não o fez.

Na época em que o caso Frias foi revivido em 1985, Eckert tinha acabado de sair de uma expedição brasileira para identificar os restos mortais de

Josef Mengele, o médico-chefe do campo de concentração nazista de Auschwitz que desapareceu após a guerra e continuou secretamente experimentos médicos na América do Sul. A equipe concluiu que o cadáver no túmulo de Wolfgang Gerhard em uma pequena cidade costeira era de fato Mengele (e o DNA confirmou em 1992).

Mais tarde, Eckert fez parte de uma equipe de patologistas de oito pessoas – todos fascinados pela nova “ciência” dos perfis criminais – que reabriu o caso mais frio da história moderna: o assassinato de sete prostitutas por Jack, o Estripador, em Londres no final de 1800. Eles concluíram que o assassino sem rosto provavelmente era um açougueiro de profissão.

Embora ninguém nunca tivesse ouvido falar ou mesmo se importado com Martin Frias, esse trabalhador imigrante invisível que vivia à margem de uma pequena cidade em um lugar estranho chamado Wyoming, seu caso era mais importante do que encontrar Jack, o Estripador ou Josef Mengele. Eles estavam mortos, e nenhuma habilidade forense traria justiça para eles ou suas vítimas. Mas tivemos a chance de corrigir esse erro e deixar um homem inocente viver o resto de sua vida, livre.

Além do erro grosseiro no ferimento de bala, Eckert também ficou perturbado com o fato de as cicatrizes nos pulsos de Ernestine — artefatos de tentativas de suicídio anteriores — terem sido ignoradas, e como o patologista original havia exagerado suas qualificações para fazer trabalho forense. Na audiência para um novo julgamento, Eckert falou com eloquência sobre como bons patologistas forenses trabalham incansavelmente para encontrar a resposta certa.

Agora ele se juntou aos médicos da promotoria ao lado do túmulo de uma jovem problemática cuja morte violenta mandou um homem para a prisão. Um ano depois que ela foi enterrada em um túmulo de Cheyenne, ela poderia nos contar algo novo?

Em uma manhã gelada de outono em 1986, um pequeno exército de médicos e advogados — os advogados de defesa, o patologista do hospital que realizou a autópsia original, os especialistas contratados pelo estado e meus antigos colegas Drs. Charles Petty e Irving Stone, do Gabinete do Médico Legal de Dallas, Dr. Eckert, e alguns investigadores estaduais – convergiram para o túmulo de Ernestine no Cemitério Olivet de Cheyenne, onde seu pai a enterrou quatro dias depois de sua morte. Seu obituário pedia que, em vez de flores, os enlutados contribuíssem para programas de prevenção ao crime, uma acusação sutil, mas deliberada de assassinato.

Por volta do amanhecer, mais de dois anos depois de seu funeral, eles retiraram o caixão de Ernestine das terras altas das planícies e o levaram

uma hora para o oeste até um necrotério no porão da universidade em Laramie. Por causa de um odor maduro que emanava da caixa, os patologistas abriram o caixão na garagem da ambulância.

Dentro estava Ernestine, de óculos. Embora ela tenha sido embalsamada, seus restos naturalmente se achataram um pouco. Ela parecia ter sido deixada na chuva; seu corpo estava coberto de grandes gotas de condensação, formadas pela mudança de temperatura entre seu túmulo frio e o carro funerário quente.

No necrotério, novas radiografias dos restos mortais de Ernestine foram tiradas de todos os ângulos, e Eckert observou que o fígado de Ernestine foi dilacerado pela explosão. Os patologistas do estado usaram uma serra recíproca para remover sua coluna onde havia sido atingida pela bala, então a enviaram para o laboratório criminal de última geração do Dr. Petty em Dallas para análise.

Quando a ciência terminou com ela, a maior parte de Ernestine foi devolvida à terra gélida no cemitério de Cheyenne, onde ela poderia ficar sem ser molestada pelo resto da eternidade.

Após a segunda autópsia, os médicos do estado mantiveram sua opinião, mas Moxley estava mais firmemente convencida de que ela havia morrido em um trágico suicídio, não em um homicídio.

Ambos os lados estavam totalmente convencidos de que suas teorias estavam corretas.

E a liberdade de Martin Frias estava em jogo.

* * *

Em dezembro de 1986, quase exatamente dois anos depois de ter sido condenado pelo assassinato de Ernestine Perea, começou o novo julgamento de Martin Frias. Mas desta vez, sua equipe de defesa veio carregada para o urso.

Por sete dias, a promotoria defendeu sua mesma velha teoria: Ernestine foi baleada por trás durante uma briga com alguém em seu quarto, caiu de costas e morreu quando seu agressor encenou o quarto para parecer um suicídio. A falta de resíduos de tiro e carbonização na camiseta de algodão listrada de Ernestine sugeriu aos técnicos de crime do estado que o tiro tinha vindo de pelo menos um metro de distância, de um agressor deitado ou agachado perto do chão. Aquele assaltante era um Martin Frias furioso e ciumento, diziam.

Desta vez colocaram os eminentes Drs. Petty e Stone no banco para dizer que a evidência física apontava para homicídio.

Em seguida, todos os especialistas forenses de Moxley se apresentaram — a especialista em respingos de sangue Judy Bunker, o patologista forense Dr. Bill Eckert, o especialista em acústica Dr. Harry Hollein, o microscopista eletrônico Dr. Robert Lantz e outros — para ligar os pontos que terminaram no suicídio de Ernestine. .

Os respingos de sangue eram consistentes com um ferimento de contato na barriga quando Ernestine estava sentada no chão, e resíduos de tiro estavam presentes, mas quase invisíveis para a tecnologia ultrapassada da promotoria, disseram eles. As imagens e sons eram consistentes com o relato de Martin, disseram eles. E os flertes anteriores de Ernestine com o suicídio de repente ficaram mais pesados.

Testemunhei novamente como as pistas reveladoras em torno do ferimento na barriga da jovem mãe nos disseram tudo o que precisávamos saber sobre o tiro que a matou, desde as bordas queimadas do ferimento até o jeans rasgado.

E desta vez, as falhas dos investigadores foram maiores. Eles não fizeram nenhum diagrama da cena do crime, não fizeram medições. Alguns testes cruciais nunca foram feitos. O júri ficou com reconstruções baseadas principalmente em fotos da cena do crime.

Conclusão: os especialistas de Moxley — que trabalhavam de graça — concordaram que Ernestine quase certamente se suicidou. E, no final, até o legista de uma cidade pequena admitiu que agora também acreditava em nossa teoria do suicídio.

Desta vez, o júri deliberou por menos de três horas. Em um ponto da sala do júri, eles até pediram o rifle de Martin e reencenaram como Ernestine poderia ter se suicidado enquanto estava sentada no chão. Era possível e agora tudo fazia sentido para eles.

Ao anunciar seu veredicto de “inocente”, Martin Frias chorou e abraçou Moxley. Seus dois anos e dez dias de prisão foram duros para ele, mas agora ele estava livre.

Nos próximos dias e semanas, ele recebeu a cidadania sob a nova legislação federal de anistia e pediu ao tribunal a custódia de seus filhos. Por fim, ele se mudou de Wyoming, casou-se novamente e teve outro filho, embora, tragicamente, nunca tenha recuperado a custódia de seus filhos com Ernestine. E ainda hoje, seus promotores, investigadores e muitos moradores da cidade de Wheatland continuam acreditando que ele é um assassino.

Mas ele está livre.

O caso de Martin Frias teve que ser reconhecido como um quebra-cabeça antes que pudesse ser resolvido. Às vezes, esses mistérios nunca são reconhecidos e a justiça não é feita. Assassinatos às vezes se apresentam como suicídios, acidentes como assassinatos ou suicídios como acidentes. Não é apenas o material do drama de Hollywood. Os seres humanos são imperfeitos e às vezes vêm apenas o que seu subconsciente está secretamente sussurrando para eles verem. Mistérios da vida real muitas vezes se desdobram em conclusões inesperadas.

Já vi muitos casos em que a *primeira* conclusão nem sempre é a *melhor* conclusão. Separá-los é uma das poucas recompensas reais do trabalho sombrio que escolhi.

Quarenta e dois por cento dos americanos morrem de causas naturais e 38 por cento em acidentes. Nove por cento são suicídios e 6 por cento são homicídios (nem sempre assassinato, mas sempre mortes causadas por outros humanos). Isso deixa 5 por cento das mortes que simplesmente não podemos explicar.

Assim, na América de hoje, quase um em cada cinco americanos morre de forma suspeita. Algo está fora do tempo ou do lugar, e devemos ir mais fundo para encontrar respostas.

O intrigante caso de Frias não foi a primeira nem a última vez que o trabalho policial ruim, a perícia forense de má qualidade e as conclusões precipitadas obscureceram a causa real ou a forma de uma morte. É a ruína dos médicos legistas em todos os lugares. Uma reação intestinal nem sempre é correta. Às vezes, como a experiência de Martin Frias provou, as pistas mais significativas nem sempre são óbvias, mas estão lá. Devemos apenas estar dispostos a vê-los e ter a mente aberta o suficiente para interpretá-los honestamente - e mesmo assim, como vimos tantas vezes nas mortes relativamente recentes de Trayvon Martin e Michael Brown, o mundo pode preferir suas próprias conclusões, apesar dos fatos.

Como eu disse antes: a única missão do patologista forense é encontrar a verdade. Não deveria ser pela polícia ou contra a polícia ou por uma família ou contra uma família. Eu deveria ser imparcial e dizer a verdade. Agora, às vezes o que eu disse a eles eles não queriam ouvir, e às vezes eles ouviram. Mas eu não me importei, porque eu estava dizendo a verdade.

A verdade nem sempre é satisfatória.

SANTO ANTÓNIO. QUARTA-FEIRA, 11 DE JANEIRO DE 1984.

Algo não estava certo.

Um vento frio soprou do norte, mergulhando as temperaturas normalmente amenas do sul do Texas bem abaixo de zero. Um céu baixo e sepulcral fez

esta manhã parecer a morte.

Ann Ownby não dormiu bem na noite anterior. Seu marido Bob não tinha voltado para casa. Ele nem ligou para dizer que se atrasaria. Então, antes do amanhecer, ela dirigiu até a base do Exército onde ele havia ido naquela noite, Fort Sam Houston, para ver se ele ainda estava lá.

Ela entrou no prédio de dois andares onde ele mantinha um escritório, mas estava trancado. Ela dirigiu por um tempo, depois voltou, mas ele ainda não estava lá, então ela foi embora.

Então houve uma comoção repentina no prédio. Às 0640, o dia de serviço ainda nem havia começado, mas um funcionário da base que vinha trabalhar cedo havia usado uma escada abobadada nos fundos do prédio e encontrado Bob.

Ele foi enforcado, pendurado no frio espaço aberto entre os andares. A corda em seu pescoço estava amarrada ao corrimão da escada no andar de cima. Havia um pouco de sangue em seu rosto e suas mãos estavam amarradas nas costas com um cinto de teia de estilo militar.

Preso ao suéter de Ownby havia uma arrepiante mensagem datilografada, em letras maiúsculas:

CAPTURADO. TESTADO. CONDENADO POR CRIMES POR
O EXÉRCITO DOS ESTADOS UNIDOS CONTRA O POVO
DO MUNDO. CONDENADO. EXECUTADO .

Na hora seguinte, os investigadores encontraram outra nota de mau presságio na mesa do escritório de Ownby, rabiscada às pressas com a própria caligrafia do general:

10 de janeiro de 84. Saí do prédio e vislumbrei algumas pessoas lá dentro que rapidamente se moveram para os fundos. Não sei quem são ou o que estão fazendo. Eles aparentemente ficaram surpresos. Voltei aqui para ligar para os PMs, mas não consigo fazer nenhum dos telefones funcionar. Por precaução, estou colocando as chaves do escritório no sapato. Vou ligar para os PMs assim que conseguir um telefone que funcione.

O major-general da reserva Robert G. Ownby — um general de duas estrelas encarregado do 90º Comando da Reserva do Exército e, aos 48 anos, o general mais jovem da história da reserva — havia sido assassinado. E seus assassinos podem ser terroristas que se infiltraram em uma base do Exército em solo americano.

O terrorismo antiamericano não começou em 11 de setembro de 2001, nem de longe. Estamos na mira de revolucionários e anarquistas há pelo menos um século, e nossos militares são o alvo mais fácil. Um fluxo constante de ataques ameaçadores ganhou as manchetes no início dos anos 80.

Em 1981, o general de brigada americano James Dozier foi sequestrado na Itália pelo grupo terrorista marxista radical conhecido como Brigadas

Vermelhas, que ameaçou matá-lo. Depois de quarenta e dois dias em cativeiro, ele foi resgatado por uma equipe italiana de contraterrorismo, mas o terror estava apenas começando.

Nove meses antes do corpo do general Ownby ser encontrado, um carro-bomba suicida bateu uma van roubada cheia de explosivos na embaixada americana em Beirute, Líbano, matando 63 pessoas. Dezoito eram americanos.

Menos de três meses antes de morrer, outro carro-bomba suicida atravessou os portões do quartel dos fuzileiros navais dos Estados Unidos em Beirute, matando duzentos e quarenta e um militares americanos e ferindo oitenta e um. E apenas dois meses antes, uma bomba-relógio explodiu no Senado dos Estados Unidos em protesto contra a invasão de Granada, não ferindo ninguém, mas enviando uma onda de choque através do governo, especialmente do Pentágono.

Não era muito absurdo pensar que malfeitores poderiam atravessar a porosa fronteira EUA-México e em apenas duas horas estar no coração de uma das maiores cidades militares dos Estados Unidos.

Então, neste dia excepcionalmente frio de janeiro, quando eles encontraram um general do Exército dos EUA morto com uma mensagem de morte arrepiante presa ao peito, a possibilidade de um ataque terrorista contra os militares não era impensável. Na verdade, pode até ter sido o primeiro medo de alguns investigadores.

O general Ownby comandava sessenta e três unidades de combate da reserva no Texas e na Louisiana, mais de quatro mil reservistas que estavam prontos para serem destacados para qualquer ponto problemático do mundo. Ele não era o chefe do Estado-Maior Conjunto, mas era um alvo mais fácil em Fort Sam Houston, um posto sem cercas e sem portões no meio da extensa San Antonio. Que terrorista que se preze não pularia na oportunidade de matar um general de duas estrelas se sua porta da frente fosse deixada aberta, literal e figurativamente?

O Exército emitiu um alerta imediato, pedindo às autoridades de fronteira que observassem os terroristas que fugiam para o México. Ele distribuiu coletes à prova de balas para outros dois generais em Fort Sam Houston e alertou os reservistas de alto escalão para serem especialmente vigilantes.

Mas os agentes federais e os investigadores do Exército não estavam prontos para chamar isso de ato de terror. Apesar da mensagem sinistra deixada no corpo de Ownby e sua nota rabiscada às pressas sobre intrusos misteriosos, a evidência não se somava à invasão violenta de um posto militar.

Por um lado, além de uma pequena mancha de sangue no rosto de Ownby, não encontramos hematomas ou outras marcas nele sugerindo uma surra ou luta. Não havia sinal de entrada forçada. Na verdade, sua jaqueta foi encontrada cuidadosamente dobrada no patamar do segundo andar, com sua carteira arrumada em cima. Seus óculos, dobrados e fechados, haviam sido colocados ao lado dela.

Além disso, nenhum grupo reivindicou a responsabilidade pelo assassinato, como comumente acontecia em tais crimes.

E o sistema telefônico do prédio estava funcionando corretamente durante todo o dia e toda a noite anterior, apesar da nota de Ownby sobre os telefones não funcionarem.

Nossa única evidência sugerindo um assassinato terrorista foi o bilhete preso ao suéter de Ownby.

Bons investigadores mantêm a mente aberta. Por vários dias, eles buscaram outras pistas, examinaram as evidências de todos os ângulos e consideraram explicações alternativas. Sim, pode ter sido uma execução terrorista, eles sabiam... mas também pode ter sido um assassinato encenado para desviar a atenção do verdadeiro assassino, ou talvez um artil elaborado para camuflar um suicídio.

Começamos a olhar mais de perto para o General Ownby. Quem poderia tê-lo querido morto? Podemos encontrar pistas sobre seu assassino em sua história de vida e seus últimos dias?

Robert Ownby nasceu em 9 de setembro de 1935, em Durant, Oklahoma. Ele estava mergulhado no serviço público: seu pai, então chefe dos correios de Durant, havia subido na hierarquia, de soldado na Primeira Guerra Mundial a coronel na Segunda Guerra Mundial. Sua mãe era professora de escola pública.

Ele cresceu na Main Street, um garoto quieto e estudioso que era muito querido por seus vizinhos e colegas de classe. Ele tinha uma rota de papel e se juntou aos escoteiros. Membro da sociedade de honra do ensino médio, do conselho estudantil, do clube de discursos e do Future Farmers of America, ele era o epítome da pequena cidade americana na década de 1950, um menino de ouro cheio de promessas saudáveis.

Em 1957, com um diploma em pecuária e uma comissão do Reserve Officer Training Corps da Oklahoma State University em Stillwater, Ownby começou dois anos de serviço ativo na infantaria. Ele frequentou escolas básicas de infantaria e pára-quadras em Fort Benning, Geórgia, antes de se tornar um líder de pelotão na prestigiosa unidade da Velha Guarda de Washington que, entre outros deveres solenes, escolta soldados mortos até

seus locais de descanso final no Cemitério Nacional de Arlington e em outros lugares.

Depois de três anos na reserva inativa, Ownby ingressou na Guarda Nacional do Texas e mudou para a Reserva do Exército em 1972. No 90º Comando da Reserva do Exército em Fort Sam Houston, ele rapidamente subiu na hierarquia. Em 1981, o major-general mais jovem da história da Reserva do Exército assumiu o comando de toda a unidade.

Ownby parecia igualmente bem-sucedido na vida civil. Ele e sua esposa Ann tiveram três filhos e moravam em uma casa grande em um bairro nobre. Ele podia pagar: era presidente e CEO da Bristow Company, que fabricava portas e esquadrias de metal para prédios comerciais, e diretor do Liberty Frost Bank.

Sua vida estava cheia de outros movimentos estratégicos, alguns melhores que outros. Em 1982, ele havia deixado um cargo executivo em uma fabricante de refrigerantes para se tornar vice-presidente executivo de uma empresa petrolífera independente em San Antonio, mas saiu depois de alguns meses, quando a perfuração começou a estourar.

Então, por que esse líder comunitário profundamente religioso e pai exemplar de três filhos morreu? Sua autópsia rapidamente mostrou que a *causa* era asfixia por enforcamento, mas foi assassinato ou suicídio?

A confusão burocrática e jurisdicional atrasou o primeiro exame do corpo de Ownby pelo Instituto Médico Legal do Condado de Bexar por nove horas depois que ele foi encontrado, então era impossível para mim determinar o momento preciso da morte.

Esse é outro mito de Hollywood, que a hora da morte é um cálculo simples, rápido e infalível.

Quando eu era jovem, quando você assistia à TV ou ia ao cinema, o legista ou legista era sempre esse cara cadavérico que aparecia na cena do crime carregando uma maleta de médico – vamos chamá-lo de doutor. Como um patologista forense de verdade não deve manipular o corpo na cena do crime, presumo que Doc carregasse seu almoço em sua pequena valise.

Um policial sempre perguntava a Doc a hora da morte, e Doc sempre tinha uma resposta. “Ah”, ele dizia gravemente, “entre uma e uma e meia desta manhã.”

Na vida real, os detetives poderiam tê-lo prendido imediatamente porque a única pessoa que poderia dar a hora exata era o próprio assassino. A estimativa da hora da morte geralmente é um palpite. Muitos fatores afetam um cadáver após a morte, retardando ou acelerando os processos naturais, e

podem ocorrer em inúmeras combinações. A hora da morte pode ser uma boa ferramenta de investigação, mas não é uma ciência exata.

Quando eu estava em treinamento, fui instruído a determinar quando o indivíduo foi visto vivo pela última vez e quando foi encontrado morto, depois dizer que ele morreu em algum momento. No tribunal, minha resposta geralmente é algo como “Ele estava morto há cerca de doze horas – mais ou menos seis horas”.

Portanto, não conseguimos identificar com precisão o momento da morte do general, mas podemos dizer com segurança o que o matou: asfixia por enforcamento.

O pescoço de Ownby não estava quebrado; ele morreu estrangulado. Outro mito de Hollywood é que o enforcamento sempre quebra o pescoço. Sim, às vezes acontece, mas geralmente apenas em execuções judiciais. As únicas vezes em que vi pescoços quebrados em enforcamentos suicidas foi quando uma vítima idosa tem osteoporose cervical grave que torna os ossos do pescoço quebradiços.

A morte nesses enforcamentos “não-judiciais” geralmente é causada não pela compressão da traqueia (traqueia), mas pelo estrangulamento das artérias do pescoço que transportam sangue para a cabeça e o cérebro. A pessoa enforcada perderá a consciência em cerca de dez a doze segundos, convulsionará brevemente e terá morte cerebral três minutos depois de desmaiar.

Como nós sabemos? Infelizmente, sabemos muito mais sobre mortes por enforcamento na era digital porque muitas pessoas agora gravam seus suicídios com smartphones, webcams e câmeras de vídeo de alta resolução. Os patologistas forenses agora podem ver todos os detalhes sombrios, capturados para sempre em alta definição.

Não encontramos drogas ou álcool no sistema do general; sem ferimentos consistentes com agressão física; e sem impressões digitais inexplicáveis, cabelos ou fibras na área. A caligrafia na nota no escritório de Ownby era definitivamente dele (embora a nota datilografada não viesse de máquinas de escrever no escritório do Exército de Ownby ou em casa). O sangue em seu rosto não era conclusivo de uma briga; uma pequena quantidade de sangue do nariz e da boca é comum em enforcamentos.

Ownby lutou terrivelmente para se salvar. Notei vários arranhões e arranhões de sapatos militares de sola preta no alto da parede da escada e corrimão de metal próximo ao corpo pendurado. O general Ownby poderia ter se debatido freneticamente por vários segundos, procurando desesperadamente um apoio escasso no corrimão escorregadio e inclinado,

tentando aliviar o peso do laço empoleirando-se ali. Mas ele continuou escorregando. Ou ele pode ter convulsionado violentamente depois de desmaiar. O dano foi tão prolífico que depois que a cena do crime foi divulgada, a parede precisou de duas demãos de tinta para cobrir as cicatrizes.

Perguntas maiores nos incomodavam. Como ele poderia ter amarrado os próprios pulsos atrás das costas? Se não foi enforcado por seus agressores desconhecidos, como ele poderia ter se enforcado enquanto estava amarrado desajeitadamente? Onde a suposta nota terrorista foi digitada?

Reencenamos vários cenários possíveis na cena da morte, buscando respostas, enquanto as peças do nosso quebra-cabeça lentamente se encaixavam.

Três dias após sua morte, cerca de três mil pessoas compareceram ao funeral de Ownby na Trinity Baptist Church, a poucos passos do prédio militar onde ele morreu.

O reverendo Buckner Fanning, um proeminente evangelista do Texas e amigo da família Ownby, fez um elogio pungente, destinado em parte a desarmar a especulação da mídia que agora era notícia de primeira página em todo o país.

“Não estamos aqui hoje porque Bob Ownby morreu, mas porque ele viveu”, disse Fanning à multidão sombria. “Hoje, o mundo está girando freneticamente com perguntas sobre sua morte, mas estamos firmes nos fatos inquestionáveis de sua vida, sua fé, seu amor pela família...”

“É sempre importante fazer a pergunta certa. [Mas] a humanidade tem uma propensão a fazer perguntas que não importam.”

Sob céus cinzentos e frios como cadáveres, o caixão coberto com a bandeira de Ownby foi levado para o túmulo no Cemitério Nacional de Fort Sam Houston, em uma seção reservada para heróis e generais. Um obus disparou uma saudação de treze tiros, cada aplauso estrondoso precisamente oito segundos depois do último — protocolo militar adequado para um major-general.

O tempo todo, a família e os amigos de Ownby acreditavam apaixonadamente que ele havia sido assassinado e irritados com qualquer sugestão de que ele se matou. Ele não estava deprimido ou oscilando em uma crise financeira, eles disseram. Ninguém que o viu em seus últimos dias viu mudanças em seu humor geralmente otimista. Sua vida parecia perfeita para eles. O irmão incrédulo do general, ele próprio médico, disse à imprensa que planejava contratar um advogado independente para revisar tudo o que o legista, o FBI e o Comando de Investigação Criminal do

Exército dos EUA (CID) encontraram. Para eles, nossas perguntas eram intrusivas, ofensivas e imateriais.

Mas nossas perguntas *importavam*. Enquanto minha equipe de detetives forenses continuava trabalhando febrilmente neste caso que chamou a atenção da mídia internacional, os agentes do FBI e do CID investigaram mais profundamente. Nos poucos dias depois que ele foi descoberto pendurado na escada, eles encontraram sinais de que a vida de Ownby pode não ter sido tão idílica quanto parecia.

No momento de sua morte, sua confortável casa estava hipotecada até o fim, e vários empréstimos bancários estavam vencendo. Para piorar as coisas, seu ex-empregador do campo petrolífero estava sendo processado por vários credores - incluindo a controladora do Liberty Frost Bank - por empréstimos não pagos. Ao todo, ele devia cerca de US\$ 2 milhões, dinheiro maior do que a maioria de nós ganhará na vida.

A rede de segurança da Ownby consistia em duas apólices de seguro de vida num total de US\$ 750.000. Ambos continham “cláusulas de suicídio” que proibiriam quaisquer pagamentos se o general se matasse, mas não se ele fosse assassinado. Na verdade, se ele tivesse morrido de outra forma que não o suicídio, sua família teria recebido todo o dinheiro e teria evitado a catástrofe financeira que se aproximava.

Este caso bizarro estava entrando em foco, mas todos os pontos ainda não haviam sido conectados. Suspeitávamos, mas não podíamos dizer com certeza que não havia terroristas ou assassinos coniventes.

Em nossas recriações com o FBI, descobrimos que Ownby poderia facilmente ter amarrado as próprias mãos atrás das costas com um cinto de lona, como alguns dos próprios colegas militares de Ownby demonstraram para nós.

Primeiro, ele amarrou a corda de seu carrasco no parapeito superior da escada e enrolou o laço em volta do pescoço. Então ele provavelmente enfiou as mãos por um cinto frouxamente amarrado atrás das costas e o apertou prendendo a ponta solta contra o corrimão e puxando.

Então ele simplesmente escalou o corrimão do segundo andar e escorregou, caindo 1,80m. Não longe o suficiente para quebrar seu pescoço ou deixá-lo escapar de sua situação... apenas o suficiente para estrangulá-lo enquanto ele se debatia, talvez tendo dúvidas medonhas. Mas era tarde demais.

Para que pudéssemos provar que era *possível* que ele tenha amarrado as próprias mãos e se matado, mas precisávamos de mais.

Então encontramos a máquina de escrever que havia criado a renomada nota de “execução”.

No escritório de trabalho civil do general. Não sua casa ou escritório militar, mas um lugar onde apenas ele e alguns outros tinham acesso.

Era um IBM Selectric, um modelo elétrico popular que empregava um typeball e uma fita plástica pré-tintada em um cartucho descartável. Quando o datilógrafo tocava uma tecla, a máquina instantaneamente girava a bola e a batia contra a fita de filme de carbono, transferindo a letra, número ou símbolo correspondente para o papel. Em menos de um piscar de olhos, a fita se moveu uma fração de polegada para expor a “tinta” de carbono fresca para o próximo toque de tecla.

O que o general Ownby talvez não soubesse é que a fita de plástico carbonizado basicamente registrava tudo o que ele digitava. Os investigadores conseguiram realmente ler a nota terrorista em cartas deixadas diretamente na fita quando ele a digitou em seu escritório particular em Bristow.

Sem impressões digitais não identificáveis nas chaves, e a improbabilidade de que os assassinos tivessem digitado sua nota aqui e matado o general em outro lugar, era a última prova de que precisávamos.

Nove dias após a morte de Ownby, eu oficialmente considerei sua morte como suicídio. Anunciei minha decisão e expliquei todas as evidências para um enxame de repórteres que aguardavam impacientemente o final dessa estranha história. A família de Ownby permaneceu militantemente não convencida, mas investigadores federais e do Exército concordaram. Simplesmente não havia nenhuma evidência para apoiar que o general tivesse sido morto por outra pessoa — um terrorista, um serial killer, um amante ciumento, um assassino profissional.

O major-general da reserva Robert G. Ownby suicidou-se.

Se ele tivesse dado a sua família uma escolha entre sua vida ou um cheque de \$ 750.000, é seguro assumir que sua família não teria hesitado em escolher sua vida. Mas ele não lhes deu essa escolha e, no final, eles não conseguiram.

As pessoas fingem assassinato. Eles fazem isso por muitas razões. No caso de Ownby, talvez apenas porque uma grande apólice de seguro de vida não pagaria por um suicídio. Mas ele também pode ter considerado o ato de suicídio uma desgraça, a admissão final do fracasso. Talvez ele tivesse motivos religiosos para seu ardil. Ou talvez ele apenas sentisse que era sua única chance de parecer um herói na morte.

Eu tinha visto esse subterfúgio fatal antes e depois. Não foi nem mesmo o último assassinato falso de um oficial militar de San Antonio que eu veria. O suicídio do general Ownby tinha uma estranha semelhança com a morte

peculiar em 2003 do coronel da Força Aérea Philip Michael Shue, um psiquiatra militar que bateu seu carro em uma árvore em uma manhã de abril nos arredores de San Antonio.

Quando os socorristas chegaram a Shue, descobriram que sua camiseta havia sido rasgada do peito ao umbigo e havia um corte vertical de 15 centímetros em seu peito. Ainda mais bizarro, ambos os mamilos foram removidos (e nunca foram encontrados). O lóbulo da orelha e parte de um dedo foram amputados. Ambos os pulsos e tornozelos estavam embrulhados em fita adesiva rasgada, que agora pendia de seus punhos.

Dr. Jan Garavaglia, então um dos meus médicos legistas no escritório do ME do Condado de Bexar e agora um dos rostos mais reconhecidos na área forense como o “Dr. G”, fez a autópsia de Shue, de 54 anos, enquanto os investigadores investigavam o caso. Eles encontraram um histórico de problemas psiquiátricos, e ele estava vendo alguns de seus colegas de profissão por depressão e ataques de pânico.

Ela também encontrou feridas superficiais de hesitação ao redor dos cortes mais profundos do coronel, incisões ou escoriações mais rasas comumente causadas por tentativas de criar coragem antes que a ferida final e fatal fosse infligida.

Ele não tinha álcool em seu sistema, mas o Dr. Garavaglia encontrou a lidocaína anestésica - auto-prescrita pelo Coronel Shue dez dias antes - em seu sangue. Provavelmente tinha sido espalhado ou injetado em torno de cada mamilo e no meio do peito. Se seus torturadores tivessem a intenção de causar dor com uma mutilação tão cruel, teriam lhe dado uma droga para aliviar a dor?

No final, não havia evidências de que alguém além do próprio Shue tivesse infligido seus ferimentos estranhos, e ele morreu de traumatismo craniano maciço causado pelo acidente. A morte foi considerada suicídio tanto pelo escritório do meu médico legista quanto pelo grande júri.

A viúva do coronel Shue continua a acreditar que ele foi sequestrado e sadicamente torturado antes de escapar de seus captores e morrer em um acidente de carro durante seu voo urgente. Ela argumenta que nenhuma ferramenta de corte, nenhuma parte do corpo e nenhum local de injeção foram encontrados. A lidocaína, diz ela, era para aliviar a coceira no peito raspado de Shue antes de um procedimento médico de rotina. E ela aponta para o fato de que as impressões digitais de Shue não estavam na fita adesiva, e nenhuma luva de borracha apareceu.

Motivo? A viúva do coronel aponta para uma apólice de seguro de vida que pagou US\$ 500.000 para sua ex-mulher e cartas ameaçadoras e sinistras

semanas antes de sua morte. Nenhuma acusação foi apresentada, embora um tribunal do Texas tenha considerado a morte do Coronel Shue um homicídio em um processo civil de 2008 sobre pagamentos de seguro – mas não sugeriu nenhum suspeito.

A evidência física simplesmente não apoiou o cenário de sua viúva na época, e nenhuma nova evidência veio à tona desde então. Pergunte a si mesmo: se você tivesse sido perversamente torturado e se libertado, para onde você iria? Provavelmente a polícia ou um hospital, ou talvez um lugar público onde alguém pudesse ajudar. Mas Shue estava se *afastando* da cidade e de seus muitos hospitais. Ele passou por três das saídas para sua própria cidade suburbana. Ele até tinha um celular funcionando no carro. Isso soa como alguém fugindo de um assaltante cruel e impiedoso?

A reação da viúva de Shue é normal, até razoável, mas sua visão do caso é distorcida por seu amor. Sinto genuinamente pena dela e de milhares de outros parentes que simplesmente se recusaram a aceitar minha conclusão forense de que seus entes queridos cometeram suicídio. Mesmo em uma sociedade moderna onde sabemos mais sobre doenças mentais, muitos parentes sentem vergonha ou culpa, por isso é comum que as famílias duvidem ou rejeitem tal conclusão.

Mas minha primeira prioridade é estabelecer a causa e a forma de uma morte com a maior precisão possível, usando todas as ferramentas à minha disposição. Neste caso, simplesmente não encontramos provas concretas de homicídio e muitos indícios de suicídio.

Por volta dessa mesma época, a morte também me tocou.

Minha mãe morreu em uma segunda-feira na calmaria entre as férias em 2003. Ela tinha 91 anos. Meus pais estavam casados há sessenta e três anos, compartilhavam uma vida boa e provavelmente haviam esquecido uma época em que não estavam juntos.

Violet Di Maio morreu de causas naturais aos noventa e um anos, mas foi a única morte que meu pai não conseguiu deixar de lado. Seis dias depois, um domingo, ele também morreu. Talvez ele tenha morrido de coração partido, porque ele amava minha mãe com tudo isso, mas eu também não conseguia ver seu coração.

O funeral deles trouxe minhas irmãs e eu para casa no Brooklyn, onde nos reunimos para dizer adeus e colocá-los juntos no Cemitério Green-Wood, entre muitas pessoas - mafiosos e mecânicos, mães e professores, alguns famosos e mais desconhecidos - meu pai havia examinado em sua longa carreira.

Eu não chorei. Não que eu não sofresse por eles. Eu fiz. É só que minha mãe teria ficado horrorizada com a exibição indigna de lágrimas públicas, e eu a amava demais para quebrar sua regra.

Não posso saber o verdadeiro porquê dessas mortes. Está além de saber. Ferramentas fantásticas nos permitem analisar resquícios microscópicos do que realmente aconteceu, mas não temos ciência para detectar vestígios dos medos, pesadelos e demônios internos que o causaram. O coração humano não é um disco rígido que eu possa abrir para discernir cada tecla secreta de uma vida. Tenho certeza de que as famílias do General Ownby e do Coronel Shue gostariam de saber ainda mais do que eu.

Corações partidos acontecem, mesmo que não deixem vestígios.

Morrer às vezes é mais fácil do que viver com a morte.

FAÍSCAS, NEVADA. SEXTA-FEIRA, 5 DE FEVEREIRO DE 2010.

Malakai Dean era um garoto comum de dois anos, com o dom da curiosidade sem limites e a energia de um redemoinho. Seu coração era tão grande quanto seu sorriso e ele mostrava ambos quando colhia todas as lindas flores dos vizinhos e entregava pequenos buquês em suas varandas. De certa forma, ele pertencia a toda a sua vizinhança. Um filho da aldeia.

Todos conheciam sua história. Sua jovem mãe Kanesia, com apenas dezesseis anos quando engravidou dele, ainda morava em casa com a própria mãe, e o pai do bebê estava na prisão. O movimentado duplex suburbano da vovó estava lotado com seus outros filhos, alguns apenas alguns anos mais velhos que seu primeiro neto, o pequeno Malakai. Kanesia e seu filho moravam na garagem da casinha lotada. Os fins foram alcançados, mas a vida estava em constante movimento e agitação.

Então o garoto não teve o melhor começo de vida, mas as coisas estavam melhorando. Agora com dezenove anos, Kanesia conheceu alguém. Kevin Hunt era um cara responsável com futuro. Um belo fuzileiro naval americano da ativa que tinha ido para a faculdade para se tornar policial. Um amigo os apresentou enquanto Kevin estava de licença de fim de semana de sua base na Califórnia. Agora Kevin passava todo o seu tempo livre na área de Reno, com Kanesia e Malakai.

Ele e Kanesia já haviam conversado seriamente sobre se casar. Kevin tratou Malakai como um filho e planejou adotá-lo após o casamento. Ele trocava as fraldas, lia histórias de ninar para ele e o levava ao cinema. Malakai começou a chamá-lo de “pai”. Ele já havia comprado sua primeira bicicleta para Malakai e passava quase tanto tempo com a criança quanto com Kanesia. Oh, houve algum atrito com a vovó, mas Kanesia apenas calculou que era a veia protetora de sua mãe aumentando. Vovó era protetora e

queria apenas o melhor para todos os seus filhos. Sim, Kanesia tinha feito algumas escolhas ruins antes, mas desta vez, para ela, parecia tão certo.

E agora Kanesia estava grávida novamente. Cinco meses depois. As coisas estavam ficando reais.

Mas hoje o mundo deles estava mais agitado do que o normal. A grávida Kanesia (e outras da casa) tinha algum tipo de problema estomacal. Como Malakai havia nascido seis semanas prematuro e exigia três semanas de cuidados médicos constantes e caros, ela estava nervosa com qualquer coisa que pudesse atrapalhar a gravidez. Quando suas cólicas estomacais começaram, não querendo arriscar danificar seu feto, Kanesia precisou de alguma garantia médica. Então Kevin a levou para o hospital – onde eles a ligaram a um soro intravenoso por precaução – e vovó levou Malakai para seu salão de beleza Sparks, onde todos estavam se preparando para um grande retrato de família naquele fim de semana.

Mas sendo Malakai Malakai, ele logo estava quicando na parede do salão como uma turbina em uma garrafa. Ele rabiscou nas revistas, flertou com os cabeleireiros, pulou nas cadeiras e enlouqueceu. Quando a vovó não conseguiu mais controlá-lo, ela chamou Kevin para buscar a criança.

Kevin chegou ao salão em poucos minutos e saiu com Malakai às 16h21. , então ele dirigiu para um pequeno parque próximo, onde Malakai poderia descarregar um pouco de energia enquanto esperava pela chamada de Kanesia.

Soltado em um playground vazio, o indisciplinado Malakai estava no céu. Ele escalou a enorme estrutura de jogos, explorando seus túneis, subindo escadas, balançando em balanços, deslizando por suas pontes elevadas, pulando em seus escorregadores.

Então Malakai caiu.

Enquanto escalava um escorregador, o garotinho perdeu o equilíbrio e tombou sobre a borda, caindo quatro ou cinco pés na areia abaixo. Ele começou a chorar, mas Kevin tirou a areia do rosto e o acalmou. Havia alguns arranhões superficiais no lado direito do rosto, mas nada pior do que mil crianças em mil playgrounds sofridas mil vezes por dia. Não demorou muito para Malakai voltar ao seu antigo eu, feliz e pronto para jogar.

Mas este jogo de dez minutos foi feito. Por volta das 16h30, Kanesia ligou para Kevin para buscá-la.

Na calçada do lado de fora do hospital, alguns minutos depois, uma câmera de segurança flagrou Malakai estendendo a mão para segurar a mão de Kevin, sorrindo e quase correndo ao lado enquanto eles entravam.

Kevin Anthony Hunt fazia parte da vida de Malakai há mais de seis meses. Em uma casa cheia de mulheres e crianças, ele foi instantaneamente escalado como a figura paterna na vida do menino. Mas quem ele era realmente?

Kevin, então com 24 anos, era o mais velho de sete filhos. Seu pai era um funcionário federal e sua mãe trabalhava em serviços de proteção infantil. Seus pais eram rígidos, mas confiavam em Kevin implicitamente, muitas vezes deixando-o encarregado das outras crianças. Nunca houve problemas. Ele cresceu principalmente em um subúrbio de Boston, onde foi uma estrela de atletismo e futebol no ensino médio e manteve uma média de 3,4 anos. Aprendeu a tocar piano no acampamento de música e também se tornou fluente em espanhol e português. Ele freqüentava a igreja regularmente com sua família. Após a formatura, ele se matriculou na John Jay College of Criminal Justice, em Nova York, com o sonho de se tornar um marechal ou detetive dos EUA.

Lá ele conheceu uma jovem, que logo estava grávida. Para sustentar sua nova família, ele abandonou a faculdade em 2006 e trabalhou um ano como guarda prisional antes de se separar de sua esposa e dois filhos pequenos. Ele se juntou aos fuzileiros navais em 2007, ainda na esperança de se tornar um policial.

Após seu treinamento básico e escolaridade, ele foi colocado no Centro de Treinamento de Guerra nas Montanhas do Corpo de Fuzileiros Navais em Bridgeport, Califórnia, uma pequena cidade duas horas e meia ao sul de Reno. Quando tinha liberdade, sempre dirigia em direção às luzes brilhantes de Reno, onde um amigo o apresentou a Kanesia Dean, de dezenove anos. Essa mãe solteira e jovem o cativou, mas ele também se apaixonou imediatamente por seu filho de dois anos chamado Malakai.

E muito rapidamente depois que eles começaram a namorar, Kanesia engravidou novamente. Kevin não queria apenas fazer a coisa certa. Ele realmente amava Kanesia e seu filhinho, e também queria uma família. Ele a pediu em casamento não por obrigação, mas por esperança genuína para o futuro.

Eles tiraram Kanesia do hospital e dirigiram para um restaurante mexicano favorito para o jantar. Mas eles mal tinham se acomodado em suas cadeiras quando Malakai ficou letárgico e quieto. Então ele vomitou. E vomitou novamente. Kevin e Kanesia pegaram a criança doente e correram para casa.

Em casa, só piorou. Kanesia tinha certeza de que Malakai havia pegado o problema estomacal que havia causado estragos na casa naquela semana,

então ela o colocou em sua cama, esperando que seu pequeno corpo pudesse lutar contra isso. Mas ele continuou a vomitar durante a noite. Foi tão ruim que Kevin trocou os lençóis e o pijama de Malakai mais de uma vez.

Na hora de dormir, Kevin e Kanesia rastejaram para a cama ao lado de Malakai

Por volta das 23h20, Kanesia estendeu a mão instintivamente e tocou Malakai. Ele não estava respirando.

Ela gritou no escuro. Kevin deu um pulo e começou a ressuscitação cardiopulmonar no garotinho bem na cama, enquanto Kanesia discava freneticamente para o 911.

Logo a vovó entrou correndo da outra sala e assumiu o comando. Ela empurrou Kevin para fora do caminho. Ela montou o corpo sem fôlego de Malakai na cama macia e começou uma tentativa maníaca e vigorosa de salvar seu amado neto, empurrando, batendo e bufando com cada fibra de seu ser, na esperança de reanimá-lo.

Os paramédicos chegaram em poucos minutos, mas já era tarde demais. Malakai estava morto.

* * *

No dia seguinte, o corpinho de Malakai, ainda de pijama sujo, foi autopsiado enquanto os investigadores do legista tentavam desvendar o que aconteceu.

Vovó apontou um dedo diretamente para Kevin Hunt. Ela disse que Malakai sempre foi subjugado perto de Kevin, que achava que a criança era mimada pelas mulheres da casa. No dia anterior, ela disse, o garoto geralmente efervescente não queria ir com Kevin ao salão. E agora ela suspeitava que os ferimentos da criança não eram de uma queda acidental, mas de uma surra de Kevin.

No necrotério, o Dr. Piotr Kubiczek autopsiou a criança sob o olhar atento de dois detetives da Sparks e de um promotor público, que temiam que isso pudesse ser assassinato.

O Dr. Kubiczek viu os hematomas e arranhões na têmpora e na bochecha direita de Malakai. Ele notou um hematoma estampado – incluindo duas marcas paralelas da largura dos dedos que estavam surgindo após a morte – que parecia ter sido criada por um tapa na mão de um adulto. A fralda da criança estava manchada de urina rosa, sugerindo sangue na bexiga. Ele encontrou outros hematomas no peito e nas costas do menino.

Lá dentro, o Dr. Kubiczek encontrou mais danos. O pâncreas de Malakai, o baço e os tecidos de sua parede abdominal, todos os quais haviam vazado

quase meio litro de sangue na barriga da criança. Seus rins, bexiga e intestinos estavam machucados. Ele também encontrou um êmbolo cinza-arroxeadado – neste caso, um grande coágulo de sangue mais espesso que uma rolha de vinho – saliente nas artérias que levam aos pulmões de Malakai, mas não acreditou que estivesse envolvido na morte da criança. Nenhum esforço foi feito para determinar de onde veio.

O Dr. Kubiczek mais tarde descreveria as feridas internas de Malakai como semelhantes a lesões de uma queda de vários andares ou um acidente de carro em alta velocidade. Eles aconteceram minutos ou algumas horas antes da morte, disse ele, e teriam sido imediatamente dolorosos, quase incapacitantes.

Não encontrando nenhuma outra evidência preocupante – todos os outros órgãos estavam normais, ele disse – o Dr. Kubiczek determinou que Malakai Dean morreu porque seus órgãos vitais foram violentamente rompidos e vazaram sangue até que a criança morreu.

“É minha opinião”, escreveu o Dr. Kubiczek em seu relatório de autópsia, “que a morte de Malakai Dean se deve a múltiplas lesões contundentes no abdome. A forma de morte é o homicídio”.

* * *

Três semanas depois, Kevin Anthony Hunt foi preso por abuso infantil, resultando em assassinato. Se condenado, ele pode passar o resto da vida na prisão.

Em duas longas entrevistas com a polícia, Kevin — que nunca tinha tido problemas antes — contou a mesma história: ele passou menos de quarenta minutos sozinho com Malakai, que caiu de um escorregador de playground, mas não parecia ter sido ferido gravemente. O advogado de defesa David Houston, que conheceu alguns mentirosos em sua época, achava que Kevin era um dos melhores mentirosos que já vira, ou estava dizendo a verdade.

Mas policiais e promotores tinham uma teoria diferente: durante aqueles quarenta minutos com Malakai, Kevin o espancou, danificando mortalmente seus órgãos internos e causando alguns hematomas superficiais em seu rosto. Ele estava mentindo sobre a queda do parquinho, disseram. E o abuso provavelmente já vinha acontecendo há algum tempo, eles acreditavam.

Quando uma criança morre, uma família carrega o peso inimaginável do sofrimento emocional, mas ninguém escapa ileso. Nem os acusados, nem os socorristas, nem os policiais, nem os médicos legistas, nem os promotores, nem os advogados de defesa, nem os juízes. E não uma comunidade.

Quando a raça é introduzida, a raiva é muitas vezes amplificada. As raças podem suspeitar umas das outras em lugares onde há pouca mistura.

E Kevin Hunt era preto em Reno principalmente branco.

A reação local à morte de Malakai foi rápida. Alguns choraram, alguns choraram por retribuição. A maioria dos comentários dos leitores postados em histórias e blogs da mídia local percorreu um desafio muito curto, da fúria surpreendente ao racismo nu. Alguns trolls da Internet pediram um linchamento.

Houston, que cresceu em Washington, DC, e foi uma das celebridades litigantes de Reno, interveio para ajudar. Alguma coisa não deu certo e ele achou que Kevin foi acusado injustamente. Ele representou alguns grandes clientes de Hollywood só para poder aceitar casos como este.

Depois que um patologista forense local encontrou vários erros na autópsia do Dr. Kubiczek, Houston me ligou. Ele logo enviou um pacote robusto contendo a autópsia completa, fotos, relatórios de investigação e lâminas contendo amostras de tecidos coletadas de Malakai Dean — tudo o que eu precisava para avaliar o caso.

A América é um lugar engraçado às vezes. Nosso mantra é “inocente até prova em contrário”, mas em mortes de crianças, muitas vezes passamos pelo espelho: o acusado é secretamente considerado culpado e a defesa deve provar que ele é inocente. Nesses casos, os jurados geralmente pensam com o coração, não com o cérebro. Todos nós queremos justiça para inocentes, é claro, mas devemos nos precaver para não ficarmos cegos pelo nosso zelo de obtê-la.

Muitos dos meus maiores casos foram mortes de crianças, mas como consultor privado, raramente os tomo. De vez em quando, porém, vejo uma injustiça flagrante e não posso me afastar. Algumas coisas simplesmente saltam. Rapidamente vi pistas que haviam sido perdidas.

Por isso peguei o caso de Kevin Hunt.

Quando o julgamento começou, dois anos depois, o cenário estava montado para um confronto forense. De um lado estava o médico legista original, que havia corrigido muitos de seus erros; do outro lado estavam alguns patologistas forenses, inclusive eu, que viram algo que ele não viu. Mas a promotoria ainda queria punir um assassino de bebês e perseguiu Kevin com uma animosidade especial, apesar de seu caso em grande parte circunstancial.

Enquanto isso, enquanto Kevin estava na cadeia do condado de Washoe, Kanesia deu à luz seu filho, Jaiden.

Quando o julgamento começou no início de maio de 2012, os parentes de Malakai, incluindo Kanesia, permaneceram firmes em sua convicção de que ele havia sido espancado até a morte por Kevin. Eles contaram a triste série de eventos que levaram à morte do menino. O pai de Kevin sentava-se no tribunal todos os dias e, em alguns dias, alguns dos camaradas uniformizados da Marinha de Kevin participavam do processo.

O Dr. Kubiczek depôs para explicar suas conclusões de que Kevin Hunt havia assassinado Malakai. Os hematomas e arranhões no rosto e na cabeça do menino. Os órgãos abertos. O sangue se acumulou em seu abdômen. Deve ter soado sombriamente lógico para o júri.

Mas havia uma história diferente a ser contada quando eu assumi.

Por um lado, os arranhões e hematomas no rosto e na cabeça de Malakai eram lesões clássicas comuns de playground, comuns em quedas. O escritório de um ME de uma cidade grande os vê regularmente. A coisa mais específica que se pode dizer sobre tais lesões é que elas são causadas por impactos (quedas, pancadas, etc.), mas onde alguns investigadores viram evidências de um tapa, vi apenas marcas deixadas pela fita do paramédico que poderiam estar segurando uma máscara ou tubo no rosto do menino.

Em suma, não vi nada que pudesse dizer que foi causado por uma surra.

As feridas nos órgãos internos de Malakai eram graves, mas não o fizeram sangrar até a morte. No máximo, Malakai perdeu apenas cerca de 28 ou 29 por cento de seu volume total de sangue, e ele poderia ter tolerado quase o dobro.

Mais importante, porém, eles não foram infligidos durante o breve período em que a criança ficou sozinha com Kevin Hunt sete horas antes.

Como eu sei? Tais lesões teriam sido extremamente dolorosas e causaram choque quase imediato, mas nas horas imediatamente após a visita ao parque, Malakai não mostrou nenhum dos sinais de choque (sudorese profusa, tontura, fraqueza, sede, respiração superficial, lábios ou unhas azuis, suor pele, entre eles). Mesmo que o choque fosse de alguma forma retardado, ele teria apresentado sintomas inconfundíveis antes das oito da noite daquela noite. Ele não.

Aqui está outro ponto: a autópsia do Dr. Kubiczek não encontrou nada incomum sobre o coração de Malakai, de dois anos, pesando 115 gramas. Na verdade, seu coração estava muito aumentado, mais ou menos do tamanho do coração de uma criança normal de nove anos. O coração de Malakai deveria ter metade do tamanho.

E daí? Se ele tivesse sobrevivido, Malakai teria sofrido graves problemas médicos no futuro. Mesmo em sua tenra idade, é provável que seu coração aumentado não fosse capaz de bombear sangue adequadamente por todo o corpo, especialmente para as pernas. Isso, por sua vez, provavelmente levou à formação de coágulos sanguíneos em suas extremidades inferiores.

Acredito que um desses coágulos – tão grandes que devem ter se formado em um período de dias ou semanas, não horas – se soltou de uma veia e viajou para o coração de Malakai. Lá, obstruiu a artéria pulmonar, que transporta sangue do coração para os pulmões, e ele morreu quando seus pulmões sedentos de sangue pararam de funcionar.

O coágulo não poderia ter sido criado por nenhum suposto espancamento sete horas antes. Era muito grande e não poderia ter se formado tão rapidamente. Também não poderia ter se originado no abdômen de Malakai, onde apenas um vaso sanguíneo é grande o suficiente para carregá-lo, e nenhuma evidência foi encontrada.

Mas aqui estava o argumento decisivo para mim: os órgãos dilacerados não apresentavam inflamação.

A inflamação é a tentativa do corpo de se defender de um trauma, seja ele mecânico, químico ou infeccioso. Quando o tecido é danificado de alguma forma, suas células liberam dois grupos de compostos químicos. Um deles faz com que os vasos sanguíneos locais se dilatam, permitindo que o fluido prejudicial escape. O outro atrai os glóbulos brancos para a área da lesão para quebrar e consumir as células danificadas e iniciar o processo de reparo.

No abdômen, isso acontece quase imediatamente. Dentro de duas ou três horas, as lesões abdominais estão inflamadas à medida que o corpo corre para corrigir seus problemas.

No caso de Malakai Dean, não houve inflamação. Mesmo sete horas após o suposto trauma fatal em seus órgãos internos, nenhuma inflamação.

Como isso é possível? Significa apenas uma coisa: o trauma que causou esses ferimentos foi feito na hora da morte, provavelmente depois que a criança morreu.

O dano aos órgãos de Malakai não foi causado por uma surra de Kevin Hunt ou qualquer outra pessoa. Não foi causado por nenhum tipo de jogo sujo.

Na minha opinião, Malakai Dean, de dois anos, morreu de causas naturais quando um coágulo de sangue, provavelmente causado por má circulação de seu coração dilatado, fez com que seus pulmões parassem de respirar.

Os danos nos órgãos que policiais e promotores atribuíram a uma surra de um namorado abusivo foram, na verdade, causados pelas tentativas desesperadas, mas ineptas de reanimação de sua avó em uma cama macia (em vez do piso firme, onde os profissionais são ensinados a posicionar os pacientes). Malakai já estava morto quando Kanesia descobriu que não estava respirando. Felizmente nunca sentiu a dor intensa que seu suposto resgate teria infligido. Ele já tinha ido.

* * *

Mas esses casos nunca são tão fáceis assim.

O júri acabou empatando 6-6, incapaz de chegar a um veredicto. Dada a natureza altamente carregada do caso e o preconceito natural contra os abusadores de crianças acusados, foi uma vitória para Kevin Hunt.

Agora a acusação estava em apuros. Ele sabia que as evidências médicas conflitantes - incluindo dezenas de erros admitidos pelo médico legista - tornavam um segundo julgamento tão traiçoeiro, então o estado ofereceu a Kevin um acordo: se declarar culpado de homicídio culposo em troca de quatro a dez anos de prisão, com crédito por quase quatro anos ele já havia servido na prisão do condado.

Mas o picles da defesa não foi menos complicado. A opinião pública, a raiva persistente e o racismo mal disfarçado tornaram uma absolvição arriscada. Se a escolha fosse entre um garoto negro com uma história imperfeita e o sistema investigativo, forense e legal de uma cidade grande, o júri poderia fraturar. A vitória definitiva parecia improvável; perder enviou Kevin Anthony Hunt para a prisão perpétua.

Sua escolha foi excruciante: continuar a insistir em sua inocência, como fazia desde que policiais suspeitos falaram com ele pela primeira vez... ou “confessar” ter matado a criança que uma vez o chamou de “pai”, evitar o risco de uma prisão perpétua, acabar com quatro anos de litígios raivosos e recriminações nos jornais, talvez até ficar livre dentro de meses para começar uma nova vida.

Kevin aceitou o acordo. Em 4 de novembro de 2013, ele foi enviado para o Warm Springs Correctional Center de Nevada, uma prisão de segurança média em Carson City.

No momento em que escrevi, ele ainda estava lá.

Seu sonho de ser policial se foi. Nenhum sonho ainda o substituiu.

Kevin nunca viu seu filho Jaiden, muito menos o segurou. E do jeito que está agora, ele provavelmente nunca o verá até que o menino seja um homem que possa tomar suas próprias decisões. Se houver um relacionamento entre eles, começará tarde demais.

“Meu plano é ser o melhor pai que posso ser para meus filhos”, escreveu Kevin da prisão em 2015. “Desde sempre desejo por esse dia.”
Naqueles momentos em que penso que a ciência forense pode ainda não ser perfeita, sempre me lembro que a justiça também não é.

< OITO >

Morte, Justiça e Celebridade

Em uma sociedade civilizada, tendemos a idealizar ou construir mitos sobre as pessoas e seu comportamento... e o que constitui a civilização. Gostamos de pensar que as pessoas famosas ultrapassaram o comum de alguma forma importante, que alcançaram algum plano superior de civilização e de alguma forma estão nos puxando para frente com elas. Mas a civilização é um verniz extremamente fino. Não há diferença entre nós e as pessoas há dois mil ou quatro mil anos. Nós apenas fazemos mais leis, temos ferramentas mais afiadas e escondemos nossa violência com mais classe e sutileza.

ALHAMBRA, CALIFÓRNIA. SEGUNDA-FEIRA, 3 DE FEVEREIRO DE 2003.

Algum tempo depois do pôr do sol, Phil Spector - o magnata da música, o gênio insignificante, o outrora prodígio que agora usava perucas para esconder sua calvície e sapatos de salto alto para esconder sua brevidade - saiu de sua solitária mansão da Era do Jazz para encontrar alguém, qualquer um. , na luz oca de outra noite indiferente de Los Angeles no domingo.

Spector odiava ficar sozinho, não apenas em seu castelo vazio na colina. Na vida dele também. Ele às vezes se enfurecia por ser deixado sozinho, e ele se esforçava muito para manter as pessoas em sua órbita. Em seus sessenta e cinco anos, ele acumulou uma fortuna produzindo uma trilha sonora por duas gerações, dos Righteous Brothers aos Beatles e aos Ramones. Sua “Wall of Sound” o tornou famoso e manteve muitas pessoas próximas. Ele era um Rock & Roll Hall of Fame. Ele festejou com Jagger, Dylan, Bono, Springsteen, Lennon, Cher e todo o resto. Seu poder e seu dinheiro atraíam muitos mais, embora não tivesse amigos, nem confidentes. Oh, houve um casal de esposas e muitos amantes, até mesmo algumas crianças. Mas nenhum nunca ficou.

Sua Mercedes preta com motorista, com um pequeno ambientador vermelho diabo pendurado no espelho retrovisor e placas de vaidade que ronronavam “I ♥ PHIL”, esperava ao pé de seu esplêndido terraço dos fundos, na praça perto da fonte. Adriano, um cientista da computação em sua terra natal, o Brasil, mas motorista de limusine em Los Angeles, abriu uma porta traseira para seu chefe, que usava uma juba legal de estrela do rock e um smoking feminino branco sobre calça branca e camisa branca, parte Gatsby, parte Gollum.

Adriano levou Spector para Studio City para pegar um velho amigo para um jantar longo, nada romântico, no The Grill on the Alley em Beverly

Hills. Preocupou seu acompanhante quando ele pediu dois daiquiris antes do jantar, em parte porque ele estava no vagão durante a maior parte dos últimos dez anos, e em parte porque ela sabia que ele tomava um complexo coquetel de medicamentos prescritos para alterar o humor para regular seu humor. transtorno bipolar, convulsões e insônia, mas ela não disse nada. Ela também não disse nada enquanto ele flertava com a garçonete. Esse era Phil, sempre procurando novos satélites para colocar em sua órbita.

Depois de algumas horas, Adriano e Spector deixaram a amiga na casa dela, depois voltaram correndo para o The Grill por volta das onze horas para pegar a garçonete para uma noite na cidade. Eles foram para uma boate chamada Trader Vic's, onde Spector bebeu tequila à prova de 150 e mais daiquiris, depois para o Dan Tana's para beber mais em sua mesa habitual perto dos fundos. Depois de uma e meia da manhã, Spector deixou uma gorjeta de quinhentos dólares em uma conta de cinquenta e cinco dólares, e eles fugiram na limusine de Spector para outro clube próximo, o House of Blues no Sunset Boulevard.

Um Spector bêbado e sua garçonete deslumbrada foram direto para a Sala da Fundação, onde todas as celebridades de Hollywood festejavam, longe das pessoas pequenas. Mas a anfitriã Lana Clarkson, uma loira alta e incrivelmente bonita que trabalhava na House of Blues havia apenas um mês, o parou na porta.

"Com licença, senhora, você não pode entrar aqui", ela disse antes de seu supervisor puxá-la de lado e sussurrar que não era uma mulher, mas o multimilionário e multi-platinado produtor musical Phil Spector, que era uma grande gorjeta. *Trate-o como ouro*, disse o segurança, *como se estivesse fodendo Dan Aykroyd*.

Com o rosto vermelho, Clarkson imediatamente escoltou Spector e sua acompanhante até a melhor mesa aberta.

Apesar do momento embaraçoso na porta, Spector foi ferido novamente. Na hora de fechar, por volta das duas da manhã, quando sua garçonete pediu apenas água, ele chamou o motorista para levá-la para casa. Ele pediu um Bacardi 151 direto, enquanto flertava com outra garçonete e ficava de olho em Clarkson, que percorria a sala, arrumando as coisas, puxando cadeiras para os clientes, pegando copos vazios das mesas, jogando conversa fora.

"Ela não vai ficar parada," ele observou para sua nova garçonete sobre Clarkson. "Ela é como a porra do Charlie Chaplin."

Talvez porque ela precisava desse emprego. Aos quarenta, Clarkson era uma atriz que não tinha bons papéis há muito tempo. Um metro e oitenta de altura e ainda linda, ela se destacou na multidão de Hollywood,

especialmente depois da última chamada. Ela tinha sido alguém uma vez, pelo menos nos círculos cult de filmes B, por seu papel principal em *A Rainha Bárbara de Roger Corman*, mas isso foi quase vinte anos atrás. Ela havia quebrado os dois pulsos em um acidente alguns anos antes, a maioria dos papéis secou, e ela ficou deprimida. Ela se contentava com os comerciais ocasionais e os fãs bajulando em pequenos comic-cons. No momento, ela trabalhava por nove dólares por hora apenas para pagar o aluguel de US\$ 1.200 por mês em seu bangalô de 454 pés quadrados em Venice Beach e alguns hábitos pessoais caros, como roupas da moda e analgésicos prescritos. Se ela vivia no limite, era o limite mais distante.

Spector convidou sua garçonete para ir para casa com ele, e ela inventou uma história sobre um compromisso cedo na manhã seguinte. Ele precisava de outra pessoa para voltar para seu castelo vazio com ele, então convidou Clarkson para sua mesa para tomar uma bebida. Ela acertou com seu chefe — a conversa era permitida, mas nada de beber — e sentou-se com o homenzinho estranho depois que seu turno terminou.

Spector perguntou se ela queria ver seu castelo. Ela queria, é claro, mas não podia arriscar perder o emprego por ficar muito confortável com um cliente. Em vez disso, ela pediu a ele uma carona até seu carro. Então ele deixou outra gorjeta extravagante, US\$ 450 em uma conta de US\$ 13,50, e ligou para o motorista.

Na garagem dos funcionários, do lado de fora de sua limusine, Spector continuou implorando a Clarkson, como uma criança. *Apenas uma bebida! Vamos para o castelo!* Finalmente ela cedeu e voltou para o Mercedes. Um pouco envergonhada, ela disse a Adriano que ia apenas tomar um drinque, mas Spector gritou para ela: “Não fale com o motorista! Não fale com o motorista!”

Na viagem de meia hora de volta para a opulenta mansão de Spector, chamada Pyrenees Castle – literalmente um castelo com torres de trinta e três cômodos e uma propriedade arborizada construída na década de 1920 em meio às ruas sinuosas de Alhambra, um subúrbio de Los Angeles sem graça – eles acariciaram, riram, e assisti a um filme antigo de Jimmy Cagney, *Kiss Tomorrow Goodbye*, na parte de trás da limusine.

Por volta das três da manhã, Spector e Clarkson entraram enquanto Adriano estacionava perto da fonte e se acomodava até ter que levar Clarkson para casa. Talvez demore um pouco.

Duas horas depois, por volta das cinco da manhã, Adriano ouviu um estalo. Não uma explosão ou estrondo alto. Apenas um pop abafado. Ele saiu do carro e olhou em volta. Não vendo nada, ele voltou para o carro.

Em um momento, Spector abriu a porta dos fundos da mansão e Adriano saiu, pronto para levar a Srta. Clarkson para casa. Ele viu que seu chefe usava as mesmas roupas, mas tinha um olhar atordoado no rosto - e um revólver na mão.

“Acho que matei alguém”, disse Spector.

Atrás de Spector, Adriano podia ver as pernas de uma mulher estendidas. Quando ele olhou mais de perto, viu Clarkson caída em uma cadeira, suas longas pernas esticadas na frente dela. Sangue respingou em seu rosto e escorreu pela frente.

"O que aconteceu?" Adriano perguntou, estupefato.

Spector deu de ombros e não disse nada.

Adriano se assustou. Ele correu de volta para o carro e dirigiu até o portão principal, onde se atrapalhou com o celular no brilho do painel. Ele não sabia o endereço ou o número de Spector nem nada. Seus dedos tremiam enquanto ele apertava botões. Sua primeira ligação foi para a secretária de Spector, cujo número estava programado no telefone. Quando ela não respondeu, ele deixou uma mensagem e discou 911.

Às 5h02, o despachante da polícia atendeu e perguntou por que ele estava ligando.

“Acho que meu chefe matou alguém.”

Por que ele achava que houve um assassinato? perguntou o despachante.

“Porque ele tem uma senhora no... no chão”, explicou Adriano em seu inglês agitado e vacilante, “e ele tem uma arma na... na mão.”

* * *

A polícia encontrou o cadáver de Clarkson caído em uma cadeira Louis XIV falsa perto da porta dos fundos. Suas pernas estavam esparramadas na frente dela, com o braço esquerdo ao seu lado e o direito dobrado sobre o braço da cadeira. Sua bolsa com estampa de leopardo ainda estava pendurada em seu ombro direito, suas alças torcidas ao redor do braço da cadeira. Sangue e outras matérias haviam jorrado de sua boca e nariz e cascadeado pela frente de seu pequeno vestido preto.

No chão, sob sua panturrilha esquerda, estava um revólver Colt Cobra, calibre 38 e seis tiros, ensanguentado, com cinco tiros e um cartucho gasto sob o martelo. O sangue havia coagulado em seus punhos de madeira, guarda-mato, cano – na verdade por toda parte... mas parecia ter sido limpo. Um pedaço do dente da frente de Clarkson - na verdade uma tampa - havia se alojado na mira da arma, e outros fragmentos de dentes estavam espalhados no chão.

Ao alcance do braço, ao lado dela, havia uma cômoda ornamentada, com a gaveta de cima aberta. Dentro havia um coldre que cabia no Colt Cobra.

Em uma cadeira próxima estava a maleta de couro de Spector, que continha, entre outras coisas, um pacote de três comprimidos de Viagra no qual restava apenas um comprimido.

Uma música suave e romântica ainda tocava ao fundo. A sala contígua era iluminada apenas por velas na lareira. Um Picasso pendurado em uma parede, um desenho de John Lennon na outra. Uma garrafa de tequila quase vazia e uma taça de conhaque com algum tipo de licor estavam sobre a mesa de centro.

Em um banheiro próximo, os policiais encontraram outro copo de conhaque e um par de cílios postiços em cima do vaso sanitário. No chão, encontraram uma fralda de algodão encharcada de sangue e água.

No quarto principal do andar de cima, um detetive encontrou a jaqueta branca de Spector, com algumas pequenas manchas de sangue e manchas de sangue quase invisíveis, amassada no chão do armário.

Um vice-legista do condado de Los Angeles chegou por volta das cinco e meia da tarde, mais de doze horas após o tiroteio. Moscas já haviam posto ovos em uma das orelhas da morta e na bagunça coagulada em seu peito.

Uma atriz morta. Tiro na boca. Nas primeiras horas. Na mansão de uma super-celebridade.

Advogados e repórteres estariam rastejando por toda parte, então não havia espaço para erros na autópsia. Mas o escritório do legista tinha muita experiência com esses tipos de casos de alto perfil e sabia o que fazer.

Na manhã seguinte, o vice-legista Dr. Louis Pena realizou a autópsia. Lana Clarkson morreu com um único ferimento de bala na cabeça e no pescoço. Uma bala de calibre .38 com jaqueta de cobre entrou pela boca, arrancou o topo da língua, rasgou a parte de trás da garganta, rasgou completamente a medula espinhal do tronco cerebral e se alojou na base do crânio.

A desconexão instantânea de sua medula espinhal de seu cérebro significava que Clarkson não podia fazer nada no momento do impacto, exceto morrer. Seu coração parou de bater, ela parou de respirar, todos os nervos ficaram mortos, todos os músculos ficaram flácidos. Seu cérebro viveu o suficiente para consumir qualquer oxigênio que contivesse, mas ela provavelmente não estava consciente.

A bala viajou direto para trás e ligeiramente para cima. O recuo do revólver estilhaçou seus dois dentes incisivos da frente, ambos recentemente tampados. A Dra. Pena encontrou um hematoma no lado esquerdo da língua de Clarkson não causado pela bala, mas possivelmente pelo cano sendo

forçado em sua boca. Ele encontrou outras contusões em suas mãos, pulso e antebraço consistentes com uma luta.

Ela tinha álcool suficiente em seu sistema para deixá-la bêbada, além de traços do poderoso analgésico hidrocodona e anti-histamínicos. Sua bolsa continha vários medicamentos prescritos e não prescritos, incluindo remédios para resfriado e medicamentos para herpes.

A cena do crime rendeu mais evidências, embora fosse tão confusa quanto lúgubre.

No chão, a polícia encontrou uma unha de acrílico rachada de seu polegar direito.

Os criminalistas encontraram uma mistura de DNA de Spector e Clarkson em todo o lugar: no par de cílios postiços no banheiro, nas taças de conhaque, na maçaneta e no trinco da porta dos fundos da mansão e no sangue que eles coletaram de ambos os pulsos de Clarkson.

O sangue de Clarkson estava no corrimão da escada e a fralda encontrada no banheiro do segundo andar, embora tivesse sido diluída com água em alguns pontos. Os respingos e manchas de sangue no punho esquerdo da jaqueta, cotovelo esquerdo, bolso, painel frontal direito externo e dentro do painel frontal esquerdo também eram de Clarkson, mas não eram enormes.

Os criminalistas encontraram o DNA de Spector no mamilo esquerdo de Clarkson, mas não em sua vagina. Eles também encontraram o DNA de Clarkson no escroto de Spector, sugerindo que ela havia feito sexo oral nele. Eles não encontraram nenhum DNA de Spector sob suas unhas.

O mais fascinante — e desconcertante: apenas o DNA de Clarkson foi encontrado na arma, e apenas suas mãos tinham resíduos de tiro, muito. As mãos e as roupas de Spector estavam totalmente livres de qualquer GSR e, exceto pelas manchas e manchas de sangue na jaqueta, Spector não tinha matéria biológica estranha em sua pele, cabelo ou roupas. As impressões digitais de ninguém foram encontradas na arma.

Naquela manhã, os policiais gravaram Spector chamando Clarkson de “merda”.

“E eu não sei qual era a porra do problema dela”, ele disse na fita, “mas ela certamente não tinha o direito de vir à porra do meu castelo, abrir a porra da cabeça dela.”

Investigadores não convencidos disseram ao Dr. Pena que Spector havia disparado a arma. Eles não encontraram nenhuma evidência de que Clarkson tenha sido suicida, e nenhuma nota de suicídio foi encontrada. Eles acreditavam que Phil Spector atirou em Lana Clarkson enquanto ela estava sentada na cadeira falsa antiga, exatamente como a encontraram.

Dada a evidência física que Pena viu na autópsia, sua opinião se inclinava para homicídio.

Duas semanas após o tiroteio, as cinzas de Lana Clarkson foram enterradas no Hollywood Forever Cemetery, em Los Angeles, entre tantas das grandes estrelas que ela admirava. Alguns tinham mais em comum com ela do que ela jamais sonhou. Além das estrelas, à beira do lago, estava Virginia Rappe, a ambiciosa estrela que morreu em 1921 depois de uma festa bêbada com o ator mais bem pago de sua época, o comediante Fatty Arbuckle. Do outro lado do gramado estava William Desmond Taylor, um famoso diretor de cinema que foi assassinado em sua casa em 1922 e lançou um milhão de manchetes, mas nunca uma única prisão. E em outra cripta estava o mafioso Bugsy Siegel, que morreu quando foi baleado no rosto em uma mansão de Beverly Hills em 1947. Ninguém nunca foi acusado.

Phil Spector foi preso na manhã da morte de Lana Clarkson, mas liberado sob fiança de um milhão de dólares enquanto a polícia e o legista continuavam sua investigação. Spector imediatamente começou a construir uma cara equipe dos sonhos de advogados de primeira linha como Robert Shapiro e especialistas forenses, enquanto planejava sua fuga pela mídia suspeita para provar sua inocência, mesmo antes de ser formalmente acusado. Particularmente, ele criticou “amigos” que não estavam publicamente se reunindo em sua defesa. Em vídeos estranhos de seu castelo, ele alegou que Clarkson havia atirado acidentalmente em si mesma (“Ela beijou a arma”, ele disse à *Esquire*) por razões que ele não conhecia ou com as quais não se importava.

Mas os investigadores ouviram muitas histórias sobre Spector e armas. Ele teria brandido pistolas no estúdio várias vezes com John Lennon, Debbie Harry e outros ícones do rock. Mas havia histórias mais sombrias, de mulheres que ele namorou ou empregou, sobre um Spector bêbado e louco puxando uma arma quando eles se preparavam para ir. Ele simplesmente surtaria e tentaria impedi-los de sair. Este famoso magnata da música parecia ter um medo profundo de ficar sozinho ou abandonado.

Homicídio ou suicídio? Não foi uma ligação fácil para o escritório do legista do condado de Los Angeles. A evidência científica de assassinato era inexistente; a decisão final baseou-se mais na sugestão dos investigadores do xerife do que na prova forense.

Sete meses após o tiroteio, o legista do condado de Los Angeles, Dr. Lakshmanan Sathyavagiswaran – apenas o último de uma longa lista de “legistas das estrelas” – aprovou a conclusão do Dr. havia atirado em si mesma). Mais tarde, ele admitiu que ferimentos de bala “intraorais” (na

boca) são quase sempre suicídios. Ou dito de outra forma, quase ninguém atira na boca de outra pessoa.

Dois meses depois, o promotor distrital de Los Angeles acusou Phillip Harvey Spector de assassinato e prometeu buscar uma condenação por assassinato em primeiro ou segundo grau. (Assassinato em primeiro grau requer evidência de premeditação, enquanto assassinato em segundo grau não, mas ambos acarretaram uma sentença máxima de prisão perpétua.) Spector se declarou inocente.

Em Los Angeles, no entanto, as celebridades pareciam ter o cartão mágico Get Out of Jail Free. As absolvições de OJ, Robert Blake, Michael Jackson e tantas outras estrelas deixaram um gosto ruim. Dinheiro, influência e amigos poderosos redefiniram a justiça em uma cidade onde o direito, a ilusão e a egomania são virtudes celebradas, não manias feias.

Um público cínico via Phil Spector como um homenzinho esquisito cujos excessos e demônios o transformaram em um troll rico, delirante e trêmulo que vivia em um castelo no topo de uma colina, cercado de ostentação e companheiros pagos, olhando bêbado para os camponeses e rondando o escuro para carne fresca para alimentar seu ego e obsessões. Mas ele era rico e famoso – e era LA, afinal – então o caso contra ele não seria um slam dunk.

A mil milhas de distância, foi o que pensei também.

* * *

Um dia minha amiga Linda Kenney Baden ligou. Ela era a esposa de meu antigo colega Dr. Michael Baden, ex-chefe adjunto de meu pai no Gabinete do Médico Legal de Nova York e agora um dos patologistas forenses mais conhecidos dos Estados Unidos. Mas esta não era uma chamada social. Linda era uma advogada de defesa de primeira linha e se juntara à equipe em constante mudança que representava Phil Spector. Ele havia demitido Shapiro e contratado o mal-humorado Leslie Abramson, que havia defendido os irmãos Menendez, mas quando Abramson renunciou abruptamente, Spector contratou Bruce Cutler, o corpulento e careca brigão do Brooklyn que defendia o mafioso John Gotti.

Linda precisava de um especialista em ferimentos de bala.

Estaria eu interessado em examinar algumas das provas contra ele? ela perguntou. *Só para ver se havia algo que pudesse ajudar?*

Para ser honesto, eu não tinha um bom pressentimento sobre Spector. Para mim, ele era peculiar, pomposo e perfeitamente capaz de tiroteios mortais. O caso contra ele parecia plausível. Eu tinha ouvido as histórias estranhas

sobre ele, mas não tinha visto a evidência. Então eu concordei em dar uma olhada.

Eu não estava sozinho. Spector já havia começado a construir uma das mais poderosas equipes de especialistas forenses já reunidas para um julgamento criminal. Eu conhecia a maioria deles: Baden; meu antigo chefe em Baltimore, Dr. Werner Spitz; o especialista em respingos de sangue Dr. Henry Lee; o toxicologista forense Dr. Robert Middleberg; e vários outros. Minha taxa é de apenas quatrocentos dólares por hora, mas uma rápida olhada na lista de peritos de Spector me disse que ele provavelmente gastaria meio milhão de dólares antes de ir a julgamento.

Spector estava desesperado para evitar uma condenação, e a promotoria estava igualmente desesperada para prendê-lo. O escritório do promotor distrital teve uma longa série de fracassos em processos de celebridades de alto nível e queria quebrar a sequência. Eles trariam todo o peso dos próprios especialistas do estado contra ele, sem poupar despesas.

Eu não tinha certeza se queria estar envolvido. Casos de celebridades são uma dor. Tais julgamentos são muitas vezes sobre a celebridade – seja ela o réu ou a vítima – em vez da evidência física. Onde antes jornalistas e locutores eram os únicos a assistir à mídia, agora blogueiros, tweeters e todo tipo de “jornalistas cidadãos” se juntam à multidão de “repórteres”, todos lutando por atenção em meio ao clamor de nossas modernas guerras de informação. A Court TV carrega julgamentos de parede a parede. A Internet transmite ao vivo a cada minuto. Todo criminalista de poltrona publica uma opinião baseada em pouco mais de treinamento do que assistir a episódios de *CSI*. O resultado final é mais carnaval do que tribunal.

Mas eu tinha concordado em dar uma olhada e, em poucos dias, um pacote gordo chegou pelo correio. Continha todos os relatórios do legista e autópsia; fotos da cena do crime; os resultados de vários testes forenses, como toxicologia e balística; e contas policiais. Havia também parte do livro de memórias de sessenta páginas de Lana Clarkson, detalhando sua infância com uma mãe hippie solteira e itinerante, festivais de rock e festas ácidas, e seus anos como jet-setting, cheirando cocaína, gostosa de filmes B, mas parou bem antes de seus tristes anos finais. Ela era uma figura triste e solidária. Hollywood é dura com as mulheres de uma certa idade e, aos olhos dos agentes de elenco, Lana Clarkson já passou da data de validade.

Enquanto eu percorria centenas de páginas, as perguntas borbulhavam.

Não encontrei provas concretas que provassem absolutamente que Spector era inocente do crime (ou culpado, aliás), mas pude ver algumas rachaduras em um caso imperfeito contra ele. Muitas boas evidências forenses foram

bem coletadas, mas permaneceu um caso em grande parte circunstancial. Talvez ele fosse culpado como o inferno, mas não era a coisa certa que os promotores afirmavam ser.

Por um lado, em meus trinta e oito anos como médico legista, eu tinha visto centenas de pessoas baleadas na boca. Todos, exceto três – 99% – foram suicídios.

As mulheres não se matam, alguns argumentaram. Na verdade, atirar é o método mais comum de suicídio entre as mulheres americanas.

Mas uma bela atriz, mesmo que fosse suicida, nunca teria dado um tiro no rosto. O maior estudo forense de suicídio já realizado descobriu que cerca de 15 por cento das mulheres suicidas se mataram com um tiro na boca (embora reconhecidamente, a beleza das mulheres não tenha sido considerada como um fator).

Ela nunca tentou suicídio antes, nunca falou sobre isso e não deixou um bilhete. Apenas cerca de 8% dos suicídios tentaram isso anteriormente, e apenas um em cada quatro deixa uma nota. Lana Clarkson não ameaçou expressamente o suicídio, é verdade, mas muitas vezes é um ato impulsivo e desesperado que não requer aviso, especialmente entre aqueles que usam armas. Seus documentos médicos e pessoais provaram que ela tinha um histórico de depressão que exigia terapia medicamentosa poderosa. Bebidas alcoólicas e hidrocodona podem realmente contribuir para a depressão. Assim, seu uso de álcool e drogas, juntamente com uma carreira e situação financeira decepcionantes, podem ter complicado seu desânimo.

Isso tudo prova que Lana Clarkson atirou em si mesma? Não, mas quando considerado com provas físicas, homicídio pode não ser a única explicação. Clarkson era trinta centímetros mais alto, trinta quilos mais pesado e infinitamente mais em forma do que Spector, de sessenta e cinco anos. Ela poderia facilmente dominá-lo se tentasse. Há duas explicações para ela não ter feito isso: ela foi intimidada à submissão por ter uma arma apontada para ela, ou ela nunca foi abordada.

Não houve danos nos lábios, língua ou dentes de Clarkson que sugerissem que uma arma foi forçada a entrar em sua boca. É natural supor que ela teria voluntariamente aberto a boca para um agressor com uma arma?

A presença de resíduos de tiro em ambas as mãos de Clarkson, mas não na de Spector, sugere que ela estava segurando a arma quando disparou, não Spector. Mesmo que Spector tivesse lavado as mãos, vestígios de GSR ainda estariam presentes em sua pele e roupas, mas apenas duas minúsculas partículas foram encontradas em suas roupas. Eles poderiam ter sido transferidos pelo ar, por suas algemas ou no carro da polícia.

O cano do Colt de nariz arrebicado estava cerca de cinco centímetros na boca de Clarkson. Quando disparou, uma explosão violenta de gases de 1.400 graus saiu do cano com uma força de cerca de 5.000 libras por polegada quadrada. Em um instante, encheu sua boca, borbulhou nas bochechas e escapou pelos caminhos de menor resistência. Alguns saíram pelas fossas nasais, causando danos ao longo do caminho; o resto soprou *para trás, para* fora da boca, carregando uma nuvem turbulenta de borrifos de sangue, resíduos de tiros, gases, carne pulverizada, dentes e outros materiais biológicos chamados respingos para trás.

Neste caso, a explosão soprou o sangue de Clarkson e um pedaço de seu dente da frente mais de três metros em um corrimão na frente dela. O ombro e as mangas de sua jaqueta, além das costas de suas mãos, estavam cobertos de respingos nas costas.

Portanto, é lógico que qualquer pessoa que esteja a menos de um metro e meio da vítima seja salpicada com uma onda gigantesca de material sangrento. Se Spector estivesse perto o suficiente para colocar a arma na boca dela - a borda de sua manga estaria a apenas alguns centímetros de distância - ele teria sido coberto de respingos nas costas, especialmente naquela manga.

Não havia nenhum. Uma única gota de sangue na manga e os pequenos pedaços de spray em sua roupa poderiam ser explicados simplesmente por estar no pequeno vestíbulo no momento do tiro e pelo contato com o sangue dela no frenético rescaldo. Se ele tentasse administrar os primeiros socorros ou a tocasse de alguma forma, o sangue teria sido transferido. Ele pode ter lavado as mãos, mas não lavou a jaqueta ou a roupa.

Portanto, não havia evidência física para provar que Spector estava segurando a arma quando ela disparou.

Mas havia evidências de que Clarkson estava segurando o revólver com as duas mãos quando disparou. A nuvem resultante de GSR e respingos de volta estava por toda parte em suas mãos. Parece que ela puxou o gatilho com o polegar esquerdo e o recuo quebrou sua unha de acrílico.

Sem que eu soubesse, meus colegas forenses Baden, Spitz e Lee haviam examinado as evidências e chegado a conclusões semelhantes.

Esses fatos (e a falta de provas objetivas em contrário) me levaram a pensar que o suicídio não era apenas uma possibilidade distinta, mas o tipo de alternativa razoável que deveria ser discutida perante um júri.

Um gênio torturado valendo mais de US\$ 100 milhões, Phil Spector não tinha pares reais, para melhor ou para pior, mas agora era uma questão para um júri decidir.

* * *

Mais de quatro anos depois que Lana Clarkson morreu no castelo de Phil Spector, seu julgamento por assassinato em segundo grau começou.

Em 25 de abril de 2007, no Tribunal Superior de Los Angeles, o vice-procurador Alan Jackson foi direto ao ponto em sua declaração de abertura ao júri: uma pistola carregada na boca de Lana Clarkson - dentro de sua boca - e atirou nela até a morte.

Ele prometeu pintar um retrato arrepiante de Spector como um homem “que, quando é confrontado com as circunstâncias certas, quando é confrontado com as situações certas, se torna sinistro e mortal”.

O júri ouviria um desfile de quatro mulheres que haviam sobrevivido aos ataques de raiva de Spector. “Lana Clarkson”, disse ele, “foi simplesmente a última de uma longa fila de mulheres que foram vítimas de Phil Spector”.

E, finalmente, eles ouviriam do motorista, Adriano DeSouza, que contaria o horror daquela noite e a confissão maldita do próprio Spector: “*Acho que matei alguém*”.

Um Spector de aparência frágil observava da mesa de defesa, plácido, às vezes segurando o rosto entre as mãos. No primeiro dia do julgamento, ele usava uma peruca loira de pajem, um terno bege e uma camisa roxa aberta no colarinho, mas à medida que o julgamento avançava, sua moda e perucas ficavam mais selvagens. Ele também se casou (no mesmo vestíbulo onde Clarkson morreu) com uma aspirante a cantora de 26 anos que trabalhava como sua assistente pessoal e que se sentava todos os dias do julgamento na primeira fila da galeria atrás dele. Quando chegavam ao tribunal e saíam juntos todos os dias, eram escoltados por três guarda-costas negros muito grandes.

Claro, Cutler se dirigiu ao júri com uma visão diferente.

“As evidências mostrarão que antes que [a polícia] tivesse uma causa de morte, muito menos uma forma de morte, eles tinham assassinato em suas mentes”, disse Cutler. “Fama e sucesso voltam para assombrá-lo.”

Lana Clarkson, ele disse aos jurados, morreu enquanto usava o revólver Colt como “um acessório sexual”.

Nos sete meses seguintes, o júri ouviu as evidências de ambos os lados, incluindo todos os complicados depoimentos forenses sobre spray de sangue, toxicologia, balística, depressão, produtos farmacêuticos, resíduos de tiro e anatomia. Mas as testemunhas também falaram sobre coisas mais não científicas, como medo, intimidação, direito, fama, insegurança e os limites dos sonhos.

O legista Dr. Sathyavagiswaran concordou prontamente que as mortes por arma de fogo intraoral são geralmente suicídios e apenas raramente homicídios.

“Seria difícil inserir uma arma com força na boca de alguém sem deixar evidências de traumatismo contundente?” perguntou Cutler.

Sathyavagiswaran admitiu que seria “a menos que eles sejam intimidados e tenham medo de que alguém atire neles, e [então] eles abrirão a boca”.

O especialista em suicídio Dr. Richard Seiden, ex-professor de psicologia da Universidade da Califórnia em Berkeley, testemunhou que os suicídios espontâneos, em oposição aos suicídios planejados há muito tempo, representam cerca de 40% de todos os suicídios.

A decisão fatal pode não levar mais de cinco minutos, disse ele. A depressão não é o fator-chave, mas sentimentos de desesperança em relação ao futuro ou ao dinheiro, perda de um ente querido, decepções na carreira e dor crônica – todos presentes no perfil de Clarkson – foram fortes contribuintes.

A mãe de Clarkson foi ao palco para contar como sua filha estava fazendo planos para um próximo show comercial e comprou sapatos novos. Como prometido, quatro mulheres - algumas com relutância - contaram experiências assustadoras no cano das armas de Phil Spector. Testemunhas debateram se uma unha perdida foi perdida ou escondida pela defesa. E no depoimento mais dramático do julgamento, o motorista descreveu seus momentos de horror após a morte de Clarkson, deixando no ar aquelas palavras incriminatórias: *Acho que matei alguém*.

Mas Cutler argumentou que Clarkson estava deprimida por causa de um rompimento recente, atormentada por problemas financeiros e impotente vendo sua carreira de atriz se dissolver quando ela completou quarenta anos. Prejudicada pela bebida e analgésicos poderosos, ela simplesmente agarrou o Colt de Spector e se matou.

Os amigos de Clarkson rejeitaram vigorosamente a teoria do suicídio. Lana às vezes era uma rainha do drama, mas não era autodestrutiva. Ela estava planejando para os próximos dias e semanas, eles disseram. *É assim que um suicida se comporta?*

No final, surgiu um retrato complexo de dois homens muito diferentes, e ambos estavam dentro de Phil Spector: um era um cavalheiro antiquado, engraçado e cavalheiresco cujos encontros incluíam rosas de haste longa, noites românticas e um beijo de despedida na bochecha. . O outro era um bêbado abusivo e profano que às vezes enfiava uma arma na cara de seus namorados quando eles não queriam ficar com ele.

Era uma história real de Jekyll-and-Hyde, e estava tudo na TV ao vivo. As classificações foram à loucura.

Quando o júri finalmente se retirou para suas deliberações, eles fizeram uma votação rápida. Quatro se inclinaram para culpados, cinco inocentes e três estavam indecisos. Os quinze dias seguintes foram angustiantes enquanto eles revisavam as evidências, ticavam testemunho por testemunha e discutiam entre si.

No final, dois jurados simplesmente não ficaram convencidos, além de uma dúvida razoável, de que Spector atirou em Clarkson. O júri deu um impasse em dez para dois em favor da condenação.

O juiz declarou anulação do julgamento.

A acusação foi implacável. Uma semana depois, o deputado DA Jackson anunciou sua intenção de tentar novamente Spector, e um ano depois um novo julgamento começou.

Desta vez Cutler havia desistido da defesa e um novo advogado — o quarto de Spector — assumiu a liderança. Nos cinco meses seguintes, fizemos tudo de novo: as mesmas provas, as mesmas testemunhas, os mesmos argumentos com poucas novidades. Desta vez, a mídia não estava tão interessada, Spector havia atenuado seu guarda-roupa e cabelo, e a tensão no tribunal foi significativamente reduzida. Mas tudo se resumia à interpretação da evidência e do homem.

Mais uma vez, quando o júri finalmente se aposentou para suas deliberações, a votação foi dividida. Mas nas trinta horas seguintes de debate, as dúvidas razoáveis diminuíram e os doze chegaram ao veredicto: Phil Spector era culpado de assassinato em segundo grau.

Em 29 de maio de 2009 – mais de seis anos após a morte de Lana Clarkson – o juiz sentenciou Spector, de 69 anos, a dezenove anos de prisão perpétua. Ele terá oitenta e oito anos antes de ser elegível para liberdade condicional em 2028.

Como parte de sua sentença, o juiz ordenou que Spector pagasse as despesas do enterro de Clarkson, então seu advogado entregou à mãe de Clarkson um cheque de US \$ 17.000 antes que o diminuto magnata da música e assassino condenado fosse levado para a prisão.

Os advogados de Spector apelaram da condenação. Entre seus muitos problemas estava a irrelevância e a natureza preconceituosa do testemunho de cinco mulheres sobre experiências de porte de armas com Spector no passado. A defesa argumentou que esses encontros há muito tempo não provaram nada sobre o que aconteceu na morte de Lana Clarkson.

Em uma última e estranha reviravolta em um caso distorcido, a Suprema Corte da Califórnia rejeitou o argumento, citando um caso federal de trinta anos — *EUA vs. Martha Woods* . Atos ruins anteriores e lógica simples, disseram os juízes, podem ajudar um júri a determinar a culpa (ou inocência) de um réu. Assim como as crianças que morreram ou adoeceram sob os cuidados de Martha Woods durante um período de 25 anos foram relevantes para seu processo por matar Paul Woods, as histórias dessas cinco mulheres foram relevantes para determinar a culpa de Spector. Morte e justiça atravessam gerações de maneiras estranhas.

* * *

Phil Spector não foi o único a ser julgado em seu caso televisionado nacionalmente.

Assim como as testemunhas especializadas.

O promotor adjunto Alan Jackson acenou para todos os especialistas de Spector, inclusive eu, como mercenários “paga para dizer” que aceitaram mais de US\$ 400.000 para divulgar qualquer coisa que Spector dissesse. (Estranhamente, ele não mencionou quanto o estado pagava a seus especialistas.)

“Como um homicídio se torna um suicídio?” Jackson perguntou aos jurados no segundo julgamento. “Você escreve um cheque grande e gordo. Se você não pode mudar a ciência, você compra o cientista.”

Isso é o que acontece em um julgamento: um lado chama especialistas para explicar algo altamente técnico ou difícil de entender, e o outro lado chama de mentirosos, charlatães, idiotas e pistoleiros. Ambos os lados precisam de testemunhas especializadas, e ambos os lados as prejudicam. Durante o julgamento de Spector (e outros), fui chamado de inúmeros nomes, nenhum bom, dentro e fora do tribunal. Por quê? Simplesmente porque minha opinião forense contrariava as percepções dos espectadores que já haviam se decidido.

Este resmungo não é novo. Já em 1848, o respeitado jurista americano John Pitt Taylor escreveu que os júris deveriam ser céticos em relação a “testemunhas qualificadas” (assim como escravos, mulheres e estrangeiros). Existem testemunhas especializadas em todos os assuntos conhecidos pelo homem, desde a largura adequada dos degraus da escada até a função cerebral no nível molecular, mas são inevitáveis e necessários. Em nosso mundo cada vez mais complexo e especializado – tornado exponencialmente mais complicado pela era digital – os homens (e mulheres) da Renascença são tão escassos quanto os fabricantes de chicotes e políticos honestos. É provavelmente impossível realizar um teste de

qualquer complexidade nos dias de hoje sem um especialista. Júris e juízes simplesmente não possuem mais a profundidade e amplitude de conhecimento para tomar decisões de vida ou morte sem as explicações de um especialista.

A chave em qualquer ensaio é transmitir informações de forma significativa e útil. Um especialista não só deve possuir o conhecimento necessário sobre o assunto, ele deve ser capaz de explicá-lo. O personagem advogado de Denzel Washington no filme *Filadélfia* vem à mente. “Explique isso para mim como se eu fosse uma criança de seis anos” é uma frase muito potente. Esse elemento mágico de conexão não é nada comum. O especialista mais experiente do mundo é totalmente inútil se não puder transmitir seu conhecimento de maneira amigável e compreensível. Os melhores especialistas também são professores. Como com qualquer outra coisa, essa habilidade é aprimorada quanto mais é praticada. Assim, os melhores especialistas são aqueles que testemunham com frequência.

Testemunhas especializadas raramente chegam com todas as respostas que todos os outros eram estúpidos demais para obter. Nem sempre estão certos. A justiça não oscila em seu conhecimento. Eles são especialistas, não a palavra final sobre tudo.

O que uma testemunha especialista diz deve ser avaliado por todos os jurados quanto à credibilidade e ter seu peso adequado.

Muitos bons especialistas, médicos e outros, nunca testemunharão porque se sentem desconfortáveis em um cenário legal contraditório. Por que se submeter ao escrutínio excessivo, ao jargão jurídico confuso, ao conflito com superiores ou colegas, ou aos xingamentos de advogados adversários, da mídia e (agora) de todos os detetives de poltrona assistindo à TV da Corte?

A justiça perde quando bons especialistas evitam julgamentos por essas e outras razões.

Testemunhas especializadas não são mentirosas. Eles estão dizendo a verdade como a vêem, e todos nós sabemos que a verdade pode ser interpretada de várias maneiras. O caso Spector não prova nada senão como um único conjunto de fatos pode ser interpretado de maneiras diferentes.

Existem pistoleiros contratados em patologia forense (a única área sobre a qual posso falar com confiança)? Sim, mas não muitos. Eles geralmente são ineptos, inexperientes e rapidamente expostos no tribunal. Mais comuns são os verdadeiros crentes, que se vêem como policiais juniores que devem prender todos os bandidos. Eles se identificam mais com policiais e

promotores e tendem, talvez inconscientemente, a encontrar pistas que sugiram culpa. Não se trata de dinheiro, mas com certeza não é justiça cega. Se o especialista sempre testemunhar por um lado ou outro, ele ou ela é rotulado de prostituta por esse lado. Alguns tentam atenuar essa crítica testemunhando em ambos os lados, mas isso apenas faz com que sejam rotulados de prostitutas para quem pagar. É uma situação sem vitória.

O público nunca sabe quantas vezes um perito recusou as propostas de um advogado ou foi rejeitado porque sua opinião não ajuda. Pessoalmente, eu me afastei de muitos casos e fui educadamente dispensado por muitos outros quando minhas conclusões forenses simplesmente não apoiaram a estratégia dos advogados.

Enquanto um especialista puder convencer o juiz e o júri de que ele aborda o assunto com a mente aberta, o número de vezes que ele testemunha, ou mesmo com que frequência ele testemunha para ambos os lados de uma questão específica, torna-se realmente irrelevante.

Como médico legista e consultor forense durante toda a minha vida adulta, testemunhei para a acusação e defesa, para queixosos e réus, em julgamentos criminais e civis, em casos grandes e pequenos. Minhas conclusões não são influenciadas pelo dinheiro. *Não pela polícia ou contra a polícia, nem pela família ou contra a família. Devo ser imparcial e dizer a verdade.*

Finalmente, se você está sendo julgado por sua vida e precisa desesperadamente esclarecer uma intrincada evidência ao seu júri, você não procura a pessoa mais credível e conhecedora que você pode se dar ao luxo de deixar isso claro? Talvez você não possa pagar o especialista que escreveu o livro, mas ainda tem o direito de trazer alguém que possa explicar o que você não pode.

No final das contas, não há saída. Os especialistas geralmente são profissionais instruídos que estão dispostos a mergulhar no cadinho legal e devem ser pagos por seu tempo. Um júri deve avaliar se eles são qualificados, se seus honorários não são razoáveis e se suas conclusões são críveis.

No final, simplesmente não podemos determinar os fatos “além de uma dúvida razoável” se não permitirmos que profissionais capazes e qualificados usem seu conhecimento especial para explicar questões técnicas difíceis a júris. Os júris podem abraçá-lo ou ignorá-lo, mas devem ouvi-lo.

O que acontece se eles nunca ouvirem?

A morte de Ernestine Perea em Wheatland, Wyoming, foi um exemplo. Agora deixe-me contar sobre uma pequena cidade chamada West Memphis.

Os fantasmas de West Memphis

Nada nos move como a injustiça, a sensação de que a justiça não foi feita. Somos mais rápidos em nos levantar quando sentimos que algo gravemente errado aconteceu, seja um desrespeito comum contra um ou uma negligência global de milhões. Bons policiais, juízes, advogados e médicos legistas sentem isso ainda mais intensamente porque é seu trabalho corrigir os erros, mesmo quando todo mundo dá de ombros e diz: “É assim que é”. No entanto, querer fazer as coisas certas não é o mesmo que estar certo. Espere coragem de nós, não perfeição. O melhor que podemos esperar é estar certo na maioria das vezes, além de tempo e sabedoria para reparar o que fizemos de errado. Não se trata apenas de consertar o que aconteceu no passado, mas também de consertar nosso futuro.

WEST MEMPHIS, ARKANSAS. QUARTA-FEIRA, 5 DE MAIO DE 1993.

Em uma tarde quente de primavera, com férias de verão a menos de um mês, em uma pequena cidade onde ainda havia alguns lugares selvagens, meninos serão meninos.

Stevie Branch, Michael Moore e Christopher Byers eram melhores amigos. Eles estavam na mesma classe da segunda série na Weaver Elementary, se juntaram à mesma tropa de escoteiros e, como a maioria dos garotos de oito anos que tiveram a sorte de se encontrar, eles andavam de bicicleta infinitamente juntos, tanto quanto seus pais e os limites da cidade permitidos. Às vezes mais longe.

Mas foi tudo bom. Nada aconteceu em West Memphis, Arkansas, uma comunidade agrícola onde lendas do blues como BB King e Howlin' Wolf viveram, trabalharam e fizeram música. As pessoas aqui se sentiam seguramente distantes da violência incessante e das depravações diárias de Memphis, uma das cidades mais perigosas da América, do outro lado do rio no Tennessee. Apenas uma pequena cidade como milhares de outras, mal agarrada a um rio e à interestadual como se fossem a própria vida. E de certa forma, eles eram.

Garotinhos não desperdiçam a luz do dia. Como costumavam fazer depois da escola, Stevie, Michael e Chris se encontraram, como se algum ímã atraísse esses três amigos. Eles saíram — Stevie e Michael em suas bicicletas, e Chris em seu skate — por uma floresta pantanosa e cheia de arbustos conhecida pelos moradores como Robin Hood Hills, onde eles podiam pegar tartarugas, correr de bicicleta pelas árvores em trilhas estreitas ou brincar nas valas cheias de sopa. Do outro lado do canal de

drenagem, acessível apenas por uma ponte de cano de esgoto ou uma corda que balançava de uma margem a outra, havia uma floresta mais escura conhecida como Devil's Den, frequentemente assombrada por transeuntes, drogados e festeiros adolescentes.

Os pais de West Memphis sempre alertavam as crianças para ficarem longe da floresta, mas isso os tornava ainda mais atraentes e aventureiros.

Michael não era o mais velho, mas era o líder do bando. Ele gostava tanto de ser um escoteiro que usava o boné em todos os lugares e o uniforme o máximo que podia.

Chris ganhou o apelido de Wormer por estar em movimento perpétuo. Ele não conseguia ficar parado. Apenas algumas semanas antes de seu nono aniversário, ele foi disciplinado por seu padrasto naquela tarde por não obedecer às regras da casa, e ainda assim lá estava ele novamente, quebrando as regras da casa saindo com seus amigos sem permissão.

Eles conheciam Stevie como Bubba. Ele gostava muito das Tartarugas Ninja, já um pouco encantador com seu cabelo loiro, olhos azuis e um grande sorriso.

Agora eles embarcaram em sua próxima grande aventura, como no filme *Stand by Me*, enquanto mergulhavam na floresta para descobrir quaisquer mistérios que escondiam. Eles estavam em movimento, atravessando o gramado de um vizinho um pouco antes das seis da tarde, passando pela casa de Michael alguns minutos depois, então empurrando suas bicicletas para a floresta um pouco depois das seis e meia. Pessoas de cidades pequenas percebem essas coisas.

Mas as pessoas de cidades pequenas não veem tudo.

Os meninos nunca saíram da floresta.

Naquela noite, seus pais chamaram a polícia local e uma busca começou depois da meia-noite, mas estava escuro demais para ver qualquer coisa.

No dia seguinte, por volta das 13h45, um pesquisador avistou um tênis flutuando em um riacho imundo que corria pelo matagal isolado a apenas cinquenta metros ao sul da I-55.

Um detetive de West Memphis caminhou ao longo da margem da vala entupida de raízes, repleta de um tapete grosso de folhas e galhos, até o local onde o tênis foi encontrado. Ele notou que um trecho havia sido limpo, talvez deliberadamente varrido, até a sujeira escorregadia e úmida abaixo.

O detetive entrou na água turva, na altura dos joelhos. Ao pegar o sapato, tocou em algo inquietante logo abaixo da superfície opaca. Algo grande e macio. Algo que não pertencia.

Um corpo.

Era Michael Moore.

O menino estava nu. Ele estava esparramado na água, pulsos aos tornozelos amarrados com um cadarço preto. O sangue escorria dos ferimentos em sua cabeça, rosto e peito magro.

Momentos depois, os pesquisadores encontraram os cadáveres de Chris Byers e Stevie Branch submersos a apenas alguns metros rio abaixo. Eles também estavam nus, amarrados com cadarços e muito espancados. Todos eles tinham perfurações estranhas por todo o corpo. E o pênis de Chris foi cortado.

Nenhuma arma do crime foi encontrada. Faltavam dois pares de cuecas. As roupas e bicicletas dos meninos também foram jogadas na água, então qualquer vestígio deixado pelo assassino (ou assassinos) havia desaparecido. E se havia algum sêmen nos corpos dos meninos, também havia desaparecido.

Os policiais da pequena cidade ficaram abalados. Encontraram um boné de escoteiro flutuando no riacho raso, três tênis e uma das camisas do menino enrolada na ponta de um graveto grosso que estava enfiado na lama. Eles encontraram outra vara quando pescaram o cadáver de Michael Moore da água. Suas bicicletas haviam sido jogadas por alguém no canal perto da ponte do cano de esgoto.

Os únicos sinais de sangue na cena do crime estavam na água turva e onde os corpos jaziam na margem depois de serem retirados do riacho. O teste de luminol foi feito duas semanas depois e encontrou extensos vestígios de sangue no banco onde havia sido liberado.

Mas a cena do crime tinha sido comprometida pela busca e recuperação. O legista local demorou algumas horas para chegar. Alguns itens, incluindo bastões que podem ter sido as armas do crime, foram tocados, mas nunca considerados evidências até mais tarde.

Os investigadores recolheram os corpos dos meninos e temeram o pior. Em poucas horas, a cidade inteira zumbia como um fio elétrico com rumores de estupro infantil, mutilação e assassinato. Que tipo de gente má faria uma coisa dessas com três garotinhos doces? Molestadores que os seguiram? Traficantes de drogas que ficaram surpresos? Satanistas que ansiavam por sangue inocente?

Em poucas horas, a polícia estava desenvolvendo uma teoria.

* * *

Dr. Frank Peretti, um veterano médico legista associado do Laboratório de Crimes do Estado de Arkansas, autopsiou os meninos. Sob o intenso brilho

das luzes do necrotério, seus ferimentos e mutilações eram muito piores do que pareciam nos bosques de Robin Hood.

Ele estimou, muito vagamente, que os meninos estavam mortos e submersos na água por cerca de dezessete horas. Todos eles exibiam o que é conhecido como “pele de lavadeira”, aquela condição de pele enrugada, branca, macia e encharcada que todo nadador e lava-louças conhece bem.

Ali na mesa de autópsia, folhas velhas e espuma de lagoa grudadas neles. Seus pulsos e tornozelos ainda estavam presos juntos até que alguém pudesse examinar os cadarços e nós em busca de pistas.

Michael Moore sofreu ferimentos no pescoço, peito e barriga que pareciam ter sido causados por uma faca serrilhada. As abrasões em seu couro cabeludo provavelmente foram causadas por outra arma, provavelmente uma vara pesada. Seu ânus estava dilatado e os tecidos macios e úmidos do interior estavam avermelhados — evidência para o Dr. Peretti de que algo havia sido forçado a entrar nele. Contusões e feridas abertas dentro de sua boca sugeriram a Peretti que Michael havia sido forçado a fazer sexo oral. Ele ainda estava vivo quando entrou na água, porque havia inalado água em seus pulmões. Ele havia se afogado.

O cadáver de Stevie Branch também apresentava ferimentos reveladores em seus genitais e ânus; Peretti acreditava que o pênis de Stevie, que tinha uma cor roxo-avermelhada até a metade, mostrava possíveis evidências de sexo oral. O lado esquerdo de seu rosto estava grotescamente perfurado e ensanguentado; seus dentes podiam ser vistos através de sua bochecha dilacerada. Sua cabeça, peito, braços, pernas e costas exibiam muitos entalhes irregulares que indicavam que ele estava se movendo quando foi esfaqueado. Ele também se afogou.

Chris Byers parecia ter sofrido o pior desse ataque hediondo.

Seu cadáver também trazia sinais para Peretti de que ele havia sido forçado a fazer sexo oral em um homem. Seu pênis havia sido esfolado; seu escroto e testículos haviam desaparecido. Cortes sangrentos ao redor de seu ânus indicavam que ele ainda estava vivo quando foram feitos.

Sua cabeça foi cortada e arranhada horivelmente. Um pedaço de pele havia sido perfurado e um olho estava machucado. A parte de trás do crânio havia sido rachada com uma arma pesada do tamanho de um cabo de vassoura. A parte interna das coxas estava esfolada com fatias diagonais, e Peretti sentiu que muitos dos cortes haviam sido infligidos com uma faca serrilhada.

Ao contrário de Stevie e Michael, Chris não se afogou. Ele sangrou até a morte antes de ser jogado na água.

Quando um repórter encontrou o pai aflito de Chris Byers alguns dias depois, ele expressou o horror de West Memphis.

“Não consigo entender por que três meninos inocentes que ainda acreditavam em Papai Noel e no Coelho da Páscoa tiveram que ter uma morte tão terrível”, disse Byers.

Enquanto a boa gente de West Memphis arrecadava dinheiro para enterrar os meninos e transformava suas carteiras em uma sala de aula da segunda série em memoriais improvisados, os policiais se agitavam. Um assassino de crianças sado-sexuais estava à solta, talvez ainda entre eles.

A teoria predominante: os meninos foram mortos em um ritual de adoração ao diabo.

No final dos anos 80 e início dos anos 90, as forças policiais de cidades pequenas tinham três grandes bichos-papões: uma epidemia de metanfetamina barata, gangues urbanas se mudando para o campo e adoração ao diabo. A metanfetamina era real, as gangues e demônios ocultos nem tanto. As molestações e sacrifícios satânicos eram contos de fadas. Mas naquela época, todo chefe de polícia de cidade pequena fazia de todos eles uma prioridade.

A mutilação, tortura, estupro e assassinato de três meninos não parecia obra de traficantes de drogas ou de gangues. Os policiais sentiram uma pontada de “pânico satânico”.

No dia seguinte à descoberta dos corpos dos meninos, um detetive compartilhou sua teoria de uma ligação satânica com o oficial de condicional juvenil do condado. *Sim, ele disse, havia um garoto local que estava envolvido no ocultismo e provavelmente era capaz de tal horror.*

Seu nome era Damien Echols.

Ele tinha dezoito anos, um abandono do ensino médio. Sua família era pobre e os policiais o conheciam por causa de algumas apreensões por vandalismo, furto em lojas e arrombamento. Ele era um garoto estranho, de cabelos compridos, que gostava de sua reputação como um aberração marginal e um buscador espiritual que escrevia poesia sombria e se descrevia como um wiccano. O boato disse que ele bebia sangue e participava de orgias de culto.

Entre 1991 e 1993 ele tentou suicídio algumas vezes, mas o enforcamento, uma overdose de drogas e um afogamento não funcionaram. Ele passou alguns meses em um hospital psiquiátrico com o que um médico chamou de “delírios grandiosos e persecutórios, alucinações auditivas e visuais, processos de pensamento desordenados, falta substancial de insight e mudanças de humor crônicas e incapacitantes”, mas ele estava fora agora.

Damien começou a usar apenas roupas pretas, incluindo um longo sobretudo que lhe dava um ar sinistro. Alguns diziam que ele ocasionalmente carregava um porrete ou um cajado, como um bruxo medieval. Ele às vezes lixava as unhas em pontas semelhantes a garras. Ele havia dito aos médicos do asilo que conversava com demônios, ponderava muito sobre suicídio e assassinato e roubava energia das pessoas lançando feitiços. Ele até alegou que o espírito de uma mulher assassinada morava com ele.

Seu nome verdadeiro nem mesmo era Damien, mas Michael; ele havia adotado o nome de padre Damien, um padre católico que cuidou de leprosos em 1800, mas as pessoas em West Memphis acreditavam que era realmente depois de Damien, o menino Anticristo nos filmes *Omen*, ou talvez até padre Damien Karras em *O Exorcista*.

Ele gostava de sua reputação como uma aberração. Ele a cultivou.

Um detetive entrevistou Damien pela primeira vez em seu quarto no trailer de sua mãe em um estacionamento de trailers em West Memphis, e mais tarde na estação. Ele tirou uma Polaroid de Damien Echols, notando uma tatuagem de pentagrama no peito de Damien e “MAL” escrito em seus dedos. Como um especialista local em ocultismo, o detetive perguntou a Damien, como ele achava que aqueles três meninos morreram?

Provavelmente mutilação, Damien respondeu. Uma emoção matadora só de ouvir os gritos, ele especulou. Ele alegou ter ouvido que “um cara” cortou os corpos, que eles estavam na água e provavelmente se afogaram. Ele disse ao detetive que um dos meninos provavelmente foi “cortado” mais do que os outros. O assassino era um cara local “doente”, disse ele, e dificilmente fugiria. Afinal, ele disse, “quanto mais jovem a vítima... mais poder a pessoa teria obtido com o sacrifício”.

Na época, toda a cidade estava cheia de rumores e meias verdades sobre os assassinatos, mas os policiais ainda não haviam revelado que Chris Byers havia sido mais mutilado do que seus amigos.

De repente, os policiais tiveram uma folga, mas ainda não tinham o suficiente para prender Damien Echols.

Durante um mês, os policiais procuraram mais provas contra Echols. No processo, eles se depararam com uma garçonete local que pensou que poderia ajudá-los ligando-os a outra adolescente, Jessie Misskelley Jr., uma conhecida levemente retardada de Damien que poderia saber alguma coisa.

A garçonete tornou-se uma informante disfarçada para os policiais de West Memphis. Ela convenceu Jessie a apresentá-la a Damien, que supostamente a levou para um campo fora da cidade para uma reunião de “bruxas”

conhecida como *esbat*, onde uma dúzia ou mais de pessoas nuas cantavam, pintavam seus rostos e se apalpavam no chão. Sombrio. Ela e Damien saíram cedo, mas Jessie ficou, ela disse.

Um mês após os assassinatos, a polícia de West Memphis visitou Jessie Misskelley, de dezessete anos. Eles disseram a Jessie que havia uma recompensa de US \$ 35.000 para quem ajudasse os policiais a prender os assassinos, e o garoto concordou em ser interrogado na delegacia, onde contou uma história chocante por várias horas.

Tudo começou no início de 5 de maio, ele afirmou, quando um amigo chamado Jason Baldwin, um amigo de dezesseis anos da escola, convidou Misskelley para conhecê-lo e Damien Echols na floresta de Robin Hood naquela manhã. Baldwin era um garoto magro que parecia muito mais jovem do que dezesseis anos. Ele era amigo de Damien, vestia preto e gostava de heavy metal, embora não fosse nem de perto o durão que Damien parecia ser. Ele não participou das coisas de magia negra. Ele ainda estava matriculado na escola, onde se saía melhor em artes do que em matemática, mas teve alguns desentendimentos com a lei, começando aos onze anos. Se Damien era o líder, Jason era seu admirador seguidor.

Por volta das nove da manhã, os adolescentes estavam brincando no riacho quando três crianças subiram em suas bicicletas, disse ele. Baldwin e Echols gritaram para as crianças e elas se aproximaram. (Mais tarde em sua declaração, Misskelley estimou que isso aconteceu por volta do meio-dia, admitindo que seus horários podem ser imprecisos. Ele explicou a presença dos meninos dizendo que eles haviam faltado à escola naquele dia.)

Assim que chegaram perto, Baldwin e Echols os atacaram em um ataque furioso. Misskelley disse aos policiais que viu pelo menos dois dos meninos serem estuprados e forçados a fazer sexo oral em Baldwin e Echols.

Em um momento, uma das crianças - Misskelley o identificou como Michael Moore - tentou escapar correndo para fora da floresta, mas Misskelley o perseguiu e o trouxe de volta.

Usando uma faca dobrável, Baldwin cortou os rostos dos meninos e cortou o pênis de uma criança, disse Misskelley. Echols então bateu em um deles com um grande bastão do tamanho de um taco de beisebol antes de serem forçados a se despir. Nus, feridos e com medo, os três estavam amarrados. Foi quando ele fugiu do local, disse ele.

“Eles começaram a ferrá-los e tal, cortá-los e tal”, disse Misskelley a seus interrogadores, “e eu vi e me virei e olhei, e então saí correndo. Fui para casa, então eles me ligaram e me perguntaram, como é que eu não fiquei, eu disse a eles, eu simplesmente não podia.”

O primeiro exame de polígrafo e a entrevista gravada de Misskelley duraram cerca de quatro horas, terminando às 15h18. Por volta das cinco da tarde, ele se sentou para uma segunda entrevista, e os fatos começaram a mudar.

Desta vez, ele disse que recebeu um telefonema de Baldwin na noite anterior aos assassinatos. Ele se lembrou de Baldwin dizendo que planejavam pegar alguns meninos e machucá-los.

Desta vez, Misskelley disse que ele, Echols e Baldwin tinham ido ao bosque de Robin Hood entre cinco e seis da tarde, mas, após a insistência do detetive, ele admitiu que talvez fossem sete ou oito da noite. PM

Desta vez, as três jovens vítimas chegaram perto do anoitecer, disse ele. (O pôr do sol oficial teria sido perto das oito da noite)

Desta vez, Misskelley entrou em detalhes mais excruciantes sobre a agressão sexual. Tanto o garoto Byers quanto o garoto Branch foram estuprados, disse ele, e pelo menos um deles foi segurado pela cabeça e pelas orelhas enquanto era violado.

Todos os meninos, disse Misskelley, foram amarrados com pedaços de uma corda marrom antes de fugir do local, mas ele acreditava que Chris Byers já estava morto quando ele saiu.

“Você disse que eles estavam com as mãos amarradas, amarradas”, disse um interrogador. “As mãos deles estavam amarradas de uma forma que eles não poderiam correr?”

“Eles poderiam correr”, respondeu Misskelley. “Eles apenas os amarraram, quando os derrubaram e outras coisas. Eles podiam segurar seus braços e outras coisas, e apenas segurá-los como, onde ele não conseguia se levantar e o outro levantou as pernas.”

Depois que ele chegou em casa, Misskelley disse que Baldwin ligou, dizendo: “Conseguimos!” e “O que vamos fazer se alguém nos viu?” Ele ouviu Echols tagarelando ao fundo.

Ele já esteve envolvido em um culto? perguntou um interrogador.

Sim, Misskelley admitiu. Nos últimos meses, ele tinha se encontrado com outras pessoas na floresta, onde eles tinham orgias sexuais e ritos de iniciação sangrentos que incluíam matar e comer cães vadios. Em uma dessas reuniões, disse ele, viu uma foto que Echols havia tirado dos três meninos. Echols os estava observando, disse ele.

O que Echols e Baldwin estavam vestindo naquele dia? um policial perguntou.

Baldwin usava jeans, botas pretas de amarrar e uma camiseta do Metallica com uma caveira, lembrou Misskelley. Como era seu hábito, Echols usava

calça preta, camiseta preta e botas.

A história de Misskelley era uma bagunça confusa. Os tempos e os eventos se duplicaram, e as inconsistências gritantes abundavam. Por um lado, Jason Baldwin esteve na escola o dia todo. O crime aconteceu às nove da manhã ou ao meio-dia, ou mais perto das oito da noite? Baldwin ligou naquela manhã ou na noite anterior? Por que ele tinha certeza de que os meninos tinham faltado à escola quando claramente não tinham?

Mas algumas das estranhas confissões de Misskelley foram na verdade apoiadas por evidências.

Os meninos tinham ido de bicicleta para o bosque de Robin Hood. Eles haviam sido severamente espancados. Dois deles tiveram ferimentos consistentes com espancamento por um objeto pesado como um taco de beisebol ou galho de árvore. Um tinha cortes faciais. Os genitais de Chris Byers foram grotescamente mutilados. Todos tinham ferimentos que o médico legista considerou consistentes com estupro forçado e sexo oral. Michael e Stevie estavam vivos quando entraram na água, mas não Chris, consistente com a observação de Misskelley de que Chris já estava morto quando Misskelley fugiu da floresta. E os meninos estavam de fato amarrados, embora com cadarços, não com uma corda marrom.

E uma testemunha mais tarde disse aos detetives que ele viu Damien Echols perto da cena do crime naquela mesma noite, vestindo calças pretas e uma camisa preta – ambos enlameados.

Mas durante sua entrevista, Misskelley fez um teste de detector de mentiras e disse que havia falhado. Mais tarde, alguns discutiram se ele havia falhado no polígrafo. Alguns acreditam que o suposto “fracasso” confundiu Misskelley, que ficou frustrada e tentou agradar ainda mais os policiais contando uma história maluca; outros dizem que isso apenas o levou a dizer a verdade.

De qualquer forma, o foco agora estava inteiramente em três párias sociais chamados Damien Echols, Jason Baldwin e Jessie Misskelley. Todos os três foram presos e acusados de três acusações de assassinato em primeiro grau. A polícia tinha algumas outras pistas sobre possíveis assassinos, mas estava convencida de que tinha os caras certos.

Nas próximas semanas e meses, os investigadores coletaram evidências que acreditavam estar relacionadas aos assassinatos. Na casa de Jason Baldwin encontraram uma túnica vermelha que pertencia a sua mãe, quinze camisetas pretas e uma camiseta branca. Na casa de Damien Echols eles encontraram dois cadernos que para eles pareciam ter escrita satânica ou oculta, e mais roupas. Mergulhadores vasculhando o fundo lodoso de um

lago atrás da casa de Baldwin encontraram uma faca com uma ponta serrilhada.

A polícia apreendeu um pingente do pescoço de Damien porque parecia ter manchas de sangue. Mais tarde, eles descobriram que Damien e Jason usavam o colar ocasionalmente.

E os detetives também encontraram várias testemunhas que alegaram que Echols, Baldwin e Misskelley haviam confessado de alguma forma os assassinatos.

Um técnico de laboratório criminal declarou que as fibras nas roupas das vítimas eram semelhantes a quatro fibras encontradas nas casas de Jason e Damien. Uma fibra de poliéster verde no boné de escoteiro de Michael era semelhante em estrutura às fibras encontradas na casa de Damien. E uma fibra vermelha do manto da mãe de Baldwin era microscopicamente semelhante às fibras coletadas da camisa de Michael Moore. Não inequivocamente o mesmo, mas semelhante.

A faca não podia ser incluída ou excluída positivamente, embora sua borda serrilhada lembrasse a conclusão do médico legista Dr. Peretti de que uma faca com lâmina serrilhada havia sido usada nos assassinatos.

Muito pouco material de teste útil veio do colar. Os técnicos só podiam dizer que as manchas de sangue eram de dois tipos diferentes de sangue, um combinando com Damien Echols e outro com Jason Baldwin, a vítima Stevie Branch e 11% de todos os humanos.

Os três adolescentes acusados se declararam inocentes e foram nomeados dois advogados cada. Todos seriam julgados como adultos, e a confissão de Misskelley — embora seu advogado argumentasse que havia sido coagida — seria permitida. Mas por causa das confissões de Misskelley, que ele supostamente se retratou em poucos dias, ele seria julgado separadamente de Echols e Baldwin para que pudesse testemunhar contra eles (embora ele tenha se recusado a fazê-lo).

Menos de dez meses depois que os corpos nus e quebrados daqueles três meninos foram retirados de um riacho sujo em West Memphis, seus acusados de assassinato iriam a julgamento. Se condenados, todos enfrentariam a pena de morte.

O caso era puramente circunstancial, mas dois júris teriam dificuldade em ignorar a confissão gráfica de um dos assassinos acusados, por mais confusa e inconsistente que fosse.

* * *

Em 18 de janeiro de 1994, a seleção do júri no julgamento de Jessie Misskelley começou na pequena aldeia agrícola de Corning, Arkansas. Um

júri de sete mulheres e cinco homens foi formado em um dia, e o promotor abriu com um aviso: eles veriam erros e inconsistências selvagens na confissão de Misskelley - a pedra angular do caso do estado -, mas todos poderiam ser atribuídos a um frenético esforço para minimizar seu próprio papel nos assassinatos.

Mas a defesa rapidamente respondeu que Misskelley era um homem retardado que foi vítima da pressão pública sobre os policiais para resolver o assassinato mais hediondo do nordeste do Arkansas em décadas. Detetives se fixaram em Damien Echols desde o início e nunca consideraram verdadeiramente outros suspeitos ou cenários, então assustaram uma criança com um QI lamentavelmente baixo para confessar. As mães dos meninos mortos lideraram o desfile sombrio de testemunhas. Eles contaram ao júri e ao mundo sobre seus últimos momentos com seus filhos. Em seguida, veio o testemunho explícito de pesquisadores e policiais sobre a caça aos meninos desaparecidos e a descoberta de seus cadáveres, enquanto os jurados olhavam para suas bicicletas, apoiadas contra uma parede do tribunal.

A parte mais difícil de tais julgamentos é sempre quando a cena do crime e as fotos da autópsia são apresentadas como evidência. Nesse caso, os promotores mostraram mais de trinta imagens desses meninos mortos – amarrados, sem sangue, cortados, congelados em poses distorcidas. Então veio o legista com mais fotos horríveis de sua mesa de autópsia, close-ups de pequenos cadáveres brancos em lençóis ensanguentados, cortes necróticos, partes desfiguradas que ninguém queria ver. Os jurados empalideceram.

Então o júri ouviu em silêncio enquanto os promotores passavam trinta e quatro minutos da confissão gravada de Misskelley. Eles ouviram Jessie, em suas próprias palavras, contar como os meninos morreram.

O caso do estado terminou com disputas sobre as evidências de fibra, e alguns falam sobre satanismo e assassinatos de cultos. A defesa, como tinha feito a cada passo, revidou.

A equipe de Misskelley montou uma defesa de dúvida razoável.

Na lista das testemunhas de defesa estava um conhecido detetive e examinador de polígrafo que acreditava que Misskelley estava realmente dizendo a verdade quando a polícia de West Memphis o testou com um detector de mentiras - mas quando soube que havia falhado, ele desistiu e fez uma falsa confissão. O mesmo detetive criticou os investigadores por não levarem Misskelley à cena do crime.

Mas os jurados nunca ouviram a maior parte desse testemunho. Foi considerado inadmissível pelo juiz.

Um psicólogo social testemunhou que Misskelley provavelmente havia dado à polícia uma declaração falsa quando ele “não podia mais suportar a tensão do interrogatório”, mas ele não teve permissão para expressar sua opinião de que os investigadores de West Memphis subjugaram o testemunho de Misskelley e coagiram uma confissão que foi falso.

No final, Misskelley não se defendeu porque seus advogados temiam que o pobre garoto fosse massacrado pelos promotores.

“Se este réu não perseguisse Michael Moore, ele teria ido para casa e estaria com seus pais”, disse a promotoria em seu argumento final. “Jessie Misskelley Jr. não deixou Michael Moore escapar. Ele o perseguiu como um animal.”

“A morte de um ser humano por outro só é superada pelo Estado matar um homem inocente”, disse a defesa no encerramento.

Depois de mais de uma semana de fotos horríveis, testemunhos gráficos e disputas legais, o júri condenou Jessie Miskelley por uma acusação de assassinato em primeiro grau e duas acusações de assassinato em segundo grau. Perguntado se ele tinha algo a dizer, Misskelley disse: “Não”. Ele foi rapidamente condenado à prisão perpétua sem liberdade condicional mais quarenta anos de prisão e levado embora.

Alguns dias depois, os jurados disseram a um repórter que a imagem vívida de um menino de oito anos assustado correndo por sua vida, mas sendo arrastado para a morte pelo adolescente na frente deles pesou muito em seu veredicto.

* * *

Duas semanas depois, Damien Echols e Jason Baldwin enfrentaram seu próprio júri em Jonesboro.

Misskelley recusou-se a testemunhar contra eles, deixando os promotores com o mesmo caso circunstancial em que nenhuma evidência unia absolutamente os três adolescentes ao crime. Mas em Echols, eles também tinham um réu antipático que deixaria os jurados vagamente desconfortáveis e que já havia feito declarações aos investigadores como “Todo mundo tem forças demoníacas dentro” e que o número três era “um número sagrado na religião Wicca” – quando também era o número de meninos de oito anos que ele foi acusado de assassinar. Outras vezes, ele ameaçou comer seu pai, cortar a garganta de sua própria mãe e matar os pais de sua ex-namorada. Tudo sobre Damien Echols gritava semente ruim.

Nos argumentos iniciais, a promotoria prometeu provar a culpa de Echols e Baldwin forense e por suas próprias declarações; a defesa alegou que o estado havia distorcido os fatos para se encaixar em seu próprio quebra-cabeça surreal. *Não, eles admitiram, Damien Echols não é um garoto americano, na verdade, ele é meio estranho, mas nenhuma evidência física sugere que ele matou aqueles garotos.*

Mais uma vez, as primeiras testemunhas do estado foram as mães das três vítimas. Um detetive da polícia relatou o interrogatório de Echols, no qual ele fez comentários estranhos sobre misticismo e demônios. Uma ex-namorada contou como Echols muitas vezes carregava facas em seu sobretudo. Um especialista em culto falou sobre as “armadilhas do ocultismo” que marcaram o crime, desde o derramamento de sangue da “força vital” até a lua cheia na noite dos assassinatos até a potente “energia vital” que pode ser roubada de jovens vítimas.

O médico legista Dr. Peretti testemunhou que a faca encontrada no lago atrás da casa de Echols era consistente com as feridas que ele viu no cadáver de Chris Byers, embora ele tenha admitido no interrogatório que outras facas também podem ter feito as mesmas marcas. Ele também disse que o pênis de Chris foi esfolado e seu escroto cortado enquanto ele ainda estava vivo; tanto Stevie quanto Michael foram espancados por um objeto pesado; e que os pulmões de Michael estavam cheios de água, indicando que “quando ele estava na água, ele estava respirando”. Mas no interrogatório, ele admitiu que a evidência forense não correspondia completamente ao relato de Misskelley, ou seja, que ele não encontrou nenhuma evidência concreta de que qualquer um dos meninos foi estrangulado, estuprado ou amarrado com uma corda marrom.

Algumas testemunhas de acusação testemunharam que Echols ou Baldwin confessaram em particular. Um deles, o colega de cela adolescente de Baldwin, afirmou que Baldwin admitiu ter “desmembrado” os meninos e que havia “sugado o sangue do pênis e do escroto e colocado as bolas na boca”. Fato surpreendente ou ficção interesseira? Um júri teria que decidir. No final, a única evidência física que o estado ofereceu para amarrar Echols ou Baldwin à cena do crime foi literalmente escassa: um traço de cera azul encontrado em uma das camisas dos meninos e uma fibra de poliéster no boné de escoteiro de Michael que foram “microscopicamente semelhantes” aos itens encontrados na casa de Echols.

A defesa começou forte. Depois que a mãe de Damien testemunhou que ele estava em casa com ela na noite do assassinato, e que ele estava falando com duas amigas ao telefone, o adolescente acusado prestou depoimento

por algumas horas e respondeu friamente a dezenas de perguntas de ambos os lados.

O que te interessa? seu advogado perguntou.

Andar de skate, livros, filmes, falar ao telefone, respondeu Echols.

Quem são seus autores favoritos?

“Eu vou ler sobre qualquer coisa, mas meus favoritos são Stephen King e Dean Koontz e Anne Rice.”

O que é um Wicca?

“É basicamente um envolvimento próximo com a natureza”, explicou. “Eu não sou um satanista. Eu não acredito em sacrifícios humanos ou qualquer coisa assim.”

Você é um maníaco depressivo?

"Sim, eu sou.

O que acontece quando você não toma sua medicação?

"Eu choro."

Por que você mantém um crânio de cachorro em seu quarto?

“Só achei legal.”

Por que você tatuou “EVIL” nos dedos?

“Eu meio que achei legal, então fiz isso.”

Por que você sempre usa preto?

“Disseram-me que fico bem de preto. E eu sou muito autoconsciente, uh, sobre a maneira como me visto.

Você conhecia aqueles garotinhos?

“Eu nunca tinha ouvido falar deles antes até ver no noticiário.”

Você já esteve na floresta de Robin Hood?

"Não, eu não tenho."

Como você se sente sendo acusado de matá-los?

“Às vezes com raiva. Às vezes triste. Às vezes com medo.”

Foi um esforço valente para reabilitar um assassino acusado que parecia um pouco ameaçador, tinha problemas mentais e deliberadamente tentou chocar seus vizinhos do Cinturão Bíblico. Mas o comportamento de Echols no tribunal não ajudou: ele às vezes mandava beijos para as famílias das vítimas e lambia os lábios lascivamente na mesa da defesa. Ele ocasionalmente olhava para a galeria, rosnava para os fotógrafos ou se enfeitava em um pequeno espelho. Enquanto seus advogados tentavam retratá-lo como uma criança passando por um estágio estranho, ele enviou fortes sinais de que ele era um manipulador e um narcisista assustador que adorava fazer as pessoas se arrepiarem. E ele se deleitava com toda a atenção.

A defesa encerrou seu caso com um quadro de mais testemunhas que refutaram algumas alegações anteriores sobre ocultismo, sugeriram outros cenários e outros possíveis assassinos (incluindo o pai de Chris Byers e um homem misterioso e manchado de sangue que tropeçou em um restaurante de West Memphis naquela noite) , e pintou a investigação policial como inepta, exagerada e desesperada. Jason Baldwin nunca se apresentou.

Para encerrar, os promotores convidaram os jurados a investigar Damien, onde eles veriam que “não há uma alma lá”. Os advogados de defesa de Echols e Baldwin imploraram para que eles tivessem dúvidas.

O júri de oito mulheres e quatro homens deliberou por onze horas: ambos eram culpados em todos os três assassinatos.

Jason Baldwin foi condenado à prisão perpétua sem liberdade condicional.

Damien Echols foi enviado para o corredor da morte.

* * *

Em 1996, a Suprema Corte do Arkansas manteve as três condenações, convencida de que a justiça havia sido feita. Echols, Misskelley e Baldwin — agora conhecidos como West Memphis Three — estavam submersos na prisão, fora de vista, a última casa que eles conheceriam.

Mas nem todos ficaram tão satisfeitos.

Nesse mesmo ano, a HBO exibiu um documentário chamado *Paradise Lost: The Child Murders at Robin Hood Hills* . Ele fez um caso vívido de que os três adolescentes excêntricos foram condenados erroneamente por um trabalho policial de má qualidade em uma pequena cidade tomada pelo “pânico satânico”, em julgamentos ridículos por jurados do interior. O filme convenceu muitas pessoas, especialmente algumas celebridades vocais. Logo um site foi lançado, depois sequências e mais vozes de celebridades. Alguns apontaram para um possível assassino diferente.

Então, um livro de 2003, *Devils Knot: The True Story of the West Memphis Three*, de Mara Leveritt, também argumentou que os julgamentos de 1994 foram gravemente falhos. (Mais tarde, um documentário de 2012 financiado pelo diretor vencedor do Oscar Peter Jackson e dirigido por Amy Berg, *West of Memphis*, acrescentou novo combustível ao fogo que há muito ardia.)

As coisas pioraram para as autoridades quando, em 2003, a garçonete que alegou ter participado de um *esbat* com Misskelley e Echols admitiu que mentiu.

O que começou como uma exploração cinematográfica independente de um caso de assassinato sensacional floresceu em um movimento completo para libertar os três de West Memphis. Celebridades como o ator Johnny Depp,

Eddie Vedder do Pearl Jam, o filósofo pop Henry Rollins e Natalie Maines do Dixie Chicks, entre outros, emprestaram suas vozes, dinheiro e apoio moral. Advogados de defesa de alto valor e especialistas legais em abundância também compareceram à festa.

Com o tempo, até o pai de Chris Byers e a mãe de Stevie Branch estavam convencidos de que West Memphis Three havia sido acusado injustamente. Então, em 2007, uma revelação bombástica: testes preliminares indicaram que o DNA encontrado na cena do crime não correspondia a Echols, Baldwin ou Misskelley – mas um cabelo encontrado em um nó que prendia um dos meninos foi declarado “não inconsistente com” cabelo de Terry Hobbs, padrasto de Stevie Branch.

Um cabelo encontrado emaranhado em um nó feito pelo assassino que não pertencia a um dos adolescentes. No mínimo, aquele único cabelo representava um enorme obstáculo para a acusação.

Enquanto os advogados de Damien Echols aguardavam os resultados finais, eles entraram em contato comigo. Eles queriam que eu examinasse os ferimentos dos meninos e a autópsia do Dr. Peretti para quaisquer detalhes que os patologistas forenses, policiais, advogados e juízes pudessem ter perdido. Eu concordei.

Eu conhecia o caso. Como eu disse antes, a comunidade forense é pequena e a mídia é difundida. Eu havia me aposentado recentemente depois de 25 anos como legista do condado de Bexar e agora estava prestando consultoria em uma variedade de casos forenses que precisavam de uma “segunda olhada”. Eu sabia o que muitas pessoas sabiam sobre esse crime horrível em particular, e tive algumas conversas casuais com outros médicos legistas sobre isso. Eu conhecia bem o Dr. Peretti e achava que ele era um bom patologista. Em um dos casos mais examinados da história moderna, duvidei que encontraria algo novo, muito menos evidências que mudariam tudo.

Em poucos dias, um pacote chegou à minha casa. Continha centenas de páginas de relatórios de autópsias, testemunhos, conclusões de outros especialistas e opiniões legais. Mais importante, continha um fichário e um disco compacto com quase duas mil fotos de alta resolução e coloridas da cena do crime e da autópsia.

Muito rapidamente, assim como no caso de Wyoming, vi um problema.

A horrível mutilação genital em Chris Byers não foi de fato feita por um humano. Foi causado por animais roendo os tecidos moles depois que ele morreu. Contusões e cortes na boca dos meninos – interpretados pela primeira vez como evidência de sexo oral forçado – também foram

causados por animais. Aquelas estranhas perfurações na pele que pareciam tortura infligida por faca? Animais mordiscando e mastigando. A enorme mancha de sangue no lado esquerdo do rosto de Stevie Branch? Também danos aos animais.

Da mesma forma, os ferimentos de faca e arranhões que o Dr. Peretti viu nos corpos não foram infligidos por uma lâmina, mas eram marcas de dentes e garras de animais que se alimentavam.

Que animais? Tartarugas, gambás, gatos selvagens, raposas, guaxinins, esquilos, cães vadios e o ocasional coioote habitavam os bosques de Robin Hood. Qualquer um ou todos esses predadores poderiam ter sido atraídos pelo cheiro de sangue fresco, encontrado os corpos muito rapidamente e mordiscado as partes mais macias, que eram mais facilmente mastigadas. Para mim, pareciam mordidas de tartaruga.

Os criadores do documentário de 2012, *West of Memphis*, testaram a teoria. Eles soltaram várias tartarugas, como as encontradas na área de West Memphis, perto de uma carcaça de porco. As feridas que infligiram em muito pouco tempo pareciam quase idênticas às feridas que vi nas fotos da autópsia, feridas que investigadores e promotores atribuíram a uma faca de lâmina serrilhada e rituais ocultos.

É uma realidade desagradável: no momento da morte, um corpo humano se torna comida. Bactérias, insetos e animais começam a reciclar músculos mortos, gordura, fluidos e outros tecidos em sua própria nutrição de sustentação da vida. Eles não permitem um intervalo adequado para tristeza, meditação ou resfriamento. As bactérias já estão lá dentro, principalmente nos intestinos, e não morrem quando o hospedeiro morre; insetos e animais selvagens podem demorar um pouco mais para encontrar um cadáver deixado ao ar livre, mas geralmente não mais do que alguns minutos.

Mas havia mais para sugerir que as provas que os jurados ouviram não eram o que pareciam.

Os ânus dilatados dos meninos foram interpretados pelo médico legista original como possível evidência de sodomia forçada, seja por um pênis ou outro objeto. Na verdade, um ânus dilatado é um artefato postmortem normal. Após a morte, a tensão muscular normal do corpo relaxa. Os músculos do esfíncter também se soltam e, se submersos na água por um tempo, podem parecer disformes e esticados. Não vi nenhuma evidência de qualquer trauma anal, e não acredito que nenhum dos meninos tenha sido sodomizado.

E o pênis meio descolorido de Stevie Branch, que foi interpretado como evidência de sexo oral forçado, foi simplesmente causado pelo posicionamento de seu corpo após a morte, não por um trauma sexual.

Esses garotos foram obviamente assassinados, mas as evidências não se somavam necessariamente à maneira como policiais e promotores disseram. Na época, eu não sabia que um único fio de cabelo encontrado em um dos nós de cadarço combinava com o DNA do padrasto de Stevie Branch, Terry Hobbs (mais cerca de 1,5% de todos os humanos). Isso gerou uma pergunta intrigante: como um cabelo desses poderia estar emaranhado *dentro* de um nó que amarrava um garotinho momentos antes de ser assassinado se seu assassino não tivesse dado o nó?

Hobbs, que tinha um histórico de violência doméstica, negou firmemente todas as implicações e acusações – e houve muitas – de que ele matou os meninos. Ele afirma que Stevie poderia ter transportado o cabelo em sua roupa e foi pego no ataque violento. Nenhuma acusação foi feita contra ele, embora o debate furioso entre os partidários de West Memphis Three até hoje.

John Douglas, o famoso ex-profissional de perfil do FBI, examinou as evidências e também entrevistou testemunhas. Ele concluiu que os três meninos morreram em um “assassinato por causa pessoal”, motivado por conflitos emocionais, não por ganho pessoal ou sexo. Ele acha que pelo menos uma das vítimas conhecia seu agressor - um assassino solitário que provavelmente conhecia os meninos e tinha um passado violento.

Talvez mais importante para os três de West Memphis, Douglas não viu nada que sugerisse que foi um assassinato ritualístico, a principal teoria da promotoria.

Douglas também viu evidências de que os assassinatos não foram planejados e o assassino perdeu o controle.

“Houve outra razão criminal racional e lógica pela qual o infrator escondeu as vítimas, suas roupas e bicicletas na vala de drenagem e no pântano”, disse Douglas. “O infrator não queria que as vítimas fossem encontradas imediatamente; ele precisava de tempo para estabelecer um álibi para si mesmo.”

Então, em 2007, munido de novas evidências e observações minhas e de meus amigos forenses, como os eminentes Drs. Werner Spitz e Michael Baden, advogados do West Memphis Three, pediram um novo julgamento, mas foram negados pelo tribunal estadual. Eles apelaram.

Em novembro de 2010, em meio a uma dúvida crescente de que os três de West Memphis eram culpados de assassinato, a Suprema Corte do Arkansas

estava convencida de que as evidências, novas e antigas, deveriam ser revisadas. Ordenou nova audiência de instrução.

Agora, em meio a um clamor crescente de que os Três de West Memphis eram inocentes, o Estado do Arkansas estava em apuros legais, financeiros e de relações públicas. Novos ensaios seriam caros e potencialmente embaraçosos. Os promotores também podem perder um novo julgamento, dado o clamor público generalizado. A restituição para três crianças condenadas injustamente pode chegar a dezenas de milhões de dólares que o estado não pode pagar.

Ironicamente, o estado se esquivou dessa bala quando um dos advogados de Damien Echols ofereceu um compromisso em que todos saem ganhando: *E se Echols, Misskelley e Baldwin não contestassem sob a chamada alegação de Alford, fossem declarados culpados por um juiz e depois fossem liberado com tempo de serviço?* Os três ficariam livres e o Estado manteria suas convicções com pouca despesa, constrangimento ou restituição.

A alegação de Alford, uma rara manobra legal, existe desde 1970. Ela permite que o réu admita que os promotores provavelmente poderiam condená-lo, mas ele não precisa admitir o crime. Sob uma alegação de Alford, um juiz geralmente declara o réu culpado, mas o réu mantém sua inocência no caso de surgirem outras acusações ou ações judiciais relacionadas.

Se o negócio soava como um acéfalo, não era. Jason Baldwin, que recebeu uma sentença reduzida para se declarar culpado e testemunhar contra Echols em 1983, quando tinha apenas dezesseis anos, não queria se declarar culpado de um crime que não cometeu. Seu ex-colega de cela havia se desculpado publicamente por sua alegação gráfica sobre uma confissão, lançando ainda mais dúvidas sobre se isso havia acontecido. E Baldwin tinha ficado estranhamente confortável na prisão. Em vez disso, ele queria um novo julgamento para provar sua inocência. Mas se ele não aceitasse a oferta de não-concurso, o acordo estava cancelado e seu velho amigo Echols enfrentava uma execução iminente.

Em 11 de agosto de 2011, depois de dezoito anos e setenta e oito dias de prisão, Damien Echols, Jessie Misskelley e Jason Baldwin não contestaram a morte de três meninos em 1983. Um juiz aceitou seus apelos, deu-lhes dez anos de pena suspensa, e os libertou com o tempo já cumprido.

O assassino condenado Jason Baldwin capturou a confusão legal de forma sucinta: “Quando dissemos aos promotores que éramos inocentes, eles nos colocaram na prisão perpétua. Agora, quando nos declaramos culpados, eles nos libertam.”

Naquele dia, três jovens ex-presidiários saíram do tribunal duas vezes mais velhos do que quando entraram. Eles não foram exonerados. Os meninos não foram magicamente ressuscitados. O caso não foi resolvido. Nenhum erro foi admitido.

Mas o West Memphis Three estava livre.

* * *

Vinte anos após o crime, um memorial fica no pátio da escola primária dos meninos em West Memphis. A última vez que soube, duas de suas casas foram abandonadas e fechadas com tábuas. Os bosques de Robin Hood foram desmatados e a terra demolida, como se para apagar uma mancha invisível. Agora é apenas um campo vazio ao lado de uma superestrada.

Esses três melhores amigos que morreram juntos agora estão em três túmulos diferentes em três estados diferentes. Chris está enterrado em Memphis; Michael está em Marion, Arkansas; e Stevie em Steele, Missouri. Os assassinos condenados, agora livres, retomaram suas vidas. Echols se casou na prisão, escreveu um livro de memórias após sua libertação do corredor da morte e agora vive com sua esposa em Nova York, onde ensina leitura de tarô. Baldwin foi para Seattle, onde trabalha na construção e espera um dia estudar direito. Misskelley voltou para West Memphis, ficou noiva e está frequentando uma faculdade comunitária.

Tentar se arrastar pelo resto do caso West Memphis Three é como entrar na vala imunda da floresta de Robin Hood. É obscuro e impossível ganhar uma posição segura. A coleta de fatos torna-se especialmente traiçoeira por desinformação e desinformação, retratações, conjecturas, mau jornalismo, trollagem na Internet, “novas evidências” apresentadas por partidários, investigação de poltrona de mil porões de mãos e o ruído habitual da Internet. Cada conta é fatiada e cortada em cubos, analisada até o esquecimento por fãs e inimigos zelosos que buscam apenas as peças que se encaixam em um quebra-cabeça que já resolveram. Este caso é agora um exemplo de tudo o que é certo e errado em nosso sistema de crime e punição. A confusão reina.

Não sei quem matou Chris Byers, Michael Moore e Stevie Branch. Poderia muito bem ter sido Damien Echols, Jason Baldwin e Jessie Misskelley. Pode ter sido outra pessoa cujo nome conhecemos, ou alguém cujo nome nunca ouvimos. Pode ter sido Terry Hobbs. Eles certamente foram mortos por alguém, e seus assassinos eram sádicos, selvagens e psicopatas. E talvez os assassinos ainda estejam entre nós. Eu simplesmente não sei, e nenhuma evidência existente fornece uma arma fumegante contra ninguém.

O Estado do Arkansas, no entanto, não tem dúvidas. Promotores e policiais estão certos de que pegaram os assassinos certos. O caso está encerrado. Sem uma peça de evidência irrefutável e/ou uma confissão inquestionável – improvável depois de vinte anos em um dos assassinatos mais escrutinados da América – nunca será reconsiderada.

Aqui está o que posso dizer sem dúvida: Depois de examinar mais de 25.000 mortes em minha carreira e ler sobre muitas outras, não ouvi falar, muito menos vi, um único assassinato ritual por um culto satânico. Eles existem apenas nos filmes, na Internet e em sonhos paranóicos.

“Além da dúvida razoável” é o maior ônus da prova na lei americana. Isso não significa necessariamente que não exista dúvida, mas significa que uma pessoa razoável deve examinar todas as evidências e ver poucas chances de que o réu seja inocente.

Tudo o que sei é que nessas fotos sombrias, vi uma dúvida razoável. Não é que eu acredite, como alguns acreditam apaixonadamente, que Echols, Baldwin e Misskelley *não* mataram aquelas crianças. São bons suspeitos. Mas quando olho atentamente para as evidências com quase quarenta anos de experiência forense, acredito que a polícia e os promotores não provaram isso além de uma dúvida razoável.

Em questões de morte e vida, esse é nosso único padrão moral.

A curiosa morte de Vincent van Gogh

A morte faz parte da nossa tradição.

É o reino de criadores de mitos e poetas tanto quanto coveiros e médicos legistas. Nós, humanos, investimos a morte de um certo romance, um significado que às vezes transcende sua sombria realidade. A vida dá sentido à morte, ou vice-versa? Temos as duas coisas desde que começamos a contar histórias, sejam Aquiles, Cleópatra, Jesus Cristo, os espartanos nas Termópilas, o czar Nicolau II, John F. Kennedy... ou Trayvon Martin.

Para mim, a morte é mais mundana. Hoje em dia, quantas pessoas realmente morrem com estilo, com significado, com propósito? A maioria de nós morre sozinho em uma cama de hospital em um emaranhado de soros e lençóis sujos. Podemos desejar que nossas mortes sejam profundas, mas elas normalmente não são. Por mil razões egoístas, os vivos atribuem importância à morte que fala mais aos nossos próprios medos do que à realidade.

Torna-se nossa mitologia.

E assim é com o gênio problemático Vincent van Gogh.

* * *

O último domingo de julho de 1890 amanheceu quente em Auvers.

Durante semanas, o estranho holandês com uma orelha destrocada e roupas surradas manteve sua rotina habitual de pintar nos jardins e campos ao redor da pacata vila francesa, bebendo sozinho no café, esquivando-se dos adolescentes que provocavam o *fou* – louco — vagabundo na rua. Eles o julgaram louco por causa de sua aparência esfarrapada e sua falta de jeito social, pois não podiam saber nada de seus demônios, seus feitiços ou seu ano no asilo.

Esta manhã sufocante não começou diferente de qualquer outra. Durante toda a manhã, ele pintou loucamente nos campos, depois voltou para sua habitual refeição do meio-dia na estalagem barata onde morava em um quarto sufocante no andar de cima, o número 5, e era conhecido apenas como Monsieur Vincent. Ele comeu mais rápido do que o habitual, mal dizendo uma palavra. Em seguida, juntou seu cavalete, pincéis, mochila e uma tela desajeitadamente grande para se aventurar de volta, como fazia todos os dias, faça chuva ou faça sol, para pintar até o pôr do sol.

Já estava escurecendo quando a família do estalajadeiro, jantando na varanda, avistou o holandês cambaleando pela rua, segurando a barriga. Ele não carregava nada e sua jaqueta estava bem abotoada, embora a noite

estivesse abafada. Sem uma palavra, ele tropeçou por eles e subiu as escadas para seu quarto.

Quando o estalajadeiro ouviu gemidos, ele foi para o quartinho escuro onde seu pensionista estava curvado em sua cama, obviamente com dor. O estalajadeiro perguntou o que havia de errado.

Dolorido, Monsieur Vincent rolou e levantou a blusa para expor um pequeno buraco na lateral do corpo. Escorreu um pouco de sangue.

“Je me suis blessé”, disse ele. “Eu me machuco.”

* * *

A vida febril e a morte curiosa de Vincent van Gogh tornaram-se uma espécie de mito, em parte verdadeiro e em parte o que desejamos que seja verdade. Suas decepções, seu gênio, seus demônios e até mesmo seu nascimento foram inflados em proporções metafóricas. Legend colore sua biografia tão vividamente quanto qualquer tinta que ele já aplicou na tela.

Vincent nasceu na Holanda em 30 de março de 1853, o filho mais velho de um austero ministro reformado holandês e filha de um livreiro – exatamente um ano depois que sua mãe deu à luz um natimorto a quem ela também chamou de Vincent. Ter um irmão morto com o mesmo nome e mesma data de nascimento não parecia prejudicar Vincent da maneira que os psicólogos de poltrona posteriores especulariam, mas, no entanto, fornece um início sinistro para uma vida trágica.

Na verdade, o nascimento de Vincent pode ter sido fisicamente difícil, danificando sua cabeça e cérebro de maneiras fatídicas.

Quando criança, o ruivo Vincent era brilhante e sempre em movimento, mas também mal-humorado, indisciplinado e muitas vezes enjoativo. Ele lia obsessivamente e aprendeu a desenhar quando muito jovem. Ainda assim, os visitantes o descreveram como “um menino estranho” que ficava inquieto com as pessoas e incomumente ansioso.

A educação precoce, tanto tradicional quanto em casa, falhou com o rebelde e desafiador Vincent. Aos onze anos, seus pais o mandaram para um internato, onde ele sentiu muita saudade e solidão. Dois anos depois, eles o mudaram para uma nova escola, ainda mais longe de casa, e o desanimado Vincent ficou mais ressentido. Aos quatorze anos, já uma decepção para seu pai, ele literalmente se afastou da escola e nunca mais voltou.

Depois de mais de um ano no santuário e na solidão da casa de seus pais, Vincent se tornou um aprendiz de vendedor de arte aos dezesseis anos. Como faria ao longo de sua vida, lançou-se ao trabalho, lendo todos os livros de arte que encontrava e estudando os grandes artistas holandeses. Mas um novo tipo de arte começou a pingar na loja onde ele trabalhava,

trabalhos vagamente detalhados, imaginativos e impressionistas que agradavam uma clientela pequena, mas apaixonada.

Ele teve um sucesso modesto na venda de arte e foi destacado para galerias em Londres e Paris nos sete anos seguintes. Durante este tempo, seu irmão mais novo Theo também se tornou um negociante de arte, e Vincent experimentou sua primeira grande decepção no amor.

Em 1876, quando Vincent tinha apenas 23 anos, ele deixou o emprego. Ele voltou para a Inglaterra, onde mergulhou nas galerias e museus de Londres e se apaixonou pelos escritos de George Eliot e Charles Dickens. Ele se tornou professor em uma escola da igreja e mergulhou novamente nos estudos bíblicos, o que o inspirou a se tornar um clérigo como seu pai.

No início, ele apenas conduzia reuniões de oração simples, mas ficou obcecado em pregar do púlpito. Assim, em outubro de 1876, Vincent fez seu primeiro sermão de domingo, no qual citou o Salmo 119:19: “Sou um estrangeiro na terra...”

Ele também insinuou a relação entre Deus e as cores vibrantes que giravam em sua mente:

Certa vez, vi uma foto muito bonita: era uma paisagem ao entardecer. Ao longe, do lado direito, uma fileira de colinas parecia azul na neblina da tarde. Acima daquelas colinas o esplendor do pôr-do-sol, as nuvens cinzentas com seus forros de prata, ouro e púrpura. A paisagem é uma planície ou charneca coberta de grama e suas folhas amarelas, pois era outono. Através da paisagem uma estrada leva a uma alta montanha muito, muito distante, no topo dessa montanha é uma cidade onde o sol poente lança uma glória. Na estrada caminha um peregrino, cajado na mão. Ele já anda há muito tempo e está muito cansado. E agora ele encontra uma mulher... O peregrino pergunta a ela: “A estrada sobe então todo o caminho?”

E a resposta é: “Sim, até o fim”.

Vincent frequentou brevemente uma universidade holandesa para estudar teologia, mas saiu depois de seu primeiro ano. Quando ele não conseguiu entrar em uma escola missionária, ele se ofereceu para pregar aos mineiros de carvão belgas e suas famílias em terríveis vilarejos de mineração, onde ele tendia a doar toda sua comida, dinheiro e roupas para as famílias atingidas pela pobreza. Embora ele não os elevasse especialmente espiritualmente – Vincent não era um pregador muito bom – ele começou a esboçá-los.

De repente, aos 27 anos, descobriu o próximo caminho de sua vida: a arte.

Vincent teve alguma educação artística formal, mas principalmente, com sua obsessão característica, ele foi autodidata. No começo ele desenhava, depois pintava em um ritmo frenético que nunca parava.

Em 1882, Vincent começou a experimentar tintas a óleo. Ao mesmo tempo, começou um tumultuado caso de amor com uma prostituta, com quem viveu por quase dois anos empobrecidos enquanto aprimorava suas habilidades de desenho e pintura.

Quando o relacionamento desmoronou, Vincent caiu na estrada. Ele se tornou um artista nômade, capturando os pontos turísticos e as pessoas que encontrava na estrada.

Em 1886, Vincent mudou-se para Paris, onde sua paleta foi subitamente inundada de vermelhos, azuis, amarelos, verdes e laranjas vívidos. Mais importante, sua técnica evoluiu para os traços curtos e quebrados preferidos pelos pintores impressionistas que ele admirava.

Vincent tornou-se cada vez mais dependente do apoio financeiro de seu irmão mais novo Theo, com quem manteve uma correspondência prolífica ao longo da vida. Mas até Theo achava seu amado irmão cada vez mais instável e briguento.

Em Paris, coisas estranhas começaram a acontecer. Vincent começou a sofrer pequenas convulsões e ataques de pânico, muitas vezes seguidos por períodos em que ficava confuso ou não conseguia se lembrar do que havia acontecido. Notou-se que Vincent também começou a beber absinto, uma forte bebida alcoólica popular entre os artistas franceses, embora em grande quantidade pudesse causar convulsões.

Em 1888, Vincent mudou-se de Paris para Arles com o colega pintor Paul Gauguin, produzindo telas e desenhos arrojados e brilhantes em um clipe prodigioso, refinando a pincelada única pela qual ele acabaria - mas ainda não havia - se tornado conhecido. Aqui, as pinturas de Vincent tornam-se ligeiramente surreais e bizarras; suas linhas ondulam, suas cores se intensificam e sua tinta às vezes é espremida do tubo diretamente para a tela. Seus temas tornam-se tão oníricos que o próprio Vincent escreveu que “alguns de meus quadros certamente mostram traços de terem sido pintados por um homem doente”.

E aqui estão pintadas algumas de suas obras-primas mais transcendentais, incluindo *Quarto em Arles* e *Girassóis*.

Mas os demônios de Vincent apareceram nessa época também. Ele começou a sofrer convulsões, raivas, disforia e crises de insanidade, mais profundas e mais sombrias do que a depressão comum que ele conhecia há tanto tempo.

Vincent e Gauguin pintaram juntos como irmãos por meses, mas os dois artistas de força de vontade estavam constantemente em desacordo. Pouco antes do Natal, eles brigaram por causa de notícias de jornal sobre os terrores noturnos de um slasher condenado. Gauguin saiu, mais uma vez, deixando Vincent sozinho. Esmagado e enfurecido, Vincent cortou parte de sua orelha esquerda com uma navalha e a levou para um bordel próximo, onde entregou sua orelha cuidadosamente embalada a uma prostituta assustada com um bilhete curto: “*Lembre-se de mim*”.

Após seu surto psicótico, Vincent foi hospitalizado. Um jovem médico diagnosticou-o com epilepsia e receitou brometo de potássio. Em poucos dias, van Gogh se recuperou e, em três semanas, pintou seu *autorretrato com orelha e cachimbo enfaixados*. Ele não se lembrava da discussão com Gauguin, de sua automutilação ou das circunstâncias de sua hospitalização. Em cartas a Theo, ele relatou que suas “alucinações intoleráveis cessaram, na verdade, diminuíram para um simples pesadelo... Estou bastante bem agora, exceto por uma certa corrente de tristeza vaga difícil de explicar”.

Nas semanas seguintes, Vincent foi hospitalizado mais três vezes depois de sofrer episódios psicóticos – sempre depois de beber absinto. Preocupado que seus demônios fossem maiores do que ele, Vincent entrou voluntariamente no manicômio de Saint-Rémy em maio de 1889. Os médicos de lá não continuaram seus tratamentos com brometo de potássio, então mais episódios psicóticos de alucinações aterrorizantes e agitação incontrolável se seguiram, geralmente depois que ele tinha saído do hospital para beber com amigos na cidade. O pior desses episódios durou três meses. No asilo, Vincent continuou a pintar. Mesmo no abraço de seus demônios, ele esboçou ou pintou cerca de 300 obras, incluindo sua obra-prima *The Starry Night*, que pode ter retratado a escuridão rodopiante da paisagem interior de Vincent naquele momento. Alguns até disseram mais tarde que as estrelas luminosas se assemelhavam às explosivas “tempestades nervosas” que os epiléticos “vêm” durante uma convulsão.

No entanto, em maio de 1890, os médicos do asilo declararam Vincent curado. Ele juntou seus poucos pertences e partiu para Auvers-sur-Oise, uma pequena aldeia perto de Paris onde o Dr. Paul Gachet, um médico local e amante da arte, havia prometido a Theo que cuidaria de Vincent.

Lá, Vincent alugou um quarto no segundo andar da pousada de Gustave Ravoux. Ele parou de beber e pintou furiosamente o dia todo, todos os dias. Ele mantinha uma agenda escrupulosa: café da manhã na estalagem, fora para pintar às nove, uma aparição pontual ao meio-dia para o almoço, mais pintura até o jantar e depois geralmente escrevendo cartas à noite.

Suas roupas desalinhadas e hábitos excêntricos logo se tornaram familiares para os moradores, que imediatamente o julgaram estranho. Não importa, porque ele também não se importava em se aproximar deles. Ele estava louco e sabia disso, mas queria pintar apesar de sua loucura.

Em setenta dias em Auvers, Vincent terminou setenta pinturas e trinta desenhos.

Mas mesmo que esses dias fossem produtivos, não eram necessariamente felizes.

No início de julho, ele visitou Theo em Paris. A esposa de Theo acabara de dar à luz seu primeiro filho, a quem deram o nome de Vincent. Com um novo filho e o secretamente doente Theo prestes a deixar o emprego, o dinheiro de repente ficou curto. Vincent deixou Paris três dias depois, perturbado por ter se tornado uma âncora no pescoço de seu irmão generoso e temendo que seu próprio apoio logo se esgotasse.

Alguns dias depois, Vincent pintou o frenético *Campo de Trigo com Corvos*, que retrata nuvens de tempestade rodopiantes sobre um campo agitado de grãos de âmbar e um bando de melros fugindo da tempestade que se aproximava.

Era apenas uma pintura vibrante... ou outra coisa? Eu não sei. Nenhum de nós sabe. Alguns chamaram isso de um vislumbre do tormento crescente de Vincent; outros dizem que foi sua nota de suicídio. Isso parece uma conclusão excessivamente melodramática, mas o fato permanece, nunca saberemos.

Como médico legista, aprendi que é importante limitar a especulação, afastar-se da emoção e concentrar-se nos fatos.

Na morte de Vincent, a especulação é abundante, as emoções afloram e os fatos são poucos... a menos que você saiba onde procurar.

* * *

O que aconteceu entre o almoço apressado de Vincent e o momento em que ele tropeçou de volta para casa depois do anoitecer?

Ninguém sabe disso também. As histórias entraram em conflito desde o início, e o próprio Vincent ficou confuso sobre os detalhes. Mas aqui está o relato costumeiro que foi contado no século passado, em grande parte a memória de sessenta anos da filha do falecido Gustave Ravoux, Adeline, que tinha apenas treze anos quando aconteceu. Era 1953 e Adeline tinha 73 anos quando contou pela primeira vez o que aprendeu com o pai sobre o tiroteio de Vincent. Ficou assim:

Vincent transportou seu volumoso equipamento de pintura e uma grande tela por uma colina íngreme e densamente arborizada até um campo de

trigo além do imponente Château d'Auvers, a mais de um quilômetro e meio da estalagem de Ravoux. Ali, apoiou o cavalete num palheiro e caminhou por uma estrada à sombra do muro do castelo.

Em algum lugar naquela estrada, Vincent sacou um revólver escondido e deu um tiro na lateral, depois desmaiou. Algum tempo depois do pôr-do-sol, o ar da noite o reanimou e ele rastejou de quatro, procurando a arma para terminar o suicídio corretamente. Quando ele não conseguiu encontrá-lo no escuro, ele cambaleou de volta pela encosta, por entre as árvores, até a estalagem.

Adeline disse que seu pai emprestou a arma para Vincent, que, segundo ela, queria que ela afugentasse os corvos enquanto pintava nos campos.

Nenhum revólver foi encontrado, nem o kit de pintura e a tela de Vincent. Ninguém o viu nas cinco ou seis horas em que esteve fora. A única investigação oficial foi breve e nenhum relatório foi escrito, deixando apenas memórias inconsistentes e nebulosas e fofocas locais.

E muitas perguntas.

O primeiro médico a ver Vincent foi o Dr. Jean Mazery, um obstetra do interior da aldeia vizinha de Pontoise. Ele chegou à estalagem de Ravoux para encontrar Vincent sentado em sua cama, fumando calmamente um cachimbo.

Mazery descreveu o ferimento de bala como logo abaixo das costelas, no lado esquerdo do abdômen, do tamanho de uma ervilha grande, com uma margem vermelha escura e circundada por uma auréola azul-púrpura. Um fio fino de sangue escorria dele. O médico examinou o ferimento com uma haste longa e fina de metal, um procedimento excruciante, e acreditou que a bala de pequeno calibre havia se alojado perto da cavidade abdominal de Vincent.

Mazery acreditava que a bala tinha viajado em uma inclinação para baixo na barriga do artista, faltando grandes órgãos e vasos sanguíneos. Mas sem abrir Vincent, ele não podia ver que outro dano poderia ter sido feito.

Convocado de uma pescaria de domingo com seu filho, o Dr. Gachet logo chegou também. Ele carregava sua bolsinha preta de emergência e — acreditando no valor terapêutico do eletrochoque — uma pequena bobina elétrica. No quatinho apertado de Vincent, ele examinou a ferida do artista à luz de velas. Vincent tinha atirado em si mesmo muito baixo e muito longe para o lado esquerdo para ter atingido seu coração. Gachet, que se considerava especialista em distúrbios nervosos, ficou aliviado.

A ferida estava no lado esquerdo de Vincent, na parte inferior ou abaixo das costelas.

Embora Vincent tenha implorado aos dois médicos para abri-lo e remover a bala, eles recusaram. A cirurgia torácica era complicada e difícil, mesmo para cirurgiões experientes, o que eles não eram. Embora eles não acreditassem que a bala tivesse perfurado qualquer órgão vital, eles supuseram que ela havia passado pela cavidade pulmonar esquerda de Vincent e se alojado em algum lugar em suas costas, possivelmente perto de sua coluna.

Eles não viram hemorragia nem sinais de choque. Na verdade, Vincent estava lúcido e calmo. Sim, ele falou desconfortavelmente, mas não mostrou sinais de que o sangue estava se acumulando sem ser visto em seus pulmões ou peito, sufocando-o lentamente. Ele até se sentou na cama e pediu o tabaco no bolso de sua blusa azul ensanguentada.

Eles concluíram apenas que o ferimento foi causado por uma bala de pequeno calibre que se alojou perigosamente perto da coluna de Vincent e que havia sido disparada em um ângulo incomum, a alguma distância de Vincent.

Os dois médicos poderiam ter levado Vincent para o hospital, a apenas dez quilômetros de distância, mas não o fizeram. Eles apenas fizeram um curativo em seu ferimento e nada mais. Naquela noite, eles o deixaram em seu cubículo abafado e abafado sob o teto.

Dr. Gachet calmamente declarou o caso de Vincent sem esperança e saiu. Ele nunca mais voltou. O estalajadeiro Ravoux passou o resto daquela noite inquieta ao lado da cama de Vincent enquanto ele alternadamente cochilava e fumava seu cachimbo.

Na manhã seguinte, dois gendarmes visitaram a pousada para questionar Vincent sobre o tiroteio, mas ele foi insolente. Onde Vincent foi para se matar? eles perguntaram. Como ele, um ex-paciente mental, conseguiu uma arma?

Eles perguntaram a Vincent se ele pretendia se matar.

"Sim, eu acredito que sim", ele respondeu ambigualmente. Ele não sabia se queria se matar?

Os gendarmes pressionaram ainda mais, mas Vincent latiu para eles.

"O que eu fiz não é da conta de mais ninguém", ele teria dito. "Meu corpo é meu e sou livre para fazer o que quiser com ele. *Não acuse ninguém*, fui eu que quis cometer suicídio".

Vincent estava simplesmente surpreso que a polícia suspeitasse de um crime, ou ele estava deliberadamente desviando a suspeita de outra pessoa? Os gendarmes foram embora, satisfeitos por não ter havido nenhum crime.

Mas o vigor de Vincent não durou. Uma verdade terrível sobre gutshots em 1800 é que eles eram quase sempre fatais.

Naquela noite, poucas horas depois que Theo chegou ao lado de sua cama, a infecção o dominou. Vincent desceu rapidamente. À meia-noite, sua respiração ficou tensa. Ele sussurrou para seu amado irmão Theo, que havia corrido de Paris para ficar com Vincent: "Eu gostaria de poder morrer assim... a tristeza durará para sempre".

Noventa minutos depois, por volta da 1h30 da terça-feira, 29 de julho de 1890, Vincent van Gogh estava morto. Não houve autópsia, nenhuma investigação adicional. A bala fatal nunca foi recuperada, mas pode ter cortado um intestino, liberando bactérias em movimento rápido na cavidade abdominal. Nas cerca de trinta horas desde que ele foi baleado, a infecção teria interrompido sua atividade intestinal normal, e seus eletrólitos teriam sido perigosamente interrompidos. Muito rapidamente, seus rins, fígado e pulmões provavelmente começaram a desligar quando a peritonite se infiltrou nele.

A tragédia estava completa. A mente inquieta de Vincent estava finalmente quieta. Ele morreu com apenas trinta e sete anos, sem saber que se tornaria conhecido como o maior artista de seu tempo.

Como foi previsto pelo próprio Vincent, sua estrada havia sido ladeira abaixo.

* * *

Eles colocaram o cadáver de Vincent em um caixão feito à mão em cima da mesa de bilhar da pousada. Sua paleta e pincéis estavam dispostos no chão. Dálíais e girassóis amarelos — porque amarelo era a cor favorita de Vincent — o cercavam. Suas pinturas mais recentes, sem moldura, algumas ainda molhadas, foram pregadas na parede para o sombrio grupo de enlutados ver. Ironicamente e infelizmente, o funeral de Vincent van Gogh também foi seu primeiro e único show individual.

Mas porque o pastor da aldeia acreditava que Vincent havia cometido suicídio, ele recusou um culto na igreja e um enterro em solo consagrado. Assim, o corpo de Vincent foi enterrado dois dias depois em um minúsculo cemitério público a menos de 800 metros do quarto triste e claustrofóbico onde ele morreu, ao lado do campo onde havia pintado os céus tempestuosos e os corvos em fuga vários dias antes. Theo, a família Ravoux, alguns vizinhos e um punhado de amigos artistas de Vincent compareceram aos ritos do túmulo da tarde úmida.

Após o enterro, Theo voltou para a pousada para cumprir o último desejo de seu irmão: doar todas as suas telas recentes para os vizinhos da aldeia onde

viveu por nove semanas e depois morreu. Mas enquanto recolhia os pertences de seu irmão, Theo encontrou uma carta no bolso da jaqueta de Vincent, escrita para Theo pouco antes de ser baleado. Insinuava o medo de Vincent de se tornar um fardo insuportável para o irmão. As últimas linhas dizem:

Ah, bem, eu arrisco minha vida pelo meu próprio trabalho e minha razão meio que naufragou nisso — muito bem — mas você não é um dos traficantes de homens; até onde eu sei e posso julgar eu acho que você realmente age com humanidade, mas o que você pode fazer

Significava alguma coisa que Vincent não tivesse colocado um ponto de interrogação - ou qualquer outra pontuação - após a última palavra do bilhete, deixando-o pendurado para a eternidade? Não importa. O mundo da arte viria a adotá-lo como uma triste nota de suicídio, embora não contivesse ameaças óbvias ou despedidas.

Era apenas uma das muitas perguntas que Vincent deixou no ar.

* * *

Vincent van Gogh vendeu apenas uma pintura durante sua vida, mas em seus últimos dez anos, ele criou mais de 2.100 obras de arte, incluindo 860 pinturas a óleo e mais de 1.300 aquarelas, esboços e gravuras. Hoje os colecionadores pagaram mais por suas obras do que pelas de qualquer outro artista na história da humanidade, e sua vida foi explorada interminavelmente em livros e filmes.

Vincent era uma confusão complexa de sua insanidade, sua educação, sua posição e sua intensidade. Suas pinturas não eram as pinturas de um louco, mas apenas pinturas de um homem que por acaso era louco. Alguém menos intenso pode não ter pintado com tanta genialidade. Mas podemos olhar para seu trabalho e nos perguntar se ele teria sido um gênio se não fosse louco também.

Então, quando os autores Steven Naifeh e Gregory White Smith – vencedores do Prêmio Pulitzer de 1991 por sua biografia do pintor expressionista abstrato americano Jackson Pollock e ambos advogados formados em Harvard – decidiram escrever a história de vida consumada de Van Gogh, eles não esperavam desenterrar muitas surpresas.

Naifeh e Smith mergulharam mais fundo e mais longe do que qualquer estudioso de Van Gogh jamais o fez. Eles empregaram uma brigada de tradutores, pesquisadores e especialistas em computação durante um período de dez anos e, no final, entregaram um livro de 960 páginas, mais 28.000 notas de rodapé postadas online. Eles não deixaram pedra sobre pedra enquanto procuravam a mente e o coração por trás da tela.

Eles encontraram um homem muito mais complexo do que sua lenda. Vincent era um aluno indiferente, mas falava quatro línguas fluentemente e era um leitor insaciável. Ele procurou desesperadamente agradar seus pais, mas foi uma decepção total para seu pai severo e detestado por sua mãe. Ele ansiava por conexões humanas, mas era tão abrasivo e desagradável que até mesmo seu adorado irmão Theo não gostava de passar muito tempo com ele. E nas profundezas de suas depressões e colapsos ocasionais, muitas vezes ele desejava a morte... mas em várias cartas ele também chamou o suicídio de perverso, terrível, covarde, imoral e desonesto.

A verdadeira fonte da loucura de Vincent não é conhecida com certeza, mas a causa mais provável de acordo com muitos especialistas - incluindo os médicos que o trataram depois que ele cortou a orelha e no asilo - foi a epilepsia do lobo temporal desencadeada nos últimos dois anos. de sua vida bebendo absinto, que na época continha quantidades muito pequenas de um convulsivo, além de seu alto teor alcoólico. Sua epilepsia provavelmente estava relacionada a um parto extenuante que deixou Vincent com rosto e cabeça assimétricos, e provavelmente danos cerebrais que deram errado com o absinto. Muitos relatos descrevem Vincent caindo em delírios e convulsões, seguidos por longos períodos de amnésia e confusão.

Mas, além de sua suposta epilepsia vitalícia, Vincent também teve pelo menos duas grandes depressões claras e uma série de episódios maníaco-depressivos, muitas vezes precipitados por perdas de amantes, amigos e equilíbrio emocional. “Van Gogh já havia sofrido dois episódios distintos de depressão reativa, e há claramente aspectos bipolares em sua história”, observou o *American Journal of Psychiatry*. “Ambos os episódios de depressão foram seguidos por períodos sustentados de energia e entusiasmo cada vez mais altos, primeiro como evangelista e depois como artista.”

“Acredito que ele sempre foi louco”, sua própria mãe escreveu uma vez sobre Vincent, “e que o sofrimento dele e o nosso foi resultado disso”.

Em suma, sua mente vacilou violentamente durante a maior parte de sua vida. Por mais sombrio que fosse, ninguém poderia se surpreender que Vincent cometesse suicídio.

Mas quanto mais fundo Naifeh e Smith cavavam, mais questões surgiam sobre a tentativa de suicídio fracassada de Vincent. A maioria não tinha respostas fáceis. Para os dois advogados, muita coisa parecia ilógica.

Por exemplo, Vincent alegou que tentou encontrar a arma no escuro depois de atirar em si mesmo, mas não conseguiu. Como poderia ter caído tão longe de seu alcance, perguntaram Naifeh e Smith, que Vincent não conseguiu encontrá-lo? Mais intrigante, por que ninguém conseguiu

encontrá-lo no dia seguinte à luz do dia? Na verdade, por que essa arma nunca foi encontrada?

O que aconteceu com o cavalete, a paleta, os pincéis e a tela que Vincent levou para os campos? Eles nunca foram encontrados. Alguém tinha escondido as provas?

Como esse ex-doente mental conseguiu um revólver de pequeno calibre, que não era um item comum na França rural na época? Vincent não tinha experiência com armas e ninguém lhe teria confiado um revólver se soubesse que ele havia sido internado.

Como o atordoado Vincent atravessou a colina íngreme e arborizada no escuro e cambaleou até uma milha para casa, mortalmente baleado?

O que havia desencadeado seu impulso suicida?

Por que esse escritor obsessivo não escreveu uma nota de suicídio, ou pelo menos deixou alguma indicação clara de sua intenção?

Por que um Vincent suicida teria escolhido se matar em um ângulo tão estranho? Por que não a cabeça ou diretamente no coração? E talvez mais importante, como e por que ele errou tão miseravelmente?

Naifeh e Smith descobriram que quase imediatamente após o tiroteio, moradores de Auvers estavam sussurrando sobre como o artista foi *baleado* acidentalmente por um casal de adolescentes brincando com uma arma. Essa história foi relatada publicamente pela primeira vez na década de 1930 por um estudioso de arte, mas a noção romântica de um artista brilhante e incompreendido cometendo suicídio se enraizou e o “rumor” de tiro foi descartado.

Então, em 1956, uma nova e tentadora peça do quebra-cabeça chegou aos jornais franceses. Um velho banqueiro parisiense chamado René Secrétan se apresentou para confessar que ele e seu irmão, então apenas adolescentes, conheciam Vincent em Auvers. Os dois intimidavam e provocavam o artista colocando cobras em seu kit de pintura, molhando seu café com sal, polvilhando pimenta nos pincéis que ele segurava na boca enquanto trabalhava e persuadindo algumas garotas a fingir seduzir Vincent.

René, de dezesseis anos, gostava de se vestir com uma roupa de camurça que ele comprou quando o show de Buffalo Bill's Wild West tocou em Paris no ano anterior - e provavelmente posou para o esboço de Vincent, *Head of Boy with Broad-Brimmed Hat*, algumas semanas antes da morte de Vincent.

Mas nenhum traje de posar de Buffalo Bill estaria completo sem uma arma, então René comprou ou pegou emprestado um velho revólver defeituoso de

Gustave Ravoux. Aquela arma antiga, disse René em sua entrevista de 1956, “disparou quando quis”.

De repente, um relato em primeira mão deu um pouco de credibilidade ao velho boato de Auvers de que Vincent havia sido baleado acidentalmente por dois meninos. Poderiam ter sido os irmãos inseparáveis, René e Gaston Secrétan, e sua pistola obstinada? René estava brincando de caubói quando a arma disparou? Sua provocação finalmente provocou Vincent em uma luta fatal?

Ninguém sabe. René não foi questionado e nunca confessou ter atirado em Vincent, mas sim, ele sugeriu que o artista havia roubado a arma de sua mochila e se suicidado naquele mesmo dia.

René e Gaston desapareceram de Auvers na época da morte de Vincent. Na entrevista de 1956, René afirmou que soube do tiroteio a partir de um artigo em um jornal de Paris, mas tal artigo nunca foi encontrado.

Uma entrevista de acompanhamento nunca aconteceu. René Secrétan morreu no ano seguinte.

Na década de 1960, outra peça se encaixou quando outra ex-mulher de Auvers alegou que seu pai tinha visto Vincent em um curral - na direção oposta do campo de trigo onde ele afirmava estar - naquela tarde fatídica. E logo depois, outra pessoa se apresentou com uma história sobre um tiro que foi ouvido na mesma área da fazenda, embora nenhum sangue ou arma tenha sido descoberto.

Se essas lembranças fossem precisas, teorizaram Naifeh e Smith, é provável que Vincent tenha sido ferido em uma fazenda perto da pousada de Ravoux, e que os meninos tenham fugido do local com a arma e os suprimentos de pintura de Vincent. O caminho de volta à estalagem também era mais navegável por um ferido do que a escarpa íngreme dos campos.

Mas por que o artista então alegaria ter atirado em si mesmo? A triste resposta, acreditam seus biógrafos, é que Vincent deu as boas-vindas à morte. Ele pode ter percebido (ou assumido) que estava morrendo e feito as pazes com isso. Talvez ele pensasse que morrer era o melhor. Os meninos tinham feito por ele o que ele não podia fazer por si mesmo em sua consciência. Ele retribuiu o favor mentindo para protegê-los da acusação.

Eles não encontraram nenhuma arma fumegante, literal ou figurativamente. Mas essa hipótese fazia mais sentido para Naifeh e Smith do que a teoria aceita e excessivamente romântica do suicídio. Ele respondeu a tantas perguntas anteriormente não respondidas: Por que a arma nunca foi encontrada? Por que Vincent escolheu se matar de uma maneira tão peculiar? Por que ele teria arrastado uma grande tela nova e todo o seu

equipamento de pintura por um quilômetro e meio se ele apenas pretendia se matar? Por que suas “confissões” no leito de morte eram tão provisórias e protegidas?

Alguns no mundo da arte acrescentaram mais uma pergunta: “Você está brincando, certo?”

Naifeh e Smith haviam blasfemado. Eles poderiam muito bem ter pregado uma tese sobre a impossibilidade da ressurreição na porta do Vaticano.

Muitos estudiosos de Van Gogh ficaram discretamente desconfortáveis com a história do suicídio, mas a teoria de homicídio de Naifeh e Smith não parecia apenas uma promoção de livro descarada; ameaçava o simbolismo romântico da luta de um artista contra um mundo indiferente.

“Há muitas razões para olhar para as circunstâncias obscuras novamente”, disse o curador Leo Jansen, do Museu Van Gogh, em Amsterdã. “Ainda não podemos concordar com suas conclusões porque achamos que ainda não há evidências suficientes. Não há provas.”

Jansen admitiu que a confissão de suicídio de Vincent também não poderia ser provada. É apenas o que Vincent disse, e ele não tinha motivos para mentir sobre isso.

Enquanto alguns escritores de arte e trolls da Internet foram mais cáusticos em sua resposta a Naifeh e Smith, outros argumentaram que mesmo um suicídio desajeitado era uma conclusão muito mais lógica, um último ato irracional de um homem perturbado que já havia agido irracionalmente antes. O que há de tão incrível em um lunático que mutilou sua própria orelha atirando em si mesmo de uma maneira altamente incomum?

E, finalmente, havia os guardiões do mito sagrado.

“Se Vincent van Gogh tivesse morrido de velhice aos 80 anos em 1933, aquecendo-se de glória e de posse de suas duas orelhas, ele nunca teria se tornado o mito que é hoje”, publicou o jornal holandês *De Volkskrant* após a teoria de Naifeh e Smith. foi a público. “As psicoses de Van Gogh, suas depressões, seus erros e suas manifestações – uma orelha cortada, um suicídio – são mais pertinentes à narrativa, mística e inescrutabilidade do pintor do que seus ciprestes e campos de milho.”

Em 2013, os estudiosos Louis van Tilborgh e Teio Meedendorp do Museu Van Gogh montaram um vigoroso ataque frontal à teoria do homicídio. Seu artigo de grande alcance em uma prestigiosa revista de arte britânica argumentava ponto a ponto que a única inferência genuína era o suicídio.

Como prova, eles apresentaram com destaque o ferimento descrito pelo Dr. Gachet - um buraco com borda marrom e circundado por um halo arroxeado. O anel roxo, eles disseram, era uma contusão causada pelo

impacto da bala e a borda marrom era pele queimada de pó, provando que Vincent segurava a arma contra o seu lado, possivelmente até sob a camisa. Van Tilborgh e Meedendorp argumentaram que Vincent estava altamente agitado pela turbulência na vida de Theo e um pouco desequilibrado em Auvers. Nas últimas pinturas de Vincent, Naifeh e Smith tinham visto traços mais brilhantes e esperançosos, mas os estudiosos viram emoções sombrias e sombrias.

Os estudiosos também contestaram qualquer interpretação da entrevista do Secrétan como uma “confissão” e descartaram os rumores antigos e de segunda mão sobre tiroteios por adolescentes.

“Na verdade, nada substancia o argumento deles para a sequência de eventos que eles interpretam”, resumiram Tilborgh e Meedendorp, “além de um boato do século XX surgido de uma história autêntica de um pirralho de gatilho em 1890, que meramente afirmou que Van Gogh provavelmente roubou a arma dele. E não duvidamos disso nem por um momento.”

O artigo da *Burlington Magazine* de dois especialistas em Van Gogh ofereceu mais perguntas do que respostas, mas eles desafiaram inequivocamente a nova teoria

Com seu argumento amplamente circunstancial sob contra-ataque, Naifeh e Smith precisavam de evidências científicas sólidas. Eles precisavam de um especialista em ferimentos de bala para examinar todas as evidências e chegar a uma conclusão cientificamente inatacável.

Então, em um dia de verão, meu telefone tocou.

* * *

Foi fácil ver o *que não* aconteceu. Com todas as probabilidades médicas, Vincent van Gogh não se suicidou.

Como eu sabia? Não posso saber sem sombra de dúvida, assim como não posso saber o que estava na mente e no coração perturbados do gênio louco no dia em que foi baleado. Embora possa ter sido escuro e desordenado, nada sugere que ele estava em um estado psicótico.

Claro, eu só sabia o que livros e filmes diziam sobre Van Gogh, sua instabilidade, sua automutilação, seu gênio na arte, seu suicídio. Como a maioria das pessoas, eu não sabia que havia alguma disputa sobre isso.

No entanto, os novos fatos que estavam diante de mim 123 anos depois – e tudo o que sei sobre ferimentos de bala – falaram alto e claro: o ferimento mortal de Vincent quase certamente não foi auto-infligido.

Havia várias razões para a minha opinião.

A primeira foi a localização geral de sua ferida, embora nunca tenha sido registrada com precisão. Drs. Mazery e Gachet descreveram a localização

da ferida de forma diferente. Um livro de 1928 de Victor Doiteau e Edgar Leroy dizia que era “ao lado das costelas esquerdas, um pouco antes da linha axilar”, uma demarcação vertical imaginária da axila até a cintura. Em outras palavras, a bala entrou na lateral de Vincent quase onde seu cotovelo tocava seu peito se ele ficasse com os braços ao lado do corpo.

Mas passou pela caixa torácica ou pelo tecido mole abaixo das costelas?

Se você aceitar a observação original do Dr. Mazery, o ferimento estava no abdômen esquerdo de Vincent, logo abaixo das costelas.

Quão estranho seria esse local para um tiro suicida? Quando meu colega Dr. Kimberly Molina e eu revisamos 747 suicídios para um estudo de locais, alcances e tipo de morte de ferimentos por arma de fogo, descobrimos que apenas 1,3% dos tiros autoinfligidos foram no abdômen.

Se você aceitar o relato de 1928 de que a bala perfurou a caixa torácica do lado esquerdo de Vincent, descobrimos que apenas 12,7% dos suicídios atiraram no peito. E esmagadoramente a maioria deles eram tiros diretos sobre o coração, não disparados obliquamente para o lado.

Simplificando, muito poucos suicidas, não importa o quão assustados ou iludidos, optam por atirar em si mesmos.

Mas se Vincent o fez, isso levanta uma questão totalmente diferente.

Vamos supor que Vincent fosse a exceção. Vamos supor que ele conscientemente escolheu atirar em seu lado esquerdo com um revólver. Como ele faria isso?

É amplamente aceito que Vincent era destro, então mesmo que ele tivesse decidido atirar em si mesmo, por que escolher o lado que exigiria o tiro mais desajeitado?

A maneira mais fácil de Vincent ter feito esse tiro teria sido envolver os dedos da mão esquerda na parte de trás do punho e puxar o gatilho com o polegar. Ele poderia até ter estabilizado a pistola com a mão direita, mas teria sofrido queimaduras de pólvora na palma direita, onde agarrou o corpo da arma, causadas por chamas, gás e pólvora saindo da abertura do cilindro.

Usar a mão direita teria sido ainda mais absurdo. Ele teria que cruzar o braço direito sobre o peito, envolver os dedos no punho da arma e puxar o gatilho com o polegar. E novamente, se ele tivesse usado a mão esquerda para firmar a arma, ela teria sofrido queimaduras de pólvora.

Nenhuma dessas queimaduras de pólvora foi relatada por Theo, os dois médicos, os dois gendarmes ou qualquer uma das pessoas que viram Vincent vivo ou morto após o tiroteio.

Mesmo se você pudesse aceitar as contorções que seriam necessárias em ambos os casos, o cano da arma estaria contra a pele de Vincent ou, no

máximo, a alguns centímetros de distância.

E essa é a razão mais importante pela qual acredito que seu ferimento não foi auto-infligido.

A ferida de Vincent foi descrita pelos médicos assistentes como do tamanho de uma ervilha, com uma margem marrom avermelhada e cercada por uma auréola azul arroxeadada. A pele é clara e não há sinais de queimaduras de pó. Alguns defensores da teoria do suicídio argumentam que o halo arroxeadado foi uma contusão causada pelo impacto da bala. Não tão. É, na verdade, sangramento interno de vasos rompidos pela bala, e eu já vi isso muitas vezes em pessoas que vivem um tempo depois de terem sido baleadas. Sua presença (ou ausência) não significa nada significativo.

A borda marrom avermelhada ao redor do ferimento de entrada em si não é pele queimada por pó, mas um anel de abrasão visto ao redor de praticamente todos os ferimentos de entrada. Novamente, não significativo, exceto que significa uma ferida de entrada.

Mas o elemento mais importante dessa ferida de entrada é o que *não está* lá. Cartuchos de revólver da década de 1890 eram carregados com pólvora negra, que queima muito suja. A pólvora sem fumaça havia sido inventada em 1884, mas na época do tiroteio de Vincent, era usada apenas em cartuchos para alguns rifles militares.

Ferimentos de curto alcance por balas de cartuchos de pólvora negra são confusos. Quando o pó preto se inflama, cerca de 56% de sua massa são resíduos sólidos, que explodem em um jato abrasador de partículas de carbono.

Se Vincent se matasse, ele teria segurado a arma à queima-roupa contra sua pele, ou talvez a apenas alguns centímetros de distância (porque em 98,5% de todos os suicídios o tiro é disparado contra ou perto da pele). Assim, a pele ao redor de sua ferida teria sido empolada por gases abrasadores e respingada por fuligem quente e manchas de pólvora ardente. As queimaduras teriam sido graves e centenas de partículas de pó queimado e parcialmente queimado ainda estariam embutidas em sua pele.

E se ele atirasse em si mesmo através de sua roupa? Se Vincent tivesse pressionado o cano da arma contra sua blusa, as bordas de sua ferida teriam sido queimadas e enegrecidas. Poderia ou não haver uma área mais ampla de tatuagem, mas sua roupa estaria coberta de fuligem.

Nada disso foi descrito pelos médicos ou qualquer outra pessoa que olhou para a ferida ou teve contato com Vincent após o tiroteio.

Assim, o cano da arma não poderia ter sido colocado contra o lado de Vincent. A falta de tatuagem de pólvora ou queimaduras de qualquer tipo

sugere que a arma estava a pelo menos vinte polegadas de distância quando foi disparada.

Assim, Vincent van Gogh foi mortalmente ferido em um local atípico por um suicídio, por uma arma que ele não poderia ter segurado tão longe de seu corpo.

Provavelmente nunca saberemos, além de qualquer dúvida razoável, o que aconteceu naquela tarde de domingo na França. Mesmo que as autoridades civis pudessem ser convencidas a exumar Vincent, há muito pouco a saber sobre sua morte. Hoje ele é provavelmente apenas ossos. Um cadáver bem embalsamado em um caixão de chumbo poderia ter durado mais de cem anos, mas Vincent não foi embalsamado — típico na Europa do século XIX — e foi enterrado em um simples caixão de madeira feito à mão.

Um especialista forense provavelmente encontraria a bala de pequeno calibre que o matou, mas sem o velho revólver de Ravoux para comparação, mesmo a balística moderna de alta tecnologia não poderia estabelecer com confiança que disparou a bala. Pode ter vindo de qualquer pistola pequena. E se todos os tecidos moles tivessem se decomposto, não poderíamos determinar o caminho ou o dano da bala. Podemos acabar com mais perguntas do que respostas.

Todos nós investimos em coisas que acreditamos serem verdadeiras, muitas vezes sem qualquer evidência real. O mito pode ser mais mágico do que a verdade. Você acredita que alguém além de Oswald matou Kennedy?

Em geral, alguns no mundo da arte resistem à noção de homicídio, seja acidental ou premeditado, porque não é dramático nem poético o suficiente. Afinal, pintores, poetas e amantes solitários morrem muito mais romanticamente se bebem de seus próprios frascos de veneno, ou cortam suas veias sob uma lua azul pálida, ou nadam longe no mar sem a intenção de nadar de volta.

Sim, o tiroteio – banhado em conclusões ilusórias, nunca totalmente investigado e confuso por relatos conflitantes – é um quebra-cabeça. Ninguém que estava lá ainda está vivo, e devemos coletar detalhes forenses de observações escassas na época. Mas esses detalhes não apóiam a mitologia.

No entanto, a maneira como Vincent morreu se tornou parte de sua lenda maior, e o mistério pode durar para sempre. Assim como em muitos dos meus casos, o que você acredita pode depender mais do que você *quer* acreditar do que dos fatos forenses. Pode ser mais sobre a vida trágica de Vincent do que sua morte real.

Se ele abraçou a morte é para poetas e acadêmicos discutirem, mas os fatos forenses apontam para um atirador que escapou de nossas perguntas.

Meu veredicto pessoal: Vincent van Gogh não se suicidou. Não sei quem fez ou por quê. Não sei se Vincent queria morrer. Não sei se ele temia o fim ou o abraçava. Tudo se resume a algo que nenhum médico legista pode determinar com seu bisturi, um computador ou testes sofisticados. Talvez ele simplesmente tenha aceitado sua morte acidental. Mesmo a lógica às vezes falha em fornecer respostas.

Eu não posso saber o que está em um coração humano.

◁ EPÍLOGO ▷

No fim das coisas

Alguém disse uma vez que se você levar sua infância com você, você nunca envelhecerá. Bom sentimento, mas não é realmente verdade.

Sou patologista forense há mais de quarenta e cinco anos. Todos os leões que eu admirava quando jovem — Helpers, Fisher, Rose, entre muitos outros — se foram. Meu pai se aposentou como legista-chefe da cidade de Nova York aos sessenta e cinco anos e finalmente se aposentou por volta dos oitenta e cinco. Mesmo meus contemporâneos são em sua maioria aposentados ou “foram”.

Carreguei minha infância o tempo todo e, no entanto, aqui estou, envelhecendo. Vai saber.

Depois, há o seguinte: alguns pesquisadores concluíram recentemente que a percepção de tempo de um animal está inversamente correlacionada com a taxa de seus batimentos cardíacos. Quanto mais lento o coração, mais rápido o tempo parece passar. Pelo menos para este pesquisador, isso explica por que, à medida que envelhecemos e nossos corações desaceleram, parece que os dias não são mais tão longos. Eu não sei como isso funciona ou se a teoria ainda tem pernas, mas muitos velhos certamente concordariam.

Fazemos coisas assim. Fazemos pequenas homilias, postamos memes alegres no Facebook ou inventamos pedaços de ciência pop para nos fazer sentir melhor sobre a morte. Muitos de nós acabam acreditando que será poético.

Neste livro, contei algumas histórias sobre finais, mesmo enquanto contava a história do meu próprio começo. Eu realmente não ponderei sobre meu próprio final. Talvez porque no meu mundo os finais só aconteçam com outras pessoas. Até agora, de qualquer maneira.

Ainda assim, não romantizo a morte. Eu vi muito disso para esperar um final de Hollywood sonhador.

Desde os anos 1600, quando panfletos impressos de baixo custo circulavam descrições gráficas de assassinatos locais, os humanos eram fascinados por histórias de crimes. As peças de Shakespeare estavam cheias de homicídio. Nada vendeu melhor do que a intriga... e a vitória final da moralidade e do raciocínio sobre a desordem e a depravação. E nada era mais misterioso do que a morte.

Não mudamos muito. As representações da cultura pop moderna da ciência forense, em toda a sua gloriosa glória gerada por computador, tendem a

superglamourizar o patologista forense e creditar a alta tecnologia hipercool com a resolução de todos os crimes e conquista do mal. Mas como em todas as coisas de Hollywood, não é assim. Não é sobre a tecnologia gee-whiz.

Deixe-me repetir: as melhores ferramentas de um bom patologista forense são suas mãos e cérebro. Com um dia de treinamento em novas ciências como o DNA, um médico legista inteligente da década de 1940 poderia estar operando em um necrotério moderno com bastante habilidade. Por quê? Porque o raciocínio ainda é nossa ferramenta forense mais poderosa.

Muitas vezes me perguntam: “Como você pode trabalhar em um campo tão deprimente?” Eu gostaria de dar uma resposta superficial, mas não posso. Se você ficar deprimido no meu trabalho, então você não pertence. Direi apenas que é interessante e desafiador. Eu nunca poderia trabalhar com crianças morrendo de câncer, mas não tive dificuldade em lidar com cadáveres desfigurados ou explicar honestamente (e gentilmente) para suas famílias enlutadas como eles morreram. Há um valor nisso.

No entanto, minha profissão está em uma encruzilhada. Enquanto escrevo isso, menos de 500 patologistas forenses certificados estão trabalhando nos Estados Unidos. A todo vapor, cada um pode fazer apenas cerca de 250 autópsias por ano. Precisamos do dobro desse número.

Às vezes não sei se escolhi a medicina ou ela nasceu dentro de mim, uma semente esperando para florescer. Mas sei que me tornei médico porque queria ajudar as pessoas.

Computadores e várias ciências forenses estão crescendo, com desenvolvimentos mais empolgantes por vir, mas o fator humano está lamentavelmente atrasado.

Os futuros patologistas forenses devem concluir quatro anos de faculdade, quatro anos de faculdade de medicina, três a quatro anos de treinamento em patologia e uma bolsa de um ano em um dos trinta e seis escritórios de médicos legistas aprovados e passar por um Conselho Americano de Exame de certificação de patologia. Fazendo isso, eles acumulam uma dívida média de \$ 170.000.

Há dinheiro na medicina — exceto na patologia forense. Quase todas as outras disciplinas médicas ganham muito mais. O salário médio de um médico legista é de pouco menos de US\$ 185.000 por ano; um vice-chefe ou chefe ME fica muito melhor com US\$ 190.000 e US\$ 220.000 por ano. Seus salários são todos muito inferiores aos de seus colegas de patologia hospitalares, que geralmente ganham em média US\$ 335.000 por ano.

E depois há os horários irregulares, cheiros estranhos, traumas emocionais, pacientes inúteis, imagens que nunca serão apagadas de seus cérebros,

exposição a doenças, advogados, policiais, testemunhos de julgamento, burocratas e orçamentos mais sombrios do que um refrigerador de necrotério. Claro, parece fascinante na TV e a perspectiva de resolver um mistério da vida real é cativante, mas quem realmente quer percorrer cadáveres todos os dias por menos dinheiro do que a maioria de seus colegas de faculdade de medicina?

Como resultado, treinamos uma média de 27 patologistas forenses credenciados a cada ano, mas apenas 21 realmente trabalham como médicos legistas.

Precisamos de mais patologistas forenses. À medida que nossa população cresce e envelhece, à medida que confiamos cada vez mais na tecnologia (e nos humanos cada vez menos) e à medida que o número de novos patologistas diminui, a patologia forense atingirá um muro desastroso. Menos autópsias significam menos autópsias. As investigações sofrem, as provas são perdidas ou negligenciadas, os crimes não são resolvidos.

Se isso acontecer, não perdemos apenas dinheiro ou tempo... perdemos a justiça. Meus pacientes não sofrem mais, mas sei que muitos deles gostariam de justiça. Não posso devolver-lhes a vida, nem mais alguns minutos para me despedir, mas posso dar-lhes justiça.

Agradecimentos

Somos profundamente gratos aos nossos muitos amigos cujas contribuições, grandes e pequenas, tornaram este livro possível. Alguns deles se tornaram mais do que meras fontes durante os dois anos em que trabalhamos neste livro, e alguns eram amigos muito antes.

Por suas várias contribuições, devemos agradecer a muitos na comunidade forense e médica, principalmente: Dr. Randall Frost do Gabinete do Médico Legal do Condado de Bexar (Texas); Dr. David R. Fowler, Bruce Goldfarb e Shea Lawson no Gabinete do Médico Legal de Maryland; o legista do condado de Platte (Wyoming), Phil Martin; Dr. Irvin Sopher; Dr. Werner Spitz; Dr. Douglas Kerr; e Dr. James Cottone.

Também não poderíamos ter contado essas histórias sem alguma interpretação jurídica especializada. Somos gratos pelas mentes jurídicas de Charles Bernstein, Don West, Robert Moxley, Bruce Moats, Mark Drury, David Houston, defensor público alternativo do condado de Washoe (Nevada) Jennifer Lunt e Laury Frieber.

E por suas várias contribuições e cortesias, também agradecemos a Steven Naifeh, Robin e Edward Cogan, Rudolph Purificato, Allen Baumgardner, Leigh Hanlon, Jessica Bernstein, Mark Langford, Lee Miller da Biblioteca Pública do Condado de Platte (Wyoming), Lisa Milliken do Gabinete do Xerife do Condado de Platte (Wyoming), Paul McCardell, do *Baltimore Sun News Archives*, e o policial estadual de Maryland (aposentado) Rick Lastner.

Patrick Connelly, do Arquivo Nacional da Filadélfia, foi a única nota brilhante em nossa copiosa pesquisa federal. Ele encontrou a maior parte da transcrição do julgamento federal de 60.000 páginas de Martha Woods e tentou arduamente encontrar o resto, sem sucesso. Infelizmente, estamos desapontados que cinco solicitações separadas da Lei de Liberdade de Informação (FOIA) arquivadas em 2013–14 com os Arquivos Nacionais em Washington, DC, o Federal Bureau of Prisons e o Federal Bureau of Investigation (FBI) permanecem insatisfeitas até hoje .

A criação de um livro também requer uma empresa com ideias semelhantes. A Dra. Jan Garavaglia, ex-colega, tem nossos mais profundos agradecimentos por seu belo prefácio. Muito obrigado ao editor Charles Spicer, April Osborn e sua equipe da St. Martin's Press por fazer o livro que você tem agora. E a agente literária Linda Konner tem sido uma conselheira extraordinária de valor infinito.

Mais perto de casa, contamos muito com as memórias e álbuns de recortes de três incríveis irmãs Di Maio – todas elas médicas – Therese-Martin, Mary e Ann. Sem eles, os segmentos autobiográficos deste livro não teriam foco e pungência.

E, finalmente, às duas mulheres que nos apoiaram neste projeto, Theresa Di Maio e Mary Franscell. Eles estavam sempre no nosso canto. Sem essas duas esposas notáveis, essas histórias não valem a pena ser contadas.

Notas

1. Em 1981, o perfil de DNA ainda não estava disponível. Se pudéssemos usá-lo, a tarefa teria sido simplificada ainda mais. Mas estávamos limitados, neste caso, às ferramentas de análise forense pré-DNA: comparações dentárias e outras evidências médicas reveladoras.

2. Alguns dias depois, o agente funerário Paul Groody se lembraria de repente de que não tinha visto uma incisão de craniotomia no crânio do cadáver, acrescentando um novo capítulo colorido à saga da conspiração de JFK. Como Groody sabia que o cérebro de Oswald havia sido removido, de repente decidiu que não devia ter embalsamado Oswald, mas outra pessoa. Ele disse aos repórteres que figuras sombrias devem ter desenterrado o corpo na sepultura de Oswald e trocado a cabeça do cadáver desconhecido pela cabeça real de Oswald para que os dentes combinassem se ele fosse exumado. Mas como nosso exame mostrou, Groody estava errado. Nosso relatório observou que a coluna do pescoço do cadáver estava intacta, o que tornava impossível qualquer decapitação, e que a calota craniana havia sido claramente serrada, embora estivesse camuflada por “tecido mole mumificado”. No entanto, Groody continuou a insistir até morrer em 2010 que o homem que ele embalsamou não era Lee Harvey Oswald.



No necrotério do legista do condado de Bexar. ([S AN A NTONIO E XPRESS - N EWS](#) / [Z UMA P RESS.COM](#))



Dominick e Violet comigo quando criança durante a Segunda Guerra Mundial. (COLEÇÃO DIMAIO)



Com Theresa em 2014. (COLEÇÃO D I M AIO)



Com minha linda noiva em nosso primeiro casamento, 1969. (D I M AIO COLLECTION)



Meu primeiro trabalho de verdade como legista foi neste prédio do século XIX em Baltimore, um edifício sem ventilação onde esperávamos que as telas das janelas fossem fortes o suficiente para manter as moscas afastadas. (ESCRITÓRIO DO EXAMINADOR MÉDICO - CHEFE DE MARYLAND)



Com meu mentor, coautor e pai Dr. Dominick Di Maio no final dos anos 1960. (COLEÇÃO DIMAIO)



Meu pai (à esquerda) comigo e minha irmã Therese, por volta de 1968, quando ambos estávamos estudando para ser médicos. Todas as minhas três irmãs acabaram se tornando médicas. (COLEÇÃO DIM AIO)

ME blasts hospital on death reporting

By MARJORIE CLAPP

MEDICAL WRITER

Bexar County Medical Examiner Dr. Vincent DiMaio charged that The University of Texas Health Science Center and the Bexar County Hospital District are "putting themselves above the law" by failing to report suspicious deaths.

The medical examiner's comments to *The News* came in the wake of reports about his resignation from the faculty of The Univer-

DiMaio: Suspicious cases not reported

sity of Texas Health Science Center.

DiMaio has been a key figure in a Bexar County Grand Jury investigation of suspicious infant deaths in the pediatric intensive care unit at Medical Center Hospital from 1978 to 1982.

The medical examiner said Monday night he resigned his post as professor of pathology at the school because of repeated failures on the part of the school and hospital to report suspicious deaths, as well as accidents and suicides, to his office.

DiMaio said "all the other hospitals in town have been cooperative in reporting medical examiner cases."

The only hospital that has consistently not reported deaths to the medical examiner has been the county hospital, he said.

"One almost feels that they consider themselves above the law. The ultimate manifestation of this policy may be the alleged coverup of the deaths of the children," DiMaio added.

"Does not the medical school owe a duty to citizens of Bexar County to report suspicious deaths rather than sticking its head in the sand hoping the problem will go away and possibly inflicting injury and death on other individuals in other communities?" he asked.

DiMaio's resignation at the school has no effect on his job as medical examiner.

The medical examiner said he re-
See DIMAIO, Page 4-A

Minha raiva pelas mortes não relatadas no Hospital do Condado de Bexar, em San Antonio, foi manchete e denunciou o caso chocante da enfermeira assassina Genene Jones. ([S AN A NTONIO EXPRESS - NEWS / ZUMA PRESS.COM](#))



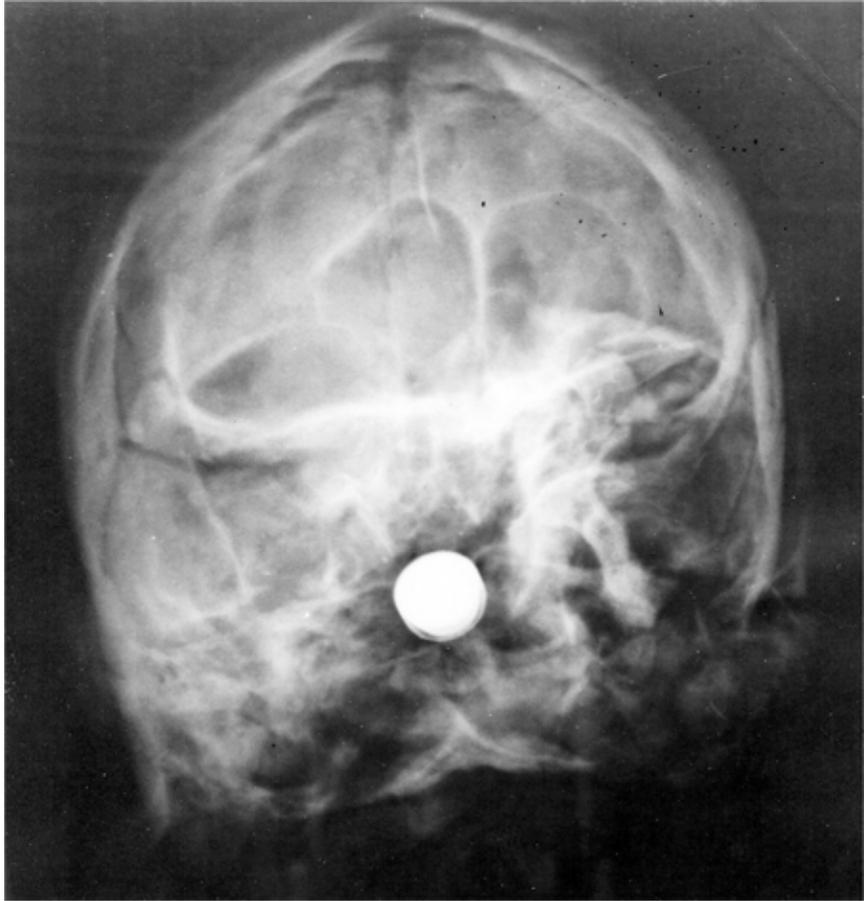
O ferimento fatal de Trayvon Martin era pequeno e limpo, mas a única bala causou danos enormes. A pele do adolescente tinha o pontilhado revelador que nos dizia que a arma foi disparada de “alcance intermediário”. (ESCRITÓRIO DO EXAMINADOR MÉDICO , C ONDA DE S EMINOLE , FLORIDA)



Usando uma imagem ampliada do rosto de George Zimmerman, descrevi seus ferimentos para o júri decidir se ele assassinou o adolescente Trayvon Martin. (POOL VÍDEO AINDA / DÉCIMO CIRCUITO JUDICIAL, FLORIDA)



A morte suspeita do bebê Paul Woods desmascarou a assassina em série de bebês Martha Woods, que havia assassinado seus próprios filhos naturais e adotivos, bem como sobrinhas e sobrinhos, durante um período de vinte anos. (R ON F RANSELL)



Um raio-X do crânio do suspeito terrorista William Payne revelou uma bateria de mercúrio explodida em seu cérebro. (ESCRITÓRIO DO EXAMINADOR MÉDICO - CHEFE DE MARYLAND)



Traços dentários únicos ajudaram a identificar o cadáver no túmulo de Lee Harvey Oswald como o próprio assassino, não um agente soviético. (COLEÇÃO DIMAIO)

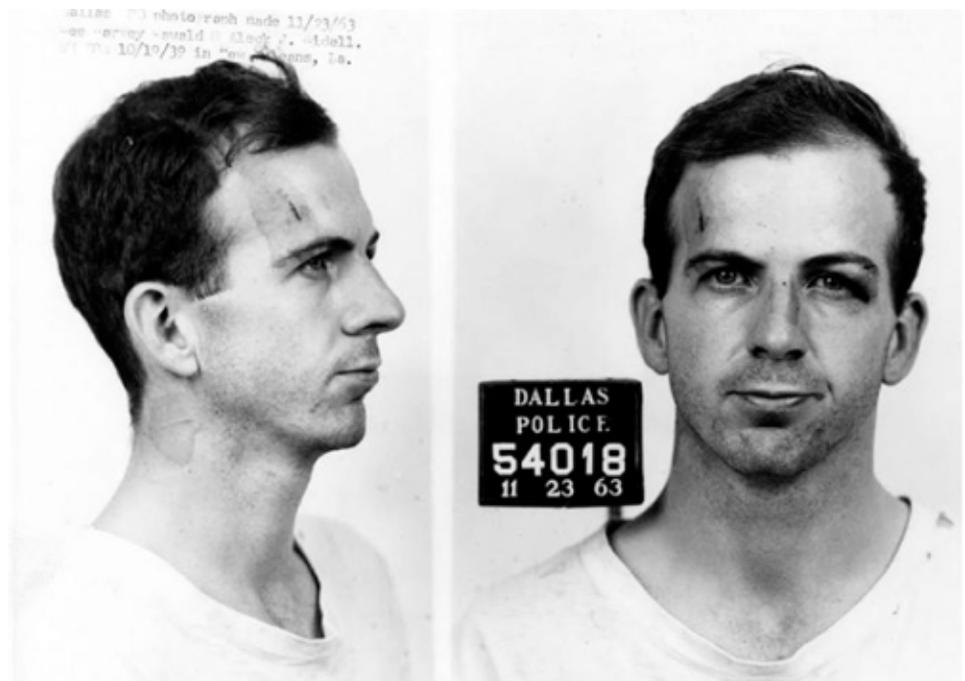
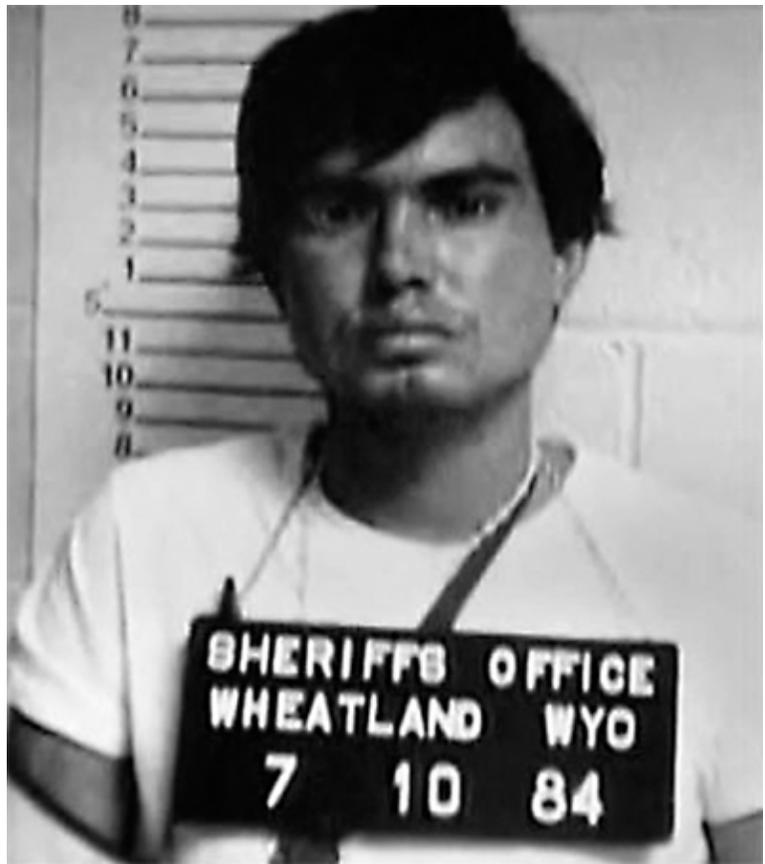


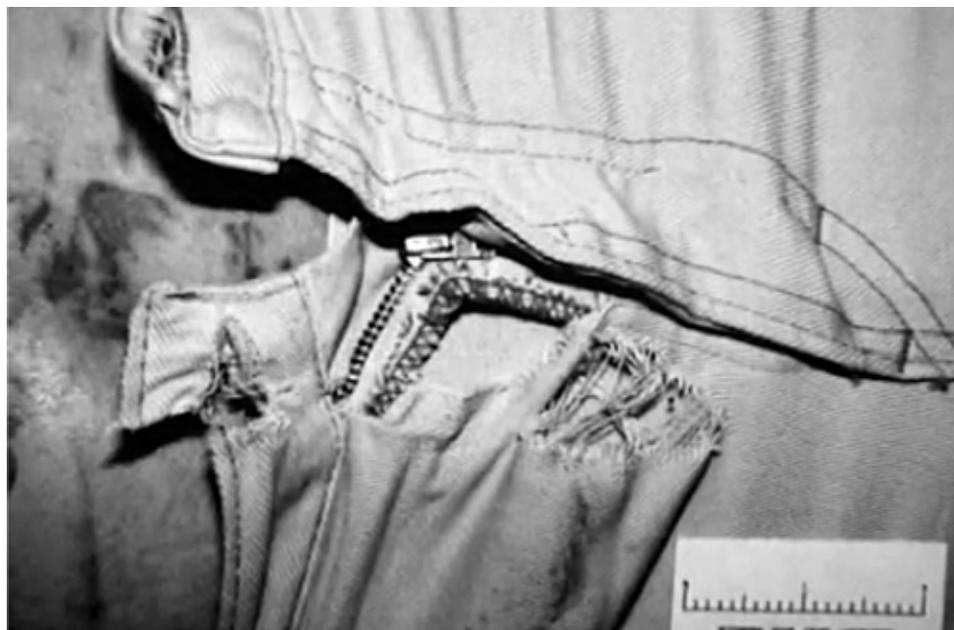
Foto de reserva do assassino acusado Lee Harvey Oswald em 23 de novembro de 1963, dois dias antes de sua morte. (DEPARTAMENTO DE POLÍCIA DE D ALLAS)



ex-enfermeira pediátrica e acusada de assassinar bebês Genene Jones chega a um tribunal do Texas em 1984. (*S AN A NTONIO E XPRESS -N EWS* / ZUMA.PRESS.COM)



O imigrante ilegal Martin Frias foi preso por atirar em sua namorada Ernestine Perea nas costas em Wheatland, Wyoming, em 1984.



O botão rasgado e o zíper do jeans da vítima de tiro Ernestine Perea sugeriam uma luta, talvez até uma tentativa de estupro. (P LATE C OUNTY WOMING SHERIFF 'S OFFICE .)



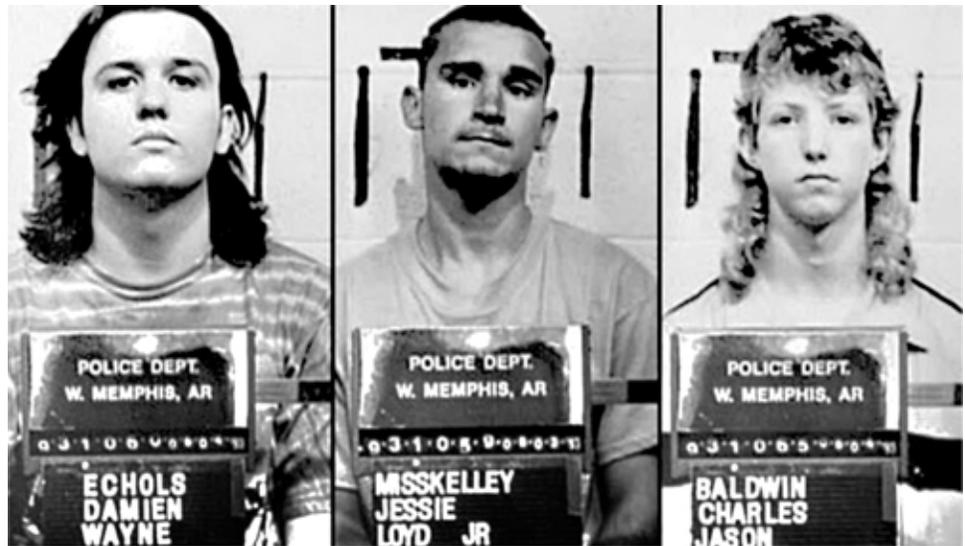
A atriz Lana Clarkson foi baleada na boca e morreu nesta cadeira na mansão do produtor musical Phil Spector. (Sua cabeça estava apoiada em seu ombro direito salpicado de sangue, mas foi virada para a esquerda mais tarde pelos investigadores.) (A LHAMBRA C ALIFORNIA DEPARTAMENTO DE POLÍCIA)



O lendário produtor musical Phil Spector foi preso pelo assassinato da atriz Lana Clarkson em fevereiro de 2003.



Se Phil Spector tivesse atirado na atriz Lana Clarkson, sua jaqueta branca estaria manchada de sangue... mas havia muito pouco. As etiquetas do criminalista mostram os pontos onde apenas gotículas de sangue muito finas foram encontradas. (DEPARTAMENTO DE POLÍCIA DE A LHAMBRAC ALIFORNIA)



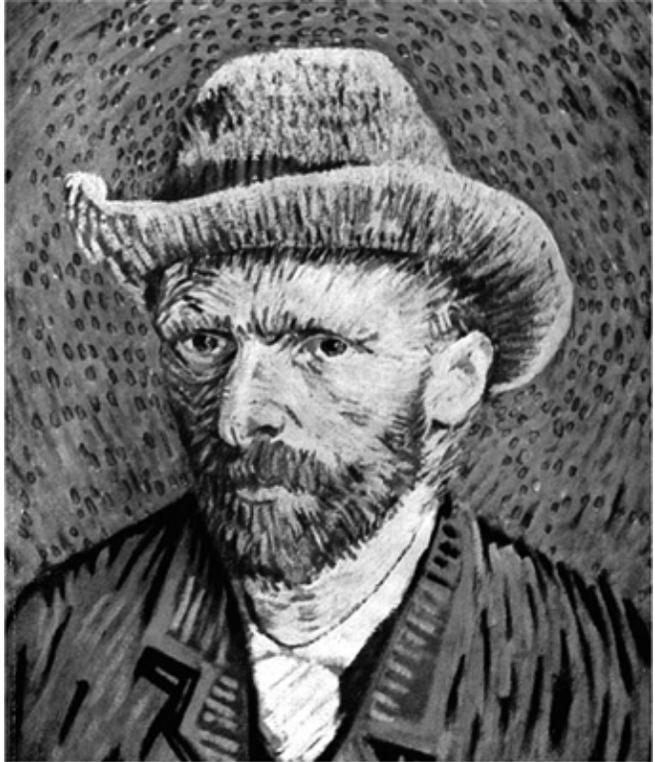
Três adolescentes problemáticos foram presos, julgados e condenados pelos horríveis assassinatos por tortura de três meninos perto de West Memphis, Arkansas, em 1993. Mas eles fizeram isso? (DEPARTAMENTO DE POLÍCIA DE W EST M EMPHIS A RKANSAS)



Os corpos mutilados de três meninos foram encontrados em uma floresta perto de West Memphis, Arkansas, em 1993, e a suspeita caiu imediatamente sobre três adolescentes.



O produtor vencedor do Oscar Peter Jackson, famoso por *Hobbit* , também produziu o documentário *West of Memphis*, no qual eu apareci. (COLEÇÃO DIMAIO)



O gênio perturbado Vincent van Gogh cometeu suicídio, como diz a lenda? Ou ele morreu de outra forma?

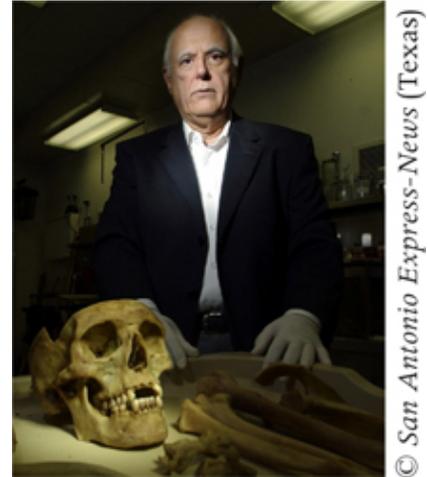


O Auberge Ravoux ainda funciona como uma pousada em Auvers, mas o pequeno quarto onde Van Gogh morreu não é mais usado. (H ENK-JAN DE J ONG /V ELSEBROEK , PAÍSES BAIXOS)



Admiradores regularmente deixam mensagens no túmulo de Vincent van Gogh em Auvers-sur-Oise, França, onde ele morreu em um estranho suicídio em 1890. (RICHARD T AYLOR /E DINBURGH , SCOTLAND)

sobre os autores



VINCENT DI MAIO, MD, é um patologista americano e um especialista de renome internacional em ferimentos por arma de fogo. Agora um consultor privado que realizou mais de nove mil autópsias, ele desempenhou papéis centrais em alguns dos julgamentos mais provocativos e investigações de morte dos últimos quarenta anos.

RON FRANSCCELL é o autor de crimes best-seller de *The Darkest Night* e *Delivered from Evil*. Seu trabalho aparece regularmente em publicações como *The Washington Post*, *Chicago Sun-Times*, *San Francisco Chronicle*, *The Denver Post*, *San Jose Mercury News*, *St. Louis Post-Dispatch* e *Milwaukee Journal Sentinel*. Ele agora vive no Texas. Visite o site de Ron em www.ronfranscell.com. Ou inscreva-se para receber atualizações por e-mail [aqui](#).

